DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PN5326
.C46
A3
v.1

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
10001985764

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
AUG 30 1996			
	AUG 01 '96		

Form No. 513

4 vols 300.00

DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

1914

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54
LISBOA — 1930

2.ª EDIÇÃO

DIARIO

DE

JOÃO CHAGAS

RC
C

DIARIO DE JOÃO CHAGAS

PN5326
.C46
A3
V.1

1914

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54
LISBOA — 1930

2.ª EDIÇÃO

1914

1 DE JANEIRO

Hoje, recepção no Eliseu. E' a terceira vez que assisto a esta cerimonia, regulada por um formalismo que nunca se altera. O corpo diplomatico forma em circulo, em torno da sala de festas, que neste dia sombrio de inverno está escura, sem brilho. A' hora marcada pelo protocolo, o Presidente rompe do fundo precedendo o ministerio e a casa civil e militar e acompanhado pelo chefe do Protocolo. Chegado ao limiar da sala faz tres venias — aos embaixadores primeiro, aos ministros em seguida e, por ultimo, aos encarregados de negocios. O embaixador de Inglaterra desdobra então um papel e lê a saudação do corpo diplomatico, no seu francez fortemente accentuado de inglez. O embaixador é ainda sir Francis Bertie, velho inglez que parece um Reynolds. O Presidente Fallières lia os seus discursos, depois do que dava lentamente a volta ao circulo diplomatico, demorando-se alguns momentos com cada um dos chefes de missão. O Presidente Poincaré, que dizem

ter uma excellente memoria, pronuncia os seus discursos, em voz espaçada, como para recordar-se. A sua voz é nazalada e de um timbre pouco simpatico. Fez a correr a volta ao circulo diplomatico, dando shake-hands apressados, sem uma palavra, o que foi notado por todos. A mim perguntou-me por minha mulher, o que faz sempre que me encontra, e pediu-me que lhe apresentasse os seus respeitos. O novo ministerio passou em seguida, com o presidente Doumergue á frente. Caillaux, o novo ministro das Finanças, disse muito alto ao apertar-me a mão: *Mes bons souhaits pour le Portugal!* Os jardins do Eliseu estavam ainda cobertos da grande nevada caida ha tres dias. Os meus secretarios sentem que eu me obstine em não fazer uso do uniforme.

Depois da recepção, visitas.

Estive em casa do antigo Presidente Loubet, na rua Dante, e mais tarde na rua François 1.er com o Presidente Fallières. Em casa de Loubet encontrei-me com o economista Edmond Théry, que esteve ha um anno em Portugal estudando a situação. Gostei de lhe ouvir dizer a Loubet que as coisas ali marchavam bem.

Fallières mostrou um regosijo sincero em saber boas noticias de Portugal, A' saida, dois netos do antigo Presidente, pequeninos, loiros, lindos, vieram á porta. *Bon jou mossieu, bon jou mossieu! Bonne année! Bonne année!*

2 DE JANEIRO

O Presidente Loubet veio visitar-me hoje a casa. Demorou-se meia hora e falou muito. Contou-me a historia das suas crises ministeriaes, os desgostos da presidencia, os riscos em que esteve de a deixar antes de terminar o seu mandato. Falou em termos muito amigaveis de Poincaré, que está sendo muito combatido pelos radicaes. Não duvida, como tantos, dos seus sentimentos republicanos e diz que é um homem notavel. — No entanto, accrescentou, devia querer-lhe mal porque já uma vez lhe pedi um serviço que não me prestou. — Tinha-o querido para seu ministro, em um momento de crise. Poincaré esquivou-se. A proposito falamos de Clemenceau — *le Tigre*. Concordou que este epitheto lhe convem. E' uma féra. Muito valor, muito espirito, mas uma féra. As suas relações com Clemenceau foram sempre de grande independencia. — Convenha — dizia-lhe um dia Clemenceau — que nunca lhe pedi fôsse o que fôsse durante a sua presidencia! — Convenha, respondeu-lhe elle — que fiz outro tanto. Tem esta concepção do seu tempo: diz que o seculo vinte será o seculo da bondade. Excellente velho! Tem uma velhice feliz. Elle mesmo o repete — *J'ai une vieillesse heureuse!* Contou-me a sua viagem a Portugal e como tinha comprehendido, pelas manifestações que lhe fizeram, o caracter da situação politica. Disse-me: *J'en était vexé!* Guarda uma recordação inolvidavel das festas de Lisboa. Não acredita que a monarchia volte em Portugal, porque — diz — não se volta para traz. Alleguei a republica de 48 e a de 73, em Hespa-

nha. — Outros tempos! fez elle. Já não se restauram monarchias. As que cairem não voltam. — A' porta deilhe um geito á pelissa, para que se agazalhasse bem — está-se a zero — e fui acompanhá-lo ao patamar de baixo.

3 DE JANEIRO

Noticias de Portugal dizem que se projecta a formação de um partido politico pela juncção dos unionistas e evolucionistas. Não é possivel julgar o futuro politico de Portugal emquanto não apparecer, a par do Affonso Costa, outro homem. Por ora é elle o unico. Para que a Republica em Portugal tenha duas faces são precisas duas cabeças. Por ora há só uma. Fala-se no Duarte Leite.

7 DE JANEIRO

Hoje, audiencia ao corpo diplomatico, no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Contra o costume, poucos ministros: o da Suissa, o da Costa Rica, o do Haití. Este explica que o governo francez promette durar pouco e que não vale a pena por isso submetter-lhe assumptos que devam ter seguimento. Doumergue, ministro, apezar do que se diz d'elle e do que deixam presumir as suas fotografias, é um homem de maneiras apuradas, quasi elegante. Arvora com uma certa *gaucherie* um monoculo de aro de tartaruga. Doumergue é do Meio-dia. Vê-se que faz infinitos esforços para não falar pelos cotovellos. A sua fisionomia é risonha, os seus olhos vivos não têm a menor malicia

e ao contrario têm uma certa candura. Tem o maior interesse em mostrar-me as suas simpathias por Portugal.

A' tarde minha mulher recebeu, como todas as quartas-feiras. Eu costumava abster-me de apparecer nas suas recepções, mas a seu pedido e para a ajudar, como ella diz, assisti a esta. E' curioso como ella, que não tinha habitos alguns de sociedade, se desempenha dos seus deveres de dona de casa.

Constantemente, das quatro ás sete, chegou gente, a ponto de faltarem cadeiras e ser preciso ir buscá-las ao meu escriptorio. A princeza Jeanne Bibesco veio agradecer-nos o ramo de rosas que lhe mandámos no dia de anno bom e falar-nos de politica. A princeza Jeanne é radical-socialista, anti-clerical e anti-catholica. Professou! Tomou o habito. Mais tarde converteu-se á *laïcité,* por que motivo não sei, e põe hoje ao serviço do livre pensamento o mesmo fervor que poz ao serviço de Deus. Combes, de quem é amiga intima, chama-lhe *la déesse Raison.* O partido radical chama-lhe simplesmente — *Jeanne.* Alguns dizem — *la petite.* A princeza Jeanne nada tem comtudo de excentrico, ou original. E' uma mulher de quarenta a quarenta e cinco annos, mas não se lhe pode chamar uma *quarentona;* é pequena, modesta, *effacée,* gorda. Tem uma tez fresca e veste-se com elegancia. A sua casa da rua de Téhéran é de uma simplicidade encantadora. O movel mais importante do seu salão é um *bureau-ministre.* E' muito reservada com aquelles a quem não conhece, expansiva com os seus amigos. Tomou-se por nós de uma grande amisade. A mim trata-me como um corre-

ligionário, confia-me as suas impressões sobre a marcha da politica franceza, critica os conservadores e os moderados, affirma sempre a sua grande esperança no futuro do radicalismo. E' uma mulher de uma alta intelligencia. A sua reputação é inalteravel. O ministro da Romenia (a princeza é romaica, naturalizada franceza) diz-me muito bem d'ella. No entanto ainda não comprehendi bem o que ella seja. A condessa de Carvalhido, que é muito affeiçoada a minha mulher, papagueou como sempre no seu francez de hungara. Está velha, mas tem bochechas de creança e uma cabelleira inalteravelmente côr de mogno. A bella marqueza de Franco, bella apesar dos seus cabellos brancos, veio pela primeira vez a nossa casa. Italiana. Fala com grande enthusiasmo do Affonso Costa, que é seu advogado e por certo interveio no seu processo de separação. A condessa Balny d'Avricourt, mulher do ministro de Monaco, queixou-se da falta de intimidade do meio de Paris, do pouco que se reunem os diplomatas e da fugacidade das relações sociaes. A sumptuosa Madame du Gast fez uma curta apparição. Era hoje o seu dia de receber e ia a correr para casa, não fôsse apparecer alguem antes d'ella chegar. Minha mulher entregou-ma e ella, apezar da sua pressa, ainda encontrou meio de collocar na nossa conversação algumas reflexões sobre o amor. Pareceu encantada de me ouvir dizer que o catholicismo, prohibindo o amor, o tornara excessivamente picante. Partiu a correr levando comsigo um tal volume de carnes que mal coube pelas portas. Madame Miero, a ministra do Uruguay, trata minha mulher como uma irmã. Parece-se com ella.

Pergunta-me sempre quando publico um livro em francez. Já lho prometti e minha mulher insta por elle. Parece que assim é preciso, para provar que os diplomatas sabem fazer alguma coisa. A ministra do Chili trouxe o marido e a filha. Madame Perchot, mulher do senador Perchot, fez o inventario das nossas salas, enquanto conversava commigo. Esteve uma rapariga linda, argentina, Madame Brunet, mulher de um advogado que aspira a fazer carreira pela politica. Madame Delaunay, a mulher do prefeito do Sena, pousou alguns minutos num sofá. Poucos homens, a não serem os da Legação. O marquez de Peralta, ministro da Costa Rica, não faltou como não falta nunca a todos os chás de Paris, com as suas venias e as suas interrogações polidas. Nestas reuniões fala-se principalmente da ultima peça e do ultimo crime. A ultima peça é o *Parsifal* na Opera, o ultimo crime é o assassinio do cantor popular Fragson, morto pelo pae, que tem oitenta annos. — Vae muito ao theatro, sr. ministro? perguntou-me hoje uma d'estas senhoras. — O bastante para ter um assumpto de conversação, minha senhora! — Perguntam-me sempre se gostamos de viver em Paris.—Minha mulher, muito! respondo eu por ella. Eu, menos. Eu considero-me exilado. De resto Paris não lisongeia o amor proprio do homem: Paris pertence á mulher.—A condessa d'Avricourt concorda: — *L'homme ici ne compte pas.* Com effeito Paris é uma civilisação feminina. A mulher aqui é uma rainha. O homem passa a vida dobrado em dois diante d'ella. O culto da mulher constitue a occupação principal d'este povo. Ella enche a sua historia. O grande homem de Portugal é

Nun'alvares, o de Hespanha o Cid. Em França, o grande homem nacional é uma mulher — é Joanna d'Arc. Um grande ruido de saias enche o mundo e vem da França. Na sociedade d'este paiz os homens escondem-se, encolhem-se, seguem surrateiros atraz das suas mulheres e só ellas se mostram altivas, orgulhosas, omnipotentes. No nosso paiz toda a luz bate em cheio no homem; as mulheres vêm atraz, d'olhos baixos, acanhadas, timidas, tropegas. E' curioso que, fóra de um mundo restricto, os homens em França não se entregam aos cuidados da toilette e todos parecem vestir-se em armazens de fato feito. Esses cuidados são exclusivos da mulher. No nosso paiz houve tempo em que os homens cuidavam das suas pessoas como mulheres, emquanto estas eram conhecidas pela sua desleganeia. Não sei se as civilisações de caracter feminino são as mais fortes, mas são as mais bellas. Só o culto da belleza e da graça inspira a arte e faz o gosto. Por outro lado a mulher inspira o sentimento das grandes acções. Estou persuadido de que a bravura dos francezes, o seu gosto pelos emprehendimentos audaciosos, se deve á mulher.

9 DE JANEIRO

Recebida na Legação a visita de R. de Cointe, que no seu cartão diz ser *administrateur délégué de la Société des Mines de la Gela*. Propõe-se fazer um grande emprestimo ao Governo Portuguez e diz representar um grande estabelecimento de credito. Qual? Não o disse. Que o Governo Portuguez pronuncie uma pala-

vra e di-lo-ha. Já perdi a conta dos que me têm apparecido com propostas iguaes. Pelo menos junto d'estes aventureiros Portugal tem largo credito.

11 DE JANEIRO

Procurei o senador brazileiro Azeredo, no Hotel Mirabeau, para lhe fazer uma communicação telegrafica do ministro, de tal modo confusa, que quando me apresentei no hotel não sabia o que ia dizer ao senador. Foi este quem com a loquacidade habitual dos brazileiros me explicou o caso. Trata-se d'isto. Um diplomata brazileiro, de nome Brandão, fez construir uma casa em Portugal, em Villa do Conde, ou na Povoa, e mobilou-a com moveis para os quaes o então ministro do Brazil em Lisboa pediu franquia diplomatica. Um individuo, que parece ter sido o constructor da casa, tendo-se desavindo com o diplomata brazileiro, denunciou-o ao fisco como tendo subtrahido aos direitos os moveis. A denuncia não tem base visto que não houve subtracção ao fisco por parte do diplomata brazileiro. No entanto, o processo está instaurado e segue os seus tramites, e, o que é mais estranho, instaurou-se o processo contra o ministro do Brazil, o qual, como todos os diplomatas, está ao abrigo das immunidades de jurisdicção criminal. O governo fez sustar o processo contra o ministro do Brazil, embora — diz o telegramma do ministro dos Estrangeiros — invocando doutrina «contraria aos tratadistas e á praxe.» Assim, o ministro dos Negocios Estrangeiros

de Portugal ignora o mais conhecido preceito de direito internacional. O telegramma é felizmente tão confuso que o senador não o comprehendeu. Pediu-me que exhortasse o ministro a resolver o assumpto satisfatoriamente, no interesse dos dois paizes, pois o processo seria um escandalo e muito indisporia os brazileiros contra Portugal. Ainda redigi uma carta ao ministro chamando-lhe a attenção para o equivoco em que está, mas já o conheço bastante para saber que elle a acolheria mal. Não a mandei. A incompetencia do homem que está dirigindo a pasta dos Estrangeiros lança-me ás vezes numa inquietação sem limites. A sua curteza de vistas, a confusão do seu entendimento e essa falta de habilitação litteraria que faz que elle, como tantos portuguezes, não saiba redigir uma carta, enchem-me de terror, sempre que penso que elle tem na mão a politica externa do meu país, tão melindrosa, tão difficil. Parece que o ministro receia terrivelmente descontentar o senador Azeredo, que é amigo de B. Machado e de Portugal. Bernardino Machado, com a sua habitual inconsideração, tinha-lhe telegrafado do Brasil que o processo do diplomata brazileiro seria trancado. Estou a ver em que isto acaba, se não ha alguem que abra os olhos ao ministro.

10 DE JANEIRO

Hoje de tarde visita com minha mulher a Madame Poincaré, no Eliseu. Madame Poincaré parece ter pela Maria muita simpathia. Manda-lhe os camarotes da Presidencia para a Opera e o Odéon e prometteu que

viria visitá-la a nossa casa. Madame Poincaré, recebe numa das salas do rez-do-chão, em *cercle*. Estavam umas dez pessoas mas constantemente o *huissier* annunciava outras. Emquanto minha mulher conversava com ella, conversei com o ministro do Uruguay, o marido da simpathica Madame Miero. O ministro do Uruguay é medico, musico e architecto, singulares aptidões para um diplomata. Foi elle que construiu a casa em que habita defronte da nossa e que vae ser inaugurada no mez que vem com uma festa de estrondo. Executar-se-ha nessa festa uma opera que elle compoz e instrumentou. Contei estes factos consideraveis ao general Florentin, chanceller da Legião d'Honra, que estava comnosco e se mostrou muito interessado em assistir á festa.

14 DE JANEIRO

Audiencia diplomatica. Na ante-camara o ministro da Suecia, de lucto pela rainha que morreu ha dias. Falei-lhe do Feijó. Falou-me do Sotto Mayor. Mais ninguem. Dir-se-hia que o corpo diplomatico faz greve. Estive um quarto d'hora com o ministro, que me acolhe sempre de braços abertos.

A' sahida, seis graos abaixo de zero. Neve. Esta noite morreram sete pessoas de frio em Paris, seis por congestão, uma por falta de abrigo. Ao jantar perguntou-se porque é que não se tornava obrigatorio acolher os que não têm domicilio nestas noites geladas. A humanidade é cheia de boas intenções.

15 DE JANEIRO

Greve de ferro-viarios em Portugal. As agencias de Badajoz começam a espalhar noticias terroristas nos jornaes francezes. Hoje visita á Sociedade de Geografia de Paris com Anselmo Braamcamp. Recebidos pelo secretario geral o barão Hulop, um nome de Balzac, que nos mostrou a casa. E' modesta como convem a um povo que não sabe geografia. Braamcamp veio fugido de Lisboa, para não presidir á sessão do Senado em que o João de Freitas chamou ladrão ao Affonso Costa. Agora que a tormenta passou quer regressar e receia ficar encalhado em Paris por causa da greve. Já lhe arranjei bilhetes para segunda-feira. A' noite, na sala Malakoff, a sinfonia heroica de Beethoven. Porque sinfonia e porque heroica? sons, sons e sons.

19 DE JANEIRO

Chegam de Portugal noticias de crise. A imprensa de Paris faz reapparecer a sua rubrica *L'agitation au Portugal*. Vieram os primeiros jornaes de Lisboa depois da greve dos empregados dos caminhos de ferro, que ainda não se resolveu. A *Republica* excita os operarios, fala em revolta, em sedição. O que pretendem Almeida e os seus energumenos? E' difficil reconhecer-lhes um objectivo intelligente. O governo está em conflicto com o Senado, onde não tem maioria e segundo parece os esforços do Senado tendem a tornar-lhe a vida impossivel. Afim de procurar novas soluções

á situação, fala-se na chegada proxima do B. Machado. E' um novo *gachis*. O que pensa a opinião em Portugal? Os jornaes não o sabem dizer e cartas raras recebo, ou recebo-as tão inspiradas em razões de interesse pessoal, que não me deixam ver claro nos acontecimentos. O Braamcamp continua encalhado no Hotel Columbia, por causa da greve.

20 DE JANEIRO

Esta noite jantar em casa do conde d'Andigné e mais tarde recepção na embaixada da Allemanha. O conde d'Andigné é celibatario. *Petit hôtel;* pequeno, mas elegante e luxuoso. Dezeseis pessoas, oito senhoras. A condessa de Beauchamps fez as honras da casa. Sentou-me á sua direita e teve á esquerda Marcel Prevost, que está em plena voga com o seu exito dos *Anges Gardiens*. Durante o jantar, Madame de Beauchamps falou muito como sempre — politica, sociologia, theatro. Perguntou-me se eu achava possivel conceber um estado social differente do actual. — Acho possivel sonhá-lo; concebê-lo é mais difficil. — E está V. convencido de que o seculo vinte seja o da democracia? — Absolutamente. E accrescentei, para a espavorir, com resolução: *Bientôt il n'y aura plus un trône!* Disse-me então que essa era tambem a sua opinião e que as suas opiniões eram republicanas. Mostrei uma surpresa discreta. Pronunciou-se contra o casamento e a favor do amor livre. Prudentemente detive-me. Parei á beira d'esta senhora, como á borda de um caminho escorre-

gadio. Como eu lhe dissesse que a psichologia era a arte de complicar as coisas da alma, saboreou o dito e passou-o a Marcel Prevost. O jantar excellente, os creados de casaca abotoada até aos gorgomillos e de gravata preta. Maître d'hotel do melhor estilo. Depois do jantar subimos ao *fumoir* no escriptorio do conde, mobilado á ingleza, com bons Maples. Ahi cavaqueira com Marcel Prevost, que ouve bem. Prevost é o tipo consumado do moderno homem de lettras francez *qui arrive*. Com Abel Hermant e Paul Hervieu, constitue o trio litterario mais disputado dos salões de Paris. Decoram certas mezas. São convidados para, como aqui se diz, *corser les diners*. Parecem felizes de se encontrar neste meio. Adeus bohemia! Adeus aguas furtadas de outr'ora! Adeus longas cabelleiras! Falámos de historia. Prevost sustentou que a historia nada sabe e não tem meio de saber; juizo falso, pois a vida cada vez se documenta mais e melhor. Falei-lhe a proposito dos historiadores anecdoticos como o doutor Cabanès. Não conhecia o doutor. Georges Cain, conservador do museu Carnavalet, que estava comnosco, esse conhecia-o, como toda a gente excepto Prevost. Este prometteu-me ler le *Cabinet secret de l'Histoire*. Fez-se musica no salão. A condessa de Poujot cantou duas canções de Gounod e Widor. Exclamações em toda a sala — *C'est charmant, c'est exquis! c'est ravissant!* — George Cain: *Vous n'aviez jamais entendu chanter la comtesse? Oh! c'est une femme exquise.* — A condessa de Poujot, grande, forte, mettida num vestido de velludo preto, ria, radiava. Escapei-me á ingleza, para apanhar ainda a recepção da embaixada da Allemanha, aonde minha

mulher não poude ir e aonde me recomendou que fôsse, para não faltarmos os dois. A' porta, o conde d'Andigné mais uma vez deplorou que eu não tivesse provado o seu Porto. Na embaixada duas mil pessoas e as escadarias cheias de gente que começava a sair. A bella Madame Dussaud procura por toda a parte o marido, o professor Dussaud que, se não descobriu, propagou a luz fria. No entanto demora-se a conversar e pergunta-me o que tenho feito por um modo que me parece abrir todas as portas da sua intimidade. Pelos cantos, sentado com a filha nas cadeiras vagas, o ministro do Haití. Procura fazer-me compreender a ultima revolução do seu paiz. — *Et chez vous, çà marche?* — *Très bien!* contesto com decoro. — *A' la bonne heure!* O ministro da Dinamarca, que chegou ha pouco e não conhece ninguem, vagueia como uma alma penada. O embaixador, pequenino, alegre, *alerte,* circula, abraça pelas costas os desprevenidos. Não é esta a opinião que nós fazemos dos allemães. Na multidão, o conde de Jimenez e a mulher, morena, cheia, tipo muito portuguez, ainda nova; e ali, no meio d'aquellas salas cheias e ruidosas de uma multidão cosmopolita, é como se vissemos apparecer a sociedade portugueza em que elles viveram e se tornaram conhecidos, com os seus duques, marquezes, condes e barões, cheios de condecorações, cheios de presumpção, em S. Carlos, no D. Amelia, em Cascaes, na Granja, gravitando em volta do homem gordo e loiro que foi D. Carlos. A condessa de Jimenez era muito notada nesse tempo pela sua belleza.

21 DE JANEIRO

Hoje quarta feira de minha mulher. Muitas damas, mas o successo da recepção foi a visita de Madame Poincaré, que chegou ás cinco da tarde, e se fez acompanhar até acima por um creado agaloado. Madame Poincaré inaugura o habito novo de fazer visitas. Minha mulher não o mostra, mas deve estar encantada. O certo é que todos estes testemunhos de consideração e de simpathia o meu país os deve a ella. Diz-me o Thomaz que é a primeira vez ha vinte e cinco annos que a Legação de Portugal abre as suas portas. Madame Florentin, a mulher do general Florentin, chanceller da Legião d'Honra, analisou severamente o retrato da Maria pelo Columbano. Madame Dussaud ficou radiante por encontrar Madame Poincaré. Veio pela primeira vez a esta casa a mulher do ministro do Brasil. Reapareceu a marqueza de Franco trazendo d'esta vez o filho recemcasado. O ministro da Dinamarca saboreou um calice de moscatel. Duas americanas, Mrs. Stella May e Miss Alma Robert, 33 rue de Lubeck. E' tudo quanto minha mulher e eu sabemos d'ellas. O Braamcamp veio ás oito horas, de jaquetão, por já ter tudo nas malas. O Doumergue não deu hoje audiencia.

22 DE JANEIRO

Recebida a visita de Jules Martin, jornalista. Veio trazer-me as provas do artigo sobre Portugal que deve apparecer na *Année Mondiale* e para o qual lhe for-

neci elementos laboriosamente conquistados ao desmazêlo e á preguiça das nossas repartições publicas. Jules Martin nada me pediu até agora, o que é de surprehender. Quando me visita, e não é esta a primeira vez que o faz, demora-se, dá interminavelmente á lingua sobre as coisas do seu paiz, mas as suas opiniões não têm interesse, como a de tantos francezes, para os quaes todos os homens são *charmants* e todas as mulheres *charmantes*. — *Monsieur Briand est un charmant homme! Monsieur Pichon est un peu lourd. D'ailleurs, il est charmant.* — E de Madame Poincaré: — *Vous ne trouvez pas qu'elle est charmante?* E' inconcebivel o numero de idéas que os francezes exprimem com o auxilio d'este adjectivo!

Más noticias de Portugal. Conflictos! mais conflictos! Conflicto do governo com o Senado, em estado agudo. O governo recusa-se a comparecer no Senado. Este decide chamá-lo ao respeito da Constituição e levar a sua reclamação ao Presidente da Republica. Pobre Manuel d'Arriaga! Chamado aos oitenta annos a ser arbitro de conflictos humanos, o humanitarista de 48, o paladino da paz universal, o auctor das *Harmonias Sociaes!* O que vae elle fazer? O que fazem todos os portuguezes em presença dos seus conflictos — pedir ordem. A palavra ordem é a expressão maxima da sisudez nacional. Pedirá tambem — juizo. Todo o regimen liberal o pediu. Já o seculo dezoito o pedia. Parece que no vocabulario da mentalidade portugueza não existe outra palavra para julgar e atalhar os erros dos homens. Juizo, quer dizer, bom senso, nunca o teremos. O bom senso é o apanagio da men-

talidade de certas sociedades. Esse apanagio falta-nos. E' raro o portuguez que julga com precisão. Em França o mesmo facto é interpretado por toda a gente do mesmo modo, porque o bom senso neste paiz é o apanagio do entendimento commum. Em Portugal cada um o interpreta á sua maneira e muitos, o maior numero, esperam que outros, mais sagazes, lho ajudem a comprehender. D'esta falta de bom senso resulta o nosso ambiente de insensatez, o que faz dizer a alguns que parecemos uma casa de doidos. Em Portugal só ha ordem e paz quando não se levantam conflictos de idéas. Quando estes surgem, tudo grita e ninguem se entende. E' o que succede neste momento. Os republicanos não se entendem e parecem, com as suas apparentes incompatibilidades, condemnar a propria Republica. O paiz por sua vez não os sabe julgar, dar razão a este, tirá-la áquelle, ser juiz, ser arbitro. O paiz, hoje como no tempo da monarchia, deplora as desavenças dos homens, pede ordem, pede juizo. A ordem, o juizo virão quando elles se encontrarem mais uma vez diante das perigosas situações que têm provocado e provocam, porque os portuguezes só reconhecem a insensatez dos seus actos pelas suas consequencias. Foram precisos dezoito annos de guerra civil para que o regimen liberal se pozesse d'accordo.

Eu aqui continúo a viver os dias de inquietação e anciedade que vivo vae para tres annos, e perguntando a mim mesmo e á minha consciencia se não devo voltar a intervir nas luctas politicas do paiz. Quantas vezes tenho pensado em fazê-lo! Mas como fazê-lo sem um logar no parlamento e sem um orgão na imprensa? Te-

nho sugerido a muitos já a vantagem da minha colaboração. Em vão! Ninguem se lembrou ainda de a aproveitar. Ás vezes, dizem-me de Portugal — V. é aqui preciso! mas é tudo. Assim resigno-me a esperar, na esperança de melhores dias, ou na esperança de que emfim se lembrem de mim. Eu estou persuadido de que pronunciaria em Portugal algumas palavras orientadoras, e o que justamente me atormenta é a idéa de que ellas seriam talvez urgentes e eu não as pronuncio! A Republica dá-me a impressão de uma desordem que cada vez mais se aggrava, em que ha já facadas, em que já corre o sangue, e a que eu assisto de longe, com o coração aos pulos, mas de braços cruzados.

23 DE JANEIRO

Sete graus abaixo de zero. Todos os lagos gelados. O Sena arrasta grandes blocos de gelo. Encontram-se na rua mulheres sem uma capa, sem uma pelle, tiritando de frio. E o que é singular é que têm um ar de elegancia! O *Temps* d'esta tarde annuncia que a Camara dos deputados de Portugal votou que se reunisse o Congresso para tratar do adiamento. A minoria Camacho-Almeida retirou-se da sala. Quando se retirarão da politica? Recebida a visita de J. Breugnot, secretario da secção d'Evreux da Sociedade de Geografia de Paris. Ha um anno que me pede lhe designe um portuguez que se disponha a fazer uma conferencia sobre Portugal em Evreux. Ainda lho não consegui. Esteve o anno passado na Madeira e

escreveu um pequeno estudo sobre a ilha. Sae sempre de minha casa muito reconhecido pelo *charmant accueil*.

24 DE JANEIRO

Hoje, enterro do general Picquart, o generoso paladino da questão Dreyfus. Recebidos pacotes de muitos dias de jornaes de Lisboa, retidos por causa da greve.

No *Mundo* leio que se passou o seguinte na Camara dos deputados:

«*O sr. Alvaro Pope:* — O que eu sinto é que o seu *ponto* seja tão pouco versado em assumptos militares.

O sr. Vicente Ferreira: — Declaro a V. Ex.ª que o ponto fui eu e tenho muita honra em ser official!

O sr. Alvaro Pope: — Graduado! Não admira por isso que V. Ex.ª saiba tão pouco d'estas coisas!

O sr. Vicente Ferreira: — Estou prompto a discutir a minha intelligencia, aqui e em toda a parte.

O sr. Alvaro Pope: — Não é positivamente d'isso que se trata no parlamento: aqui discutem-se leis. Mas se V. Ex.ª quer levar a questão para esse campo, dir-lhe-hei que não só a sua intelligencia, como a sua pessoa são pequenas de mais para que a sua discussão interesse o paiz.

O sr. José Montez esclarece que para dizer o que disse não precisava de ponto.

O sr. Alvaro Pope: — Como é que V. Ex.ª affirma isso se o proprio sr. Vicente Ferreira se declarou seu ponto?

O sr. Vicente Ferreira: — Effectivamente declarei isso, provocado por uma frase pouco delicada do sr. Alvaro Pope.

O sr. Alvaro Pope: — A essas coisas não costumo responder dentro do parlamento.»

Quando eu comecei a conspirar em Lisboa contra a monarchia, no tempo do João Franco, ahi pelos fins de 1907, buscando homens na tropa com quem podesse entender-me, foi-me indicado o Vicente Ferreira, capitão de engenharia, como *capax de vir*. Quem me deu essa indicação foi o Alvaro Pope, e o Arthur Cohen, cunhado d'este. O Vicente Ferreira, veio, ou pelo menos comprometteu-se a vir. Quem devia commandar o regimento de engenharia era elle e nunca eu precisei de me entender com elle que não me entendesse primeiro com o Alvaro Pope. Tinha a impressão de que eram irmãos. Mais tarde, nas vesperas da revolução de outubro, quando o Directorio, depois dos insuccessos do Carlos Reis, se voltou para mim, procurei de novo o Vicente Ferreira e mais uma vez foi por intermedio do Alvaro Pope que o fiz. Em rigor o Vicente Ferreira para mim era o Pope. Dir-se-hia que a Republica devia uni-los ainda mais. Separou-os.

O Bernardino Machado assegurou a um jornalista brazileiro que não deixava a embaixada do Rio. Ainda bem. *A Republica* e a *Lucta* exprimem claramente a esperança de que o governo caia. O Affonso Costa teve uma maioria esmagadora nas eleições supplementares. A Camara dos deputados é sua. No entanto, o

Almeida e o Camacho aspiram a succeder-lhe immediatamente. Como? O que é logico é que assistamos muito depressa á liquidação d'estas duas personalidades. O Camacho no entanto dava-me a impressão de um homem intelligente...

26 DE JANEIRO

Hoje, jantar no Eliseu ao corpo diplomatico. O Presidente e Madame Poincaré, á entrada, como sempre, recebendo os seus convidados com o seu sorriso official. Madame Poincaré, muito agradavel, muito simples, poucas joias, segundo diz minha mulher. Conduzi para a meza Madame Villanueva, mulher do encarregado de negocios de Venezuela, alta, loira, bem parecida, parisiense, toda surprehendida de se encontrar naquella casa, onde vem pela primeira vez. Perguntame o nome de toda a gente. A' minha direita uma grande mulata, que não sabe uma palavra de francez, mulher do ministro de San Domingos. Foi trazida para a meza pelo ministro da Grecia, que ma entrega para que eu a entretenha com o hespanhol que sei. A pobre mulher acha muito boa *la comida del palacio* e bebe todos os vinhos que o creado lhe serve. Depois do jantar *fumoir* e recepção. No *fumoir* encontro o Presidente e o barão de Schoen, embaixador da Allemanha, embasbacados a olharem um grande quadro de Aimé Morot, que representa a carga de Reichoffen. A sala enche-se de fumo. O ministro do Brazil fala-me do caso Almeida Brandão, mas parece não lhe dar importancia. De resto, que apagado homem! Sir Francis Bertie, o em-

baixador de Inglaterra, diz-me que o Carnegie, ministro em Lisboa, *est tout-à-fait heureux de son séjour là-bas*. O ministro da Romenia fala-nos do seu paiz e da impermeabilidade da raça latina á penetração de outras raças. Ponho-me a considerar os uniformes do corpo diplomatico, tão absolutamente grotescos. O encarregado de negocios da Servia é de opinião que só se pode trazer bem um uniforme com a condição de o trazer todos os dias. Eu continúo a usar a minha casaca, com que me dou optimamente. Depois do *fumoir* encontro minha mulher, no salão das senhoras, falando com toda a gente. Cada vez estou mais surprehendido de ver como ella se move neste meio e o conquista pelo seu tacto e pela sua graça simples. A' meza esteve á direita do Presidente e ao lado do presidente do Conselho. Madame Miero diz-lhe: — *Que faites vous ma chère pour être toujours conduite à table par des grands hommes?* — Em todas as circumstancias minha mulher encontra sempre uma palavra a proposito. O presidente do Conselho conta-lhe que a primeira vez que foi deputado houve um inverno rigoroso, que volta agora quando elle é pela primeira vez presidente do Conselho. Minha mulher diz-lhe: — *Cela prouve que vous ramenez les choses à leur place!* — Nada mais lisongeiro para um chefe de governo. O ministro da Baviera vem dizer-me que lhe foi apresentado e está encantado de a ter conhecido. Perco-a de vista a cada momento. Quando a descubro de novo, vejo-a num grupo de senhoras a conversar com uma serenidade encantadora. Tenho a impressão de que é ella o ministro de Portugal.

Começou o degelo. O novo ministro dos Negocios Estrangeiros mandou-me de Lisboa uma carta para o prefeito do Sena, communicando-lhe a constituição, sob a sua presidencia, do comité Camões. Está escripta em taes termos e em tão máo francez que não a entregarei. Não podendo devolver-lha, com a indicação que o molestaria de que é inacceitavel, vou eu mesmo redigir outra e assigná-la em nome do ministro. E' a primeira vez que falsifico um documento. Se por este motivo tiver de ser julgado, invocarei o prestigio do paiz.

27 DE JANEIRO

Más, pessimas noticias de Portugal. Os jornaes da tarde communicam desordens nas ruas de Lisboa, bombas, e a demissão do governo. Até á noite e como sempre succede, não havia telegrammas officiaes. Recebida a visita do marquez de Beauchamps, duque de Rovigo, collecionador de armas modernas. Pede a minha intervenção a fim de obter um modelo da espingarda e da lança usadas no exercito portuguez. A' noite, depois do jantar, desfilada em automovel para a Sorbonne, á sessão solemne d'Evans, o explorador do Polo e companheiro de Scott. Duas mil pessoas faziam cauda á porta de entrada. Apresentei os meus bilhetes a um inspector da policia, que me disse — *Il faut faire la queue.* — O quê! Atraz d'esta gente toda? — *Oui, monsieur.* Não quiz declinar ali no meio d'aquella gente toda, por certo já impaciente, a minha qualidade, tanto mais que não tendo o corpo diplomatico sido convidado, os

meus bilhetes não me davam direitos especiaes. Retomámos o carro, minha mulher e eu, e fomos ao Gimnasio ver os *Cinq Messieurs de Francfort*, historia da familia dos Rothchild, que se representou perante uma sala quasi exclusivamente composta de judeus. A peça vale pouco, a interpretação é admiravel, mas a sala não estava cheia. O publico recusa-se, não se interessa. De resto o publico do Gimnasio é bom catholico e antisemita. Dizem que uma parte da França da revolução não perdoa aos judeus o terem morto Jesus Christo. Durante todo o espectaculo estive inquieto, pensando no que se estará passando em Lisboa. Esperava encontrar ao chegar a casa um telegramma do ministro. Nada! Assim, o ministerio está demissionario, toda a imprensa do mundo inteiro a esta hora o sabe, e não o sabem as Legações de Portugal! A'manhã audiencia diplomatica, mas não compareço, porque não sei que dizer ao ministro sobre a actualidade politica mais palpitante do meu paiz.

28 DE JANEIRO

Nada de novas do Ministerio dos Estrangeiros. Sei do que se passa em Portugal pelos jornaes e o mesmo succede em todas as nossas legações. Sem duvida, o ministro experimenta tão grande contrariedade em deixar o ministerio que não lhe soffre o animo praticar esse acto de renuncia, que consiste em annunciar ás Legações que já não é ministro. Só trez dias depois da eleição do Arriaga é que o Bernardino Machado se decidiu a communicar ás Legações esta para elle triste nova.

As noticias de Lisboa dizem que o Presidente chamou a conferencia os notaveis da Republica e persiste na idéa de fazer um governo de concentração, com um programma de apasiguamento, a que não falta é claro o projecto de amnistia com que a Republica vem premiando os esforços dos seus inimigos para a derrubar. O *Seculo* chegado hoje assignala a insensatez de se pretender fazer um governo novo, com a cooperação da Camara dos deputados, na qual, e pelo peso do numero, só é possivel um governo Affonso Costa. Estou com curiosidade de saber como esses insensatos resolvem a crise que provocaram e observo em mim mesmo, em face d'estes novos acontecimentos, este fenomeno: a exaggerada inquietação com que acompanhava as crises da Republica, que me fazia vê-la a cada passo em perigo e me tirava o somno, vae dando logar a um sentimento de quasi indifferença, ou mais exactamente de resignação. A Republica como que passou a ser para mim um infortunio que não tem remedio e se acceita. Surprehendo-me a dizer a mim proprio: o que fôr soará!

29 DE JANEIRO

Tão estranho me pareceu o silencio do ministro que lhe telegrafei perguntando-lhe se confirmava a noticia dada pela imprensa franceza de que o ministerio estava demissionario. Respondeu seccamente: «Ministerio pediu demissão.» Os jornaes d'hoje não se occupam de Portugal. Depois das desordens d'ante-hontem fez-se um grande silencio. O que se estará passando e como

vae resolver-se esta nova crise? Votado o adiamento, as Camaras só reabrirão no dia 4 de fevereiro. Fechadas, dir-se-hia que se restabeleceu o socego. Alludindo á minha mania dos moveis antigos, minha mulher disse-me hoje: — Poderemos pôr uma loja de antiguidades... quando vier o exilio. — A' tarde, visita a Madame Poincaré, que recebia.

30 DE JANEIRO

Hoje soirée em casa de Jean Finot, o director da *Revue,* o optimista da *Théorie de la Longevité* e da *Science du Bonheur.* Pequeno appartement num 2.º andar da Avenue Bugeaud, duas salinhas, uma casa de jantar. A casa é tão pequena que o vestiario foi installado no patamar da escada. No restricto espaço das duas salas couberam no entanto sessenta pessoas, sentando-se as que o poderam fazer. Sociedade extremamente curiosa — medicos, advogados, juizes, jornalistas, escriptores, dramaturgos, actrizes, Madame Daniel Lesueur, a romancista, trazendo no peito o botão vermelho da Legião d'Honra, Madame Jean Cruppi, mulher do ministro e escriptora, Mademoiselle Deval da Renaissance, a directora da revista feminista *La Française,* Georges Lecomte, presidente da Sociedade dos Homens de Lettras, Gabriel Trarieux, o auctor dramatico; mas quem mais me interessou foi Madame Paquin, a grande costureira da rue de la Paix, pelo flagrante contraste entre o seu nome de rainha das elegancias femininas e a sua simples, desataviada, desguarnecida toilette de setim branco. Pergunto a minha

mulher por que não usa toilettes assim; e ella responde-me que só Madame Paquin se pode permittir esse luxo. Tem razão. Finot quiz que eu conhecesse o homem, disse elle, que no mundo melhor conhece o commercio das perolas, e apresentou-me um sujeito de barba loira (*) que a um canto da sala me referiu que os pescadores de perolas vivem na miseria. Estas coisas ouvem-se distraidamente, de pé, retorcendo o bigode. O pescador de perolas não ganha mais de oitocentos francos por anno. A Maria, a quem a conversação interessa, pergunta-lhe porque se attribue um tão exaggerado valor ás perolas. — Manias! responde elle. Ao chegar a casa temos a impressão de que as nossas salas são enormes. De Portugal nada de noticias, nem officiaes nem outras. O ministro parece ter abandonado a pasta. Os jornaes referem a reunião do Congresso, as desordens do dia 26 e a demissão do ministerio. Os jornaes de Almeida e Camacho radiantes. Eu pergunto — porquê? porquê? Tenho a impressão de que estes homens estão dementes.

31 DE JANEIRO

Hoje 23.º anniversario da Revolução do Porto de 1891. Creio que a Republica chama a este anniversario — o dia dos Precursores. Certamente se refere aos que morreram, porque dos vivos não se lembra. Nenhum dos precursores vivos recebe que eu saiba nesse dia.

(*) Leonard Rosenthal.

um cartão de visita da Republica. Viver em Portugal não é uma condição de gloria. Os mortos passam. Os vivos, em Portugal, passam ainda mais depressa. Recebi um telegramma do Guedes d'Oliveira. Pobre amigo! Os meus secretarios e adidos vieram cumprimentar-me. Içou-se a bandeira. A' noite houve recepção no Eliseu mas não fomos, para fugir a perguntas sobre a situação de Portugal. D'ali, nenhumas noticias. Os jornaes de Lisboa falam em crise presidencial. A *Lucta* escreve em grandes lettras: «Nada se pode dizer por emquanto sobre a solução que ella (a crise) terá. Uma coisa todavia parece ser certa: nem o sr. Affonso Costa fica no poder, nem o poder ficará no seu partido. Os jornaes alimentam a curiosidade publica com boatos colhidos a todas as esquinas. Dizem-se e fazem-se as coisas mais insensatas. O Machado Santos foi á Trafaria annunciar a queda do governo aos presos de abril... e a amnistia. A *Capital* confia que o Bernardino Machado, que se espera no dia 4, resolverá a situação. O Antonio José, que ha dias excitava os operarios em greve, entrevendo a possibilidade de governar, pede paz!

1 DE FEVEREIRO

Alem das noticias dos jornaes, nenhumas outras de Portugal. Os jornaes politicos, irreductiveis. Para o Antonio José e o Camacho um só governo é possivel — aquelle de que não façam parte nem o Affonso Costa, nem os amigos d'este. Para o *Mundo*, nenhum governo é possivel sem o Costa. O Camacho, que parecia adorme-

cido, despertou e tornou-se combativo. Fala a linguagem de um triunfador. Como vae acabar isto? Hoje, mau dia, desasocego, idéas negras. Minha mulher continua a falar no exilio. Coitada! Demos uma volta pelo Bosque de Bolonha á tarde, em silencio. A' noite fomos ao animatografo dos Campos Eliseos, para matar o tempo, distrair, esquecer... Deitei-me cedo, mas tornei a levantar-me. Desejaria estar em Lisboa, ao pé do que se está passando.

2 DE FEVEREIRO

Hoje correram nos jornaes noticias alarmantes sobre Portugal. O *Temps* publica um dos habituaes telegrammas hespanhoes da fronteira. Os monarchicos estariam em grande anciedade esperando para hoje uma sublevação da Guarda Republicana, aos gritos de viva o rei. A' tarde, o telefone trabalhou. Um redactor do *Times* quiz saber o que se passava. Depois veiu um correspondente do *Daily Mail*. O Thomaz tem andado muito agitado. Pobre homem! De Lisboa, nada! Telegrafei ao Macieira as noticias da tarde, pedi-lhe me informasse. O Barreto telegrafa-me: «Difficil solução crise. Aguarda-se Bernardino Machado.» O director da *Revue Politique Internationale* pede-me um artigo sobre Portugal. Que posso eu dizer, que posso garantir sobre o meu pobre paiz que os acontecimentos não desmintam? Os desatinos da Republica tiram toda a autoridade aos seus diplomatas. Ha pouco garantia eu um governo estavel e elle está em terra. Em seguida a um *suelto* intempestivo e grosseiro do *Mundo*, o Guerra

Junqueiro pediu a sua demissão. Parece que o fez em papel de cartas. Pois no dia seguinte lá vinha o *Mundo* zombando da ignorancia protocolar do Junqueiro. Quer dizer: os redactores d'este jornal estão em contacto com as secretarias, recebem d'ellas informações, confidencias. Eis o que torna intoleravel a situação do Affonso Costa: é o cortejo dos seus amigos.

3 DE FEVEREIRO

O J. C., de quem não tinha noticias ha muito, escreve-me: «Preferia estar ahi em pessoa, para receber com a minha velha simpathia, o seu desabafo. D'aqui que hei-de eu dizer-lhe que não lhe pareça a fastidiosa açorda de um espésso artigo de fundo da opposição? Depois, receio que vá visitá-lo mais o meu pessimismo. Mas que estado de espirito hade ser o nosso, estando para aqui a *patauger*, num mar, que se affigura infindavel, de incongruencia, de desfaçatez, de loucura, de baixeza e de lama, e onde fatalmente se vae perder pé? Mas... — Lá ia começar a sahir o artigo de fundo! Que horror! Não, não! não! A verdade é que v. não imagina o desvairamento em que tudo anda. E' preciso respirar este ar, para verificar que elle está irrespiravel; e v. sabe o mau prognostico que se tira d'isto. Tem-se a impressão de que é o *commencement de la fin.*»

De Lisboa foram estas as unicas noticias que recebi. O ministro não respondeu aos meus telegrammas d'hontem. O Alberto d'Oliveira procurou-me muito agitado,

a pedir-me conselho sobre se devia enviar testemunhas ao Brederode, que hontem, na chancellaria, o tratara grosseiramente. Dissuadi o Alb. d'Oliveira.

Amanhã, audiencia diplomatica. Procurarei ir cedo para não me encontrar com perguntadores, mas que poderei eu dizer ao ministro? Estou neste logar como numas grelhas.

4 DE FEVEREIRO

Hoje, quarta-feira de minha mulher e á noite recepção na embaixada da Turquia. A princeza Jeanne demorou-se, conversou longamente commigo sobre politica, sociedade, titulos de nobreza. Acha bonito um titulo de princeza — *Ça rapelle les personnages des contes de fées, mais il y a tant de princesses cascadeuses!* Ennumerou-as. E' uma calamidade. Veio a proposito falar da infanta Eulalia, tia do rei de Hespanha, que está actualmente publicando as suas memorias no *Je sais tout* e já escreveu que queria *vivre sa vie!* A princeza Jeanne acha isto *modeste, bebête.* A infanta vive realmente a sua vida. — E a dos outros! conclue a princeza. Sobre a publicação das suas memorias, dá-me informações preciosas, o *Je sais tout* paga-as menos mal, quarenta, cincoenta mil francos. A infanta faz correr ao que parece que recebeu oitocentos mil. E' absurdo. As memorias da rainha Maria Amelia foram pagas. A ella offereceram-lhe quarenta mil francos para expôr em uma serie de artigos naquella revista as suas ideas radicaes. A princeza não se zangou com

a proposta, mas não acceitou. Tem horror á publicidade. O certo é que ainda não me disseram mal d'ella. Em compensação ella diz bastante mal dos outros, sem maldade e apenas com malicia. Pelos Bonaparte é prima do principe Victor, o pretendente. Contou-me que este tem vivido á custa dos subsidios dos seus parentes. Casou com a princeza Clementina, que lhe trouxe em dote dezessete milhões. Apezar d'isso, continuou a receber o subsidio dos parentes. Se conheço a condessa de Noailles. — A poetisa? — Isso mesmo. Novo *debinage*. Parece que a condessa de Noailles tem um coração tão lirico, como hospitaleiro. E por aqui fóra... Vae comprar um automovel e propõe-me fazermos uns passeios no verão. — Conhece a Touraine? — Cada vez me mostra maior simpathia. Beija minha mulher effusivamente, acha-a — *charmante*. Debicou nos doces, bebeu um calice de Porto. Levei-a á porta, beijei-lhe longamente a mão por tanta simpathia. Ao despedir-se, prometteu-me trazer-me a casa o Père Combes. — Cuidado! que o Sr. Poincaré não o saiba, disse eu. E lá se foi pela escada abaixo, com muitos — *C'est entendu, c'est çà, au revoir, à bientôt*. Na embaixada da Turquia, mais princezas. Encontrada a princeza Wisznienwski, com o ancião que a acompanha e que é, segundo corre, seu marido. E' pequena, formosa, uma tez de boneca e uns olhos penetrantes que parecem nunca se fecharem. Conheço-a de a encontrar aqui e ali. Dirige-se a mim para me dizer que andamos desencontrados e para me pedir como um favor que eu vá terça-feira ao seu dia... O ministro de Uruguay e um secretario turco,

que a devoram com o olhar, precipitam-se sobre mim para que eu os apresente, o que faço. O principe seu marido vagueia, com o seu ar de cadaver, e ás vezes surprehendo-o a trocar com a princeza palavras que de longe me parecem desabridas. O Hedeman do *Matin* chama-me á parte para me pedir noticias de Portugal. Parece inquieto. Tranquilliso-o. *Ça marchera!* A sua opinião é que só um ministerio de concentração pode resolver a crise. Mas desapparece. Lá vae elle a correr atraz d'outro. O ministro do Brazil mostra-se apprehensivo pelo caso Almeida Brandão e Lobo d'Avila Lima. Está e diz elle que no Brazil estão convencidos de que o Affonso Costa tem sentimentos anti-brazileiros. Em todo o caso, não comprehende o que se está passando, e que é contrario a todas as regras do direito internacional. O processo de contrabando contra Almeida Brandão segue os seus tramites. Porquê? Onde está o contrabando? Almeida Brandão recebeu por intermedio da legação do Brazil em Lisboa alguns moveis, e é tudo. O processo é absurdo. E' uma violação do direito e é um acto tão pouco amigavel que elle receia possa trazer desagradaveis consequencias e comprometter seriamente as relações entre os dois paizes. Pediu-me que chamasse para este facto a attenção do governo. Se no ministerio se conservar o ministro que está, sinto que será inutil fazê-lo. Aguardo que haja governo e oxalá seja outro ou pelo menos venha a occupar a pasta dos Estrangeiros um homem mais intelligente. E' inconcebivel que tenha sido possivel conservar até aqui semelhantes negocios nas mãos d'este

A's minhas instancias sobre os boatos espalhados na imprensa d'aqui, respondeu finalmente num breve telegramma que esses boatos eram falsos, a ordem completa e que não seria perturbada. Como se elle a podesse garantir! Mas foi tudo. Deixou de me escrever. Evidentemente está furioso. Os jornaes da tarde noticiam que o Bernardino Machado chegou a Lisboa e acceitou a missão de formar ministerio. Pudera!

5 DE FEVEREIRO

O Machado Santos pede uma amnistia ampla — mesmo para o Couceiro. Consta dos meus papeis que em tempos fui procurado por Castro Guimarães, então secretario de Augusto de Vasconcellos, ministro dos Negocios Estrangeiros, o qual me communicou, para que officialmente constasse, que um individuo de nome Fiuza, realista e conspirador, lhe referira em conversa com elle no Café Maxim's, rue Royale, que Machado Santos estava d'accordo com os monarchicos e que vira uma carta d'elle a um d'estes. Communiquei confidencialmente, mas officialmente, este assumpto. Mais tarde, o Vasconcellos dizia-me em Lisboa: — Isso sim! Ainda quando foi das ultimas desordens, veio offerecer-se ao governo! — Não insisti, mas nunca me desprendi da idea de que este Machado Santos, heroe da Republica, a tem enchido de facadas, que ella nunca sabe d'onde lhe vêm. Entretanto, os jornaes noticiam, com a sua opinião sobre a amnistia, que elle levou ao Palacio de Belem, a pedi-la, um cortejo de operarios que pelo caminho foram cantando a *Internacional*.

Em Portugal ninguem percebe. Os portuguezes soffrem de uma miopia sem cura. Veio despedir-se o Alberto de Oliveira. Falou-se da patria e dos seus homens. Disse-me que a leitura do Oliveira Martins lhe fez muito mal. O esteril scepticismo do Oliveira Martins estragou uma geração. Funesto homem!

6 DE FEVEREIRO

De Lisboa todo o dia sem noticias. Espera-se que o Bernardino Machado faça governo. A' noite o N. telefona-me da Bolsa que os jornaes receberam telegrammas dando o governo constituido assim:

Presidencia e Interior, Bernardino Machado; Justiça, Pinto Osorio; Guerra, Pereira d'Eça; Marinha, Canto e Castro; Estrangeiros, Gonçalves Teixeira; Fomento, Pimenta de Castro; Colonias, Freire d'Andrade; Instrucção, Almeida Lima; Finanças, Anselmo d'Andrade. E' um ministerio monarchico, que digo eu? é quasi a monarchia. No entanto temos um suspiro de satisfação. O Gonçalves Teixeira, citado nesta lista para a pasta dos Estrangeiros, tem no Ministerio as funcções de director geral. Assim a Republica não encontrou outro homem senão este burocrata para esta pasta consideravel. O Gonçalves Teixeira é cunhado de Pinheiro Chagas que aqui vive em Paris, emigrado. Dizem-no excellente pessoa, muito zeloso. Os ministros que têm passado pela pasta dizem-no de toda a confiança. De resto, todo o pessoal do Ministerio é de confiança. Ali raros se demittiram e nenhum foi demittido. A Republica dá-se excellentemente com elles. Eu estou

convencido de que a atraiçoam, com prudencia, mas tambem com methodo. O contrario seria absurdo.

7 DE FEVEREIRO

Não se confirma a constituição do ministerio monarchico. Foi boato, que correu na Camara, em Lisboa. Ao contrario, communicam-me da Bolsa um telegramma segundo o qual o Bernardino Machado declararia difficil a constituição de um ministerio extra-partidario e teria declarado ao Presidente que proseguiria nos seus esforços, «se o Manuel d'Arriaga lhe indicasse alguns nomes.» Entretanto os jornaes de Lisboa confirmam que uma grande manifestação, Machado Santos á frente, foi a Belem pedir a amnistia geral. Entraram commissões no Palacio, falaram ao Arriaga, que por sua vez falou, acabando por ir, empurrado, mostrar-se á varanda do Palacio á multidão reunida na Praça de Belem. Assim, o Machado Santos está outra vez popular! O Almeida outra vez popular! Até o Camacho sente passar pelos cabellos uma aura de popularidade. Tanto illogismo não póde acabar bem. O consul de Portugal em Lauzanne visconde de Faria offereceu um jantar ao João Franco no Hotel Majestic, ao lado d'esta casa em que habito. Tive o cuidado de não o communicar para Lisboa. Podiam muito bem promovê-lo a consul de 1.ª classe e eu não tenho interesse em contribuir para apressar a carreira d'este funccionario. O visconde de Faria é grande amigo de Xavier de Carvalho, o qual por sua vez é o correspondente em Paris de Lambertini Pinto. Este

finalmente é o alter-ego do ministro dos Negocios Estrangeiros Antonio Macieira. Um dos convivas d'esse jantar, o advogado Brunet, perguntou ao visconde de Faria se elle não receiava que o seu acto tivesse desagradaveis consequencias. Não sei o que lhe respondeu.

Esta tarde *chá-bridge* em casa de Madame Joly, mulher do deputado socialista Antony Joly, num exiguo terceiro andar da rua Washington. Algumas senhoras sentadas em circulo numa sala pequenissima e papagueando. O deputado ás voltas com o bridge. Madame Joly, *charmante,* como todas as senhoras neste paiz. Antes, visita ao chevalier de Stuers, ministro da Hollanda, para tratar de assumptos relativos á arbitragem na questão de Timor. Bello appartement. Um museu. Depois de falarmos de Timor, admirei algumas das bellas coisas que elle tem, tapeçarias, moveis, quadros, bronzes, bibelots, mas não insisti porque os francezes estabeleceram que não é de bom tom reparar nas casas a que se vai. O que é de bom tom em rigor é não fazer reparo algum, não olhar, não observar, não examinar, não admirar, muito embora as coisas que nos cerquem sejam inteiramente dignas de admiração. Mas o chevalier de Stuers não é francez e não me levou a mal que eu admirasse o seu radiante Donatello, entre outras lindas preciosidades. No que transigiu com o gosto francez foi em não parecer feliz de as possuir.

8 DE FEVEREIRO

Pela manhã o Guilaine do *Temps* communicou-me pelo telefone ter recebido telegramma de Lisboa dando como constituido o ministerio do seguinte modo: Presidencia, Interior, e interino dos Estrangeiros, Bernardino Machado; Justiça, Manuel Monteiro; Finanças, Thomaz Cabreira; Guerra, general Pereira d'Eça; Marinha, Perez Rodrigues; Fomento, Achilles Gonçalves; Colonias, Couceiro da Costa; Instrucção Publica, Almeida Lima. Mas á noite a *Patrie* noticiava de Lisboa: «Os chefes da União Republicana, isto é, os srs. Almeida e Camacho, tendo tomado conhecimento da lista de pessoas a quem o sr. Bernardino Machado tencionava dirigir-se para formar o gabinete, declararam-se absolutamente oppostos a semelhante combinação.» A's onze da noite, telegramma de Lisboa: «Crise ainda sem solução.» Recrudesce o alarme nesta casa. Toda a tarde e até ás duas da noite, falou-se na crise. Vou deitar-me, como todas as noites, na esperança de que o dia d'amanhã nos traga melhores novas. Nesta anciedade andamos. Eu constantemente verifico que ha tres annos que aqui estamos não tivemos ainda um bom mez, um mez completo sem sobresaltos. Do Ministerio nenhuma communicação.

9 DE FEVEREIRO

Hoje conferencia por Paul Ginisty, nos *Annales*. Sala cheia a transbordar. Sobretudo mulheres. Assumpto — os *Cabotins*. Dois actores representaram duas sce-

nas. A' sahida fomos cumprimentar o Ginisty, velho amigo que se mostra sempre encantado de nos ver. Para estas circumstancias os francezes tem sempre uma frase preparada — *C'est gentil d'être venu!* A' força de repetidas estas formulas perdem toda a significação. No entanto, é sempre agradavel ouvi-las. Os portuguezes, quando nestas circumstancias reconhecem um amigo dão-lhe uma forte palmada nas costas e dizem—Viva! Em rigor nós temos a idéa de que a cortezia é um artificio. Leio nos jornaes que já está constituido o ministerio, mas communicação official não veio. Em compensação o ministerio cessante telegrafou ao corpo diplomatico portuguez agradecendo a sua lealdade e o seu patriotismo, coisas que não se agradecem. Emfim estou livre do M. e dos seus disparates, ao menos por algum tempo, pois é possivel que volte.

10 DE FEVEREIRO

Hoje, chá em casa da princeza de Wiszniewski no boulevard Berthier defronte das fortificações, quasi fóra de portas. Minha mulher não quiz ir. *Petit hôtel*, ar deserto, poucos moveis e maus, pouca gente. Desculpei minha mulher, recusei a chavena de chá. A princeza parecia não conhecer a gente que tinha em casa. Pelo menos reparei que algumas lhe eram apresentadas. Duas damas deixaram-se ficar de capa. O velho principe vagueava com o seu ar apprehensivo. Sem um violinista polaco, que se fazia acompanhar por um pianista austriaco, seria funebre. A' noite, jantar em casa de

Maître Clunet, o jovial advogado, que me pergunta sempre pelo *sr. de Vasconxellos,* o Augusto de Vasconcellos, que elle conheceu em Madrid. Jantar optimo. Cozinha burgueza, muito applaudida. Madame Clunet, radiante, aproveita o ensejo para dar uma lição ao marido: — *Mon mari ne fait pas toujours justice à mes efforts culinaires.* Sente-se a gente em familia. Mulheres bonitas: a marqueza da Torre, filha do antigo e mallogrado embaixador Perez Caballero, casada com o secretario de Hespanha do mesmo titulo; Madame Aubert, argentina linda. Maître Clunet, que é grande amador de faianças, fez servir todo o jantar em velhas louças desirmanadas de Rouen, Marselha, Moustier, China, Japão. Mesmo os talheres tinham cabos de faiança. O seu genro, que se senta ao meu lado, discrimina-me estas curiosidades. Eu tenho a impressão de estar á meza de um antiquario. Depois do jantar serão até á meia noite na enorme bibliotheca, antigo atelier de esculptura, servido por uma chaminé monumental, onde ardem toros de madeira, apezar de não estar frio. Café, chartreuse, charutos. Muitas perguntas sobre Portugal e sobre a crise. Explico tudo com minucia. Um engenheiro de minas, que affirma ser impossivel confundir um portuguez com um hespanhol, pede-me as origens do reino de Portugal. O doutor Clunet, filho de Maître Clunet, e director de laboratorio, interroga-me sob as attribuições do nosso presidente, a organisação dos nossos partidos. Causa-lhe grande surpreza que os illetrados tenham perdido o direito de votar. Chama um collega para que ouça e acaba por achar admiravel. As damas conversam em volta do fo-

gão e fumam. Como sei que isso lhe é agradavel, cumprimento Madame Clunet pela sua cozinha, peço-lhe uma boa cozinheira, ou a receita para a fazer. Madame Clunet insiste primeiro commigo para que beba um golo de punch, que declaro delicioso e dá a receita: — Tome-se uma noviça, nada de cozinheiras sabidas. São uma peste. Tome-se uma noviça que goste de cozinhar. Isso vê-se logo pela cara. Depois interrogam-se: gosta de cozinhar? Se respondem com evasivas, nada feito. Gosta de cozinhar. Fica essa! O resto é uma questão de trabalho. Depois de cada refeição a dona da casa chama a cozinheira e faz a crítica. Quando a cozinheira começa a comprehender, para a animar, diz-se-lhe: — Está perfeito. Este estimulo faz o resto. Ao cabo de um anno, tem-se uma boa cozinheira. — Ouvida a receita raspamo-nos á ingleza. Em casa, encontro telegramma do Bernardino annunciando a constituição do novo governo, seguida de «cordiais saudações.» O nosso horisonte desannuvia-se. Apparece uma nesga de azul.

11 DE FEVEREIRO

Esta tarde audiencia diplomatica. Poucos ministros na ante-camara. O ministro Doumergue sempre acolhedor, olhos risonhos, sobrecasaca, um monoculo preso por um grosso fio de seda. Expuz-lhe longamente a situação em Portugal. Propuz-lhe substituir por uma declaração assignada por mim e por elle a troca de notas que me foi alvitrada pela sua repartição para a prorogação do tratado de arbitragem com Portugal.

Acquiesceu logo sem saber muito bem do que se trata e tomou uma nota muito extensa do assumpto. Excellente sr. Doumergue! Não será por este que nos virão difficuldades. A' noite ensaio geral no Chatelet de uma peça de grande espectaculo, no camarote de Madame Camille du Gast, a famosa mulher. No fim do espectaculo, quasi á uma da noite, quiz a todo o transe que fôssemos cear ao Café de Paris. Ainda soprei ao ouvido de minha mulher que resistisse. Em vão! No Café de Paris, noitada até ás tres da manhã, champagne, cigarrettes. Eram tres e meia quando entrámos em casa, no meio do pasmo dos creados, que assistem pela primeira vez a uma estroinice d'estas. Convivas d'esta orgia — dois figurões condecorados, o sr. Etienne Tréfeu e Madame. O sr. Tréfeu é director da Navegação Maritima no Ministerio da Marinha e chega de Londres, onde foi representar a França na Conferencia internacional para a segurança dos transportes maritimos. Ouvi-lhe dizer esta enormidade: que o Banco da Indo-China lhe garantia um logar de administrador, com a condição porém de se fazer o emprestimo. O emprestimo falhou por agora. Madame du Gast parece que anda sempre mettida pelos ministerios, porque se fartou de falar com elle sobre assumptos de administração. Minha mulher não deseja cultivar muito Madame du Gast, mas acha-a interessante. Informações sobre a princeza Jeanne, ouvidas durante a ceia. A princeza professou aos quatorze annos, e muito nova ainda foi feita priora das Carmelitas. Fundou na Argelia, com o seu dinheiro, uma casa conventual, que lhe custou quatrocentos mil francos. Como se conver-

teu? Madame du Gast, que informa com uma ponta de animosidade, não o sabe dizer. O que é certo é que a princeza Jeanne, no dizer de Madame du Gast, se tornou *tout-à-fait rouge*.

12 DE FEVEREIRO

Os jornaes de Lisboa chegados hoje dão a impressão de que a solução ministerial arranjada pelo Bernardino Machado descontenta profundamente o Antonio José e não sei se o Brito Camacho, que vêem frustradas por ella as esperanças que a crise lhes fez alimentar de reconquistarem o poder e com elle a influencia de que precisam para desempenhar um papel dentro da Republica. O jornal do Almeida parece escripto por doidos varridos. O parlamento já reabriu e as coisas não se passaram muito mal no primeiro dia, mas que vae succeder depois? A questão politica portugueza está posta assim: dois grupos querem o poder exclusivamente para si, com prejuizo do outro. Como acabará isto? Pelo exterminio de um d'elles? pelo da Republica? ou pelo accordo, como em 51 sob o regimen liberal? As minhas simpathias pelos homens dissiparam-se. Não vejo para quem possa voltar-me. O Affonso Costa foi o mais util; mas é elle por isso o melhor? Pela nesga azul do horisonte patrio passou hoje lentamente uma nuvem. O Bernardino Machado, segundo leio, offereceu pastas a toda a gente, e a dos Estrangeiros a meio mundo. Ninguem lhe pegou, nem o Julio Dantas! Para isto andei eu aos tombos pela Costa Occidental! Hoje, visita ao fotografo Nadar, que de

ha muito apertava commigo para nos fotografarmos na sua casa. Fez numerosos clichés meus e da minha mulher. Falou-me de Baudelaire, de Armand Barbei, da guerra de 1870, da Communa e... do Relvas pae. Velho encantador! Enviado um ramo de lilazes a Madame du Gast.

14 DE FEVEREIRO

Esta noite, baile no Eliseu. Cinco mil pessoas. Encontrões. Uma parte da gente que assiste a este baile vae a pé para o Eliseu e debaixo d'agua, se chove. No *vestiaire*, pelos cantos, senhoras vindas nestas condições, tiram as galochas, e improvisam um decote no vestido amarfanhado. Tem-se dado o caso de se recusarem damas, por se apresentarem sem elle. O corpo diplomatico apparece das nove e meia para as dez e fica isolado numa sala, através de cujas portas vidradas a turba dos convidados espreita avidamente. Abafa-se com calor. A's dez e meia, o Presidente dá o braço a uma embaixatriz, que este anno foi a embaixatriz d'Austria, a mulher do Presidente dá o braço a um embaixador e, seguidos dos ministros e ministras, governo, casa civil e militar, iniciam um cortejo através das salas apinhadas de uma turba multa que olha como na rua e aponta com o dedo. O anno passado toda a gente apontava com o dedo para a embaixatriz do Japão. Findo o cortejo todo o corpo diplomatico desapparece e as salas ficam entregues ao publico. E' o momento do assalto ao bufete. Na sala das festas todo o genero de cidadãs e cidadãos dançando, como num baile

campestre. Assim se terá dançado depois da tomada da Bastilha. Este pedaço de conversação que ouvi, no meio da multidão, dá idéa d'esta festa democratica: — *Vous allez après demain chez Deschanel? — Qui est ce Deschanel?* O acontecimento do baile este anno, na roda diplomatica, foi a presença do principe de Battenberg, irmão da rainha de Inglaterra, luzindo os seus formosos vinte e tres annos no brilhante uniforme da marinha ingleza. Ao sahir, o Hedeman do *Matin*, que apparece em toda a parte, chama-me a um canto para me perguntar se é verdade que a rainha Amelia vae casar. Disse-lho um orleanista, e elle quer saber com quem.

15 DE FEVEREIRO

Hoje domingo, Sarah Bernhardt, na *Jane Doré* de Tristan Bernard, do camarote da princeza Jeanne. Ella, minha mulher, eu. Publico de domingo. *Bonne soirée bourgeoise.* A' sahida chuva a potes. Levamos a princeza Jeanne a cear ao Café de la Paix. Carnes frias, tisana Saint-Marceaux, tziganos. A princeza encantada e falando pelos cotovellos, sobretudo de politica, no meio do barulho das valsas. Chuva a potes á sahida e reconducção a casa da princeza, que já fala em ir comnosco ao Bal Tabarin. Em Portual, calma.

16 DE FEVEREIRO

Hoje recepção na Camara dos Deputados. Minha mulher, fatigada de tanta noitada, ficou em casa. Veiu buscar-me o ministro do Uruguay e fomos juntos. Deschanel diz-me á entrada: — *C'est vraiment aimable de votre part d'avoir trouvé un moment pour venir nous voir.* Os francezes têm sempre uma frase destas, prompta a sahir, mal descerram os labios. O Poincaré não as sabe dizer. E' um academico que só sabe dizer o que decora. Deschanel é elegante, risonho, fluente. As salas mais claras, e menos cheias de gente que as do Eliseu. Gobelins maravilhosos. Corpo diplomatico, ausente. Tres ou quatro ministros e como senhoras Madame Vestnich, ministra da Servia, com as suas bochechas de menina e o seu queixo de velha. A princeza Wiszncenski, que não conhece ninguem e nos encontra, não nos larga mais. Confia-me logo o seu projecto de fazer uma revista diplomatica *tout simplement,* mas está embaraçada por causa do titulo. Quer chamar-lhe *Les Annales Diplomatiques* e pede-me uma idéa. Lembro a *Valise.* Mas ella regeita o alvitre. Titulos de brincadeira já lhos deram. Mostro-me surprehendido de que uma tão jovem e linda mulher se abalance a tão grave emprehendimento. Então ella confessa-me a sua paixão pela diplomacia, mas tudo isto é de uma frivolidade mortal. O ministro do Uruguay, que devora a princeza com os olhitos negros, intervem com uma familiaridade impertinente, enfiando-lhe o olhar descarado pelo decote. Pergunto-lhe mais tarde d'onde conhece a princeza.—*Mais c'est vous même*

qui m'avez presenté! Tinha-me esquecido. Não importa! O sr. Miero não é homem que perca tempo. A princeza tem sêde. Levo-a ao bufete, e é ainda Miero quem fura por entre a multidão, traz levantada por cima de todas as cabeças uma taça de champagne a transbordar. Em uma sala quasi deserta, sentamo-nos num canapé. O sr. Deschanel vem ter comnosco, senta-se ao lado da princeza e diz-lhe ao ouvido: — *Toujours mondaine?* As pessoas que passam olham para nós, espreitam das portas. A' sahida, á meia noite, encontro Madame du Gast que chega enorme na sua capa vermelha. — *Comment? Á cette heure-ci?* — Madame du Gast vem do jantar offerecido a D. Julia Lopes d'Almeida, a escriptora brazileira muito falada no *Figaro* e a quem ella chama Madame Perez. Tudo se passou excellentemente. Duzentas pessoas, discursos, muita animação. O *Figaro* dirá amanhã a paixão de D. Julia por Paris e os seus esplendores. Não ha no mundo artista, poeta, actor, cantor, sabio que não venha buscar gloria a Paris — o dispensador de gloria, por muito efemera que ella seja. Vem no *Figaro!* diz o Carlos da Maia. Em Portugal, calma. O Bernardino vae singrando, por entre escolhos. Começo a olhar para Bernardino com uma curiosidade enternecida.

18 DE FEVEREIRO

Audiencia diplomatica. Conversação na ante-camara com De la Barra, ministro do Mexico, antigo presidente da Republica e antigo ministro dos Negocios Es-

trangeiros. Esteve em Lisboa sendo ministro dos Estrangeiros Luiz de Magalhães e ali conheceu Ramalho Ortigão, Antonio Candido. O barão de Jalsberg, ministro da Noruega em Paris, Madrid e Lisboa, onde esteve ha pouco a apresentar as suas credenciaes, deplora a queda do gabinete Affonso Costa. Fala-me do corpo diplomatico acreditado em Lisboa e do seu sestro do se intrometter com as suas opiniões na politica do paiz. O barão é inteiramente contrario a este ponto de vista e ali o disse aos seus collegas. Inteiramente da sua opinião era o barão de Rosen, ministro da Allemanha. O barão inteirou-se da situação politica e ri-se das esperanças realistas. Isso, accrescenta Jalsberg, mandou dizer ao seu governo, em relatorio.

Quarta-feira de minha mulher. Madame Pichon, Madame Noulens, a mulher do ministro das Finanças, Madame Paul Ginisty, Madame Paoli e o marido, conselheiro d'Austria, o ministro da Columbia, a mulher e a filha, Madame Joly, Madame Miero e o marido, que veio ver as minhas antiguidades portuguezas, Madame Cardoso, uma velha senhora, Madame Vasconcellos, que me dizem ser viuva de um antigo diplomata brazileiro. Mademoiselle Suggia, a pianista, tocou admiravelmente uma rapsodia de Liszt e fez ouvir os fados de Rey Collaço. Teve um successo. O A. desolado por a filha não vir a tempo de recitar. O Arenas de Lima contou mais uma vez, por meio de onomatopeias, como no Mexico as balas interrompiam as conversações nos salões elegantes. O Bernardino telegrafa: «Agradeço cumprimentos v. ex.ª e pessoal que retribuo com cordeais saudações».

19 DE FEVEREIRO

Recebida a visita de Arnaldo Fonseca, que vem de Boma e segue para Cantão, como consul. Esteve arriscado a ir para Manaus. Esta tem sido a sorte dos consules nomeados pela Republica e que, para melhor a servirem iniciaram a sua carreira na Galliza entre os odios dos conspiradores. Arnaldo Fonseca é aquelle que, em Verin, insultado por D. João d'Almeida, desfechou contra este a sua *browning,* ferindo-o em um braço. De regresso a Lisboa, d'esta verdadeira campanha, quizeram mandá-lo para Manaus. A' força de empenhos conseguiu-se uma attenuação de pena e deportaram-no para Boma, onde esteve anno e meio. Era talvez tempo de se mostrarem menos rigorosos com elle. Parece, porem, que não chegou ainda a hora da clemencia, porquanto o expediram para o Extremo Oriente.

A' noite jantar em casa de Mr. e Madame Brunet. Brunet é advogado. Diz-se que tem ambições, quer ser deputado, subir. Para o conseguir neste paiz tem de se chegar para a direita, que é o que provavelmente faz. Madame Brunet, argentina, bella como os anjos. Alem de nós, diplomatas da America do Sul, Uruguay, Bolivia, Equador, Guatemala. Os Brunet quizeram evidentemente fazer um jantar diplomatico e foi o que poderam arranjar.

20 DE FEVEREIRO

Chega de Portugal a noticia da amnistia, votada hontem por 102 votos contra 25. São comprehendidos nesta amnistia 572 individuos presos e 1700 emigrados. Não se esperou ao menos que as proximas eleições fechassem a era dos conflictos politicos e nos dessem as seguranças de um governo estavel. Cedendo ás pressões da duqueza de Bedford e ás dos energumenos de dentro que falam muito mais em nome dos monarchicos do que dos seus sentimentos de clemencia, deu-se a correr a amnistia, que atira sobre a Republica dois mil adversarios odientos. Oxalá este acto de pusilanimidade não a ponha á mercê....

21 DE FEVEREIRO

Hoje novo baile no Eliseu. O corpo diplomatico cada vez se abstem mais. Embaixadores, ministros, mas poucas senhoras. Estavam apenas a embaixatriz do Japão, a ministra do Brazil e uma ou duas creoulas representando Estados independentes das Antilhas. O cortejo atravessou as salas no meio da curiosidade habitual e alguma troça para as mulheres feias ou desageitadas. Ida ao bufete, regresso ao salão diplomatico, rapida despedida de Poincaré e Madame. O homem da noite foi o general Lyautey.

22 DE FEVEREIRO

O Senado não approvou o projecto de lei de amnistia tal como lhe foi enviado da Camara dos Deputados. Parece que a encontrou insufficiente. Uma assembléa monarchica não o faria melhor.

23 DE FEVEREIRO

Hoje, casamento de S. d'A. na igreja de Saint Gervais. Uma opera. Orgão, córos, orquestra installada na capella mór, solo de soprano e baritono, huissiers apparatosos, fazendo resoar no chão os bordões de cobre, pequeninos *monaguillos* de saia encarnada agitando turibulos de prata, um sacerdote de capa de asperges elevando a Deus, num altar resplandecente de luzes e flores, e numa nuvem de tulle, debruçada sobre um genuflexorio carmezim, prompta para o sacrificio — a noiva.

A condessa de Beauchamp pede-me com instancia, na sua lettra inglêsa, o meu bilhete para a tribuna do corpo diplomatico. *Je viens de voir M. Barthou et M. Jules Roche,* escreve-me ella, *la séance sera très chaude.* E termina supplicante: *Je suis confuse!* Mandei-lhe o bilhete. Pobre Madame de Beauchamp! O ministerio afinal não cahiu, como ella e o sr. Barthou esperavam.

24 DE FEVEREIRO

As noticias chegadas de Lisboa sobre a discussão do projecto de lei d'amnistia para os conspiradores enchem-me de consternação. Uma assembleia de monarchicos não a pediria, nem com mais pressa, nem com mais ardor. No Senado, o senador Anselmo Xavier propoz que fôssem convidados os conspiradores a voltar immediatamente ao paiz. Chegou-se a isto: o projecto do governo foi combatido por dois motivos — primeiro por não se tornar extensivo aos chefes, Paiva Couceiro, etc., segundo por comprehender na amnistia as autoridades da Republica, que praticaram excessos de zelo em sua defeza. Brito Camacho justificou os conspiradores, allegando que os republicanos tambem conspiraram. Disse isto: «Conspirar é um direito.» Machado Santos combateu o projecto por insufficiente. Insistiu, dizem os jornaes, na necessidade de «se pacificar a familia portugueza.» João de Freitas deplorou que fôssem comprehendidos na amnistia delinquentes de direito commum, porque isso — segundo elle — era uma offensa grave para os amnistiados politicos. O que é isto? Baixeza moral? Cretinismo?

26 DE FEVEREIRO

Esta noite jantar em casa de Madame du Gast. Treze convivas, funcionarios publicos, militares, Jane Catulle Mendès, o doutor Robin, a grande celebridade medica, o pintor Carrier Belleuse. Menus *enrubannés,* marcas

de cotillon sobre a mesa. Conversação generalisada, intimidade, cordialidade. Jane Catulle Mendès fala-me do Brazil, onde esteve ha pouco e, como eu, para a ouvir, lhe pergunte se os francezes são muito queridos ali, tem esta resposta bem exacta: — *Les français ne sont aimés nulle part. Ils ont le prestige intellectuel.* A' uma da noite trazemo-la no nosso carro até ao Hotel Columbia, onde vive, porque vive agora em hoteis. Os jornaes d'esta noite falam de nova greve dos ferroviarios em Portugal.

27 DE FEVEREIRO

Greve em Portugal. Comboios descarrilados, bombas, pontes que saltam, communicações interrompidas. Os jornaes de Paris vêm cheios de noticias alarmantes via Madrid. De Lisboa nada se sabe. Do Ministerio, como sempre, nem uma palavra. Telegráfo pedindo noticias e eis-me recahido no meu habitual desassocego. Os jornaes da tarde, em grandes *manchettes*, falam de acontecimentos graves. Reappareceu a rubrica *L'Anarchie au Portugal*. Trabalhou o telefone. O *Times* quer saber o que se passa.

Apesar das más noticias fômos á Université des Annales, assistir á consagração de Sarah Bernhardt por motivo da sua recente nomeação para a Legião de Honra. A linda cerimonia! Sarah magnifica, hieratica, magistral, theatral, sentada num trono, como a Theodora. O Poder, a Poesia, a Arte, desfilando na sua frente, beijando-lhe as mãos como a uma rainha. Viviani, ministro da Instrucção, em nome do governo,

falou com grande elegancia e elevação. Toda a Comedia Francesa desfilou, recitou versos: o classico Mounet Sully, o cavalheiresco Albert Lambert, o severo Paul Mounet, Maria Lecomte, que parece extrahida de uma scena das *Fourberies de Scapin,* a sumptuosa Cecilia Sorel. Todo este mundo de personagens reaes e ao mesmo tempo imaginarios, Ruy Blas, Hernani, Lorenzaccio, Dona Sol, Maria de Neubourg se move com uma suprema dignidade. Quando Cecilia Sorel, curvando-se, beija as mãos de Sarah, passa um relampago de magnesio. Na sala, ha olhos humidos.

Passei uma parte da noite esperando noticias de Portugal. Amanhã jantar no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Oxalá Bernardino Machado me habilite a dizer ali alguma coisa segura. Dôres de cabeça, insomnia.

28 DE FEVEREIRO

Bernardino Machado telegrafa noticias tranquillisadoras. A greve abortou. No entanto, os jornaes da manhã vêm cheios de balelas alarmantes. Communico ao *Temps* o telegramma official. A' noite jantar diplomatico no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Corpo diplomatico, mundo official, mas mais ninguem. Abstenção severa de moderados conservadores, federados e faubourg Saint Germain. Greve das direitas. Durante o jantar, conversação com madame Caillaux, a segunda Madame Caillaux, ainda bonita, espirituosa, maliciosa. Quiz informações sobre os convivas. Pedem-me noticias de Portugal. — São pessimas... na imprensa de

Paris! digo eu com inalteravel desplante. Animadas palestras num sofá, entre o embaixador da Allemanha e o da Austria, Caillaux, o impopular, o detestado Caillaux, todo reclinado como é seu costume, fala aos dois. — Aqui está uma fotografia que não daria prazer algum á federação das esquerdas — diz o ministro da Persia, Samad-Khan, solteirão, bello moço, jovial, emprehendedor com as mulheres. Minha mulher puchame pelo braço para me apresentar Madame Noulens e me fazer conhecer seu marido, o ministro da Guerra, que me pergunta se vamos ao baile dos Saint-Cyriens, no Hotel Continental. — Claro que vamos! Podiamos lá faltar! O ministro *est enchanté* e aqui vamos os quatro para o Hotel Continental. Ahi longo cortejo através das salas apinhadas, acompanhando o Presidente e Madame Poincaré. Calor de abafar.

1 DE MARÇO

Boas noticias de Portugal. O *Matin* corrige os exageros da imprensa de Paris, diz tudo calmo. A gosar as boas noticias, passeio de carro a Saint Cloud, aproveitando o domingo primaveril. A condessa de Beauchamp restitue-me o meu bilhete de entrada na tribuna da Camara dos Deputados, com estas palavras: *Merci de tout cœur. Mais combien décevaut le parlement!* Allude á ultima sessão, a que assistiu com a esperança de ver cahir os radicaes, conforme lhe fôra promettido por Barthou e Julio Roche. Os radicaes não cahiram. Decepção! Mas as esperanças de os ver cahir

não se dissiparam de todo. Aguarda-se uma surpresa, aquillo a que Madame du Gast chama *le coup du père François*.

4 DE MARÇO

Hoje quarta-feira de minha mulher. Madame Jouffroy, vinda de Saint Jean de Luz, contou que os portuguezes que ali vivem em colonia dançam á noite na praia danças populares portuguezas, dando estalinhos com os dedos. Concordamos todos em que deve ser o *Vira*. Segundo Madame Jouffroy estes portuguezes não perdem ensejo de pôr a Republica pelas ruas da amargura.

A' noite recepção na embaixada do Japão. Encontrado o dr. Nemours Auguste, ministro do Haiti, que neste momento está em plena revolução. Como não o vi nos dois ultimos jantares, pergunto-lhe porque não tem apparecido, se tem estado doente. Resposta d'elle:

— Tenho estado envergonhado com o que se tem passado no meu paiz. Pobre homem! Quando eu penso que a mim me succede tantas vezes o mesmo!

O N. traz-me dois jornaes de Bruxellas, *Le Patriote* e *Le Peuple*, que publicam artigos tremendos contra a Republica. Em appoio das suas affirmações esses jornaes reproduzem opiniões de republicanos portuguezes.

5 DE MARÇO

Jantar na Camara dos Deputados, seguido do recepção: Visinhas de meza: Madame Delaunay, mulher do prefeito do Sena, e a generala Florentin, mulher do grande chanceller da Legião d'Honra. Animada conversação. Fala-se da embaixatriz de Hespanha, a marqueza de Villa Urratia, que está á meza e parece filha do embaixador. Magnifica sala de jantar, de alto e sumptuoso *plafond,* d'onde pendem seis apparatosos lustres de cristal. Vasta meza. Pesados candelabros. Profusão de flores. Deschanel muito acolhedor, desfazendo-se em sorrisos. Na presidencia é mais secco. Depois do jantar, no *fumoir,* embaixatrizes e ministros entregues ao prazer do cigarro. Só, sem o marido que não veio, a princeza Wiznewski. Longa conversação, vaga, indecisa, tonta. A princeza fala-me pela primeira vez no seu casamento. Emquanto conversamos ao canto de uma sala, os convidados da recepção que passam observam-na, param. A princeza está linda como uma boneca loira. Mostra os seios firmes, nubis, num decote largo, mas tudo nella parece normal, sereno, quasi puro. Como passe o barão de Ritten, ministro da Baviera, cedo-lhe o meu logar.

7 DE MARÇO

Excursão pelos alfarrabistas. Num livro que não é muito velho (data, creio de 1907) — *Ambassade à Paris du Baron de Mohrenheim,* leio que o embaixador

foi de tal modo injuriado pela imprensa de Paris que o corpo diplomatico, julgando-se sem defeza contra os abusos da liberdade de imprensa em França, esteve para se retirar. Numa carta a Jules Hansen, funccionario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros e seu amigo pessoal, o embaixador queixava-se, escrevia: *Voilà comment sous la Troisième République sont traités publiquement les ambassadeurs!* Vim experimentar mais tarde que os ministros não são mais bem tratados do que os embaixadores. Orgulho-me, porém, de nas mesmas circumstancias em que se encontrou o embaixador da Russia, ter feito prevalecer a dignidade do meu paiz e a do meu posto com mais energia. O barão queixou-se. Eu fiz alguma coisa mais. O que espero se saiba algum dia para confusão dos miseraveis que no meu paiz e fóra d'elle exploraram esse incidente. E' um livro que hei-de escrever com o titulo — *Um incidente diplomatico sob a Terceira Republica* e a que não faltará sabor.

7 DE MARÇO

Recepção no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Alem dos convidados do jantar que a precedeu, deputados e senadores, pouca gente mais. Poucos diplomatas. Do corpo diplomatico, nenhuma senhora. Converso com Henri de Fouquières, sub-chefe do Protocolo. Conheceu o barão de Mohrenheim, de quem lhe falo. Diz-me que era o tipo perfeito do embaixador. Chuva. Traz-me a casa no seu carro o ministro de Costa Rica, que pela terceira vez me pergunta se vou amanhã a

casa de Madame Dussaud e á conferencia sobre a luz fria. Tranquilliso-o, garantindo-lhe mais uma vez que não faltarei a casa de Madame Dussaud.

8 DE MARÇO

Domingo. Conferencia e demonstração sobre a luz fria, descoberta do sr. Dussaud, em casa de Madame Dussaud. Curioso aspecto da vida de Paris. A casa de Madame Dussaud, rua Guillaume Tell, compõe-se de um pavilhão de mau aspecto, precedido de um gradeamento sobre a rua. Entrada por uma porta estreita e baixa, por onde mal cabem duas pessoas. Dentro, no rez-do-chão, uma grande sala e ao lado uma salinha de jantar. Certa coquetterie, mas pobreza, muita pobreza. Poucos e maus moveis. Nas paredes, gravuras baratas, duas guitarras penduradas, bugigangas. No entanto Madame Dussaud não hesitou em convocar para este pouco hospitaleiro e luxuoso local todo o corpo diplomatico e todo elle foi! Todo, até sir Bertie, o embaixador de Inglaterra e decano, que não vae a parte alguma! O corpo diplomatico foi em massa a esse casebre. Porquê? Porque Madame Dussaud é bonita, intelligente, atrevida. Devia ser assim Madame Stenheil, que tambem reunia em sua casa *le plus beau monde*. Madame Dussaud tem dois vestidos de soirée que mostra ha tres annos nas soirées do Eliseu e dos ministerios, que frequenta, e para não parecer *démodée*, talhou-os á moda do seculo dezoito, em imitações das sedinhas rigidas que se usavam então. O marido dá-me a impressão de um homem que soffre.

Repete ha tres annos a sua conferencia sobre a luz fria, que ninguem ainda sabe o que seja. Quando acabou uma hora depois de ter principiado, a sala esvasiou-se por encanto. Em vão Madame Dussaud convidava ao bufete. Poucos sentiram a necessidade de se refrigerarem. Quem são estes Dussaud e o que pretendem elles? Quem sabe? Talvez o *Matin* no-lo diga um dia, numa das suas noticias sensacionaes. Regresso pelo Bois, que começa a cobrir-se de uma poeira verde. Ramo de rosas a D. Julia Lopes d'Almeida, a escriptora brazileira, que parte amanhã.

10 DE MARÇO

O Armando Navarro, encarregado de negocios em Madrid, escreve-me informando-me de que produziu impressão no Ministerio dos Estrangeiros de Hespanha o telegramma que lhe enviei sobre as pessimas noticias de Portugal dadas á imprensa hespanhola pelo ministro do Interior. O governo prometteu-lhe fazer inserir nos jornaes de Madrid uma nota de rectificação. «Ficou por isso assente — escreve Navarro — (e só depois de lhe mostrar o telegramma de V. Ex.ª) que a nota se publicaria na manhã seguinte, pelo Ministerio da Gobernacion, d'onde partira a insidia.» E mais adiante: «Agradeço novamente a V. Ex.ª o seu telegramma que tanta impressão fez no Lema (o ministro).» De Lisboa diz Navarro que o deixaram sem noticias.

13 DE MARÇO

O Bernardino Machado telegrafou á viuva de José Luciano em nome do governo, e expediu-lhe o governador civil d'Aveiro em visita de condolencias. Os jornaes de Paris registam este facto como um signal de apaziguamento. Os jornaes de Lisboa chegados hoje pranteiam a morte do José Luciano. Não me surprehenderia ler que se constituiu já uma commissão para lhe erigir um monumento. Pasmo do meu paiz. Em todo o caso o que está verificado é que, morrer, no nosso paiz, é uma causa de engrandecimento. A morte em Portugal rehabilita e purifica. E' uma folha corrida.

14 DE MARÇO

Todo o dia em casa. Não fômos á matinée da condessa de Beauchamp e faltámos á noite á soirée na Prefeitura. De Lisboa boas noticias. Calmaria. Os jornaes politicos cessaram por momentos os seus reciprocos ataques. O Affonso Costa telegrafou pezames á viuva do José Luciano. O Senado votou um voto de sentimento. Quando o pensaria o José Luciano!

16 DE MARÇO

Annunciam-me pelo telefone esta tarde que Madame Caillaux acaba de disparar seis tiros de revolver contra Calmette, director do *Figaro*, ferindo-o no ventre. Calmette emprehendeu ha tempos uma campa-

nha contra Caillaux e ha dias publicou uma carta d'este dirigida a Madame Caillaux e na qual se trata... do imposto de rendimento. Os jornaes d'ámanhã devem vir sonoros.

17 DE MARÇO

Grande sensação em Paris pelo crime de Madame Caillaux. Os jornais vêm cheios com o facto. Manifestações nos grandes boulevards dos *camelots du roy*, aos gritos de — *Á mort Caillaux, l'assassin!* Calmette succumbiu. Caillaux deu a sua demissão. Espera-se ámanhã sessão tumultuosa na camara. Madame de Beauchamp mandou-me pedir o bilhete da tribuna do corpo diplomatico. A' noite encontrado J. P. que me conta que M. L., ainda em Paris, propala as noticias mais pessimistas sobre a Republica. Os descontentes da Republica são peores que os reaccionarios.

18 DE MARÇO

Sessão dramatica na Camara. No entanto, é menos interessante ver do que ler nos jornaes o que se passou. Esses fazem obras primas de descriptivo. Como tudo ali se ennobrece! Dir-se-ia estarmos lendo bellas paginas de historia. Parece estar verificado que quem conduzia a campanha de Calmette no *Figaro* era Barthou, a quem certos jornaes d'hoje tratam severamente. Os *camelots du roy* proseguem nas suas manifestações nos boulevards. Os jornaes monarchicos dizem que é a crise do regimen. Eu, ao contrario, penso que estes ac-

cidentes o tonificam. O Doumergue, mal recebido a principio, começa a ganhar terreno, com a sua probidade simples e a sua desataviada eloquencia. Na recepção de hoje em nossa casa, ardentes discussões sobre o caso do dia.

19 DE MARÇO

Começou a funccionar a commissão parlamentar de investigação no caso do adiamento do processo Rochette, caso em que apparecem como compromettidos Caillaux e Monis. Este deu hoje a sua demissão de ministro. A commissão tem poderes judiciarios. E' um comité de salvação publica. Clemenceau escreve no *Homme Libre* que só a Republica faz justiça. Vivas polemicas de imprensa em volta do drama do *Figaro*.

20 DE MARÇO

Enterro de Calmette. Manifestações, desordens. Hoje deposeram na commissão Caillaux e Monis.

Em Portugal, calma. O Camacho preconisa a fusão do seu partido com os evolucionistas afim, escreve elle na *Lucta*, de constituir um partido forte que se opponha á «infrene demagogia». Dia desabrido, sombrio. As telhas voam.

21 DE MARÇO

A commissão parlamentar de investigação continua a sua obra. Que interrogatorios! Que precisão, que clareza! E que respostas! Como tudo é nitido, mesmo

o que é mais embrulhado! Os francezes falam como se escrevessem. Não ha um capitulo da vida d'este povo que não pareça uma pagina litteraria.

23 DE MARÇO

De manhã visita de Emilio Dupuy, redactor do *Excelsior*. Dupuy, que já foi redactor do *Figaro*, fez um máo elogio funebre de Calmette, que passou a vida, segundo elle, a captivar os poderosos e a detestar os humildes. Quanto ao *Figaro* surprehendeu-me dizendo que faz uma tiragem de vinte mil exemplares. De que vive então? De publicidade — digo de negocios... Jornaes de Portugal. Primeiros ataques dos democraticos contra o governo. Está no ministerio um homem intelligente, culto e bem educado — o José Sobral Cid. Depois que a Republica existe tem sido elle um dos raros homens de governo que tem feito uso da palavra, no parlamento por um modo a captivar os espiritos intelligentes. Na sessão de ante-hontem, os democraticos, que já o traziam entre dentes, abriram hostilidades contra elle. O *Mundo* já o maltrata. Não convem. E' muito fino, é muito elegante.

25 DE MARÇO

Audiencia no Ministerio. A' noite jantar em casa do deputado Antony Joly. Entre outros, o general Pedoya senador radical-socialista e inimigo da lei dos trez annos. Joly diz: — Nada de politica! Mas não se fala d'outra coisa. O homem discutido é Caillaux, como o

foi Dreyfus. Joly diz-me: — Siga de perto o que se está passando. Isto interessa no mais alto gráo o seu paiz. Em França premedita-se o assassinio da Republica. — Elle ignora que ha trez annos o affirmo a todos os ministros dos Negocios Estrangeiros de Portugal. Entre o general Pedoya e um grande industrial trava-se um debate sobre o imposto de rendimento. O general não comprehende que o lavrador e o commerciante pequeno paguem pelo que têm e produzem e que o mesmo não façam os capitalistas. Um medico presente declara que se o fisco lhe entrasse em casa para verificar os seus haveres, o receberia a tiro. E exalta-se, diz que se tal succeder, se desnaturalisará. — Não importa! objecta o general. E' um francez a menos: não faltam francezes. — A crise politica está passando para a sociedade; mas á meza falou-se d'outra coisa. O general disse-me que o antigo ministro da guerra Millerand não sabia uma palavra de assumptos militares e que o seu inspirador era o general de Castelnau, bem conhecido pelas suas opiniões reacionarias. Foi este que inspirou a Millerand os seus primeiros decretos.

27 DE MARÇO

Conferencia de lord Esher na Sorbonne. Resumo das conhecidas opiniões de Angel Normand no seu conhecido livro *La Grande Illusion*. O professor Boutroux falou longamente e monotonamente. Na sala dormitava-se. Despertou-a o senador D'Estournelles de Constant com um intermedio comico sobre o pacifismo, dos mais engraçados. A' sahida Lucien Boussaud provo-

cou-me a um bock no d'Harcourt. Ali fômos. Que barraca e que miseria! O Bairro Latino e a sua lenda desapparecem.

1 DE ABRIL

Ultimo dia de recepção em minha casa. Gente da casa. Mademoiselle Aguilar recitou versos francezes com uma tão pura dicção que eu fiquei desolado. Como eu preferiria que ella os recitasse como uma boa ingleza, com uma pronuncia que nos fizesse rir a todos. O caso de François Barthélemy, que foi embaixador de Luiz XVI na Suissa e continuou servindo a França sob a Republica, que mais tarde foi eleito membro do Directorio e finalmente proscripto, caso de um patriota que quiz servir o seu paiz fora dos partidos, inspira a Lenôtre no *Temps* d'hoje estas palavras que me fazem scismar: *Sa mésaventure le gratifia d'un inguérissable scepticisme et l'éclaira sur ceci: c'est que, si l'on n'est pas revêtu du triple airain d'Horace, si l'on n'appartient à aucune coterie, si l'on n'a pas d'ennemis à combattre, de haines à satisfaire, de camarades à proteger, il est bien préférable de ne point se mêler de gouverner les hommes et de ne point briguer les fonctions publiques. On y demeure un intrus et Barthélemy en fit l'expérience.*

3 DE ABRIL

Recebida a visita do presidente da Associação dos Estudantes de Paris. Contou que em um almoço a que assistiu da sociedade *Les Amis de Camões* se encon-

trara com certos portuguezes que o aconselharam a levar a Portugal em passeio, durante a semana da Paschoa, um grupo de estudantes francezes, a fim de retribuir a visita que os estudantes portuguezes fizeram ha trez annos a Paris. Foi-lhe promettido que o governo portuguez subsidiaria esta viagem. Disse-lhe ignorar a primeira palavra d'este assumpto, o que é certo. A' noite, na Opera, o *Parsifal*. O espectaculo começou ás sete e acabou á meia noite. Fômos sem jantar. O primeiro acto durou duas horas. Eu pergunto a mim mesmo em que especie de superstição se funda a reputação de uma obra d'esta natureza e pasmo das fraquezas do espirito do homem. Parece que a musica é uma religião e só assim se entende que tenha fanaticos, tão obcecados como os outros. Depois do espectaculo levei minha mulher, o J. C. e sua mulher, ao Café de Paris. Mereciamos esta reparação.

4 DE ABRIL

O Duarte Leite chega de Portugal muito resentido dos seus ultimos padecimentos mas em via de melhorar. Da gare de Saint Lazare para o hotel falou-me do Bazilio Telles. Está na mesma, diz elle. Muitos projectos de vida activa e collaboração social, mas sempre a mesma incapacidade de movimento e de lucta. Os jornaes de Lisboa assignalam os primeiros amuos entre o Bernardino Machado e os democraticos.

8 DE ABRIL

Audiencia diplomatica. Palestra em um grupo, no Ministerio, com o ministro da Grecia, o da Romenia, e o da Bulgaria. Accordo balkanico. O ministro da Romenia é um estudioso. Conhece de Portugal a sua superficie, a sua população, o montante da sua divida, a força da sua emigração. Pergunta-me se o infante D. Affonso era popular. O ministro da Grecia diz a proposito: — *J'ai eu l'honneur de dîner avec son altesse. Elle n'a pas soufflé un mot.* Eu disse: — *Le prince n'a jamais été prolixe.* Risos. O ministro da Romenia está informado de que o conde de Sousa Rosa tem uma pensão do Estado. Acha isso *très chic de la part de la République.* Exclama: — *Quel bel homme il a dû être!* Eu respondi: — *On s'en est aperçu au Portugal.* Risos. Doumergue, sempre risonho, apezar da grande crise que vem atravessando, concorda com tudo, diz a tudo que sim. O seu empenho é unicamente o de me ser agradavel. Annuncia-me que está prompto o novo tratado de arbitragem, para nós assignarmos. Falo-lhe no desejo do Columbano de ver um quadro seu no Luxemburgo, peço-lhe recommende este caso ao Viviani, ministro da Instrucção. Prompto! Toma logo nota. Que mais quer? Peço-lhe se interesse em que vam a Lisboa alguns officiaes francezes tomar parte no concurso hippico. Prompto. Estamos na Paschoa. A sua cara é de Paschoa. Projecto de viagem á Belgica para depois d'amanhã.

15 DE ABRIL

Recebida a visita do director das Bellas Artes e dos museus da Municipalidade que veio entender-se commigo para a escolha do local em que deve ser erigido o monumento a Camões.

16 DE ABRIL

Os jornaes de Lisboa falam de tumultuosas, escandalosas sessões na Camara. O senador João de Freitas disse ao Alexandre Braga: «V. ex.ª é um miseravel apache.» O Braga não se mostrou sensivel á affronta. O João de Menezes pegou-se ao socco com o presidente da Camara. Foi preciso separá-los. Um horror. O Jorge Cid fala-me da primavera. Em Paris, segundo uma imagem da Maria, as arvores parecem de alface. O tempo lindo, mas grippe.

21 DE ABRIL

Visita a Paris do rei e da rainha de Inglaterra. O tempo que tem estado lindo tornou-se brumoso. O rei e a rainha chegaram ás quatro horas pela gare do Bois de Boulogne e atravessaram Paris embandeirado no meio de uma multidão enorme. A's seis recepção ao corpo diplomatico no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, onde os monarchas se alojaram. Um trabalhão para lá chegar. Todos os caminhos interceptados e a policia pondo mil embaraços á passagem. Nas salas do Ministerio todo o corpo diplomatico, de grande uniforme.

Como sempre, os unicos que não o trazem sou eu e o embaixador dos Estados Unidos. Ao contrario do que fazem todos os chefes d'Estado que recebem o corpo diplomatico em *cercle*, o rei Jorge recebeu-nos a um e um, de pé, sósinho, numa sala á porta da qual o embaixador de Inglaterra nos ia perguntando em segredo se falavamos inglez e lhe ia declinando os nossos titulos. Quando chegou a minha vez, entrei, depois d'elle ter escorrido a minha qualidade ao ouvido do rei. Entrei, cumprimentei. O rei estendeu-me a mão, depois do que ficou um momento a olhar para mim, d'olhos esgazeados, perplexo e como que procurando construir a frase que me ia dizer. Eu olhava para elle esperando ver partir dos seus labios a custosa palavra e entretanto considerava o seu embaraço que se lhe lia no rosto illuminado a fogos de Bengala e nos bogalhos dos olhos grossos e turvos. Finalmente Jorge V disse: — *Nous avons eu un très beau temps pour notre arrivée...* o que era tanto menos exacto quanto o tempo se pozera excepcionalmente sombrio. Mas comprehendi que elle esperava que eu lhe dissesse alguma coisa que o tirasse do embaraço e então disse: — *C'est très heureux que votre majesté ait pu jouir de cette belle journée. D'ailleurs Paris s'est mis en fête...* Novamente elle hesitou parecendo procurar uma nova frase mais feliz do que a primeira. Eu esperei. Foi um momento penoso. Finalmente disse: — *C'est toujours agréable de voyager par un beau temps.* D'esta vez era demais. Fiz o gesto cortez de quem acquiesce por deferencia, elle ainda me deteve um momento com os grandes olhos hesitantes. Por fim estendeu-me a mão. Inclinei-

me e deixei o meu logar a outro ministro que já esperava á porta. Na ante-sala alguns ministros perguntaram-me: — O que lhe disse o rei? Resumi a nossa conversação, o que não me foi difficil. O ministro da Argentina contou-me que com elle ainda fôra mais summario. Assim é este um dos mais poderosos soberanos da terra! A' noite no Eliseu banquete de gala, seguido de recepção e espectaculo na sala das Festas. Conduzi para a meza Madame Renault, mulher do ministro das Finanças. Discursos. O Presidente, como de costume, recitou o seu discurso. Depois d'elle o rei levantou-se e leu com difficuldade um discurso que ninguem entendeu. Assim esta prenda que toda a gente tem — falar francez — não a tem o monarcha mais poderoso da terra, a quem a situação e a fortuna forneceram todos os meios de educação e de cultura. Quando concluiu, sentaram-se todos com um suspiro d'allivio. No *fumoir,* Jorge V não cessou de fumar cigarros e quasi todo o tempo conversou com o embaixador da Russia. De resto creio que só conversou com quem lhe falasse em inglez. No espectaculo um sainete de Theodoro de Banville, uma comedia de Marivaux e essa coisa linda, a Zambelli da Opera, dançando valsas de Chopin. O rei deixa a impressão de um homem timido. Este é o terceiro soberano que a Republica recebe depois que represento em França o meu paiz. Primeiro veio a rainha Guilhermina d'Hollanda, com o principe consorte, mais tarde o rei de Hespanha. Tanto este como a rainha da Hollanda receberam o corpo diplomatico em *cercle.* A rainha encontrou-se em grandes embaraços, mas sahiu-se d'elles por uma forma que todos

acharam graciosa, pois não manifestou perplexidade ou timidez. Assim a todos os ministros das republicas americanas disse: — *Votre pays est bien loin, n'est ce pas?* — *Très loin, Madame!* E ella invariavelmente, a todos: — *Je n'y ai jamais été!* Pobres mulheres e em que assados as mettem! Entretanto falava bem o francez. O rei de Hespanha esse deu-me a impressão de ser o que se chama um homem desembaraçado. Na occasião da sua visita a Paris deu-se em Lisboa uma tentativa revolucionaria aos gritos de — viva a Republica Radical! Affonso XIII, quando se acercou de mim, disse-me logo com um fino sorriso, estendendo-me a mão: — Que noticias tem de Lisboa? E sem esperar pela minha resposta: — Que republica querem esses homens fazer, mais radical ainda do que a que já existe? — Isso perguntamos nós, sire. E accrescentei: *En attendant nous tâchons de conserver celle qui existe.*—A todos, Affonso XIII disse uma palavra intelligente e opportuna. Passou e fez o effeito de uma mocidade forte e promettedora.

22 DE ABRIL

Recita de gala na Opera, em honra dos reis da Inglaterra. O nosso carro conseguiu passar sem difficuldade e attingimos o nosso camarote meia hora antes de começar o espectaculo. A sala começa a guarnecer-se, mas a vasta escadaria, por onde dentro em pouco devem passar os reis, está apinhada de vistosas mulheres em grande toilette e homens de grande uniforme. Deixo minha mulher no camarote e venho para o *fu-*

moir fumar um cigarro. Dentro em pouco começa a chegar o corpo diplomatico, esbaforido, queixando-se todos dos embaraços que encontraram para chegar até ali, recriminando os serviços, mal organisados. O nosso camarote enche-se. Vem o ministro da China e a mulher, magra e amarella como uma mumia, afogada numa veste de seda bordada que a recobre toda dos pulsos á garganta; o conde d'Avricourt, o ministro da Bulgaria. Todos não cessam de queixar-se. O ministro da Bulgaria diz que se encontrou na Avenida da Opera dentro do seu carro, rodeado de uma multidão hostil, que lhe apupava os lacaios e martelava no automovel. A' chegada dos reis, veio tudo a correr occupar os seus logares na sala, emquanto a orquestra executava o *God save the Queen*. Madame Poincaré á frente do camarote abanava-se com o programma. O espectaculo foi organisado para durar pouco e acabar cedo — fragmentos do *Etranger* de Vincent d'Indy, um duo dos *Barbares*, de Saint-Saens, o 1.º acto do bailado de Reinaldo Hahn, *La fête chez Thérèxe*. O rei não applaudiu. No primeiro intervallo, Vincent d'Indy, Saint-Saens e Hahn foram apresentados ao soberano, que se levantou para falar aos dois primeiros e se conservou sentado para falar a Reynaldo Hahn. Sem duvida por que lhe disseram que era compositor de menos cathegoria. Emquanto se cantou estive no *fumoir* onde pouco depois appareciam o barão de Schoen, embaixador da Allemanha, o ministro da Argentina, o da Persia, o embaixador d'Austria. O barão de Schoen é o mais desataviado dos embaixadores. Emquanto me fala não cessa de me dar palmadas nas costas e nas per-

nas. Fala-me do D. Manuel, que encontrou, diz elle, em Munich, numa loja de bilhetes postaes. Eu peço-lhe informações sobre o conde Droste, proprietario da quinta da Bandeira no Porto e por causa de quem o governo allemão formulou uma reclamação em termos muito vivos a Portugal, logo depois de proclamada a Republica. A questão, de resto, está ainda de pé. O conde Droste, diz-me elle, é um clerical de alto cothurno, muito representativo do espirito fanatico dos clericaes allemães. A caricatura, por esse motivo, apossou-se d'elle. Desejaria proseguir esta conversação com o senhor de Schoen, mas como, se o Ministerio dos Negocios Estrangeiros nos mantem na absoluta ignorancia do que se passa entre elle e as differentes chancellarias? Em vão tenho insistido no ministerio por que se dirijam periodicamente ás legações circulares confidenciaes em que se resumam as questões pendentes de maior interesse. O ministerio nunca o fez. De Schoen bebe aos golos o seu *wisky and soda,* fala sempre com bom humor, em bom francez, quasi parisiense. Todos se queixam do calor que lhes faz o uniforme, que até agora não me decidi a usar. O ministro da Argentina acha que os uniformes são feissimos. O senhor de Schoen levanta-se para mostrar a sua sobrecasaca bordada, que é horrivel. O embaixador da Austria diz sentir-se bem no seu enorme *raglan* de lhama bordada. Raro estes homens pronunciam uma palavra que tenha interesse. Dir-se-ia que o seu proposito é mostrarem-se frivolos, nullos. No fim do espectaculo e emquanto se executavam os dois himnos, o publico sem o menor cuidado pela etiqueta foi sahindo. Quando se ouviu o

ultimo accorde da *Marselheza,* metade da sala estava vazia. Uma voz disse *Vive le roi!* mas não encontrou echo. Em baixo, emquanto esperavamos os automoveis, um redactor do *Radical* perguntou-me se eu não achava que o espectaculo tinha decorrido friamente. — *Plutôt*, respondi-lhe. A' sahida, na rua, a multidão contida pela tropa ria de quem passava nos carros. Este povo de Paris dá sempre a impressão de que vai guilhotinar outro rei.

23 DE ABRIL

Recepção no Ministerio dos Negocios Estrangeiros e representação em honra do rei de Inglaterra. Quando entramos nas salas, de roldão com os outros convidados, já a sala do espectaculo está cheia pelos convivas do jantar. O sr. de Fouquières traz uma cadeira para minha mulher e senta-a na primeira fila. Eu fico fóra, sem interesse pelo espectaculo, e encontro depois de longa ausencia a princeza Wiznewsky, de volta de Hespanha, e que me annuncia o proximo apparecimento da sua revista diplomatica, com a collaboração de Dato. Vem contente de Hespanha. Aqui tratam-na um pouco como a uma *demi-mondaine.* Depois da recita, apresentação no bufete ao rei e á rainha, dos artistas da Comedia e da Opera dos Comicos. Mlle Leconte, que representou Molière para Jorge V, está radiante.

24 DE ABRIL

O rei partiu hoje de manhã. O Presidente e Madame Poincaré regressaram á sua villegiatura d'Eze-les-Pins. A primavera radiosa. Um tempo de rosas. Domingo eleições. Em Portugal calma.

27 DE ABRIL

Esta noite a *Dama das Camelias* por Sarah Bernhardt. Pobre velha Sarah! Dir-se-ia que a tiraram do leito de moribunda para a scena do theatro. A Sarah representa em braços. Não é já a agonia de Margarida Gauthier que commove: é a sua. Quando no ultimo acto morre, tem-se a impressão de que morre a valer e que no dia seguinte é o seu enterro. A sala vazia. Horrivel momento este, em que não é ainda a gloria da posteridade e é já o esquecimento.

30 DE ABRIL

Annunciam-me pelo telegrafo que o *Dia* affirma não ter eu sido convidado para assistir ás cerimonias officiaes por motivo da vinda do rei de Inglaterra. Mais tarde telegramma do Bernardino Machado no mesmo sentido, pedindo-me o habilite a desmentir. Assim, o ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal inclina-se a acreditar que eu não fui convidado para as cerimonias a que assistiu todo o corpo diplomatico, de que faço parte! Abertura do *Salon* dos Artistas Francezes. Decadencia, mediocridade. Nem technica. Dir-se-ia

que os artistas francezes já não sabem pintar. Na esculptura impotencia, bonecos, monos. Encontrados o embaixador e a embaixatriz da Turquia, o conde d'Avricourt, o general Florentin e a filha. Um artista portuguez, discipulo do Columbano, procura em vão por todas as salas o seu *envoi,* e por fim lá o vae encontrar no alto de uma parede, extraviado, perdido. E' um retrato d'homem, vestido de preto, molle, indeciso, vago. De resto mal se vê. A noite passada a redigir telegrammas e officios para Lisboa.

3 DE MAIO

Hoje, domingo, visita com J. C. ao Petit Palais. Mais uma vez vi, admirei a obra do maior esculptor que este paiz tem tido e que foi Dalou. E como se explica que sendo este artista o maior de todos os estatuarios francezes, não possua Paris um grande monumento seu, e tenha relegado para longe, para a praça feia e triste que é a Praça das Nações, essa linda obra que é a Victoria da Republica? Por que razão não realisou o seu projecto de monumento ao Semeador, obra d'arte d'um simbolismo tão bello, que ao vê-la, assim como o projecto do monumento á Cortezã, se pergunta o que seria uma cidade onde, em logar dos feios figurões de sobrecasaca e jaquetão, as idéas, a que devemos um culto mais duradouro do que aos homens, fôssem expressas no marmore e no bronze por tão fortes e nobres simbolos. A sua terra cota *La verité méconnue* tem a significação da formula unica e lapidar. Dalou representou a verdade *méconnue* por uma

mulher nua, sentada e que chora com a cabeça escondida entre os joelhos. E' só isto e é de uma eloquencia commovente. E' bem esse o drama da verdade incomprehendida — essa mulher nua que chora de não ser comprehendida. A esta concepção pode applicar-se a palavra genio. Depois d'esta consoladora visita, largo passeio pelo Bois até Saint Cloud e Ville d'Avray. A primavera vestiu este anno as suas galas todas. As arvores cobrem-se de folhas e flores de todos os tons, desde o oiro á purpura. E' um scenario de theatro. Victor Hugo dizia que o mez de maio sem a França não era o mez de maio. E' um esplendor. Eu tenho a impressão de que assisto a um espectaculo luxuoso, uma *féerie,* e tenho a impressão de que o vejo pela primeira vez. Acabamos a tarde sentados á meza de um restaurante pittoresco, todo em caramanchões, á beira do *étang* de Ville d'Avray immortalizado por Corot. Ao nosso lado um par de namorados fala sem duvida do seu amor e olha-se embevecido. Vemos o *étang* através de uma cortina de festões de verdura e a agua, ao longe, espelha na sua limpidez outros namorados que vam passando enlaçados pelo estreito caminho da outra margem. Pela estrada de Versailles, como bolidos, os automoveis passam em direcção a Paris.

6 DE MAIO

O *Dia* diz que eu não fui convidado para o jantar da Embaixada Ingleza, em honra do rei da Inglaterra, ao contrario do que succedeu a Sousa Rosa, por

occasião da visita official de Eduardo VII. Sousa Rosa foi convidado, escreve este pasquim, *por uma attenção para com o representante da monarchia portugueza.* Mandei o Aguilar a casa do Sousa Rosa perguntar-lhe o que havia nisto de verdade. Sousa Rosa respondeu que não fôra convidado para semelhante jantar, se jantar houve, e fez-me dizer que mandasse o *Dia* á m...

25 DE MAIO

No congresso da Figueira da Foz o Affonso Costa affirmou que um unico partido, o seu, tinha razão de ser na Republica e que o resto eram grupelhos sem valor, destinados a extinguir-se. Presumo ser esta a primeira palavra da grande e por ventura ultima crise por que vae passar a Republica. Se as proximas eleições lhe garantirem a victoria, como se prevê, formar-se-ha contra elle uma colligação de interesses, irritados pela sua politica e não sei qual será o fim de Affonso Costa. Eis no entanto aqui um homem que poderia fazer uma carreira politica triunfal se possuisse a mentalidade e a cultura de um estadista moderno. Recebida a visita do capitão de artilharia Simas, que vem em viagem de estudo. Fala de Portugal com confiança e esperança. Raros são assim.

29 DE MAIO

O novo ministro dos Negocios Estrangeiros Freire de Andrade communica-me a sua posse. Pensar que, a quatro annos da Republica, os republicanos não sou-

beram encontrar entre os seus um homem de tradições, que occupasse aquelle logar!

31 DE MAIO

Esta manhã minha mulher disse referindo-se ao J. C. e á mulher que partiram hontem: — Fazem-nos falta aquelles tagarelas! E fazem. Já estavamos habituados a vê-los entrar todas as tardes, elle sempre com um bom dito na bocca, ella sempre com o riso nos olhos. Estavamos habituados á sua companhia ao jantar e depois ao serão até á meia noite. Jogavamos o *jacquet* que eu ensinei á M. B., discutiamos a patria. Algumas vezes liamos ora o Junqueiro, ora o Eça. Uma noite recitámos a *Noite de outubro* que o J. C. declama com uma boa dicção franceza. Não os veremos tão cedo, sabe Deus quando! Foram dois mezes de camaradagem excellente, n'este exilio. Os jornaes de Lisboa noticiam que o Bernardino Machado foi cumprimentar o patriarcha de Lisboa pela sua recente promoção ao cardinalato, e com elle se demorou a conversar uma hora.

4 DE JUNHO

Crise ministerial em França. O excellente Doumergue deixa-nos. Foi chamado o Viviani, seu ministro da Instrução Publica. Viviani é um dos muitos homens publicos d'este paiz com talento litterario. O seu ultimo discurso foi na inauguração do monumento de Villiers d'Isle Adam, de quem fez o elogio. Creio ter

falado mais atraz no discurso que lhe ouvi pronunciar na Université des Annales, por occasião da festa á Sarah Bernhardt. E' hoje com Poincaré e Deschanel um dos *beaux parleurs* d'este paiz.

5 DE JUNHO

Desordens em Coimbra. Um estudante monarchico entrou de revolver em punho num café da Baixa e disparando tiros desafiou os republicanos que estavam. Perseguido, refugiou-se no patamar de uma casa onde foi encontrado ferido com uma bala e banhado em sangue. Parece que estava embriagado e que foi elle mesmo quem se feriu. Em consequencia d'este facto, revolta dos estudantes, tiros, dois policias feridos ou mortos, a cidade em estado de sitio.

6 DE JUNHO

O Bernardino Machado mandou prender os estudantes todos — uns quinhentos, segundo parece, «para assim melhor os proteger» explicou depois na Camara. De resto, pô-los em liberdade immediatamente após. A Republica continua a soffrer da sua crise de autoridade, que em Portugal ninguem sabe comprehender ou aplicar. Os jornaes annunciam que se mallogrou o ministerio Viviani. Os differentes criterios sobre a lei militar dos trez annos torna muito difficil a organização e a vida dos governos neste paiz e não me surprehenderá que venha a produzir uma crise presidencial, pois o Presidente tem a sua opinião compromettida

a este respeito. Diz-se que chamou o Deschanel. Excursão de tarde a *bouquiner*. Encontrei livros bem interessantes, sobretudo *memorias*, bem mais vivas e verdadeiras do que a obra enfadonha dos historiadores. Interessam-me especialmente agora as *memorias* relativas á emigração no tempo da Revolução e do Imperio, porque se vier a escrever, como é meu ardente desejo, alguns ensaios de historia portugueza contemporanea, quero possuir elementos serios que me permittam julgar, em face dos precedentes historicos, as tentativas de restauração monarchica dos realistas portuguezes. O que verifico já é a mediocridade e a pequenez dos nossos em relação aos emigrados da Revolução e do Imperio. Reuni tudo quanto se tem publicado sobre a Revolução de 5 de Outubro e a emigração até hoje. Artigos de jornaes, entrevistas, relatorios, polemicas, anecdotas, cisco. Não appareceu ainda uma testemunha de tantos factos — e tantas houve! — que publicasse um diario de impressões. Em Portugal não ha, nunca houve memorialistas. Sem alguns estrangeiros muitas epochas da nossa historia seriam noite negra. Ainda hoje, o melhor quadro dos costumes portuguezes do seculo desoito é de um inglez.

7 DE JUNHO

A crise ministerial em França começa a tomar o caracter de crise presidencial. Poincaré não consegue reunir um ministerio. O Viviani desistiu, em face da opposição á lei dos trez annos, por parte d'aquelles mesmos que escolhera para fazer governo. Paulo Des-

chanel excusou-se. Delcassé, Dupuy, Peytral, successivamente convidados, excusaram-se. Por detraz d'este insuccesso e por detraz da lei dos trez annos, está a surda animosidade que o Presidente inspira aos radicaes, por cima dos quaes passou para se fazer eleger em Versailles. Estes dizem — *qu'ils auront sa peau.* Estava escripto. A ambição de Poincaré não lhe permittiu ver, quando acceitou os votos da direita do Congresso que o elegeu, que creava assim uma situação de conflicto com o republicanismo tradicional. Este perdoa as defecções, mas não perdoa o triunfo aos que lhe fogem. A victoria de Poincaré fez-se á custa da derrota e da humilhação dos radicaes. Estas coisas pagam-se. Comecei a redigir este jornal muito tempo depois de ter entrado em contacto com Poincaré no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, contacto que me permittiu conhecer este homem melhor do que muitos dos seus concidadãos. A historia das minhas relações officiaes com elle, relações que se traduziram num incidente de que ia resultando um rompimento diplomatico entre Portugal e a França, está feita no volumoso *dossier* que possuo sob a designação Dossier H. C. Se eu morrer antes de o poder fazer, muito desejarei que esse *dossier* seja estudado e publicado sob o titulo que já escolhi de — *Um incidente diplomatico sob a Terceira Republica.*

9 DE JUNHO

Almoço no Automobile Club offerecido por Trefeu, director no Ministerio da Marinha. Dezoito talheres:

um senador, o deputado Garnier e Madame Garnier, a condessa de Rubinovitch e sua filha, a condessa de Lodière e outros. Fala-se muito da crise. Os supplementos annunciam que Ribot conseguiu emfim constituir ministerio, com Bourgeois nos Estrangeiros e Delcassé na Guerra.

Durante o almoço a condessa de Rubinovitch, minha visinha e slava, fala-me da futilidade dos francezes e fala-me de musica. Foi ouvir o *Parsifal*. Declara, com o ar de quem pratica um acto heroico, que morreu de aborrecimento, e fica muito surprehendida por que esta declaração não offenda o meu bom gosto. Gaba minha mulher que está á meza, na nossa frente, e pergunta-me se temos filhos. Recommenda-me então como efficacissimas para os ter as aguas de Salsiomaggiore na Italia e outras com iguaes virtudes na Allemanha. Depois do almoço, vamos visitar as installações do club, o theatro e sobretudo a admiravel piscina, onde corre uma agua filtrada e esterilisada, mais pura que a de Evian, diz-nos um director que nos acompanha. A' sahida chuva a potes, frio. A' noite recita de gala no Trocadero, em honra dos congressistas do Congresso das Camaras do Commercio. Encontro-me no camarote com o Aguilar, que me acompanha, o delegado de Portugal Oliveira Soares, um hollandez e uma linda mulher belga sua filha. No programma, a Cecilia Sorel, velha, o velho leão dramatico Mounet Sully, rugindo Alfredo de Musset e a Trouhanova, a bella bailarina da moda. Recebida esta tarde, na Legação, a visita de Antonio Ferrão, chefe de repartição no Ministerio de Instrucção Publica, que vem visitar estabe-

lecimentos de ensino e faz grande alarde de conhecimentos pedagogicos. Os portuguezes são talvez o povo da terra que mais lê e menos sabe.

10 DE JUNHO

Esta noite, festa no Hotel de Ville em honra dos congressistas do Congresso das Camaras do Commercio. Edificio monumental. Salas theatraes. Scenario de opera. Multidão. Talvez cinco, talvez seis ou sete mil pessoas. Todos os trajos e, no meio das casacas e dos vestidos de soirée, paletots e vestidos pretos de passeio. Algumas damas deixam os chapeus nos *vestiaires*. Sapatos de couro amarello trilham os lagedos sumptuosos e os parquets brilhantes. Em tres grandes salas, regorgitantes, trez festas, trez concertos e espectaculos. Perdemo-nos minha mulher e eu no meio da multidão, e minha mulher fala já em retirar-se quando encontramos o conde d'Andigné, cingido com a sua facha de conselheiro municipal, que me conduz até ao grande salão das festas, onde se está realisando o espectaculo especialmente consagrado aos congressistas. Pobres congressistas! Como nós ha pouco, andam perdidos pelos vastos salões. Na primeira fila ha cadeiras reservadas para minha mulher e para mim. A generala Michel, mulher do governador de Paris, occupa justamente a minha e quer ceder-ma. Sento-me ao seu lado e toda a noite procuro com a vista na vasta assistencia o pobre Oliveira Soares, o delegado portuguez, que, segundo me disse no dia seguinte, se retirou cedo, farto de levar encontrões e sem conseguir attingir-me, porque

não o deixaram passar. Se todos os serviços d'este paiz estão organisados como o das suas festas, razão devem ter os que dizem que tudo em França é desorganisação. Junto de nós, na mesma fila, estavam o sr. de Schoen, embaixador da Allemanha, o embaixador da Italia e o da Austria e mais dois ou trez ministros. O corpo diplomatico não mostra empenho em apparecer nestas festas. E como o mostraria, se o tratam assim!

11 DE JUNHO

O Moraes Carvalho, consul em Paris, procurou-me hoje para tratar assumptos do consulado. Esteve encarregado de negocios em Madrid em 1913. A proposito contou-me que numa audiencia diplomatica no palacio do Oriente, convocada pelo nuncio, afim de serem dados pesames ao rei pela morte não me recordo de que principe, Affonso XIII o tratara muito mal. Ao chegar a vez de lhe dirigir a palavra, e depois de lhe fazer as perguntas da praxe, se estava ha muito na carreira, se era aquelle o seu primeiro posto, etc., disparou-lhe isto: — Não estou nada contente com o modo por que se resolveu a questão da ilha Christina. Estou á espera dos relatorios, mas pode desde já dizer isto ao seu governo. — O Moraes Carvalho ficou interdicto e parece que lhe disse: — Esse assumpto está a ser tratado pela Legação de Hespanha. — A questão da ilha Christina era um conflicto de pescadores, que Moraes Carvalho, segundo me disse, completamente desconhecia. O que dá idéa da inopportunidade do acto do rei de Hespanha é o facto de a audiencia ao corpo diplo-

matico ter sido convocada para um acto de cortezia, qual é o dar pezames. Ribot constituiu ministerio, mas as previsões são pessimistas. A esquerda da Camara — radicaes unificados, socialistas unificados e socialistas independentes — colligaram-se para votar em massa contra o governo e os seus votos reunidos representam pelo menos metade da Camara. Se o ministerio passar na primeira sessão não irá longe. Depois, não sei o que será. Clemenceau escreve no *Homme Libre* que esta crise é a mais grave que a França tem atravessado depois da Revolução. Parece-me exaggero.

13 DE JUNHO

O ministerio não conseguiu maioria na Camara e cahiu. Que noite estará passando o sr. Poincaré e que influencia terá ella nos destinos d'este paiz? Encontro-me redigindo estas notas ás trez da madrugada e estranho o desusado movimento de vertiginosos automoveis nesta avenida Kleber, habitualmente tão calma a esta hora. Existirá alguma relação entre estas correrias anormaes e a nova crise? O que prepara o Eliseu? A demissão? O golpe d'estado? Os parisienses dizem rindo que o sr. Poincaré não tem o estofo de um dictador e que, alem d'isso, lhe falta um cavallo. Quem sabe no entanto a que secretas inspirações está elle obedecendo neste momento?

14 DE JUNHO

O Presidente da Republica chamou outra vez o Viviani, que immediatamente constituiu ministerio. Esta solução é a derrota das direitas que elegeram Poincaré e dos moderados, Briand, Barthou, Millerand, que tão ardentemente o têm appoiado. Por que preço ficará ella a Poincaré? Já se fala em represalias. O ministerio Viviani é um compasso de espera no destino d'este homem publico. Esta noite banquete de mil e duzentos talheres na Bolsa do Commercio, em honra dos congressistas das Camaras do Commercio. Conversei durante o jantar com um armador inglez que, sem me conhecer, me falou em termos muito curiosos do seu paiz. A Inglaterra atravessa uma crise tão grave como a da França, mas em Inglaterra ha mais bom senso e procuram-se sempre terrenos de conciliação. Perguntei-lhe se era ali possivel uma crise dinastica. — Muito possivel. O actual soberano é estimado, mas seu filho passa por ser mediocre. Alem d'isso fraco. — Este pormenor de constituição fisica tem muita importancia para os inglezes. Lloyd George é detestado pelos ricos, mas é um amigo do povo. Na Inglaterra só se faz o que é justo; um policia com uma vara na mão basta para organisar a circulação. — Disciplina, digo eu. — Não! justiça. Se o que o policia fizer não fôr justo ninguem lhe obedece. — Fala da lei dos trez annos e diz que em Inglaterra seria impossivel tornar obrigatorio o serviço militar. O ministro da Dinamarca, que se senta á minha direita, diz-me ao ouvido que o serviço obrigatorio em Inglaterra é impossivel porque os inglezes são

muito aristocratas e desprezam o *métier* do soldado. O meu vizinho inglez chama a este soldado — *le soldat forcé,* no sentido de *não voluntario.*

15 DE JUNHO

J. M. veio ver-me esta tarde e pedir-me indicações de nomes de personalidades europeias que podessem depôr no inquerito cujo thema lhe dei, sobre o *futuro das dinastias europeias.* Indiquei-lhe alguns na Italia e na Hespanha. Depois, como sempre succede quando me visita, interroguei-o largamente sobre a politica franceza. J. M. é um d'estes jornalistas que se mette em todos os meios e sabe tudo. Era, como toda a gente em França, grande admirador e muito partidario de Poincaré. Reconhece que a popularidade d'este baixou consideravelmente. Poincaré não corresponde ás esperanças que inspirou. Esperava-se ver apparecer na politica franceza um grande homem. Poincaré é um advogado. Fala de mais. A França está farta das suas arengas. Além d'isso — é sempre J. M. quem fala — pouco amavel, *cassant,* duro de maneiras. E' sua opinião que não fará o tempo do seu mandato e que Deschanel, se fôr eleito, em seu logar, desempenhará muito melhor as funcções da presidencia. Eu tenho o cuidado de nunca emittir uma opinião a este respeito; mas não cesso de perguntar e perguntar não é crime. O novo ministerio Viviani não vem resolver a crise. Quando muito vem dividir os radicaes sobre a questão da lei dos trez annos, tornando maior a confusão e a anarchia

no parlamento. A crise final está adiada, por quanto tempo não sei, mas espero dentro em pouco voltar-se a ella. Esta tarde tremenda trovoada sobre Paris. Em Portugal calma; mas o Brito Camacho, na *Lucta*, diz que a Republica está perdida se voltar a cahir nas mãos do Affonso Costa.

16 DE JUNHO

Esta noite recita no Automobile Club, em honra do Congresso Olimpico. Melhor que na sociedade official. Mais ordem, melhores maneiras. A' entrada o barão de Coubertin recebe os seus convidados, que são os bastantes, mas não são de mais, havendo logares para todos. A sala tem um lindo aspecto. Sentamo-nos nas primeiras cadeiras, junto da generala Michel, que tantas vezes nos faz agradavel companhia nestas festas. Mais tarde chegam alguns embaixadores e ministros, com as suas esposas. No programma, canções do seculo XVI, por coros de amadores, um sainete de François de Villon, Molière e finalmente uma comedia de Flers e Caillavet, representada á maravilha pela Lecomte, do Theatro Francez. Hontem em resultado da trovoada e das enxurradas, o solo abateu em differentes pontos da cidade, engulindo e sepultando animaes e gente. Um automovel foi tragado por um d'esses inesperados abismos, mas já não se fala nisto. Aqui o dia seguinte faz esquecer a vespera. O *Temps* annuncia em telegramma de Lisboa que o Affonso Costa enviou testemunhas ao Antonio José d'Almeida.

18 DE JUNHO

Hontem jantar em nossa casa. Convivas a princeza Jeanne, os Clunet, os Brunet, Jean Finot, a condessa de Carvalhido, a marqueza de Franco, os Joly e estes senhores da Legação com suas esposas e filhas. Tudo se passou excellentemente. Falou-se muito de politica, da crise, etc. A princeza Jeanne bateu-se bravamente com os conservadores, que não eram muitos. Apenas o Clunet. Este contou a minha mulher que estando em Madrid por occasião de um congresso de direito internacional, creio eu, que ali se realisou em principios do anno de 1911, e desejando convidar para um jantar ao corpo diplomatico o Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal (a Republica ainda não estava reconhecida) encontrou grande opposição por parte do ministerio dos Negocios Estrangeiros de Hespanha para que o seu convite tivesse effeito, allegando o ministerio que a Republica não estava ainda reconhecida. O Clunet insistiu e convidou o Vasconcellos como seu amigo e grande medico portuguez. O Finot viu a um por um os nossos moveis portuguezes e convidou-nos para passar uma temporada na sua casa de campo.

20 DE JUNHO

Os jornaes de Paris referem-se largamente a novas desordens na Camara portugueza, entre affonsistas e almeidistas. O ministerio está em crise. Outra crise!

22 DE JUNHO

Chegam os jornaes de Lisboa, que se referem ás ultimas desordens e á crise. Esta foi provocada pela questão da concessão das aguas do Rodam, feita em favor de Antonio Maria da Silva, deputado. A constituição oppõe-se a que estas concessões sejam feitas a portadores do mandato parlamentar. Submettido o assumpto á Procuradoria da Republica, esta declarou illegal a concessão. Os ministros *democraticos* deram as suas demissões, pois Antonio Maria da Silva, que tinha tido o bom senso de se manter fóra dos partidos perdeu-o ha pouco filiando-se nos democraticos. Sem isto a questão das aguas do Rodam não teria talvez existido. Quando o Bernardino Machado está no poder nunca ha em rigor uma crise, e é o que succede. Bernardino Machado tapou rapidamente os buracos deixados pelos seus trez collaboradores e prosegue. Na Camara, o Antonio Maria da Silva chamou canalha a um deputado. Este, por sua vez, chamou-lhe tolerado. Trocaram-se explicações com a presidencia, concluindo esta por acceitar as de Antonio Maria da Silva, o qual declarou que ao qualificar de canalha o deputado Gil não tivera a intenção de offender a Camara. Evidentemente! As galerias intervieram na contenda e deram morras ao Affonso Costa. Nos Passos Perdidos houve bofetões. Toda a gente andava armada. No Senado, um senador, interrompido por outro, disse: — Eu não tenho pelo senhor, pessoal e politicamente, senão despreso! E repetiu: Despreso, ouviu? — Como lhe era recommendado, o outro ouviu e calou. Estes horrores passaram-se

na sessão de 17 do corrente. Talvez intimidado por estes successos, o *Mundo* baixou o tom da sua linguagem. Na *Republica*, o Antonio José d'Almeida expõe em um longo arrazoado as razões que o levam a não se bater, e diz estar, nestes principios, em boa companhia — na do rei de Hespanha, que acceitou ser presidente de uma liga contra os duelos, e na do rei de Italia, que é protector de outra. Ao rei de Italia chama «generalissimo de um exercito por cujo estandarte corre ainda o vento heroico que a espada de Garibaldi desencadeou nos ceus de Italia.» Esta tarde *garden party* no Eliseu. Pouca gente e muita frieza.

23 DE JUNHO

Esta noite, soirée na embaixada da America e como é differente o meio americano d'este postiço meio francez! O embaixador e a embaixatriz não sabem uma palavra de francez, importante lacuna da sua educação, que preenchem com francos sorrisos e um geito de nos guardar a mão na sua que é encantador. Franqueiam toda a intimidade da sua casa, a sua sala de estar, com o seu mobiliario familiar e o seu escriptorio, com os seus retratos de familia. Nos salões officiaes abafa-se. Aqui respira-se o ar do jardim, porque as janellas, apezar da noite fresca, estão abertas de par em par, do que muitos se aproveitam para ir fumar ao ar livre. No meio official é costume passar. Aqui fica-se. A' meia noite começou-se a dançar. As soirées officiaes são uma massada. Esta foi agradavel. Havia lindas mulheres e diademas sumptuosos.

24 DE JUNHO

Resolvida a crise em Portugal com a entrada de novos ministros para o gabinete. No ministerio primeira audiencia do sr. Viviani. O sr. Viviani tem uma face energica, talvez mesmo dura, mas suavisada por uma bella expressão de franqueza. Submetti-lhe os assumptos que trago pendentes do ministerio. Quando me retirei, disse-me: — *J'espère que vous serez content de moi.* São todos assim: sereias!

28 DE JUNHO

Hoje, Grand Prix em Longchamps e á noite jantar em casa da marqueza de Peralta, em Auteuil. A' tarde, antes de irmos para casa dos Peraltas, chegou-nos a noticia do assassinio do archiduque herdeiro d'Austria e da archiduqueza. Em casa da marqueza conheci a viuva de Waldeck Rousseau e um filho do primeiro casamento d'essa senhora, a qual casou em segundas nupcias com o grande homem d'estado. O filho de Madame Waldeck Rousseau usa o apellido de seu pae e é o que os francezes chamam *un beau garçon.* Intelligente, culto, amavel, um pouco perfumado. Acompanhou o principe de Monaco nalgumas das suas viagens, esteve na Madeira, nos Açores, em Lisboa, no Porto. Foi recebido por D. Carlos, e não pode occultar-me, diz, que conserva das suas relações com o rei de Portugal uma viva recordação, o que fez que sentisse profundamente a sua morte; de resto, é realista e catholico militante, opiniões que neste paiz, ao contrario do

que succede no nosso, revestem as formas mais attrahentes e elegantes. Aproveito o ensejo para lhe manifestar que a minha educação e o meu destino me impedem de ter o prazer de partilhar das suas crenças, o que não nos impede de termos muitos gostos communs, como por exemplo o das lettras, em cujo terreno nos encontramos perfeitamente á vontade. Percorremos a bibliotheca ajanotada do marquez, o qual tem os seus livros tão bem conservados que nem sei se os lê. A' beira de uma formosa edição de Chateaubriand, pergunto-lhe por que razão o grande escriptor nunca obteve as simpathias incondicionaes dos realistas francezes, apesar da sua fidelidade á causa da realeza. Responde-me com promptidão e precisão que Chateaubriand era, no fundo, republicano, no que não me deu novidade. Na realidade, o que os monarchicos francezes nunca perdoaram a Chateaubriand foi o seu liberalismo, de que elle fez tão imprudente alarde na sua *Monarchie devant la Charte*. E' entretanto curioso observar como um homem nascido e criado á sombra de Waldeck Rousseau poude tornar-se monarchico e catholico militante. Não é de resto catholica militante a propria senhora Waldeck Rousseau? Assim mo dizem. Madame Waldeck Rousseau attingiu aquella idade da velhice das mulheres em que ellas são augustas. E' alta, o seu porte é cheio de dignidade e conserva os vestigios de uma grande belleza. A sua conversação é desaffectada e attenciosa. Dir-se-ia ser pessoa de grande bondade. Conduzo para a meza a princeza de Rospigliosi, alta, magra, pallida, os olhos debruados de negro, um pouco fantasista, inclinada á franqueza, fa-

lando muito. Assim, em pouco tempo e só com o ouvi-la, emquanto se serve o jantar, fico sabendo que é belga e tem uma casa em Bruxellas, assim como tem outra na Italia, d'onde seu marido é natural, que seu marido tem trinta annos, é bonito rapaz... — *Eu habito Paris!* accrescenta com risonha e resignada amargura. De Bruxellas não gosta; é um meio muito pequeno, *trop de potins,* e pela mesma razão não gosta de Roma. Quem não a conhece, julga-a sempre erradamente, não eu, por certo, que nunca ouvi falar na sua interessante pessoa. Assim... muito surprehendido fica de a conhecer quem só de ouvido a conhece. Ouço-a um pouco estonteado com tanto palrar e pensando já noutra coisa, que é o que em geral me succede quando ouço falar mulheres, mas conseguiu interessar-me divagando sobre o entendimento, a moral e os costumes da mocidade d'hoje. O seu traço caracteristico é a ausencia de toda a sentimentalidade, o seu scepticismo e o seu desdem pelas mulheres. — A que attribui-lo? pergunto eu para a ouvir. Ella responde: — Ao sport! — Na realidade, digo-lhe eu, a ausencia de sentimentalidade, o scepticismo, o desdem pelas mulheres não são senão formas de reacção de uma geração contra os sentimentos de outra. Os homens d'hoje desejam ser o contrario do que foram os de hontem. Paes prodigos produzem filhos avaros, como os dois Dumas, e não é raro que filhas de cortezãs sejam modelos de honestidade. As mulheres occuparam demasiado espaço na nossa existencia, para que nossos filhos não procurem subtrair-se á sua influencia. As gerações que se vam succedendo recusam-se sempre a receber a herança das

que as antecedem, embora tenham mais tarde de a acceitar. A' meia noite, minha mulher traz-me a princeza Rospigliosi, para a conduzirmos na nossa carruagem a sua casa, na Avenue Henri Martin, onde a deponho com infinitos cuidados, como um cestinho d'ovos.

29 DE JUNHO

Hoje, dia de intenso calor, desci ao que aqui chamamos *a baixa,* para comprar um chapeu de palha. Nestes dias ardentes, a baixa, ou mais propriamente aquillo a que o mundo chama commovidamente *os grandes boulevards,* cheira a officina, a laboratorio, a barril de lixo, e a pia. Entrar no boulevard da Magdalena é entrar num cano de esgoto. De toda a parte, até da multidão que passa, se exhalam emanações fetidas. Negociado por vinte francos um horrendo chapeu de palha, procuro fugir d'este centro de civilização, mas elle é vasto, complicado, emmaranhado. Só me encontro fóra da sua acção e dos seus fedores quando a machina infernal que me transporta e a que neste paiz dão o nome de *taxi,* ou *taximètre,* me depõe a escorrer em suor nas alturas do Trocadero. A' noite, a despeito dos meus estimulos, minha mulher não quiz sahir. Sahi eu só. Encontrar-se um homem em Paris, de noite, só, á beira de um passeio e tendo já passado em revista tudo quanto o Paris nocturno offerece á sua curiosidade é encontrar-se na maior perplexidade. Num lento fiacre desci a avenida dos Campos Eliseos e junto dos renques de luz do *Jardin de Paris* apeei-me, atravessei por entre innumeraveis filas de cadeiras vazias, pene-

trei no *Jardin de Paris*, sentei-me deante de um bock triste, depois do que vi desfilar na minha frente e por sobre uma plantação de chapeus de palha em tudo eguaes ao meu, uma troupe russa que batia com os pés e soltava uivos lancinantes, e algumas velhas fitas de animatografo. Num intervallo estendi-me numa cadeira de palha ao ar livre, considerei com melancolia o melancolico recinto em que me encontrava, os seus magros festões de luz electrica, a sua orchestra repetindo os seus sabidos tangos, e alguns grotescos exemplares femininos da actualidade. Estava pouca gente, talvez um americano de face cesariana, e alguns latinos da America, negros como azeitonas, desconfiados, bisonhos, como que expatriados. Passou o Mello Breyner, veio para mim com os seus olhos risonhos. Oh grata imagem da patria! Andava acompanhando a sogra e — accrescentou — a creada da sogra. Não se havia de deixar a creada no hotel, não é verdade? Clarissimo! Aperto de mão, recados ao Jorge... Não se demorou porque o logar não era de apetite, mas eu fiquei a gosar-lhe um bocado mais o tedio, esse infinito tedio das grandes cidades que como nenhum outro pesa, afflige, esmaga. Em casa, encontrei entre a minha correspondencia um jornal de caricaturas de Lisboa que se diz realista, que mão anonima me enviou e no qual sou representado sob os traços de S. João, acompanhado de uma legenda ignobil.

5 DE JUNHO

Hoje domingo, chá no Hotel de Crillon, offerecido pela condessa de Carvalhido ás pessoas das suas relações, que por certo são muitas, porque estava tudo cheio. Chá servido em pequenas mezas. A velha condessa deu-me por visinha uma das muitas marquezas que esta sociedade nos faz conhecer e cujo titulo nunca ouvimos bem, nem sabemos reter. Esta senhora por sua vez, ao ser-lhe eu apresentado por Madame de Carvalhido, não ouviu bem o meu nome e titulos, que por meu lado não me apressei a declinar. D'ahi, confusão, equivoco. Sabendo-me apenas portuguez essa senhora entregou-se aos desvarios habituaes dos francezes, sempre que ouvem falar de Portugal — *Le portugais c'est l'espagnol, n'est-ce pas?* e outras tonterias. Esclareci-a com reserva e frieza, ensinei-lhe que tinhamos uma lingua, uma litteratura, accrescentei que não lhe fazia a injuria de acreditar que ella ignorasse que constituiamos uma velha e nobre civilização. A condessa de Carvalhido que andava de mesa em mesa attendendo aos seus convidados, veio ver se tinhamos tudo o que era preciso. Então a minha visinha, talvez um pouco intrigada pelo tom da lição que eu lhe dera falou-lhe ao ouvido, perguntou-lhe sem duvida quem eu era e, ao sabê-lo, ficou tão confundida e agitada como se lhe tivesse succedido um grave precalço. Mais tarde, falando com minha mulher, disse-lhe :—*J'espère que votre mari ne va pas m'en vouloir! Je suis si ignorante!* Tranquillisei-a e felicitei-me por lhe ter despertado a curiosidade de conhecer o meu paiz. Durante ›

resto da tarde, conversei com Madame Bensaude, que está em Paris desde 1871 e, dizem, foi uma das mulheres mais bonitas da colonia estrangeira.

7 DE JULHO

Esta tarde recebida a visita de Emilio Daeschner, ministro de França em Lisboa. E' esta a terceira vez que me procura e só hoje me encontra. Ao contrario do que estes senhores costumam fazer, quando me visitam, Daeschner demorou-se talvez uma hora, não mostrando pressa em retirar-se. Serão novos habitos adquiridos em Portugal? Demorou-se tanto que quando se retirou perguntei a mim mesmo se a sua visita não teria outro fim alem do que elle lhe attribuiu. Perguntei-lhe naturalmente se se dava bem em Lisboa. Declarou-se, tanto elle como Madame Daeschner, encantados de ali viverem. O que pensava da Republica? Verificou que ella estava fazendo um esforço consideravel para levantar o paiz. Perguntei-lhe se a sociedade monarchica e conservadora estava ainda muito amuada com o novo regimen, o que foi o meio de lhe perguntar se o corpo diplomatico, como succedeu no principio da Republica, ainda vivia muito embrulhado com ella. Respondeu-me á lettra que não a conhecia, como não a conheciam os seus collegas, vindos depois do advento do novo regimen. A proposito falou-se do marquez de Villalobar, cuja acção de agente provocador em Lisboa mostrou conhecer, sem contudo se pronunciar a seu respeito. O marquez de Villalobar, disse, traz sempre em vista uma missão que nunca desempenha. Com

effeito, accrescentei eu, a de Lisboa falhou. A proposito tambem elogiou o actual ministro de Hespanha em Lisboa, marquez de Villasinda, cuja acção é muito correcta. Do ministro da Allemanha, o sr. de Rozen, diz que elle se mexe muito. — *Il se démène beaucoup.* Falámos do ministro de Inglaterra e de Madame Carnegie, d'onde derivámos para o antigo ministro Hardingue, actualmente embaixador de Inglaterra em Madrid e por quem não mostrou aquella admiração que tenho observado nos diplomatas inglezes que me falam a seu respeito. Perguntei-lhe se tinha visitado o paiz. Fôra até Coimbra e fôra ao Bussaco, d'onde viera maravilhado. Falei-lhe do velho Portugal do seculo desoito, da côrte de D. Maria I, das cartas de Beckford, das memorias da duqueza de Abrantes e da correspondencia do seu compatriota Jacome Ratton. Ouviu-me com muito interesse e muita surpresa. Não conhecia nada d'isto. Tomou nota do nome de Beckford e perguntou-me onde havia em Lisboa alfarrabistas. — Em toda a parte, meu caro ministro! — Como não o via fazer menção de retirar-se, para não deixar cahir a conversação, por cortezia, falei, falei, até que não me restando nenhum novo pretexto para proseguir me calei, e elle retirou-se. A' noite, soirée na Legação do Brazil. Longa conversa com maître Clunet sobre pontos confusos de direito internacional. Apresentações de brasileiros. O conde d'Avricourt, que conduzimos a casa no nosso automovel, lembrou que está proximo o 14 de julho e o fim de todas as recepções até á proxima *saison*.

13 DE JULHO

Esta tarde, *garden party* no Eliseu. Um bando de pequerruchas, leves como estorninhos, vestidas de leves tunicas de seda branca, as pernitas nuas, os pés descalços, dançou sobre a relva essas danças inventadas pela Loïe Fuller e Isadora Duncan, e que alguns chamam gregas, danças feitas de attitudes e compostas com tal arte e gosto que são um encanto. O dia estava excepcionalmente bello. O calor era intenso. Tres a quatro mil pessoas enchiam o parque do Eliseu. Depois das danças deixámo-nos ficar em um grupo, á sombra, até ás sete horas. O Presidente, como sempre, falou pouco ou nada com os seus convidados.

14 DE JULHO

Grande madrugada nesta casa para assistir á revista de Longchamps, que começa ás oito da manhã. Ás seis, já estavamos a pé. A revista não offereceu novidade. Tudo se passou como no anno passado e no anterior: chegada do Presidente ás oito, largada de pombos correios, manobras de aeroplanos, distribuição de cruzes da Legião d'Honra, finalmente o desfilar de vinte e cinco mil homens e a carga final de cavallaria que é muito bella nas descripções dos jornaes, mas a que falta todo o *entrain*. Os jornaes referem o discurso pronunciado hontem no Senado pelo senador Humbert e que fez grande sensação. O senador Humbert revelou que o exercito francez está falto de tudo o que lhe é preciso para uma boa preparação para a guerra, que

as suas munições são insufficientes, ou não prestam, que as suas praças fortes estão sem communicações, que os seus soldados não têm calçado, etc. Clemenceau disse: «Desde 1871 que não assisto a uma sessão tão angustiosa como esta.» Este discurso não pode ter sido menos opportuno, pois justamente parte depois d'amanhã para a Russia em viagem official o Presidente da Republica.

15 DE JULHO

Em Portugal novos acontecimentos anormaes de que a imprensa de Paris esta manhã se occupa. Os amigos do Antonio José d'Almeida, reunidos aos anarchistas, promoveram em Lisboa um comicio durante o qual se comparou o Affonso Costa ao Diogo Alves e ao José do Telhado. A' noite desordens no Rocio. O Café da Brazileira foi assaltado por um grupo de individuos armados, aos gritos de — Abaixo a formiga branca! Dispararam-se muitos tiros de revolver. Parte do café ficou em estilhas. O Antonio José d'Almeida, que fôra ao Porto, teve ali acolhimento hostil, sendo protegido por um esquadrão de cavallaria e voltando a Lisboa entre apupos.

18 DE JULHO

Hoje dia todo passado em Andilly, na casa de campo de Jean Finot que nos convidara para almoçar e nos reteve até á noite. A casa de Finot fica situada no valle de Montmorency, que fornece a Paris esses

bellos fructos que admiramos e pagamos tão caro na meza dos grandes restaurantes. Partida pela gare do Norte. Na pequena gare de Ermont-Eaux Bonnes, esperava-nos a carruagem de Finot, que nos conduziu, ao trote de um solido cavallo, através do valle, em plena producção, com as suas arvores carregadas de pecegos, alperces, cerejas, amendoas... O *château* de Finot está situado numa encosta, no meio de uma muralha d'arvores, que se abre sobre a fachada da vivenda, para deixar ver ao fundo de uma clareira de relva e arbustos de luxo um rasgão de Paris. Pela encosta abaixo estende-se a propriedade, com a sua horta, plantada de viçosos legumes, a sua pequena estufa e a sua *basse-cour*. Finot e sua mulher levam-nos a fazer *le tour du propriétaire* e pelo caminho vae dando vasão á sua inexgotavel loquella, contando-nos a historia da vivenda, e entretanto abrindo já caminho ás mil informações e anecdotas com que ha-de entreter-me o dia inteiro. Ao meio dia vêm dois novos convivas, Maurice de Waleffe, director do *Paris Midi*, e sua mulher, uma d'essas mulheres outonaes, que nos fazem lembrar os fructos já muito maduros, já quasi tocados, mas mais do que nunca saborosos, Finot tinha-nos prevenido — *Elle est un peu exhuberante!* A palavra que entendo lhe convém é — plenitude. Tanto ella como seu marido têm, ao contrario dos francezes, viajado muito. Conheceu Portugal, os Açores, a Madeira. O marido diz que escolheria os Açores para morrer. Durante o almoço, depois do almoço e durante o jantar até que nos despedimos, foi uma conversa pegada sobre mil assumptos, passando-se de uns para

outros, sem que qualquer d'elles deixasse de ter interesse. Finot, que conhece meio mundo, falou de toda a gente — de soberanos, de diplomatas, de homens de estado de todos os paizes, de tribunos, de escriptores, de artistas, de mundanas, e, está claro... de Madame Poincaré. O sr. Waleffe, que apezar de se dizer republicano se parece muito com um reaccionario, como grande numero de republicanos neste paiz, diz-se completamente desilludido do sr. Poincaré, e tem esta frase: — Não foi para isto que o elegemos. O sr. Waleffe fala em nome dos cento e tantos conservadores, moderados e monarchicos, que fizeram triunfar a candidatura do Presidente. — Mas emfim, digo eu, o que esperavam os senhores? — Outra coisa... um homem... alguem. E concluiu: — Não é ninguem. O sr. Waleffe e sua mulher trazem-nos á noite no seu automovel para Paris.

21 DE JULHO

Esta noite soirée na Legação da Persia, para celebrar a coroação do novo shah Samad-Khan. O ministro é solteiro, ou pelo menos não tem mulher em Paris e os seus convidados abusam d'esta circumstancia deitando-se ao comprido nas ottomanas do seu *fumoir* e fumando desesperadamente. Encontrada a bella Madame Dussaud a quem pergunto o que faz este verão. Diz-me o seu programma, no qual entram Veneza, a Suissa. Mentira, Madame Dussaud passará muito provavelmente o seu verão em um suburbio de Paris. Em Portugal novas desordens entre almeidistas e affonsis-

tas, cacetadas, tiros. O Antonio José d'Almeida ameaça a Republica com uma revolução.

22 DE JULHO

A princeza Wisznienska pede-me pelo telefone que a visite para falarmos da sua revista diplomatica.

23 DE JULHO

Visita á princeza Wisznienska, boulevard Berthier. Estranha casa! *Petit hotel,* entre as arvores das fortificações. Um creado fazendo as vezes de porteiro. Subo ao primeiro andar e não encontro ninguem. Desço e peço ao creado da porta que me faça annunciar. Torno a subir e espero no salão deserto. Longa demora. Consulto o relogio, já agastado, mas a princeza apparece, pequena, rozada, loira, abrindo os seus grandes olhos azues, e convida-me a subir. Encontro-me com ella num aposento espaçoso com uma janella sobre a rua e dir-se-ia que mobilado por um unico movel, uma espécie de sofá, com todo o aspecto de um vasto leito, fechado por todos os lados excepto por um, e cheio de almofadas. E' evidentemente um movel de repouso, mas que singular movel! Em volta, secretarias minusculas, algumas cadeiras. A princeza submette-me o plano de um numero da sua revista sobre Portugal e pede-me conselhos. Não comprehendo bem o objectivo d'esta publicação, que ella diz custar-lhe muito dinheiro, nem lho pergunto, pois receio desagradaveis surprezas, mas prometto-lhe o meu concurso. Per-

gunta-me onde passo o verão. Não sei ainda. Talvez mesmo nem saia de Paris. — E sua mulher? — Minha mulher vae a Portugal em agosto. Convida-me para almoçar um dia d'estes e fala-me em planos de passeios em automovel, com amigos. Eu estou por tudo. Começou o processo de Madame Caillaux. Os jornaes vêm cheios com os debates d'esta causa e não se fala em Paris noutro assumpto.

24 DE JULHO

O processo de Madame Caillaux chama todas as attenções do momento. E' um verdadeiro processo politico e é um drama, de personagens reaes. Por este motivo ninguem fala na viagem do Presidente á Russia, onde elle está neste momento e onde a sua visita está coincidindo, para maior contrariedade, com uma gréve assustadora.

25 DE JULHO

Estalou um trovão. A Austria enviou um ultimatum á Servia, como consequencia do inquerito ao assassinio do archiduque herdeiro. Durante o dia ainda se esperou que uma intervenção das nações permittisse atalhar o conflicto, mas as noticias d'esta noite dizem que já se romperam as relações diplomaticas entre os dois paizes. Apezar das consideraveis concessões feitas pela Servia, o ministro d'Austria em Belgrado pediu os seus passaportes. A côrte e a maior parte da população de Belgrado abandonaram esta cidade, reco-

lhendo-se a Nich, no interior do paiz. Se a Russia intervier neste conflicto, como é de prever que fará, chegou talvez o momento da tão temida conflagração geral. Na Bolsa, panico.

26 DE JULHO

O dia de hoje foi de grande anciedade. Chegaram noticias alarmantes. A Russia entende appoiar os servios e ordenou já a mobilisação. A Austria está enviando as suas tropas para a fronteira. Houve manifestações patrioticas em Vienna e em Berlim, ao som do himno allemão. Em Paris ha inquietação, mas tem havido prudencia. O governo tem estado reunido em conselho e está tomando providencias. Os generaes e os perfeitos foram mandados recolher immediatamente aos seus postos e affirmam-nos que estão partindo tropas para a fronteira de leste. Alguns jornaes contam que ao communicar ao ministro dos Estrangeiros interino, Bienvenu Martin, que a Allemanha appoiará neste conflicto a sua alliada e respondendo ás indicações conciliatorias d'aquelle, o embaixador, barão de Schoen, lhe dissera: — *Il faut en finir avec cette tension économique!* o que é evidentemente absurdo. Diz-se que o presidente do Conselho deixará o Presidente da Republica, que está agora na Dinamarca, a braços com alguns jantares de gala, e virá por ahi abaixo. A' tarde desci aos boulevards. Alguns magotes de povo em frente do *Matin*, mas a fisionomia das ruas é normal. A' noite, telefonam-me da Bolsa que o imperador da Allemanha, que estava no mar, chega esta noite a Kiel e iria

intervir junto do imperador d'Austria para evitar a guerra. Parece-me duvidoso que o consiga, se a noticia é exacta, do que duvido tambem, pois não é facil acreditar que a Austria recue depois de ter ido tão longe, no seu proposito de esmagar a nação, ou melhor a raça que se está oppondo ás suas ambições de expansão slava. Não é facil além d'isso acreditar que a Austria não tenha meditado o alcance e as consequencias do seu acto, que pode muito bem ter premeditado e concertado com a Allemanha talvez, afim de precipitar a guerra geral, inevitavel, para a qual as nações vêm preparando-se mas para a qual só a Allemanha suppõe estar prompta. A organização militar russa começa a fazer-se; os seus caminhos de ferro estrategicos não estão construidos. A França faz um esforço para se collocar a par da Allemanha mas não o conseguiu ainda. Dentro de dois annos, as duas nações poderão talvez considerar-se promptas para a guerra. Não é difficil acreditar que a Allemanha, que já está em condições de a fazer, não espere a vez das suas inimigas. Se assim fôsse, o rompimento austro-servio seria um acto de machiavelismo sem precedentes na historia.

27 DE JULHO

Todo o dia se passou na esperança de que as coisas se arranjem e a guerra seja evitada. Apezar da ruptura das relações diplomaticas, a Austria ainda não declarou a guerra, o que é considerado de bom augurio e esperam-se mediações, intervenções. O embaixador

da Allemanha esteve hoje no Quai d'Orsay, manifestou intenções pacificas e pediu a Bienvenu Martin que interviesse junto da Russia. Bienvenu Martin disse-lhe que era mais urgente a intervenção da Allemanha junto da Austria. O Alves da Veiga, que veio ver-nos á tarde, contou-nos que estivera no Credit Lyonnais e que estava lá o poder do mundo a retirar dinheiro. Pelo telefone communicam-me que houve esta noite graves desordens nos grandes boulevards promovidas pelos sindicalistas aos gritos de — Àbaixo a guerra! Abaixo o exercito! tendo sido feitas quatrocentas prisões. O Presidente da Republica decidiu-se a abandonar a sua viagem á Noruega e á Dinamarca e a regressar a Paris, aonde chega depois d'amanhã. Novo *coup de téléphone* da Bolsa ás onze da noite. Annunciam-me que a Inglaterra propõe uma mediação e que a França se associa a esta diligencia, mas annunciam-me tambem que, segundo um telegramma de Vienna, as hostilidades da Austria contra a Servia começariam amanhã. Se assim fôr, é o *déclanchement*. E' a guerra geral, o fim do mundo. Esta tarde appareceu-me na Legação o Thomaz Rosa. Veio apresentar-se em virtude de uma ordem ministerial que obriga os funccionarios publicos residentes, ou de passagem no estrangeiro (o Th. Rosa é general reformado) a apresentarem-se nas legações. Disse-lhe o anno passado, ou ha dois annos, que o dispensava d'esta formalidade. Como tem estado em Londres, apezar d'isso veio, receioso de que a Legação não communicasse para Lisboa a sua presença em Paris. Mais uma vez o tranquillisei e dispensei da apresentação. Conversou, demorou-se. Lembrou que nos

conheceramos em casa de Bernardo Pindella, tres annos antes da Republica e falou-me da condessa d'Arnoso e de D. Maria Benedita Rezende, viuva de Eça de Queiroz, que ali vivem. — São uns anjos! disse. Está velho, mas conserva os vestigios do *bel homme* que foi. Diz-se pobre, mas ouço que além da pensão que o Estado lhe dá, tem alguma coisa, embora pouco. Falamos dos antigos ministros de Portugal em Paris, do Navarro, do Lobo d'Avila, do Mendes Leal. Perguntei-lhe se tinha idéa da epoca em que se deu o incendio que devorou o archivo da Legação. Ignora-o. No archivo que existe, a partir de 1839, nada ha de interessante, disse eu. Elle concordou que nada havia e referiu-me que quando tomou posse do seu logar, encontrara o archivo amarrado com cordeis, num vão de escada, ou num sotão. A proposito falou-me do tratado de arbitragem de 1906, que elle negociou e que eu estou tratando de reconduzir. Foi-lhe difficil conseguir para essa convenção a formula que o governo portuguez desejava, afim de excluir da arbitragem as pretenções de Reillac. Eu propuz a mesma para a nova convenção e já senti resistencias no Quai d'Orsay. Penso vencê-las. Assim não sobrevenha a guerra.

28 DE JULHO

Dia de anciedade, não se fala senão na guerra, mas os jornaes da manhã ainda deixavam entrever a esperança de a evitar. Confiou-se por um momento na intervenção ingleza. A esperança dissipa-se, hoje o embaixador da Austria, o pouco simpathico conde de Sczsen,

esteve no Ministerio dos Negocios Estrangeiros a annunciar que a guerra será hoje mesmo declarada á Servia. A' tarde, os jornaes publicavam a declaração, assignada pelo conde Berchtold, ministro dos Negocios Estrangeiros da Austria. E' concebida nestes termos laconicos: «Não tendo o governo real da Servia respondido de uma maneira satisfatoria á nota que lhe foi entregue pelo ministro da Austria Hungria, no dia 23 de julho de 1914, em Belgrado, o governo imperial e real vê-se na necessidade de recorrer á força das armas para salvaguardar os seus direitos e interesses. A Austria Hungria considera-se portanto, a partir d'este momento, em guerra com a Servia.» Porquê esta guerra? A Servia tornou-se até certo ponto culpada de má visinhança e não ha duvida que no attentado de Sarajevo, que custou a vida ao archiduque e sua mulher, subditos servios tiveram participação. Não ha duvida que a Servia tem sido um fóco de agitação contra a Austria. Mas não ha duvida tambem que a sua resposta ao ultimatum austriaco é uma abdicação. O que resta? Que ella seja completa, mas a Austria não lhe dá tempo a que ella abdique completamente, e fechando os ouvidos a todas as sollicitações declara-lhe a guerra. Cinco minutos depois de lhe ser entregue a resposta servia ao ultimatum austriaco, o ministro da Austria em Belgrado respondia por sua vez que não a considerava sufficiente e uma hora depois abandonava Belgrado. Não era portanto uma reparação que a Austria desejava. Era a guerra. O que está por detraz d'isto? Na hora presente ninguem o sabe, mas já se suspeita, pela attitude ambigua que a Allemanha está

assumindo nesta conjunctura, que na realidade o seu proposito é o de resolver pelas armas o problema da Europa. A tensão dos espiritos é cada vez maior. Lê-se nas fisionomias dos transeuntes a apprehensão. Esta noite sahi para ver o aspecto das ruas. Fóra do centro dos grandes boulevards onde reinava uma agitação intensa, Paris estava ás nove da noite como que deserto. Em toda a rua de Rivoli até ao Hotel de Ville, os transeuntes eram raros e, ao contrario do que succede a essa hora da noite, todos os estabelecimentos tinham fechado as portas e corrido os taipaes. Observo que os cafés e bars estão vasios e os seus terraços desertos. Subitamente começam a correr vendedores de supplementos da *Patrie,* da *Presse,* annunciando a absolvição de Madame Caillaux e, por um momento, Paris esquece a guerra imminente. Dirijo-me aos boulevards pelas halles e rua do Faubourg Montmartre. Em toda a parte se vêem transeuntes, sobretudo mulheres, com jornaes na mão. No cruzamento da rua Montmartre e boulevard Montmartre a multidão é enorme. Ha grande apparato de policia e circulam municipaes a cavallo. Uma mulher passa gritando: — *Acquittée! Acquittée!* Ainda se falará em Madame Caillaux amanhã até ao meio dia. Depois será novamente a guerra e para ella o esquecimento reparador. Assim a guerra vem trazer a este coração de mulher — a paz. Estou vendo-a ainda, a Madame Caillaux, naquella noite em que me sentei a seu lado, na meza do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Quem a conduzira fôra o principe Charoon, ministro do Sião, ainda novo, magrinho, secco, muito timido. Apenas nos sentámos e eu desdobrei o

meu guardanapo, depois de relancear um olhar para o cartão que me indicava que a minha visinha era Madame Caillaux, ia apresentar-me eu mesmo, visto não a conhecer, quando ella, precedendo-me com um desembaraço masculino depois de por sua vez relancear um olhar sobre o cartão collocado em frente do meu prato, e que lhe indicava a minha identidade, me disse: — Sr. ministro, deixe-me apresentar-me eu mesma... Madame Caillaux. Levantei-me e para tornar mais logica a situação fiz-lhe a minha apresentação e exprimi-lhe as minhas homenagens. Caillaux era ao tempo ministro das Finanças, já começara contra elle a campanha que deveria acabar tão dramaticamente e murmurava-se muito á volta do seu segundo casamento, que se realisou em 1911, quando eu vim para Paris. Creio que Caillaux se casou durante o periodo em que presidi ao governo em Portugal. Durante todo o jantar Madame Caillaux não tocou num prato, por estar, disse-me, em regimen, mas falou sempre, e como se encontrava num meio que conhecia mal, quiz saber quem eram os principaes convivas do banquete, principalmente os do corpo diplomatico, pelo que tive de lhos indicar. Emquanto me ouvia, Madame Caillaux, que algumas vezes collocava os cotovellos sobre a toalha, circumvagava pela sala o olhar de uma pessoa nervosa e agitada. Como veio a declarar no tribunal que a julgou, começava a estar sob a pressão da opinião desfavoravel que sentia fazer-se em volta d'ella. Quando lhe disse que tinha tido a honra de tratar com seu marido, na occasião em que elle occupava a presidencia do Conselho e que conservava das minhas re-

lações com elle as mais gratas impressões, voltou-se para mim com uma expressão de simpathia em que senti a mulher que ama o seu homem e é feliz de o ouvir gabar. Não me recordo a que proposito falámos da imprensa e da sua obra tantas vezes má. Do que me lembro bem é que se voltou outra vez para mim, e me disse: — *Oh! la presse! ne m'en parlez pas! J'en sais quelque chose!* Depois do jantar vi-a a conversar com minha mulher na sala dos embaixadores contigua ao gabinete do ministro, e nunca mais a vi. Madame Caillaux não deve ter ainda quarenta annos. Era, quando a conheci, um tipo florescente de senhora burgueza. De resto sentia-se bem nella a anormalidade da sua então atormentada existencia, os receios dos perigos que via approximarem-se, a inquietação da *bête traquée* que havia de mais tarde formar o pulo que a fez cahir na sala do *Figaro*.

29 DE JULHO

Diz-se que a mobilisação se está fazendo, mas os jornaes receberam indicações para não dar publicidade a este assumpto. Passou-se o dia na mesma anciedade. A Allemanha recusa-se absolutamente a intervir em Vienna e por outro lado a acção militar já começou. As noticias da noite dizem que Belgrado foi bombardeado. Em Paris ha, sob uma apparente calma, uma profunda inquietação. Isso lê-se de resto cada vez mais em todos os rostos. A fisionomia de Paris é preoccupada. Ha uma ruga em todos os semblantes. De Vienna,

de Berlim, de S. Petersburgo chegam noticias de manifestações patrioticas. A França não manifestou por ora o seu enthusiasmo pela guerra. O Presidente da Republica, que chegou esta manhã, foi recebido com uma manifestação promovida por Mauricio Barrès, o auctor do recente livro *Dans le cloaque,* mas o enthusiasmo publico não passou da estação e dos seus arredores. Voltei a sahir á noite, para verificar a fisionomia da cidade e a minha surpreza é cada vez maior. Paris está deserta. Fóra dos grandes boulevards, dir-se-ia uma cidade em estado de sitio. A's nove e meia está tudo fechado, são raros os fiacres e automoveis e raros os transeuntes. Percorri o grande boulevard da Magdalena á Bastilha. Policias a todos os cantos e á beira dos *trottoirs* forças da guarda municipal. O prefeito mandou retirar as mezas e cadeiras das *terrasses* o que dá um aspecto como que devastado a esse logar conhecido do mundo inteiro. Pouca gente, mas a partir do boulevard Bonne Nouvelle, ninguem. Os cafés populares, os *bars,* os *marchands de vin* estão desertos. Os creados, de mãos nas costas, estão ás portas. Nos cafés da praça da Republica, nos da praça da Bastilha, raros consumidores. Na rue Royale, o Larue fechado; a poucos passos, o Viel fechado. Apenas funcionam com um publico relativamente numeroso, onde ha bastantes estrangeiros, o Café Weber e a Taverne Royale. As suas orchestras de zingaros tocam as valsas, os tangos, os *one step* do inverno passado, e é pungente ouvir essas musicas folionas neste meio terrivelmente aprehensivo. Ninguem de resto parece ouvi-las. O fiacre que me trouxe para casa á meia noite

não cruzou com nenhum outro em toda a extensão do boulevard Haussman. O oiro desappareceu, já é difficil trocar notas por prata e começa a considerar-se a eventualidade de virem a faltar os generos. Um unico jornal se occupa de Portugal na sua quarta pagina, para nos dizer que no Congresso, reunido para se discutir a reforma eleitoral, os partidos não se entenderam. Eu penso com inquietação no papel que Portugal vae desempenhar nesta guerra, se ella se desencadeiar e a Inglaterra entrar em scena.

30 DE JULHO

Hoje ás tres e meia da madrugada, o Presidente da Republica chamou ao Eliseu os ministros da Guerra e da Marinha, que ali estiveram até ás seis. O *Paris Midi* lançou a noticia de que estava ordenada a mobilisação. Isso valeu ao sr. de Waleffe um mandado de prisão e a apprehensão do jornal, que, segundo correu, esteve em risco de ser assaltado pela populaça. Da guerra vagas noticias — dir-se-ia que estão interrompidas todas as communicações. *O Temps* fala em um duello de artilheria lá para os lados da Servia. E é tudo. Das intenções das potencias nada se sabe. A Allemanha continua a affirmar as suas intenções pacificas, mas num jornal da tarde leio que já foram vistas patrulhas de uhlanos na fronteira de leste. Espera-se ainda não se sabe bem o quê, mas anciosamente espera-se. Se amanhã se annunciasse que a guerra geral fôra conjurada, milhões de peitos humanos desafoga-

riam. Sente-se que os tempos mudaram, que a humanidade é outra, outra a sua moral, e que detesta a guerra. Desappareceu o oiro e a prata. As notas quasi deixaram de ter circulação. Nos armazens recusa-se o troco a notas de cincoenta francos. O Banco de França vae emittir notas de 20 e de 5 francos. Continua a corrida aos estabelecimentos bancarios e caixas economicas. E' o panico. As mercearias vendem provisões para mezes e nalgumas já falam em fechar, por se lhe terem exgotado os generos. Aguarda-se com anciedade o dia d'amanhã pois todos os dias se espera o dia seguinte, com esperança e, ao mesmo tempo, terror. Os meus adidos ausentaram-se com licença. O que me ficou parte amanhã. Estão doentes, dizem. Todos estamos doentes. Da nossa dispensa fizemos uma mercearia. Ha generos para tres mezes.

31 DE JULHO

Perdem-se as ultimas esperanças. A Allemanha recusou-se a acceder ao pedido de Edward Grey para intervir junto do governo de Vienna, e o imperador Guilherme declarou o estado de guerra. Não é ainda a mobilisação, dizem os jornaes. E' um facto porém que a Allemanha a está fazendo. Durante o dia vieram muitos portuguezes afflictos á Legação perguntar se poderiam regressar a Portugal. A' tarde, um estudante portuguez, que está frequentando a Escola de Veterinaria de Alfort, veio communicar-me que o director da Escola reunira os alumnos e os licenceara, annun-

ciando-lhes que a mobilisação começava a fazer-se á meia noite. O estudante veio a correr á Legação perguntar o que devia fazer. Aconselhei-o a partir esta noite mesmo para Portugal, se o poder. Ás onze horas communicam-me esta noticia pelo telefone: Jaurés foi assassinado com dois tiros de revolver quando estava a jantar em um restaurante. O auctor d'este crime absurdo parece ser um nacionalista, especie de Carlota Corday que se equivoca e, em vez de Marat, mata Platão. Pela avenida Kléber passam soldados ciclistas, com as suas bicicletas e toda a impedimenta de campanha. Num theatro dos Campos Eliseos estão trinta pessoas, todos estrangeiros. Estes abandonam Paris em massa. Os jornaes da tarde noticiam em telegramma de Lisboa que o conselho de ministros reuniu para apreciar a gravidade da situação e que o ministro dos Negocios Estrangeiros exhortou os chefes politicos a que se dessem treguas. Reproduzem ao mesmo tempo uma noticia de um jornal da noite de Lisboa, segundo o qual Portugal mobilisaria dez mil homens, se a Inglaterra entrasse na contenda. A' uma da madrugada dizem-me pelo telefone correr o boato de que os allemães fizeram saltar a ponte d'Avricourt, cerca de Strasburgo. Não se conhecem ainda as intenções da Italia. A Inglaterra mobilisa a sua esquadra e guarnece de minas o porto de Douvres. O conselho de ministros está reunido no Eliseu.

1 DE AGOSTO

Telegrammas d'hoje para o Ministerio:

1 da tarde — Continua activamente mobilisação, mas imprensa guarda sobre este assumpto absoluto silencio. O governo prohibiu a sahida de cereaes e farinhas. Estão interrompidas as communicações com o leste. Noticias recebidas hoje da Allemanha não deixam duvidas sobre a situação. O exercito allemão concentra-se nas fronteiras e occupa as estradas. A Allemanha suspendeu o serviço de comboios internacionaes e carreiras de vapores. Os que estão no mar são mandados recolher a diversos portos. A Agencia Presse Nouvelle publica agora o discurso pronunciado pelo imperador da Allemanha, de uma janella do palacio em Berlim, por occasião de uma grande manifestação popular que lhe foi feita. As ultimas palavras do imperador foram estas: «Confiemos na vontade de Deus. Ajoelhae perante elle e pedi-lhe que ajude o nosso bravo exercito.» Causa profunda impressão a noticia de Roma de que a Italia se manterá neutral perante a guerra, por não estar obrigada pela alliança a dar o seu appoio á Allemanha senão no caso de guerra defensiva. Os jornaes falam ainda, mas já sem esperança, em conversações diplomaticas. O jornal *Le Matin* reproduz sob reserva a noticia de que a Allemanha vae enviar um ultimatum á Russia e á França. No ministerio dos Negocios Estrangeiros considera-se a guerra inevitavel.

3 da tarde. — Acaba de ser affixado o aviso publico de mobilisação geral, com a nota — *extrême urgence.*

4 da tarde.— O governo allemão dirigiu á Russia um ultimatum convidando-a a suspender immediatamente a mobilisação. O embaixador d'Allemanha communicou este ultimatum ao governo francez, perguntando-lhe as intenções da França perante a mobilisação russa. Estão interrompidas as communicações telegraficas particulares.

6 da tarde.— O jornal *Le Temps* que acaba de apparecer diz que a declaração do estado de guerra permitte á Allemanha fazer a mobilisação em segredo, de modo que quando a annunciar ella estará feita e accrescenta: «Todos os nossos informadores nos communicam este facto, cujo perigo salta aos olhos. *As nossas tropas de cobertura são insufficientes contra esta concentração.* Em outros numeros que vi do mesmo jornal, esse ultimo periodo desappareceu.

7 da tarde. — O Presidente da Republica publicou uma proclamação, na qual justifica a mobilisação, affirmando não ser ainda a guerra e exhortando os francezes á calma. O ministro do Interior (Malvy) declarou hoje á tarde ainda haver esperanças de paz. As chancellarias ainda parlamentam, mas os archivos da embaixada allemã foram já transferidos para a embaixada dos Estados Unidos. Milhares de pessoas abandonam Paris. A Torre Eiffel está occupada militarmente e guarnecida de metralhadoras.

11 da noite.—Hoje ás sete e meia da noite, o embaixador da Allemanha em S. Petersburgo apresentou-se no ministerio dos Negocios Estrangeiros e notificou ao ministro a declaração da guerra.

11,55 da noite. — O embaixador da Russia acaba de estar no ministerio dos Negocios Estrangeiros e de communicar ao sr. Viviani a declaração de guerra da Allemanha ao seu paiz. Está reunido o conselho de ministros.

Durante o dia foi uma romaria de portuguezes para a Legação, afflictos por não saberem como deixar Paris. Uma senhora de Lisboa não sabe o que fazer á sua vida, porque todo o dinheiro que possue está num cheque que não lhe querem pagar. Mando á gare do Quai d'Orsay e ahi asseguram-me que as communicações com Portugal, embora sujeitas a irregularidades, não estão interrompidas. Depois do jantar aproveitei um pouco de tempo livre, porque não posso ausentar-me de casa, para dar uma vista d'olhos por Paris, mas não pude ir longe porque faltam todos os meios de transporte e dizem-me que a linha do Metropolitano Etoile — Place d'Italie não funcciona. Fui até á praça da Etoile e ahi, ao pé do immenso Arco do Triunfo, contemplei o espectaculo surprehendente e angustioso do exodo de Paris. Centenas de automoveis passavam á desfilada carregados de malas e conduzindo familias inteiras. Alguns conduziam na boleia creadas em cabello, que por certo os tinham ido buscar longe, talvez ao boulevard. Muitos d'estes vehiculos

iam cheios de creanças. Um fiacre conduzia uma d'estas familias sentada ao acaso sobre malas, chapelleiras, embrulhos e lençoes atados. No meio d'este povoleo que fugia, passavam automoveis e carruagens de praça levando para as gares a França que se vae bater amanhã. Num d'elles, uma mulher agarrava-se desesperadamente a um rapaz, chorando. Noutro, outra mulher, o chapeu ao vento, enlaçava e beijava um homem como se o fôsse perder, e tudo isto gente que foge, gente que parte para a guerra confunde-se no mesmo rodilhão, rola vertiginosamente e confusamente como se a empurrasse e arrastasse um grande furacão de desgraça. Pela vastidão da praça correm homens, de maletas em punho ou carregados de embrulhos, á procura de um carro vazio que os leve. Saltam d'aqui para acolá, agitam desesperadamente os braços. Um d'elles avista justamente um automovel que não leva gente, corre para elle, pendura-se á sua portinhola, mas o automovel, que leva certamente destino, não pára e durante uns momentos arrasta-o comsigo e o homem fica-se a praguejar emquanto ao seu lado, por todos os lados, em todas as direcções, dezenas, centenas de outros carros passam á desfilada, como raios, conduzindo gente que vae para a guerra e foge á guerra. D'estes vehiculos não parte um grito patriotico, um grito de enthusiasmo, ou de esperança. Dois officiaes passam a meu lado, com o seu sacco a tiracolo. Estarão amanhã estatelados talvez numa ravina, com uma bala no corpo, e será esta a ultima noite que verão Paris e passarão pela sombra heroica do Arco do Triunfo. Pelos *trottoirs* circulam mulheres, que são

quasi só o que vae ficando por Paris, adolescentes, velhos! Um vendedor de jornaes vende o ultimo supplemento da *Patrie* que todos compram e começam immediatamente a ler á luz dos candieiros. Recolho a casa para expedir novos telegrammas. A' uma da madrugada, a avenida Kleber está deserta. Não passa viv'alma. Apenas, uma ou outra vez, um automovel roda vertiginosamente. Da Torre Eiffel e de Issy-les-Moulineaux fazem-se projecções sobre o ceu negro, diz-se que na previsão dos Zeppelins allemães, que já começam a povoar a imaginação publica. Está-se formando sobre Paris uma grande trovoada.

2 DE AGOSTO

Ahi está. A famosa guerra, com o seu ideal de *revanche,* em que os francezes falam ha quarenta annos, começou hoje, mas — coisa singular! — não são os francezes que a declaram. E' a Allemanha. Hoje de manhã, as primeiras forças do exercito allemão invadiram o Luxemburgo, a caminho de França, penetravam em territorio francez por Long-la-Ville, perto de Longwy e Bertrambois, perto de Cirey, e no territorio de Belford faziam fogo sobre os postos da fronteira. O ultimo telegramma diz — «Ouve-se o canhão na direcção de Longwy». Esta invasão é feita sem previa declaração de guerra. Esta tarde, o embaixador allemão ainda estava em Paris. Assim, confirma-se que a Allemanha desejava a guerra e que a urdiu de conluio com a sua irmã austriaca. Não sou vaidoso de ver bem, mas creio tê-lo visto. A attitude da Allema-

nha era ambigua. E' preciso desconfiar sempre da ambiguidade. Durante todo o dia foi uma correria de portuguezes sobresaltados para a Legação e para o Consulado. Uns não encontram meio de partir já de Paris e perguntam se ha perigo em ficar uns dias. Outros estão sem dinheiro, por não poderem trocar os seus cheques e dizem não saber que fazer. Um estudante portuguez que estava a estudar em Nancy foi mandado sahir d'ali e appareceu-me no maior apuro, sem recursos e tão doente que mal se tem de pé. Pedi ao governo em dois telegrammas urgentes que me autorisasse a soccorrer estes casos. Já lá vam dois dias. Ainda não me respondeu. O dia esteve lindo. Dei uma volta antes do jantar e quiz ver o aspecto da avenida do Bois de Boulogne, neste primeiro domingo de guerra. A avenida estava deserta. Desci os Campos Eliseos. Pelos passeios, raros transeuntes e estes mulheres. Os homens, tambem raros que se encontram, são quasi todos estrangeiros, dos que ainda estão para partir, ou dos que estão decididos a ficar. Os automoveis, que tambem não são muitos passam á desfilada. Alguns levam officiaes, outros soldados. Uma limousine elegante é conduzida por um lindo rapaz que já vestiu a farda com que ha-de talvez morrer e que corre vertiginosamente para os braços da morte. Cruzam commigo officiaes da reserva, alguns gordos, pançudos, outros sem o habito do uniforme. Um d'elles, com os galões de tenente, é um homem pallido, de lunetas d'oiro e austera barba negra. E' talvez um medico, talvez um sabio que tambem vae bater-se, e eu penso nas inclemencias, nas dores, nos horrores que vam

conhecer estes seres d'élite, arrancados num dia ás suas profissões espirituaes, aos seus habitos delicados, aos seus lares confortaveis e lançados como gado para dentro de wagons de terceira classe que os despejará d'aqui a algumas horas no matadouro. Ah! a idéa da guerra inspira horrores novos ao homem dos nossos dias, e talvez por isso, suspeito que aquelle que a está desencadeando de novo, ha-de expiar, elle, a sua casa, os seus irmãos e os seus alliados, este tremendo, monstruoso, fabuloso crime que consiste em assassinar em massa. Os Hohenzollern e os Habsburgo, misticos, doidos, fanaticos vam talvez afogar-se no sangue que vam derramar. Sempre acreditei que a grande guerra que vae dar-se será redimidora e que sobre o seu montão de escombros a humanidade reílectirá e dará um passo mais. As noticias da fronteira não causaram apparente alarme. Não ha manifestações como em 1870. Dizem-me que se canta a Marselheza, mas ainda não a ouvi. O rapaz que veio hoje de Nancy conta que cruzou mais de quarenta comboios carregados de soldados que gritavam: — A Berlim! A Berlim! A imaginação é levada a crer que a capital de uma nação em guerra é um foco de agitação e enthusiasmo, que as suas tropas desfilam pelas suas ruas com bandeiras desfraldadas ao som de marchas de guerra, que as mulheres atiram flores das janellas, que as mães levantam os filhos nos braços, e os offertam á victoria! Em Paris tenho visto poucos soldados e, como tropa, a municipal, abotoada nos seus casacões negros, de espingarda em punho, mantendo a ordem, á beira dos passeios. A semana que entra àmanhã vae ser tragica. Ignora-se ainda a

attitude da Inglaterra. Um jornal inglez diz: «A Inglaterra bate-se ou cobre-se de vergonha para sempre». Se a Inglaterra entra em scena vae ser uma alegria geral. A França, por ora, sente-se só. A Italia, que parece hesitante, e ainda não se pronunciou, dizendo-se que permanecerá neutral, não parece constituir uma apprehensão para os francezes. Na realidade, o unico soldado que elles temem é o allemão. Apertado por mim com perguntas telegraficas, sobre a attitude de Portugal no caso de a Inglaterra intervir, o ministro dos Estrangeiros respondeu-me que Portugal seria neutral «salvo se a Inglaterra *exigisse* o cumprimento dos tratados». Fiquei desolado! Pois quê! Portugal não comprehende que é este o momento, ou nunca, de resgatar o seu passado de tutelado da Inglaterra e de ser emfim o seu alliado, de ser alguem! Pois quê! Portugal espera que a Inglaterra lhe *exija* o cumprimento dos tratados! Abro um jornal de Lisboa do dia 30 de julho, a *Republica,* e em grossos caracteres, a toda a pagina, leio isto: — *Triunfa a corrupção. O sr. Bernardino Machado quer ficar no governo continuando a affrontar,* etc. Abro outro do mesmo dia, a *Lucta,* e leio isto, tambem em grossos caracteres: — *Isto nos basta! Hontem, recebemos de Grandola o telegrama que a seguir publicamos,* etc. O meu pobre paiz! Lindo paiz! Feios homens! Feios bichos!

3 DE AGOSTO

A grande noticia do dia é a declaração official da neutralidade da Italia. Ao recebê-la, o presidente do Conselho Viviani apertou a mão do principe Ruspoli, encarregado de negocios, e disse-lhe as mais sentidas palavras de agradecimento. Não sei a impressão que esta noticia causou no publico, mas creio que deve ter sido grande. Todo o dia houve assaltos e pilhagens ás casas allemãs. As leitarias Maggi, que têm succursaes em todo Paris, foram devastadas. Um allemão, que gritou — Viva a Allemanha! e disparou um tiro contra um militar na rua Maubeuge, foi quasi linchado pela multidão. De tarde, foram affixados avisos do governador militar de Paris proclamando a lei marcial. Serão submettidos a conselho de guerra todos os acusados de pilhagem, gritos ou cantos sediciosos. A Allemanha, que parece querer reunir contra si a Europa inteira, intimou a Belgica a franquear-lhe o seu territorio. A Belgica repelliu este ultimatum e vae defender a sua neutralidade. A participação da Inglaterra na grande guerra parece não dar já logar a duvidas. Toda a opinião ingleza o reclama. O almirante Beresford dirigiu um apello á nação: «Se repudiassemos a causa dos nossos amigos no momento de um pavoroso perigo, seriamos eternamente considerados como cobardes e desencadeariamos uma catastrofe fulminante sobre o imperio britanico». Em Londres houve grandes manifestações, cantou-se a *Marselheza* e o rei e a rainha appareceram ás janellas do palacio. De resto a esquadra ingleza vae-se approximando do Baltico. Entretanto o embai-

xador da Allemanha conservou-se em Paris durante todo o dia e só esta noite, segundo me dizem pelo telefone do Ministerio, se decidiu a partir. O embaixador da Austria ainda não se moveu, nem consta que a Austria tivesse feito qualquer communicação ao governo francez. Um adido austriaco disse hoje a alguem: — *Nous ne sommes pas en guerre avec la France!* Estranha situação. O sr. Viviani, afim de se entregar, dizem os jornaes, a todo o esforço governamental, passou a pasta dos Estrangeiros ao sr. Doumergue. O ministro da Marinha demittiu-se por doença e passou a pasta a Augagneur, mas esta remodelação ministerial não preoccupou a opinião. Estão interrompidas as communicações. Durante o dia foi uma romaria de portuguezes para a Legação pedindo tudo, até dinheiro, e algum tenho dado do meu bolso aos mais necessitados. A condessa de Carvalhido veio queixar-se de que tinham querido aboletar-lhe em casa um general italiano; as irmãs Suggias querem partir para Portugal e estão sem recursos. Vou receber em nossa casa as filhas do Vicente Ferreira, que estão num pensionato de Versailles, cheias de medo. O pae telegrafa-me de Portugal perguntando-me se pode vir buscá-las. E' curioso que, mesmo antes de ter começado, esta guerra provocou a miseria de muita gente, mesmo dos que não tinham nada. Não ha meio de circular em Paris, pois o proprio Metropolitano começa aqui e ali a parar. A' meia noite, está tudo fechado, até os *bureaux de tabac*. As ruas estão desertas.

Meia noite e quarenta e cinco.

Communicam-me do Ministerio que a Allemanha acaba de declarar guerra á França.

4 DE AGOSTO

O estado de sitio é feroz. Sente-se que uma autoridade de ferro existe e actúa. As portas da cidade fecham ás seis, os cafés e outros estabelecimentos ás oito. Os theatros fecharam todos, bem como os museus. Estão prohibidos os supplementos e os jornaes são submettidos á censura. Não é permittido dar um grito. Os tribunaes militares estão promptos a funccionar. Todos os dias Paris se vae esvasiando mais, á medida que a mobilisação se vae fazendo. Os boulevards ainda têm alguma concorrencia, mas no resto da cidade o movimento é o de uma cidade de provincia. De noite, Paris é um tumulo e, com o seu ceu constantemente varrido pelas fachas luminosas dos projectores de Issy les Moulineaux, é tragico. Já os velozes automoveis não circulam, e as immensas ruas desertas repercutem os passos dos raros transeuntes. As noticias que me chegam são boas e são terriveis. Ao meio dia soube-se que o cruzador allemão *Breslau* bombardeara Bône, na Argelia, e mais tarde que fôra capturado pela esquadra franceza do Mediterraneo. O *Panther*, que serviu aos allemães para o chamado *coup de Agadir* em 1911, foi mettido a pique na costa occidental. A Inglaterra intimou a Allemanha a dizer-lhe até hoje á meia noite se respeita a neutralidade da Belgica, o que quer dizer que os *dreadnoughts* inglezes vam entrar

em scena, pois a esta hora a Allemanha já invadiu a Belgica, constando mesmo que bombardeou Liège; mas á meia noite, pelo telefone, N... disse-me em voz tão baixa que mal o ouvi: — Consta que os francezes foram repellidos em toda a linha na fronteira. — Onde consta? — Ouvi dizer. Está aqui gente... Quai d'Orsay... E cortou a communicação. Fico cheio de anciedade, mas a minha confiança é inabalavel. Os francezes recuperarão forças e os barbaros serão reduzidos pelas idéas de civilisação. Escrevo a Vicente Ferreira, cujas filhas dormem hoje sob o meu tecto, vindas de um pensionato de Versailles como estorninhos espavoridos pela tempestade: «Estou extremamente inquieto por Portugal. Em carta que dirigi ha uma semana ao Augusto de Vasconcellos, e que muito desejaria conhecesse, expuz-lhe o meu ponto de vista sobre a conducta que Portugal deve observar nesta gravissima conjuntura. Este momento fornece-lhe um ensejo unico na sua historia de adquirir personalidade. Se o abandona, é uma nação perdida. O meu ponto de vista é este. Portugal deve assumir sem tergiversações o papel de alliado da Inglaterra e dar-lhe o pouco que pode dar-lhe, mas *dar-lho* e não esperar que ella lho exija ou o tome por suas mãos. A Inglaterra vae para o fundo? Vamos em boa companhia. E' seu o triumfo? Partilharemos d'elle. Pela primeira vez na historia da nossa velhissima alliança ter-lhe-hemos dado e não pedido concurso. Seremos emfim alliados da Inglaterra. Ao lado da guerra que começa, as guerras de Napoleão vam parecer brinquedos de creanças, mas não creio, por muito que os francezes possam ser batidos, e sê-lo-hão

infelizmente talvez na primeira fase da campanha, que os allemães destruam o poder da Inglaterra e se assenhoreiem da Europa; creio ao contrario que o imperador Guilherme jogou e vae perder o destino da Allemanha. Se assim fôr e se souber conduzir-se desde o principio, isto é, *desde já,* não reproduzindo as miserias de 1808, Portugal nasce outra vez, conta no numero das nações, vê abrir-se diante d'elle um futuro admiravel. Tudo depende, porém, do modo como elle pozer a questão — *desde já.* Se o chefe do Estado não fôsse um velho valetudinario, se o governo não estivesse como está isolado da sua diplomacia, que não toma a serio e á qual se limita a mandar fazer recados, seria a um e a outro que eu exporia estes pontos de vista, que espero o futuro confirmará. Assim, e até certo ponto por dever patriotico, exponho-o aos meus amigos, no numero dos quaes tenho a honra de o contar, na esperança de que elles o divulguem, se o approvarem, e d'este modo cheguem talvez a fazer um pouco de opinião a seu favor. Expô-lo na imprensa seria grave erro. O meu pensamento só pode ser realisado pela diplomacia e para estas circumstancias momentosas é que ella se inventou. Faça por elle o que podér, se concordar com elle, mas receio muito que cheguemos tarde. A Inglaterra já está em guerra com a Allemanha.»

5 DE AGOSTO

Não se confirmaram pelo menos officialmente as noticias pessimistas que N... me transmittiu a noite

passada. Os jornaes dizem que as hostilidades estão travadas numa linha que vae desde Eysden, na Hollanda, até alguns kilometros de Bâle, mas não dão noticia de um encontro serio. Patrulhas de cavallaria e infanteria allemã penetram entretanto por todos os pontos da fronteira. O Luxemburgo está todo occupado. A Belgica foi invadida e corajosamente defende-se. Diz-se que os allemães bombardeiam Liège. Os primeiros passos do conquistador nada respeitam. A neutralidade da Hollanda está ameaçada. A Suissa prepara-se para defender a sua e, segundo me disse esta tarde o ministro, deve ter concluida á meia noite de hoje a mobilisação de duzentos e vinte mil homens. Finalmente a Inglaterra declarou a guerra á Allemanha. Estive esta tarde no meu livreiro, o Lemercier, que não é segundo me disse, mobilisavel. Está plenamente tranquillo. Diz: — *Les allemands sont fous!* e aguarda na sua loja, vendendo livros — a victoria. A Allemanha com effeito está levantando a Europa contra si. Esta tarde recebi do governo francez a notificação do estado de guerra. Fui eu proprio levar ao Ministerio a minha resposta accusando a recepção d'esse documento. No Ministerio, individuos sentados pelos cantos e que são talvez *reporters* ou correspondentes de jornaes, esperam talvez noticias. Não noto que haja agitação. Na Legação da Suissa, onde tambem estive a conversar com o ministro, um magote de suissos mobilisaveis, contido por um policia, espera os documentos que lhes hão-de permittir transportar-se á sua terra. Na residencia do ministro resoam campainhas por todos os lados. Aproveito o automovel e vou ver nos boulevards os

estragos dos ultimos dias de pilhagem. As fachadas dos armazens allemães que foram destruidos estão tapadas com tapumes de madeira. De resto, nada ficou dentro. Os terraços dos cafés desappareceram. Por toda a parte bandeiras nacionaes fluctuam sobre Paris vazio.

Nos boulevards a maior parte dos estabelecimentos estão fechados, e os seus transeuntes são quasi todos estrangeiros que ainda não poderam deixar a França, porque as communicações continuam interrompidas. Na rua Royale, que percorro a pé, ouvem-se todas as linguas, excepto o francez. No café Weber, dois bellos officiaes de cavallaria, de sacco a tiracolo, promptos a partir, tomam o seu aperitivo. Os carros que passam vam levando para as gares os soldados que encontram pelo caminho. Uma companhia de sapadores sobe os Campos Eliseos desertos. Forma-se, para a ver passar, um pequeno grupo em que quasi só ha mulheres e creanças. Approximo-me para os ver tambem. Não são soldados pois o soldado tem o chamado aspecto marcial que a estes falta, mas — espectaculo para mim inteiramente novo — são cidadãos, são homens que vestiram á pressa um uniforme, pegaram á pressa numa espingarda e vam defender a sua terra. Cada um d'estes soldados tem o seu tipo e em cada tipo se revelam as suas condições e profissões. Nada mais heterogeneo. Vou examinando-os á medida que passam. Na mesma fila ha o tipo do vendedor ambulante, do camponez, do lavrador, do commerciante, do caixeiro. Cada um tem o seu talho de barba. Num os grandes bigodes gaulezes, noutro a longa barba preta, noutros a elegante

barba loira á Guise. Uns marcham um pouco derreados e sem enthusiasmo pela avenida deserta, outros, sob os olhares do grupo de mulheres que os vêem desfilar, empertigam-se, sorriem, marcam galhardamente o passo. São quasi todos homens de quarenta annos, pois a mobilisação vae muito adiantada e são os mais novos que partem primeiro. — *Vive l'armée!* grita um sujeito a meu lado. Uma pequenita agita uma bandeirola tricolor, das filas que passam partem imprecações contra o inimigo que se vae combater, ditos que fazem rir os olhos humedecidos. — *Nous les aurons!* rouqueja um soldado que parece um granadeiro de Raffet! Outros marcham em silencio e lê-se-lhes no rosto a fadiga. Na ultima fila vae um que faz pena, branco como a cêra e de profundas olheiras, que não olha, não sorri, não diz nada... Tenho a impressão de que estes homens vam bater-se não como soldados, mas como desesperados. Um general que os visse passar não daria nada por elles. Eu vejo nelles a victoria pelo esforço sobrehumano do sentimento da defeza. Termino esta pagina d'este diario ás tres da madrugada do dia seis, e ha duas horas que não ouço um unico ruido nesta avenida, nem os passos de um transeunte, nem o rodar de um carro. Um silencio de sepulcro cae sobre Paris, e é pavoroso!

6 DE AGOSTO

Os allemães fusilaram dois rapazinhos de quinze annos, que num logar da fronteira foram avisar os gendarmes da sua aproximação. De S. Petersburgo chega

a noticia das inauditas brutalidades que em Berlim assignalaram a partida da embaixada russa, injurias, escarros, pancadas. Uma correspondencia de S. Petersburgo para o *Temps* faz este espantoso relato do que se passou:

«Suivant des récits de témoins oculaires, une foule énorme s'était massée avant le départ de l'ambassadeur de Russie à Berlin devant et aux alentours de l'ambassade.

La police à cheval a escorté l'automobile emmenant l'ambassadeur, mais la foule a accablé l'ambassadeur d'injures et les agents n'ont empêché qu'à grand' peine que des coups ne lui fussent portés.

L'automobile de l'ambassadeur était suivie de celles emmenant le personnel de l'ambassade et les amis personnels de l'ambassadeur.

Une foule innombrable comprenant de nombreux représentants des classes intellectuelles entourait ces voitures, proférant des injures, crachant au visage des voyageurs et frappant à coup de canne et de parapluie non seulement les hommes, mais aussi les femmes et les enfants.

Le chambellan Chrapovitzki, ancien premier secrétaire de l'ambassade de Russie à Berlin, a été frappé à la tête de coups si violents que son sang a imprégné deux mouchoirs. M. Chrapovitzki est soigné à Copenhague par un médecin danois.

La princesse Belosselska, qui est citoyenne américaine, a eté frappée dans le dos, à l'épaule et à la tête par un homme bien mis, portant une grande barbe blanche; des gens lui ont craché au visage.

Plusieurs autres personnes ont été maltraitées, notamment la comtesse Litke, femme du ministre de Russie à Stuttgart; Mme Totleben, femme du ministre de Russie à Carlsruhe; M. Kautopof, secrétaire de la légation à Carlsruhe; Mmes Plautine et Raevska, MM. Diacre et Chapelle, de l'ambassade à Berlin, et M. Lopaika. Les enfants avaient été cachés au fond des automobiles et se trouvaient ainsi relativement à l'abri des coups.»

Ao ministro de França em Dresde, irmão de Jean Herbete, que hoje no Ministerio me referiu o facto, não lhe permittiram levar bagagem alguma. Depois de terem violado o Luxemburgo e a Belgica os allemães invadiram hoje a Hollanda. E' a invasão dos barbaros. Mas os barbaros encontraram já pela frente a civilisação nos belgas, que estão fazendo a admiração do mundo. Liège foi tomada hoje ás onze e meia da noite, depois de um combate encarniçado. A' meia noite telefonam-me que os francezes teriam transposto a fronteira, num arranco, tomado Mulhouse. Entretanto e ao favor d'estes successos, a mobilisação franceza vae-se regularmente fazendo. Durante longos annos se falou em França nas tropas de cobertura que deveriam permitti-la. A França não imaginou nunca que essa primeira barreira fôsse constituida por peitos belgas. Admiravel lição á soberbia das grandes nações! Passei todo o dia em correrias de automoveis entre o Ministerio, a embaixada de Hespanha, a legação do Brazil e o consulado de Portugal, a tratar de promover a rapida repatriação dos portuguezes que

não me largam a porta. Telegrafei hoje ao Freire d'Andrade, ministro dos Negocios Estrangeiros: «Particular, reservado, confidencialissimo. Muito inquieto sobre situação do nosso paiz, julgo-me obrigado a expôr a v. ex.ª a minha opinião pessoal de que Portugal não pode hesitar em collocar-se immediatamente e espontaneamente ao lado da Inglaterra nesta guerra para elle de vida ou de morte. A neutralidade, de resto impossivel de manter, não o salva da sua perda no caso da victoria da Allemanha e em compensação sua espontanea solidariedade com Inglaterra dá-lhe nobre lugar entre as nações se a sua causa triunfar. A attitude brutal da Allemanha revela um proposito incontestavel de conquista. (a) Chagas.»

Este telegramma cruzou-se com o unico que ha dois dias tenho recebido do Ministerio e que diz textualmente assim: «Peço v. ex.ª queira informar situação Francisco Alves Oliveira, 26, rua Daniel Sterne e communicar-lhe que a familia pede noticias, telegrafando v. ex.ª resposta. (a) Ministro.»

7 DE AGOSTO

A resistencia dos belgas provoca um sentimento geral de gratidão e admiração. Os fortes de Liège não se renderam ainda. Entretanto, o exercito francez já marcha em territorio belga e espera-se para amanhã ou depois uma grande batalha em Namur. Pela fronteira de leste os francezes já penetraram em territorio allemão. Estão, parece, em Vic. Não se confirma a tomada de Mulhouse. Os allemães concentram-se no

Luxemburgo. No Mar do Norte ouve-se um forte canhoneio que se suppõe seja o do primeiro contacto entre as esquadras ingleza e allemã. Os inglezes têm apresado navios mercantes allemães por toda a parte. Um telegramma de Roma refere este facto: antes de sahirem do porto de Messina, onde são esperados pelos navios inglezes da divisão de Malta, os officiaes dos cruzadores *Goeben* e *Breslau* foram a terra depositar os seus testamentos e as suas joias e valores no consulado allemão. Consta que na madrugada de hontem foi fusilado o proprietario do Hotel Astoria, em cujos cimos funccionava um apparelho de telegrafia sem fios. Recebi do Ministerio este telegramma: «Estou pleno accordo idéa v. ex.ª. Muito applaudo sua idéa procurar fazer regressar Lisboa portuguezes ahi em más circunstancias.» Fico ignorando se este telegramma responde ao meu de hontem. Portugal ainda não fez declaração de neutralidade. Esta manhã appareceu-me na Legação, acompanhado pelo commissario de policia da Vilette e por dois agentes de policia, Alvaro Simões d'Alpiarça, preso ás onze horas da noite de hontem junto da comporta do canal de Saint Martin, como espião. Espião allemão, Alvaro Simões! Trazia no bolso do casaco tres metros de isca, que muito intrigaram a policia. Lá o fiz pôr em liberdade. Perguntei-lhe se tinha sido maltratado. Queixou-se me de que tinha estado toda a noite exposto a uma corrente d'ar. Só nós!

8 DE AGOSTO

Os jornaes publicam telegrammas de Lisboa que trouxeram a esta cidade grande regosijo. Reuniu a Camara extraordinariamente e o Bernardino Machado leu um projecto de lei autorisando o governo a adoptar as medidas necessarias para garantir a ordem, assegurar a defeza nacional e fazer face ás despezas reclamadas pela situação. Os telegrammas referem as suas declarações de solidariedade com a Inglaterra, feitas no meio de grandes applausos. «Não faltaremos de nenhuma maneira aos deveres da alliança ingleza». A Camara separou-se aos gritos de viva a França, viva a Inglaterra, viva a Russia. Na Legação toda a gente está contente com esta solução. Um dos muitos portuguezes que me procuraram contou-me que indo ao Credit Lyonnais trocar um cheque, o homem que lho pagou, ao reconhecer a sua nacionalidade, gritou: — Viva Portugal! As noticias da guerra dão a impressão de que a Allemanha está sendo atacada como um animal feroz. Os francezes tomaram Mulhouse diz-se que com consideraveis perdas. Fala-se em quinze mil homens por sua parte e trinta mil por parte dos allemães. Os inglezes estão desembarcando em Calais, Douvres e Ostende. Dos fortes de Liège não ha noticia que se tenham rendido ainda. O embaixador d'Austria continúa em Paris e ainda hoje esteve no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Esta noite, depois do jantar, fui até á Etoile, tomar um pouco d'ar. No passeio de entrada da avenida do Bosque de Bolonha, a que os parisienses dão a designação de *pavé des pannés*, por

ser ali que se reunem nas tardes de domingo, para ver passar as carruagens, os que presumivelmente não têm meios para as tomar, alguns estrangeiros, inglezes, americanos, tomavam o fresco nos fauteuils de ferro. Na vasta esplanada deserta, o Arco do Triunfo assumia um vulto consideravel. Um vendedor de jornaes passou vendendo em silencio a *Presse*. Um fiacre vazio veio encostar-se ao *trottoir*. Ás onze horas o sitio estava deserto, e durante uma longa, pesada meia hora não passou um carro. Estamos no setimo dia de mobilisação.

9 DE AGOSTO

Um telegramma de Lisboa publicado nos jornaes de Paris causa-me a maior inquietação. O Bernardino Machado teria declarado — onde? — que Portugal não faltará aos seus deveres com a Inglaterra, o que não quer dizer — teria accrescentado — que renuncie desde já á neutralidade. Perguntei immediatamente para Lisboa ao ministro o que quer dizer esta ambiguidade. Se assim fôsse estariamos falando a linguagem de 1801 e seria desastroso. O longo telegramma que dirigi para Lisboa a este respeito encontra-se no meu dossier sobre a *Guerra de 1914*. Hoje, apezar de ser domingo, muita gente na Legação. Um estudante portuguez pensionista do Estado, que frequentava a Universidade de Liège, chegou hoje d'ali, e durante meia hora esteve descrevendo as horas terriveis por que passou, com a falta de vida e de côr que nos é propria. Já se tinha deitado á uma hora da noite de

4 de agosto quando acordou ao ruido das granadas que explodiam sobre Liège. Elle e as pessoas da casa em que viviam recolheram-se á cave, o que de resto toda a gente fez. Pela manhã, o bombardeamento cessou. Sahiu então e encontrou-se na praça da Baviera com camaradas seus (em Liège ha muitos estudantes portuguezes) combinando reunirem-se para tomar resoluções; mas, accrescentou, como sempre succede entre portuguezes, falou-se muito da guerra, e nada se resolveu. Era comtudo simples: partir quanto antes! Isto que era tão simples não lembrou a nenhum d'elles. Espalharam-se pelas ruas de Liège, a ver os acontecimentos, e elle assistiu á chegada de um parlamentario allemão, um capitão de cavallaria, montado e vendado e seguido de uma ordenança e um clarim. O parlamentario vinha intimar a rendição, que o governador repelliu. Pouco depois, e conforme a ameaça feita pelos allemães, um zeppelin pairou sobre Liège, deixando cahir, diz o estudante, trapos inflammados. Aqui e ali romperam incendios. A Universidade começou a arder. A noite de 3 para 4 de agosto foi terrivel. Era um inferno, diz o rapaz. Na noite seguinte, um camarada bateu-lhe á porta á uma da manhã. — Depressa! D'aqui a cinco minutos temos um comboio. — Elle sahiu como estava, e correu para a estação, tomou o comboio que o conduziu a Bruxellas. Confirma que os allemães têm praticado barbaridades servindo-se de estratagemas indignos de um povo civilisado, usando da bandeira branca para attrahir os belgas a ciladas, disparando sobre as ambulancias e não respeitando a Cruz Vermelha. Os camponezes que

chegam a Liège, fugindo através dos bosques, contam que os allemães fusilam creanças e roubam os pobres diabos que encontram nas estradas. O conde de Sousa Rosa appareceu-me á tarde. Está velho, anda com difficuldade e não acredita que possa montar a cavallo. Alem d'isso, na sua idade, parece-lhe ridiculo offerecer o seu concurso, mas é official da reserva e está prompto a comparecer se o chamarem. Está espavorido com o espectaculo que vê. Tinha o imperador na conta de um homem intelligente. Os allemães estão doidos. O que vae succeder? Tudo vae mudar. E' um mundo novo que se levanta. As noticias da guerra não modificam a situação. Hoje houve numerosas escaramuças na fronteira de Leste. Em Longwy, a cavallaria allemã, auxiliada pela infanteria, teve um combate com os *chasseurs à pied* e parece ter-lhes cedido o terreno. Nos Vosges houve um combate violento. Da Belgica dizem que os fortes de Liège *tiennent toujours*. No Hotel de Ville de Bruxellas fluctuam as bandeiras belga, ingleza e franceza. Hoje, na sessão da Academia das Sciencias Moraes e Politicas, o filosofo Bergson pronunciou estas palavras: «A lucta travada contra a Allemanha é a lucta da civilisação contra a barbarie. Todos o sentem, mas a nossa Academia tem talvez uma autoridade especial para o dizer. Dedicando-se em grande parte ao estudo das questões psicologicas, moraes e sociaes, a academia cumpre um simples dever scientifico considerando que a brutalidade e o cinismo da Allemanha, o seu desprezo por toda a justiça e toda a verdade são uma regressão ao estado selvagem.»

O que pensa neste momento a Allemanha? Conhece as circumstancias terriveis que se conjuram contra ella? Sente a densa atmosfera de aversão e odio que se formou contra ella? Entrevê já o abismo que se abre a seus pés? A guerra é da civilisação contra a barbarie. Comprehendeu já a Allemanha moderna, ou o seu espirito se elle existe, a tremenda significação d'este facto? Os prisioneiros interrogados dizem-se surprehendidos com as resistencias que encontram. Na Belgica um uhlano preso declarou estar convencido por lho terem dito de que a passagem do exercito pelo territorio belga não levaria mais de oito horas.

10 DE AGOSTO

As noticias da guerra vindas durante o dia não nos trouxeram novas emoções. Encontrei na rua um soldado que não teria menos de sessenta annos, com o uniforme de *piou piou*. Na rua de Constantine vi passar uma força de dragões, de carabina em punho, a dois de fundo. Um dos dragões que ia na frente teria vinte annos. Vamo-nos familiarisando com a idéa da guerra? Não sei, mas o grande alarme, a grande inquietação dos primeiros dias passou. Ao sahir esta tarde de casa, metti a cabeça na porta da concierge, que estava a ler o *Petit Parisien: — Bonnes nouvelles, Madame Guichard? — Ah! Monsieur le ministre! Quel malheur! Pauvres petits soldats!* Aqui está. No nosso tempo, nem mesmo a idéa da victoria nos

concilia com a idéa da guerra. Ha quarenta annos, a noticia que chegou hontem da occupação de Mulhouse teria feito sahir para as ruas o patriotismo. Hoje julga-se uma victoria pelo numero dos seus mortos e chora-se. Quando esta pavorosa guerra acabar, toda a Europa estará em pranto e não se ouvirão talvez gritos de enthusiasmo, mas de maldição! A' meia noite pelo telefone chegaram noticias, que nos são transmittidas em francez porque está prohibido o uso de linguas estrangeiras nos apparelhos. Os francezes teriam evacuado Mulhouse — diabo! — mas accrescenta o communicado official estarem senhores da alta Alsacia. O que continúa a surprehender é a Belgica. Os fortes de Liège ainda não se renderam. Por outro lado a Servia avança em territorio austriaco, approxima-se de Sarajevo, emquanto o Montenegro penetra na Austria, toma-lhe fortalezas e fronteiras, entrega os passaportes ao ministro allemão, declara a guerra á Allemanha. Esta guerra é o triunfo dos pequenos povos. Não me surprehenderia se soubesse amanhã que o *D. Carlos* tinha mettido ao fundo um cruzador allemão. De Lisboa nenhumas noticias.

11 DE AGOSTO

O governo mantem rigorosamente na sua mão o direito de informar o paiz sobre os successos da guerra, que assim só vamos conhecendo pelos communicados officiaes. Parece não se attribuir á desoccupação de Mulhouse uma importancia consideravel. O *Matin* diz,

no seu supplemento publicado ás cinco da tarde, que não ha um unico soldado allemão no solo da França. A' noite telefonam-me as noticias mais optimistas. Nos recontros que se deram hoje em toda a fronteira, os allemães foram repellidos, com perdas d'homens, canhões e metralhadoras. Os francezes tomaram uma aldeia á baioneta. Finalmente chegou a noticia estupenda, que já se espera, mas quasi não surprehende já: «Continúa o bombardeamento de Liège. *Les forts tiennent toujours*. De certo por não ser um tactico, não comprehendo o que se está passando. O que fazem os allemães em Liège, e onde estão que não se deixam ver, como os suppunhamos ver, isto é, em massa, noutra parte? Dir-se-ia que o seu objectivo deveria ser o de tomar uma offensiva fulminante. Para isso se prepararam, segundo se affirma, e para isso procuraram demorar, por meio de estratagemas diplomaticos, a mobilisação franceza. Esta prosegue methodicamente e está quasi terminada. Por outro lado, cada dia que passa não pode ser senão funesto á Allemanha. A Italia entretanto, que já sonha com a reconquista, pode entrar na colligação. Onde estão os allemães? Onde está a Allemanha? Como não sou um estrategista concluo que a guerra ainda não começou. E Portugal? O que faz Portugal e o que é que se está passando em Lisboa, no Terreiro do Paço? Todas as nações, até o Haïti, declararam a sua neutralidade. O que vae elle fazer? Declará-la tambem? Ai de nós! Do Ministerio continua a chuva de telegrammas recommendando portuguezes retidos em França pela mobilisação, e é tudo. Sobre a attitude da Allemanha, sobre

os desejos da Inglaterra, sobre a orientação nacional, nem uma palavra. Em Lisboa houve uma manifestação de alguns milhares de pessoas em frente das Legações de França e Inglaterra. O Vicente Ferreira telegrafa-me: «Estamos todos de accordo.» O Teixeira Gomes telegrafa-me de Londres que «tudo marcha satisfatoriamente». Oxalá!

12 DE AGOSTO

Guilherme II lançou uma proclamação, e é já a de um vencido. «Resistiremos até ao ultimo homem e até ao ultimo cavallo, diz elle, e emprehenderemos a lucta contra um mundo de inimigos.» O conquistador fala em resistir antes de ter combatido. Está perdido. Dia de ardente calor. Nos boulevards quasi não se encontram senão estrangeiros, os ultimos que restam e ainda não poderam partir. A's quatro da tarde começam a apparecer supplementos de jornaes apregoados por mulheres e creanças, *camelots* improvisados, bem vestidos e que mal sabem apregoar. O supplemento do *Bonnet Rouge* é vendido por um rapaz de fraque e grande cabelleira de artista. Fui comprar um objecto ás Galerias Lafayette: curioso aspecto deu a guerra a estes armazens. Os seus *rayons* estão abandonados. Nem clientes, nem empregados. Os homens desappareceram e por detraz dos balcões, aonde ninguem se chega a comprar, as *vendeuses* sentadas em grupos cosem, bordam, como em familia. Cessou o ruido immenso da multidão que os povoava. Um silencio de

fallencia pesa sobre aquella grande fabrica abandonada. A's seis horas os armazens fecham e já não se assiste ao espectaculo da sahida em massa dos seus milhares de empregados activos, precipitando-se para as gares, para o jantar, para o repouso bem ganho depois de um dia laborioso. Agora as mulheres, só as mulheres escoam-se por todas as portas como sombras a caminho das suas casas onde falta o pae, o marido, o companheiro, o irmão que estão na guerra, que não são talvez já d'este mundo. Os allemães bombardearam Pont-à-Moussou, mas os communicados officiaes dizem que a sua artilharia é inferior e os seus projecteis sem grande efficacia. Os prodigiosos belgas não resistem já: avançam. Esta noite dizem-me pelo telefone que os allemães recuam e que os belgas lhes cortaram as communicações com a rectaguarda, impedindo-lhes o *ravitaillement*. De Lisboa, um telegramma: «Situação continua tranquilla.» O que quer isto dizer? Para onde vamos? Para onde resvalamos?

13 DE AGOSTO

Durante o dia enviei successivos telegrammas para o Ministerio, com as noticias da guerra, colhidas ao telefone, nos jornaes, no Quai d'Orsay. O trabalho que isto representa! O Ministerio, mudo. Todas as nações, mesmo o remoto Haïti, fizeram já as suas notificações á França. De Portugal sabe-se apenas que são grandes as suas simpatias por francezes e inglezes, mas

ignora-se o que pensa o seu governo. O Presidente da Republica continua em Buarcos a ares. Passei o dia numa grande inquietação e num exaspero que mal posso conter. A' tarde chegou um telegramma. Precipitei-me sobre o enveloppe. O telegramma vinha cifrado e eis aqui o que occultava a sua cifra: «Governo brazileiro concedeu autorisação para encarregar consul do Brazil da gerencia interna do consulado de Portugal no Havre. Peço a v. ex.ª queira proceder em conformidade. (a) Ministro». O dia esteve de grande calor, como os mais quentes do torrido estio de ha tres annos. Depois do jantar subi á Etoile a tomar um pouco de ar, sentei-me nas cadeiras de ferro do *pavé des pannés*. Grande concorrencia e na avenida do Bosque uma animação que Paris não conhecia depois que começou a guerra, muitos automoveis e fiacres e grupos de mulheres em cabello a tomar o fresco. Subito, palmas, gritos e um *convoi* de transportes militares começou a desfilar. Tudo se levantou, se approximou dos passeios. Vinham na frente quatro officiaes a cavallo em montadas pesadas e sorumbaticas e logo entraram a desfilar lentamente as compridas viaturas puchadas a duas parelhas de *percherons*, ornadas de bandeiras e grandes ramos de carvalho. Um *frisson* de patriotismo e de commoção passou. Os soldados agitavam os barretes guarnecidos de bandeirinhas tricolores, voltavam-se para os passeios, murmurando: — *Au revoir! au revoir!* As mulheres corriam para junto das rodas dos carros, colhiam-lhes as mãos na passagem, gritavam — *Au revoir! au revoir!* Da boleia de uma viatura, onde iam quatro soldados, sahiu

um estribilho surdo, parafraseando a canção dos *Lampions:*

C'est Guilhaume
C'est Guilhaume
C'est Guilhaume
Qu'il nous faut!

Os carros continuavam a desfilar na escuridão da avenida do Bosque a caminho dos Campos Eliseos. Agora eram carros pintados de verde e toldados, como os alemtejanos, e não havia acclamações, nem gritos estrepitosos, nem vivas á França, mas um contínuo *Au revoir! au revoir!* de affectuosa despedida. Alguns soldados retardatarios, que corriam a pé atraz de um carro, sahiram da forma, saltaram aos passeios, distribuiram apertos de mão por toda a gente que estava — *Au revoir! au revoir!* e foi um momento de commovente fraternidade. Eu tinha os olhos humedecidos. A confiança renasce. Não é ainda muita, não! Os francezes não ousam por ora acreditar na victoria. — *Victoire!* escreve-me Paul Guinsty. *C'est trop tôt pour prononcer ce mot.* Mas uma aurora lentamente desponta. Começaram a chegar a Champigny os primeiros soldados allemães presos. São já os primeiros enviados da *défaite.* Esperemos. As noticias do valor dos soldados belgas são dia a dia mais surprehendentes, creio que elles mesmos não se reconheciam capazes de um tal esforço. «Nos primeiros dias, dizia hontem um belga a um correspondente do *Temps, une peur irraisonnée nous a pris.*» Depois da resistencia heroica de Liège,

os belgas acabam de dar batalha aos allemães em *rase campagne,* entre Hasselt e Diest, ao norte de Liège, com os mesmos surprehendentes resultados. Os allemães são repellidos, perdem dois mil homens, e na grande praça de Diest, dizem os telegrammas d'hoje, ha um montão de armas e arreios tomados ao inimigo. Os belgas têm feito dois mil prisioneiros. Nos Vosges e na fronteira do Luxemburgo os francezes reconhecem a superioridade da sua artilharia e fazem até agora mil e quinhentos prisioneiros. Accentuam-se os primeiros maus resultados da campanha para os allemães, mas tão grande é o prestigio militar d'este povo que ninguem ousa pronunciar-se ainda, e a cada momento se espera, com o terror na alma, ver irromper essa força destruidora, de que ha quarenta annos se faz em toda a Europa uma lenda. Os jornaes publicam uma profecia do general japonez Nogi, que predisse a derrota dos allemães nos campos de Waterloo e o fim das guerras na Europa. Eu tambem fiz uma profecia, que por acaso descubro agora no meu livro *Minhas razões*. E' de 1905 e diz assim (pag. 57) «Sim! E' possivel que uma guerra esteja imminente, mas essa grande guerra, essa guerra espantosa será a ultima das guerras europeias. Um unico estado da Europa alimenta o pensamento da guerra. Todos os outros a detestam e se furtam a ella. Se a Allemanha desencadear a guerra, a Europa em massa marchará contra a Allemanha, Por um momento a Europa inteira será sobre a terra um immenso vomitar de ferro e fogo. Os estragos de semelhante conflagração serão enormes. Pois bem! Aqui está a minha esperança: sobre os

escombros d'essa grande guerra os povos reflectirão. Esses rios de sangue correndo a seus pés, essas cidades, esses monumentos, esses campos, essas aldeias destruidas, tantas dôres e tantas ruinas apparecer-lhes-hão como um monstruoso absurdo. Abrirão os olhos sobre a vida e perguntarão a si mesmos se foram creados para se exterminarem. Ensanguentados, mutilados, estropiados, dar-se-hão as mãos. Esse dia será o ultimo dia do feudalismo... Esse dia será o do advento da Democracia. O seculo vinte resolverá assim o unico problema nitido do seculo desenove e a humanidade lançar-se-ha nos seus novos destinos. Desencadeie-se a guerra. Os homens d'hoje não irão a essa guerra senão com a condição de que ella seja a ultima. Imagina-se que se renovarão as rivalidades entre estados e os tratados de paz seguidos de novas esperanças de guerra? Imagina-se que se vae recomeçar a historia? Nesta guerra não haverá vencedores ou vencidos e ella será generosa, será fecunda, porque acabará com a guerra.»

14 DE AGOSTO

O facto do dia é a conducta da Turquia, a que o *Temps* já chama *o suicidio da Turquia.* Os dois unicos cruzadores que a Allemanha tinha no Mediterraneo, o *Breslau* e o *Goeben,* este ultimo de grande força e velocidade, depois de despejarem algumas granadas sobre Bône e Philippeville, fugiram a tomar contacto com forças navaes francezas e inglezas e abrigaram-se nos

Dardanellos, onde têm encontrado por parte da Turquia todo o genero de facilidades. A Triplice Alliança intimou o governo turco a repatriar as equipagens e os officiaes. O outro facto é a declaração de guerra, que se annuncia dever ser official amanhã ou depois, do Japão á Allemanha. Da Belgica e da fronteira não chegam noticias importantes. A situação dos belgas continua, segundo os communicados officiaes, a ser excellente. Hontem, perto de Gembloux, um grupo de ciclistas militares belgas fez um destroço numa força allemã, prendeu e matou gente. Os allemães, segundo as mesmas noticias, recuam. Na fronteira, luctas no ar. Um aeroplano allemão foi abatido. Um aeroplano francez defendeu-se de outros a tiros de pistola Browning — no ar. Está realisada a fantasia do caricaturista Robida. Onde está o exercito allemão e como se explica que deixe passar tantos e tantos dias sem fazer a sua tão temida entrada em scena? Concentra-se para entrar em força por aqui e por ali? Mas entretanto, os seus inimigos fazem o mesmo — concentram-se. A França tem quasi concluida a sua mobilisação, os russos não deixaram por certo de aproveitar o tempo que lhe deram, os belgas tiram das suas victorias novos estimulos, os inglezes desembarcam no continente. O que significa o eclipse do formidavel exercito allemão e quaes são os seus designios? Em França a idéa da victoria vae dia a dia installando-se. Já os jornaes falam outra linguagem. Cartas particulares de Berlim dizem entretanto, segundo alguns, que tem havido ali manifestações contra a guerra. E porque não seria assim? Eu estou persuadido de que esta guerra não

chega ao fim, e que a paz será proposta, ou acceite quando os allemães abrirem os olhos á verdade e se sentirem perdidos. Resiste-se á derrota na guerra de defeza: o ultimo homem morre na esperança de que o seu sacrificio servirá ainda para alguma coisa. Quando a derrota se chama orgulho abatido e decepção, os animos cahem. Estou persuadido de que assim succederá na Allemanha e que, a meio caminho de Berlim, os exercitos da colligação terão de voltar para traz. (*) Se a França não tiver o capricho de ir emfim a Berlim! De Portugal não ha uma noticia e eu cada vez receio mais que se estejam engendrando em Lisboa as vergonhas do tempo de Napoleão. A opinião é bem inspirada. As manifestações á França, á Russia, á Inglaterra nas ruas de Lisboa, succedem-se; a imprensa fala a boa linguagem; mas o que faz o governo, que absurdas combinações está urdindo? Na ignorancia do que se está passando, no receio do que virá a passar-se, eu torturo-me e consumo dias de vida. Hoje telegrafo ao Teixeira Gomes para Londres e ao Augusto de Vasconcellos, que está em Madrid ministro interino: «Peço-lhe me diga qual attitude de Portugal. Aqui estranha-se falta declaração. Muito inquieto.» Está trovejando formidavelmente. Relampagos enchem a minha sala de clarões, e o meu pensamento transido volve-se para alem da Meuse, para alem dos Vosges, para esses montes e valles tingidos

(*) Foi o que succedeu — 1918.

de sangue, onde talvez como agora os relampagos illuminem horrendos espectaculos de devastação.

15 DE AGOSTO

Esta manhã recebi do Ministerio um telegramma cifrado e concebido nestes termos: «Peço a v. ex.ª recommendar N. não empregar termos offensivos allemães nos telegrammas para jornal. (a) Ministro.» Assim, o governo está fazendo um jogo duplo entre a Inglaterra e a Allemanha. Diz á Inglaterra no parlamento que a acompanha, mas por baixo de mão diz talvez ao ministro da Allemanha que as suas simpatias estão asseguradas aos allemães, e para lho provar exerce pressões sobre a imprensa, manda recado aos jornalistas para que não empreguem termos offensivos nos seus telegrammas. A' tarde enviei á estação da rua de Grenelle dois telegrammas cifrados — um para o Ministerio e outro para o Alves da Veiga. O primeiro dizia assim: «Estrangeiros Lisbonne. Confidencial. Nos meios officiaes e de imprensa em Paris, estranha-se que Portugal não tenha definido ainda a sua attitude quando todas as nações fizeram já suas notificações á França. Insisto em que depois da opinião feita em França sobre a attitude de Portugal qualquer acto que possa traduzir-se por indecisão ou reconsideração será irreparavelmente desastroso para o prestigio nacional. (a) Chagas». O telegramma para o Alves da Veiga dizia assim: «Ministre de Portugal, Bruxelles. Particular, confidencial. Aconselhei nossos ami-

gos e governo a marcharem resolutamente com a Inglaterra, aproveitando ensejo unico na historia de valorisarem alliança ingleza. O governo fez declarações formaes, appoiadas no parlamento e na imprensa, mas não define sua attitude, ao contrario de todas as nações, e receio esteja renovando a situação de 1808. Peço faça em Lisboa todas as pressões que o seu patriotismo lhe indicar. (a) Chagas.» O Thomaz, que tinha ido levar estes telegrammas, voltou com elles informando que na estação da rua de Grenelle não os tinham admittido á transmissão, por serem cifrados e haver ordens novas que excluiam certas legações do direito de usarem a linguagem cifrada. Surprehendido, pois ainda esta manhã os meus telegrammas cifrados foram expedidos, mandei ao Ministerio o Brederode, a quem informaram que o assumpto dependia do ministro. Immediatamente me dirigi a este por carta e espero a sua resposta. O que significa esta medida? Já comprehendeu o governo francez a duplicidade de Portugal? E' isto já uma medida de defeza? Vou sabê-lo amanhã, mas entretanto debato-me em torturas como nunca conheci. Se podesse dispôr de mim, se podesse abandonar neste momento este logar, sem desaire e sem escandalo, partiria como um raio para Lisboa e se fôsse preciso insurreccionaria Portugal, para o salvar do tremendo desastre moral que o ameaça. Se me privam do unico meio de communicação de que me poderia servir para fazer ouvir a minha voz em Lisboa, fico como um naufrago num rochedo. De Lisboa não ha noticias. De vez em quando chega um telegramma. E' o Ministerio recommendando

portuguezes, ainda extraviados. De tarde, appareceu o F. chegado hontem de Lisboa, com trinta e seis horas de viagem de Irun até Paris. Do que se passa no Ministerio não sabe nada. Diz que a opinião de toda a gente em Lisboa é a de que se offereça um concurso immediato á Inglaterra. Refere que se esperava a noticia da mobilisação no dia seguinte ao da sessão extraordinaria das Camaras, mas que em vez d'isso veio um aviso do governo desmentindo que se mobilisassem trez divisões. Na sua opinião o Bernardino Machado teme que os monarchicos tentem a restauração se o paiz fôr desguarnecido por uma remessa de tropas ao estrangeiro. Terá elle dito esta baboseira ao ministro da Inglaterra? Tudo é possivel. Na Legação estão todos desolados. Até o Thomaz diz que vae ser uma vergonha. Minha mulher chora. Pobre Maria! A que destino a fadei! As noticias da guerra continuam a ser boas. O Ministerio da Guerra belga resolveu suspender os communicados officiaes. Vamos ficar sem noticias da Belgica. Em Paris diz-se que os allemães pretendem apoderar-se de Bruxellas. Na fronteira de leste houve um combate importante entre as tropas francezas e um corpo de exercito bavaro que, segundo as noticias officiaes, retrocedeu abandonando mortos, feridos e prisioneiros. Dois aeroplanos francezes foram até Metz e voltaram, sendo visados por numerosos tiros de peça sem exito. De resto, parece averiguada a inferioridade da artilharia allemã, o mau tiro e o mau material. Muitos obuzes não rebentam. Era o que succedia aos francezes em 1870. O general French está em Paris. Quando eu penso que com bem pouca coisa,

com um simples e facil gesto, o nome de Portugal podia ser erguido neste momento, com a mais linda gloria, nesta terra de França! Depois do jantar fomos espairecer a nossa tristeza, minha mulher e eu, para a avenida do Bosque, immensa e deserta sob a noite negra. No *pavé des pannés* dão-se agora rendez-vous todas as noites os ultimos argentinos que restam em Paris, que não são muitos. Fazem um odioso alarido hespanhol com as suas amigas, e estendem os pés por todas as cadeiras.

16 DE AGOSTO

Hoje domingo, um par que passou por deante da Legação parou um instante a considerar o escudo, e a mulher disse: — *Il paraît qu'ils* (os portuguezes) *ne sont pas très disposés a nous seconder.* Assim já se diz nas ruas o que eu tanto tenho receiado. Mais uns dias e dir-se-ha na imprensa. Uns dias mais e a nossa duplicidade, como a da Turquia, será voz corrente, será um facto, e que facto! Por ser domingo não recebi resposta do Ministerio á minha carta ao Doumergue, mas procurei o Lardy, afim de saber se a Legação da Suissa, como informou o Thomaz, tambem está excluida do numero das Legações que podem fazer uso da linguagem cifrada. O Lardy nada sabe, raro emprega a linguagem cifrada, mas ficou surprehendido e prometteu informar-se. Durante o dia, veio á Legação um individuo que disse ser official do exercito e acerca de quem se recebeu do Ministerio um telegramma man-

dando fazer-lhe entrega de mil francos. Foi enviado ao Consulado, para onde transferi estes serviços pouco proprios das minhas funcções. O individuo em questão fazia-se acompanhar por um outro que arvorava na gravata um alfinete em forma de bandeira com as côres azues e brancas. Se a autoridade da Republica não fôsse a mais desprezivel das ficções, um facto d'estes não podia dar-se. As noticias da fronteira continuam a ser boas. Os francezes pronunciam o seu movimento para a frente na Alsacia. Hoje, no valle de Schirmeck, fizeram mil prisioneiros allemães e apoderaram-se de canhões de grosso calibre e de campanha e de caixas de munições. Mais adiante, na região de Cirey, tomaram a uma divisão de cavallaria vinte camions automoveis carregados de mantimentos. O czar annunciou numa proclamação a autonomia das Polonias, prenuncio de outras reparações, o Slesvig á Dinamarca, Trieste á Italia. O Japão enviou um ultimatum á Allemanha intimando-a a fazer retirar das suas aguas os seus navios de guerra e dando-lhe o prazo de um mez para evacuar Kiaotchéou, que se propõe restituir á China. De toda a parte se annunciam apprehensões de navios mercantes allemães. Os únicos que ainda não foram apprehendidos são os que estão no Tejo guardados pelo Bernardino Machado e que são, diz-se, cincoenta ou mais, isto é, uma magnifica frota mercante. A Allemanha fica sem um barco para se transportar e tão convencida parece já estar d'esse facto que a Hambourg America, segundo dizem os jornaes d'hoje, propoz aos Estados Unidos a compra dos seus grandes barcos que estão nas aguas americanas e que valem cem milhões.

O bello cruzador *Goeben* e o *Breslau,* que tão triste figura acabam de fazer no Mediterraneo, foram effectivamente comprados pela Turquia, que já desembarcou as equipagens e lhes mudou os nomes. Suspeito que não gosará muito tempo da sua acquisição. Os Campos Eliseos tiveram esta tarde um pouco da animação que traz a esperança. As communicações estão restabelecidas. Os ultimos estrangeiros vam-se escoando. A' noite fomos á praça da Concordia ver funccionar o projector installado no terraço superior do Automobile Club e que cruza o seu immenso facho luminoso com o de Issy les Moulineaux, no ceu toldado de nuvens. Todos os insectos que andam no ar são attrahidos por essa luz, passam por ella como estrellas cadentes. Quando recolhemos, ás onze, o nosso automovel era o unico que subia os Campos Eliseos. Os grandes hoteis da Etoile fecharam todos. O Astoria parece estar de lucto. O Majestic, flamejante de luzes, com as janellas dos seus oitocentos quartos sempre illuminadas, apagou-se como um sol. As suas portas de grades foram fechadas, os grandes vidros das immensas janellas do seu hall cobertos com tapumes de madeira. Na avenida Kléber o silencio dos tumulos — nem o rodar de um carro, nem os passos de um transeunte retardado. Emquanto escrevo, ouço o tic-tac apressado do relogio de bronze que está em cima da minha meza. Applico o ouvido e creio ouvir as pulsações do meu proprio coração afflicto. Revolvo em mim proprio a idéa de correr a Lisboa.

17 DE AGOSTO

O Vasconcellos escreve-me de Madrid, onde se encontra a desempenhar *interinamente* o logar de ministro, para que foi acceite pelo governo hespanhol e para que foi nomeado o Batalha Reis, que está não se sabe onde. Leio a sua carta e os braços cahem-me. «As cousas têm caminhado como v. desejava. Jogamos a cartada e jogamo-la bem. Precisamos no entanto não perder vasa nenhuma e para isso trabalhar bem e muito certos.» Mais adiante: «Se ganhamos a cartada, Portugal pode ficar com uma situação como nunca teve do seculo XV para cá.» Mais adiante: «O menor passo em falso pode porem estragar tudo e os excessivos enthusiasmos anglofilos em Lisboa, e sobretudo no parlamento, iam-nos fazendo mal. Os proprios inglezes já estavam a estranhar que nós tomassemos ares provocadores á custa d'elles. Emfim, tudo se accomodou e neste momento a nossa situação é excellente.» Excellente! Este Vasconcellos é — dizem — um bom cirurgião. Pobre homem! Não é mais nada! Uma carta do Vicente Ferreira tambem caracterisa a inferioridade e passividade do espirito portuguez, quando sae do dominio das profissões para o das idéas abstractas. Este julga a situação pelo que lhe diz o seu chefe politico, o Brito Camacho, que lhe diz pouco, ou não lhe diz nada e apenas pisca um olho ou sorri. Mas isto basta ao Vicente Ferreira, engenheiro excellente, como o outro é bom cirurgião. «Toda a minha confiança cá dentro — escreve-me elle — está na acção do Brito Camacho, que sempre procede como um patriota e um

estadista.» Mas o que caracterisa o supersticioso conceito em que tem o Camacho é esta frase da mesma carta: «Consta-me que o Brito Camacho teve conhecimento de qualquer noticia agradavel para o nosso paiz, no dia 6 do corrente, a ponto tal que lhe attribuem a frase: «*E' um dos melhores dias da minha vida.*» O Camacho explora a ingenuidade d'esta pobre gente como um curandeiro d'aldeia. Escrevi numerosas cartas para Lisboa, tocando furiosamente a rebate. Assim me escutem e abram os olhos a tempo de ver a horrenda verdade. As communicações fazem-se, mas muito lentamente. De Paris a Irun trinta e seis horas. Oxalá o meu alarme se communique aos outros, se produza uma reacção, se salve ainda o paiz das vergonhas que o ameaçam. Estas preoccupações fazem-me esquecer a guerra, que de resto entrou já nos nossos habitos como um facto familiar. Os francezes continuam avançando nos Vosges, parecem acercar-se de Strasburgo. Continua a affirmar-se a superioridade da sua artilharia. Os allemães, por ora, deixam-se prender um pouco por toda a parte, não oppõem resistencia seria. O imperador Guilherme transferiu-se para Mayence, com o seu estado-maior. Os jornaes começam a publicar cartas de soldados e officiaes francezes que estão no exercito. As suas disposições são animadoras. Marcham já convencidos da victoria. Os allemães presos apparecem esfomeados e pouco conscientes do que estão fazendo. Alguns maldizem a guerra. Estou numa extrema fadiga, com tanto trabalho e tantas commoções.

18 DE AGOSTO

Hoje de manhã recebi este estupendo telegramma do A. de Vasconcellos: «Propozemos á Inglaterra fazer o que fôsse mais conveniente para melhor exito. Disse-nos (!!) que não declarassemos a neutralidade e esperassemos acontecimentos d'accordo com a sua chancellaria. E' o que temos feito e o que devemos fazer». Tanta abjecção em tão poucas e satisfeitas palavras! Assim, o meu pobre paiz está irreparavelmente condemnado. A sua historia repete-se. Em 1806 é o D. João VI. Em 1914 é o Bernardino, é o Vasconcellos, é o Camacho, é a propria nação. Mas não! Que nestas paginas não fique esta injustiça. A nação é intelligente e nobre. A nação é admiravel. Chegam-me os jornaes de Lisboa, já desconfiados, fazendo advertencias, fazendo ameaças e dizendo o caminho que se deve seguir. O João de Menezes escreve na *Lucta:* «A cartada jogou-se e não ha agora que hesitar. Suppomos que todo o paiz o comprehendeu e não admittiria fôsse a quem fôsse, num lance de politica internacional, o emprego de processos que podessem confundir-se com os da triste politiquice de regedoria. Mau resultado havia de colher das suas habilidades quem por tal caminho se dispozesse a enveredar. Não chegaria até ao fim tranquillamente.» Encontro no artigo do J. de Menezes periodos da carta que escrevi ao Vasconcellos, quando a guerra começou. «Se formos para o fundo, escrevi eu, vamos em boa companhia». O Menezes escreve: «Somos alliados da Inglaterra, e se esta fôsse para o fundo, iriamos

em muito boa companhia.» O A. José d'Almeida, por um momento de rara inspiração, está no bom caminho e invoca a lealdade portugueza. O major Sá Cardoso aconselha com vehemencia numa entrevista da *Capital* a formação immediata do corpo expedicionario. As minhas novas cartas, tocando sempre a rebate, vam entretanto a caminho de Lisboa, lentamente, oh! muito lentamente, mas vam. Tenho passado um dia horrivel. O cansaço prostra-me, mas espero ainda que tudo se salve, e essa esperança dá-me novas forças. Uns dias mais, oito ou dez, e talvez as noticias de Portugal tragam um pouco de orgulho e alegria a esta casa desolada. O Bernardino Machado está procurando contrariar os primeiros impulsos nacionaes. Já se introduziu no *Seculo,* que publica um artigo sedativo, e no *Mundo,* onde encontra gente de facil conducção, que publica outro onde deparo com este inconcebivel dislate: «Se acompanhamos a Inglaterra e desejamos tomar uma parte activa nos combates que ella tenha de sustentar (!!) não somos por isso obrigados (!!!) como suppõem muitos insensatos, ou ignorantes, a hostilisar nações com as quaes temos tido relações amigaveis.» Uma manifestação patriotica foi prohibida em Lisboa. Telegrafei hoje ao Silva Graça, que está em San Sebastian: *Je vous prie surveiller attitude votre journal. Situation très critique.* Os allemães fusilaram um pequeno de sete annos que lhes apontou uma espingarda de madeira. Um jornal de Paris escreve: *Il faut aller aux dernières représailles.* Depois do jantar, desci num fiacre até aos boulevards. A noite estava tepida, e no ceu puro passavam lentamente as fachas lumi-

nosas dos projectores. Em todo o percurso apenas encontrei aberto o animatografo da casa Pathé e pouca gente circulava. Ao recolher a casa, fui abordado á porta por um grupo de rapazes, um dos quaes se me dirigiu em portuguez, talvez porque me conhecesse, para me perguntar se era ali a *legação do consulado de Portugal*. Perguntei-lhes quem eram. Disseram-me que eram estudantes em Bruxellas e procuravam voltar a Portugal. Se eu tinha troco de dinheiro belga. E estão estes animaes a estudar no estrangeiro. Fecho a porta succumbido com a accumulação de tanta estupidez.

19 DE AGOSTO

Recebido este telegramma do Ministerio: «Nossa attitude concertada com Inglaterra, com a qual estamos perfeito accordo. Não estamos hostilidade paiz algum, portanto neutros, mas neutralidade condicional.» Um artigo de B. Camacho na *Lucta* causa-me uma tal indignação que não sei como ao lê-lo não caio redondo ao chão. E' estupido e ó abjecto. Aqui está por exemplo o que elle escreve: «Naturalmente os politicos, quasi que por dever d'officio, são as pessoas que mais se preoccupam com os successos militares que se passam neste momento em plena Europa e que interessam ao destino de todas as nações; mas pouco avisadamente andarão os que se absorverem de tal modo nesse magro assumpto que se esqueçam de que amanhã terão necessidade de entrar numa batalha...

eleitoral e para ella não se prepararam devidamente. Quem adiante não olha atraz se fica e é muito de receiar que pretendentes em grande numero ao mandato legislativo, á força de não olharem para diante, fiquem depois esquecidos... atraz das urnas.....

.....

A guerra! Por ora ella preoccupa-nos mediocremente, talvez porque em pouco affecta o nosso paiz(!!!) Definimos já uma attitude, a unica que poderiamos adoptar salvo o caso de um suicidio voluntario, por inconcebivel estupidez. Na guerra que se desencadeiou na Europa havemos tomar a parte que nos cabe, não como nação europeia, mas como nação que tem os seus mais altos interesses ligados aos supremos interesses d'outras nações.»

Isto é — como colonia ingleza! Estupido cinico! Este artigo foi publicado no numero de 13 de agosto da *Lucta*. Fez-me tanto mal lê-lo que estive todo o dia doente.

O governo declara o paiz em neutralidade condicional. Estamos promptos! E' lentamente o regresso aos annos calamitosos da regencia.

As noticias da guerra são boas. Os francezes avançam em toda a linha dos Vosges. Os jornaes continuam a referir as crueldades tudescas. Um official allemão prisioneiro disse que os seus não guardam prisioneiros: fuzilam a todos. Não é uma guerra. E' a invasão dos barbaros. Toda a Europa civilisada se sente estremecer. Quanto maior fôr a devastação que semearem, mais cruel será o esmagamento dos allemães. Vem talvez proximo o dia em que a Alle-

manha, exterminada como nação, veja os seus filhos perseguidos como lobos. A' noite telefonam-me que o Papa está agonisante.

20 DE AGOSTO

De dia chegou a noticia de que Mulhouse tinha sido retomada pelos francezes e que nos Vosges os allemães debandam em direcção ao Rheno. Mais tarde soube-se que os francezes lhes tinham tomado vinte e quatro canhões. Mas na Belgica os allemães procuram passar a Meuse e a sua cavallaria entra em Bruxellas, a linda Bruxellas, d'onde sahimos encantados na nossa viagem da Paschoa. Foram talvez surpreender os *bruxellois* sentados nos terraços dos seus cafés do boulevard do Auspach, a tomarem a sua *brune* e a sua *blonde* por grandes copazios. Pobre paiz, condemnado pela historia a ser um eterno campo de batalha. A côrte, o governo, as camaras, o corpo diplomatico transferiram-se para Antuerpia, praça forte, que dizem inexpugnavel. Pensamos no nosso excellente e velho amigo Alves da Veiga, mettido nestes assados aos sessenta e oito annos. O exercito belga tambem seguiu na direcção de Antuerpia sem ter tomado contacto com os allemães. E' evidente o pensamento de salvar Bruxellas. Assim os barbaros a poupem! Onde estão os inglezes e francezes? Quem sabe? Talvez em Waterloo outra vez, mas agora do mesmo lado. O Papa morreu. Esta especie de Manuel d'Arriaga mitrado não resistiu ao estrondo da artilharia annunciando as primeiras

derrocadas do velho mundo apostolico. Morreu primeiro do que elle. Não viu cahir Vienna. O Antonio Bandeira chegou, vindo da Haia por Londres, depois de ter atravessado de Flessingue para Inglaterra num vapor que, diz elle, receiava a cada momento esbarrar numa mina. D'aqui vai para a Suissa por Lyon, occupar finalmente o seu logar de ministro em Berne, que conquistou sem grande esforço. Apenas o trabalho de ser primo do Bernardino Machado. Esteve em Londres com o Teixeira Gomes e, pelo que me diz dos seus pontos de vista sobre a attitude de Portugal no conflicto, seria Teixeira Gomes quem estaria inspirando o governo portuguez com as indicações da diplomacia duvidosa que sempre lhe conheci. Fui eu o primeiro homem que em Portugal lembrou este Teixeira Gomes para diplomata. Quando veiu a Republica, era tão pequeno o numero de pessoas de boas maneiras ao seu serviço, que eu lembrei-me d'elle, posto o não visse ha muitos annos, por ter idéa de que era um rapaz intelligente, artista, ou vagamente artista, um pouco *poseur*, o que não prejudicava o caso e que não se arranjava mal. Lembrei-o ao Bernardino Machado, que o mandou vir de Portimão e não gostou d'elle, por lhe parecer impertinente, ou desrespeitoso. O amor proprio do Bernardino Machado não suporta aparencias altivas, mas emfim lá o acceitou. Como sempre, porém, fez uma tolice e em vez de o collocar em Madrid, onde elle não estaria muito fóra do seu logar, no meio um pouco cigano da Hespanha, collocou-o em Londres, onde está inteiramente *déplacé*. Londres reclamava um homem grave. O Teixeira Gomes é uma

especie de Oscar Wilde, com alguns vicios d'este e sem o seu talento. E' um sceptico e, sem injustiça, um cinico. Ri constantemente, mostrando uns dentes de coelho. Não é feio homem, mas falta-lhe nobreza. Os seus cabellos e a sua barba são brancos, mas não inspiram respeito. Parece um clown enfarinhado. O Bandeira traz a impressão de que elle está muito envaidecido com as suas funcções. Falou-lhe com enfatuada reserva em *segredos de chancellaria*. Positivamente não andei bem inspirado quando aconselhei esta acquisição ao primeiro governo da Republica. O Teixeira Gomes corresponde-se activamente com os seus amigos, no que faz excepção aos portuguezes, que têm horror á palavra escripta, e é amigo do Brito Camacho, a quem poz naturalmente ao corrente dos *segredos das chancellarias*. D'ahi o artigo do Camacho, estupido até á torpeza. Este Camacho é um homem de quem o Guerra Junqueiro diz que é terrivel quando não ha perigo. Certamente imagina que agora não ha perigo e por isso foi terrivel. Os acontecimentos hão-de desilludi-lo e assustá-lo. Está destinado a desapparecer por um buraco. A' noite recebi este telegramma do Ministro: «Só hoje recebida carta de v. ex.ª de 7. Estou de accordo conteúdo. Tal tem sido a attitude do paiz. Logo no primeiro dia da declaração da guerra, Portugal collocou-se immediatamente ao lado da Inglaterra sem hesitação, nem receio, sendo feita declaração Foreign Office e aqui. Escrevo agradecendo carta de v. ex.ª (a) Ministro. Este telegramma é em parte redigido por Bernardino Machado. A minha carta de 7 de agosto não foi recebida hoje, mas ha muito

mais tempo, como aquellas que dirigi na mesma data para Lisboa e de que já recebi resposta postal. Bernardino Machado pretende com a sua mentira disputar-me, se isso fôr preciso, a iniciativa de orientar o governo. A marca do Bernardino Machado está no final do telegramma: «Escrevo agradecendo carta v. ex.ª». E' a sua assignatura, ao lado da do ministro. Passei sobre estes detalhes secundarios e dirigi a Freire d'Andrade — ia a escrever Souza Coutinho (*) — um extenso telegramma cifrado, porque o direito de communicação em cifra já foi restabelecido. Esse telegramma fica na minha collecção de documentos officiaes sobre a guerra. São d'esse telegramma estes periodos: «A neutralidade designada no telegramma de v. ex.ª como condicional não tem interpretação diplomatica e será traduzida como ambiguidade, ou duplicidade. A Inglaterra não pode de boa fé aconselhar ao governo portuguez semelhante attitude, nem creio o faça, pois isso seria desclassificá-lo para todos os effeitos da consideração presente e reparações futuras.» Em carta a Guedes d'Oliveira escrevo: «A reacção politica, a reacção religiosa, a reacção militarista vam ser afogadas em sangue e por isso considero esta guerra generosa, porque é uma guerra de emancipação. Implantando a Republica no occidente da Europa, Portugal deu um passo á frente. Como havia de recuar agora?»

(*) O ministro de D. João VI.

21 DE AGOSTO

Hoje houve um eclipse parcial do sol, entre as onze e o meio dia. Ha trez annos houve um outro que poz de nariz no ar todo Paris e toda a França, e foi um acontecimento. D'esta vez não houve, creio, quem se preoccupasse com este fenomeno. Na terra passam-se coisas mais importantes do que no ceu, e mesmo na terra não ha hoje facto, d'antes retumbante, que desprenda a anciosa attenção dos homens do que se está passando para alem da Meuse e para alem dos Vosges. Morreu o Papa e ninguem fala em tal. Que importa uma existencia a menos, mesmo a de um pontifice, quando tantas são ceifadas aos milhares neste momento de horror? As noticias do dia foram animadoras, mas as da noite, que serão publicadas amanhã, menos. Os francezes parece que soffreram um cheque, senão uma derrota na fronteira de leste, sendo obrigados a evacuar a Lorraine. Seria inutil imprudencia conservar ali as nossas tropas — diz o communicado official d'esta noite. Aguarda-se todos os dias a noticia da grande batalha nos campos belgas, onde se encontram francezes e inglezes em posições que se desconhecem. O exercito belga retira sempre para Antuerpia. Os allemães impuzeram a Bruxellas uma contribuição de guerra de 200 milhões de francos. E' um flagelo. Pobre paiz, e como lhe pagará a Europa tamanho esforço e tão grande sacrificio! Hoje appareceu na Legação uma creada portugueza fugida de Bruxellas hontem á noite. Vinha como doida e trazia pela mão um peque-

nito, de uma familia brazileira que lho entregara e da qual não sabe o que foi feito. De Bruxellas, conta que toda a gente fugia, mas que os allemães, ao entrarem, fecharam as sahidas. O governo francez dirige trez memoranduns ás nações signatarias das convenções da Haya, protestando contra as suas violações por parte da Allemanha — bombardeamento de cidades abertas, emprego de balas dum-dum, incendios de aldeias, fuzilamentos de mulheres e creanças. Sahimos um pouco á noite, como sempre, para tomar ar, sacudir os membros entorpecidos da reclusão de um dia inteiro. Chove, e Paris deserto, fechado, escuro é então de uma tristeza sombria. Os fuzileiros da marinha, de espingarda a tiracolo, fazem a policia ás esquinas. Em toda a extensão dos Campos Eliseos, durante um longo quarto d'hora, não passa um carro. O facho do projector do Automobile Club passa uma lenta pincelada luminosa pelo ceu. A' meia noite, o telefone trabalha... Allô! — E' a noticia de que a Italia vae mobilisar. Senhor! Quantas commoções e como sahiremos nós todos, combatentes e não combatentes, d'esta espantosa crise!

22 DE AGOSTO

Os pormenores da entrada dos allemães em Bruxellas suffocam-nos de indignação. Esses dois pobres officiaes belgas, manietados e amarrados aos cavallos de dois uhlanos, esses dois martires vejo-os! Ah este espectaculo sem precedentes na historia, este espectaculo que nos faz remontar ás épocas mais barbaras

da humanidade, não o tinhamos previsto. Era então isto, estas hordas indignas da civilisação, esse povo allemão tão celebrado pela sua cultura! Os allemães conseguiram em vinte dias provocar em todo o mundo um movimento de indignação. Os seus incendios, os seus fuzilamentos de mulheres e creanças, as suas atrocidades deshumanas já os tinham desqualificado. A sua entrada em Bruxellas, lançando ao rosto dos heroicos belgas essa suprema affronta, condemnaram-nos ao exterminio. Um povo assim não tem o direito de partilhar dos beneficios sociaes da vida; e a partir d'agora, a guerra é mais do que nunca uma coisa sagrada, uma coisa santa. Não é já da França que se trata. A partir d'agora, a França desapparece por detraz da civilisação; e não a Allemanha, palavra morta, mas os allemães, desaparecerão um a um da face da terra se por detraz dos barbaros que avançam não existirem outros homens, falando a mesma lingua, com outro entendimento e outra moral, que salvem a tempo a subversão da sua raça inteira. De dia vieram dizer-me que, á sahida do ministerio, o ministro Malvy annunciara estar travada já a grande batalha, que se espera na Belgica. Em Waterloo um esquadrão de inglezes encontrou-se com um esquadrão de allemães e — diz-se — anniquilou-o. No mesmo campo em que ha quasi um seculo combateram juntos e Wellington chamava por elles quando dizia ao fim do dia, vendo cahir os seus soldados: — «Que uma d'estas coisas venha depressa: Blucher ou a noite!» O meu telegramma de ante-hontem não teve ainda resposta. Hoje fui procurado por Jane Catulle Mendès, que me

convidara para fazer parte do *comité* de honra do *Secours aux blessés,* a que preside Pierre Loti. Na reunião preparatoria d'esta iniciativa algumas pessoas lembraram que talvez houvesse inconveniente em me associar a ella por eu ser representante de um Estado neutro. Jane veio perguntar-me se eramos neutros. Telegrafei este facto ao Ministerio e accrescentei: *Effeito deploravel.* Espero, espero ainda. Confio ainda que o meu paiz comprehenderá a situação e reagirá. Mas como? A minha saude cada vez está mais abalada. No entanto até de madrugada escrevi, escrevi, d'esta vez ao Silva Graça que está em San Sebastian. E' preciso collocar o *Seculo* ao lado d'esta causa e depressa! Chamam a minha attenção para este facto horrendo: o tratado de commercio com a Inglaterra foi assinado na legação ingleza em Lisboa, para o que o ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal foi ali. Assim a Republica segue a vergonhosa tradição da monarchia!

23 DE AGOSTO

Chegou a resposta do ministro ao meu telegramma: «Considerando que nem a Allemanha declarou a guerra a Portugal, nem Portugal a declarou á Allemanha, não nos podemos considerar, nem declarar belligerantes. O governo portuguez está de perfeito accordo com o governo britanico, de quem o governo francez é alliado actualmente, não podendo portanto este ultimo ter quaesquer duvidas sobre nossa attitude». Respondi

como segue a esta torpeza sillogistica: «A resposta de v. ex.ª ao meu telegramma impõe-me o dever de voltar ao assumpto, para salvaguarda completa das minhas responsabilidades de representante de Portugal neste paiz. Sejam quaes fôrem os entendimentos que tenha tido como o governo inglez, o governo portuguez não pode dispensar-se de communicar ás nações que lhe notificaram diplomaticamente o estado de guerra a posição que toma no conflicto, neutra ou de belligerante, mas definidamente uma ou outra. Relativamente a este paiz, o seu governo não pode tomar conhecimento das resoluções do governo portuguez senão por intermedio do representante de Portugal em França, unico qualificado para o fazer e não, como v. ex.ª pretende no seu telegramma de 23, por intervenção de uma nação estrangeira. Nem eu acceito para mim tal situação, nem ella convem á dignidade do paiz. Se essa tem de ser definitivamente a politica do governo portuguez na presente conjunctura, muito lealmente faço saber a v. ex.ª que não a sirvo, e por este telegramma colloco desde já o meu logar á sua disposição.» De dia estivemos no Bosque e foi este, depois que começou a guerra, o meu primeiro dia de repouso. Era domingo, fazia calor e o Bosque só cheio de mulheres e creanças parecia uma paisagem de Corot, com ninfas. Numa clareira, um rancho de raparigas jogava a cabra-cega na relva, e no meio de uma alacridade que enchia o ar todo com as suas vozes. Nos barcos dos lagos, outras raparigas remavam. Um d'esses barcos estava refugiado á sombra de um castanheiro e nelle quatro mulheres conversavam ou liam. O ar estava pesado. Para

os lados de Bagatelle e do Pré Catelan, naquelle recanto selvatico do bosque, onde no inverno se avista o perfil das corças e dos gamos no fundo branco da neve, tres mulheres sentadas sobre as folhas amarellas que começam a cahir e prenunciam o outono comiam a sua merenda sobre os joelhos cruzados. A' beira de uma alameda, duas ciclistas estavam deitadas no chão como faunos, os cotovellos fincados na terra e todas absorvidas na leitura de um supplemento do *Journal*. Tristes fiacres passavam a passo passeando velhos, mulheres, ou creanças. Apenas um ou outro automovel com a bandeira da Cruz Vermelha desapparecia aqui e ali num turbilhão de poeira. Na avenida das Acacias, um sujeito veio para nós muito angustiado e pediu-nos o nosso fiacre — para uma senhora que se encontrava muito incommodada. Vimos logo nessa senhora uma victima da guerra e cedemos-lhe o nosso fiacre. O cocheiro é que não pareceu contente, porque tambem lhe estava agradando o lento passeio comnosco. Viemos a pé até casa, sentando-nos aqui e ali, porque a Maria não supporta caminhadas. Pelo caminho cumprimentámos o ministro do Chili e Madame Puga Borne, que espaireciam num fiacre, e na Porta Dauphine o sr. Trefeu, acompanhando uma senhora que naturalmente não era a sua e que elle nos apresentou. Conversação sobre a guerra, a entrada dos allemães em Bruxellas e as crueldades teutonicas. A senhora quiz saber o que eram as balas dum-dum. A' noite, noticias da fronteira não muito boas. Os prussianos occuparam Luneville. A redacção ambigua dos communicados officiais lançam a inquietação. Clemenceau começa a dizer que os fran-

cezes não são creanças, que estão preparados para todas as provações e que é preciso fazer-lhes conhecer a verdade. Espera-se com anciedade noticias da grande batalha. Os japonezes declararam a guerra á Allemanha. Em Portugal, Bernardino Machado encontrou uma formula para ludibriar o paiz que lhe pede factos precisos que traduzam a situação do paiz perante a guerra, e inventou duas expedições á Africa, como se a sorte das nações coloniais se decidisse agora em Africa! Essas expedições vam partir e toda a gente toma isto a serio. As communicações com Portugal dificilimas — quatro dias de viagem. Batalhas á porta. Como sacudir, embora por um momento, as minhas responsabilidades e correr a Portugal? Como? Novas cartas a Silva Graça, a Braamcamp Freire, tocando desesperadamente a rebate.

24 DE AGOSTO

Pessimas noticias da guerra! O *Matin* publica uma carta do senador Gervais revelando que na fronteira de leste, um d'estes dias, toda uma divisão fugiu — *a lâché pied devant l'ennemi*. A revelação d'este facto espalha um sentimento de terrivel mal-estar. Outras noticias correm que o agravam. Diz-se que dois regimentos, igualmente a leste, se recusaram a marchar. Os jornaes alludem ao caso do tenente Mesureur, que abandonou as fileiras e recolheu precipitadamente a Paris. Clemenceau publica um artigo irritado no *Homme Libre*, pede a verdade toda, ameaça com a perspectiva de terriveis acontecimentos se a occultarem. Dir-se-ia

ouvir os longinquos primeiros rugidos da Communa. Pergunto ao Thomaz se ha muita inquietação. O Thomaz diz-me que as mulheres começam a ter medo. O prefeito de policia annuncia que serão entregues aos tribunais militares os que promoverem ajuntamentos, soltarem gritos sediciosos, etc. O certo é que as primeiras vantagens da guerra foram julgadas prematuramente. Uma confiança quasi absoluta tinha entrado no espirito publico. A idéa da invasão allemã já estava por assim dizer afastada. Vam vir as primeiras decepções? Talvez. As noticias da noite sobre os primeiros resultados da batalha na Belgica não são boas. As tropas francezas e inglezas recuaram occupando a linha de cobertura depois de sangrentos combates. O communicado official procura evidentemente attenuar a gravidade d'estes factos, involvendo a sua exposição em expressões de tecnica militar — *front, aile gauche, se replier,* mas a verdade transparece através. O exercito allemão empurrou os francezes. Por outro lado, os uhlanos appareceram na região entre Roubaix e Tourcoing, o que parece significar que toda a fronteira franco-belga está sendo investida. No entanto, o communicado official que me transmittem pelo telefone é francamente optimista quanto aos resultados finais. *Le succès final n'est pas douteux,* diz. F' preciso ter alma para dizer coisas d'estas.

25 DE AGOSTO

Noticias pessimas. A batalha continua, mas os allemães continuam a avançar. As suas patrulhas de ca-

vallaria estavam hontem em Roubaix e Tourcoing. Hoje estão em Douai. Por Versailles estão passando comboios carregados de feridos e a Paris começam a chegar os primeiros fugitivos das cidades francezas da fronteira belga. Esta noite, na avenida Victor Hugo, encontrámos homens que trotavam derreados, ajoujados com malas. Diz-se que no Trocadero já estão preparadas camas para os receber. Em Paris ha desasocego, esmorecimento, um principio de medo. O communicado official do ministerio da Guerra, que me foi transmittido esta noite e deve apparecer nos jornais d'amanhã não é de natureza a aquietar os espiritos. Annuncia a desoccupação de toda a linha da Alsacia onde os francezes se encontravam e a de Mulhouse, que elles abandonam pela segunda vez; e accrescenta que se tomou esta resolução para concentrar no norte todas as forças. O communicado accrescenta isto: *De cette bataille dépend le sort de la France et de l'Alsace.* Assim, se a batalha se perder, a França está perdida. Imprudente conceito! E como é differente a linguagem dos inglezes: «Não nos abala a noticia de que a sorte da batalha travada na Belgica nos seja até certo ponto desfavoravel. A espada ingleza não recolherá á bainha emquanto a Allemanha não fôr para todo o sempre reduzida ao infimo.» A' meia noite d'hoje o sangue corria, a leste e a oeste da Meuse, entre Maubeuge e Donon. E' esta talvez a vespera da victoria, ou da derrota. Um jornal de Paris chama-lhe a vespera de Valmy. Assim seja. Os jornais de Lisboa publicam um falso telegramma de Paris annunciando que a imprensa parisiense applaude com enthusiasmo as duas expedi-

ções coloniais de Portugal. Nunca suppuz capaz de tanto o velho impostor que está manchando o nome de Portugal. Resposta ao meu telegramma, nenhuma. Em Lisboa comprehende-se já a situação. Parece que a irritação no exercito é muito grande. O Vicente Ferreira, que finalmente abriu os olhos, escreve-me: «Ou a situação aqui se aclara — creia-o v. ex.ª — ou a exaltação popular toma uma forma tumultuaria que pode trazer os maiores perigos.»

26 DE AGOSTO

Carta do Freire d'Andrade datada de 20. «No conflicto actual, escreve elle, não podiamos ser neutros nem isso nos servia para nada.» Aqui está o que elle me telegrafou a 2 de agosto, isto é, ha vinte dias: «Estou tratando com a Inglaterra saber qual a sua attitude. Pela nossa parte, salvo exigencia (!) ingleza invocada em vista tratados, procuraremos manter neutralidade». Ao meu telegramma de 24 não veiu ainda resposta. Redigi um ultimo officio ao Ministerio sobre este assumpto. E' bastante extenso e de exposição que procurei tornar muito clara. O meu pensamento é já agora só o de salvar as minhas responsabilidades. Quanto a dar um pulo a Lisboa cada vez isso me parece mais impossivel. Os allemães estão em territorio francez e decididos a caminhar sobre Paris. Paris está cada vez mais inquieto e todos os dias se fala em insurreições. Como abandoná-lo neste momento? Como abandonar minha mulher? Como abandonar os interesses do nosso pobre paiz? As viagens são difici-

limas. Já pensámos, minha mulher e eu, que uma curta ausencia não podia durar menos de quinze dias. Uma eternidade. As noticias da guerra, hoje, não são melhores, nem peores. Fluctua-se. Ha muitos dias que não saio de casa senão um pouco á noite, para desentorpecer as pernas. Pergunto ao Thomaz o que se diz. Elle responde-me que «anda tudo muito esmorecido». Pudera! o que se está passando agora na fronteira? E' já Valmy? Os jornaes da tarde contam que um zeppelin pairou de noite sobre Antuerpia e deixou cahir bombas sobre a cidade adormecida, destruindo algumas casas. Umas tres creanças que estavam dormindo foram mortas. Ah! vil canalha tudesca. A' meia noite, a campainha do telefone retine. Outro ministerio! O Viviani fica, mas o Doumergue é relegado para as Colonias e para os Estrangeiros vae o Delcassé. Na Justiça o Briand. E' a federação das esquerdas que nasce das cinzas. Para ter na mão os socialistas entram o Marcel Sembat e o Julio Guesde, havendo tanta gente e ficando tão apertada no ministerio que para o Julio Guesde arranja-se uma cama no chão. Fica ministro, *sans porte-feuille*. O que quer dizer este novo governo?

27 DE AGOSTO

Clemenceau no *Homme Libre* d'hoje revela que as operações militares têm estado a ser dirigidas por um *stratège en chambre*. Quer referir-se ao Presidente da Republica, acerca de quem começa a dizer-se, não sei com que fundamento, ter sido o autor do plano

malogrado da offensiva defensiva nas fronteiras de leste. O publico começa a indispôr-se com Poincaré. Não me custa a crer que, a despeito da sua condição de advogado *à la cour* elle alimentasse um sonho imperial. E não seria esse o caminho? Aquelle que conduzir a França á victoria será o seu senhor. Não creio porem que seja elle. E' muito ambicioso, mas muito timido para o tentar com exito. As noticias da grande batalha não chegam. Os homens batem-se, mas não ha batalha. Mortos, montões de mortos, isso sim, aos milhares. Filas inteiras de soldados allemães são encontradas na posição de atirar, fulminadas pela morte. Numa frente de quatro kilometros os francezes contaram hoje dois mil e quinhentos cadaveres de allemães. Quantos cadaveres de francezes? Horror! Os jornaes começam a publicar certos nomes da nobiliarchia militar, desapparecidos já sob as balas allemãs. Hontem morreu ao lado de seu pae um filho do general de Castelnau. Os feridos começam a vir para Paris. Por Versailles passam dia e noite comboios cheios. Hoje vinha um cheio de atiradores senegalezes. O povo de Paris começa a entrar naquella fase de allucinação que é propria das populações das cidades sitiadas. Corre de bocca em bocca que faltam armamento, munições e fardamentos e que faltam cavallos e que por isso são recambeados para suas casas os reservistas, chamados nos primeiros dias da mobilisação. Com effeito, têm chegado muitos, que espalham essa noticia. Começa a encarar-se a eventualidade da entrada dos allemães em Paris. Affirma-se que nos fortes que defendem a cidade se trabalha de dia e de noite. Os alle-

mães, diz-se, appareceram em Arras. Pessoas vindas de Charleroi, que foi arrasada, affirmam que o exercito allemão é composto de um milhão de homens. Os jornaes da tarde annunciam que a Allemanha vae chamar ás armas os rapazes de deseseis a desenove annos. E' o massacre collectivo. Um cirurgião militar americano que está em Antuerpia, e viu os estragos causados ante-hontem pelo zeppelin, telegrafa ao *New-York Herald:* «Não é a guerra. E' o assassinio. Que a America proteste em nome da civilisação.»

28 DE AGOSTO

Telegramma do Teixeira Gomes: «Tranquillise-se. Marchamos inteiramente d'accordo.» Telegramma do Vicente Ferreira: *Prière attendre lettre moi et Camacho. Ecrivons. Soyez sans inquietude. Tout marche selon vos desirs.* Entretanto o governo telegrafa-me que não pode acceitar a demissão que lhe pedi e annuncia-me a remessa de uma exposição sobre a situação — «pela proxima mala segura». Insisto em novos telegrammas: «Diga-me simplesmente o governo que accordo é esse que nos impede de termos uma posição definida perante a guerra.» De Lisboa chegou o Alfredo Leal que vem — ó patria — tratar da aquisição de fitas animatographicas para um theatro. Consta que em Lisboa toda a gente está inquieta e intrigada com a politica do governo; mas que tudo se cala por patriotismo. Mademoiselle Bontemps veio ver minha mulher que tinha sahido com a condessa de Carvalhido. A condessa obstina-se em não deixar Paris e

em ir todos os dias ao Bosque. Recebia-a na Legação, pareceu-me como uma pessoa absolutamente fóra de si! «Estamos perdidos! Estamos sós! Os belgas esmagados! Os inglezes são meia duzia e os russos quando chegarão cá!» Os allemães começam a penetrar duramente no territorio francez e ella já os vê em Paris. Os seus olhos enchem-se de lagrimas. Conta que cem mil homens trabalham nos fortes da defeza de Paris. O que vae ser de nós! Pouco depois veio o Oscar Blanc, vestido com um fato de xadrez, muito sorridente, muito cumprimentador. Não disse logo ao que vinha, offereceu primeiro o *Temps* que acabara de sahir e só depois entrou no assumpto: um agente da prefeitura, que de resto não o encontrara, tinha ido a sua casa fazer indagações a seu respeito e promettera voltar no dia seguinte. Blanc, que é portuguez filho de allemão e allemão de raça, vinha invocar a minha protecção. Pediu-me mesmo que o empregasse em alguma coisa, o collocasse ao meu serviço. Tanto interesse em ficar em Paris. Hum! Nisto, o Thomaz trouxe-me um bilhete que dizia: *A pessoa que lhe está falando já serviu no exercito allemão.* Aconselhei-o a que se retirasse de Paris, para Portugal ou para o sul da França. —«Para Portugal? Que fazer em Portugal?» O mesmo que faz aqui. E depois, á queima roupa: — «Para que me occulta que serviu no exercito allemão?» Ficou desconcertado. Accrescentei: —«Vá-se embora e depressa. Amanhã.» Agradeceu-me muito effusivamente, disse que tomava o meu conselho, ia para San Sebastian. Se este Blanc é, como penso, um espião allemão, deve communicar com os allemães pela Suissa. Clemenceau

revela no *Homme Libre* que o exercito francez do norte foi involvido. O *Homme Libre* é lido avidamente. Começa-se a falar muito em Clemenceau. Quem sabe? Está-lhe talvez destinado o papel de Gambetta.

29 DE AGOSTO

Noticias aterradoras. Uma rapariga do telegrafo informa que os allemães estão em Saint Quentin. E' a marcha fulminante, o ataque brusco, apesar do perdido esforço, ai d'elles! dos pobres belgas. Onde está o exercito francez? E' o que toda a gente pergunta. O communicado official de hoje procura como todos dissimular a situação. A invasão allemã, essa catastrofe temida primeiro, conjurada depois por trez semanas de heroismo belga, é exprimida assim nesse estupendo documento: *Les allemands progrèssent dans la direction de La Fère*». La Fère já é para cá de Saint Quentin, entre Amiens e Reims. Quer dizer os allemães estão a cento e cincoenta kilometros de Paris. E chama-se a isto — *progresser!* Eu disse a minha mulher: Façamos as malas! Façamos tambem um pouco de profecia. Eu penso que esta espantosa guerra vae comprehender trez fases. A primeira já se realisou. E' a inesperada resistencia belga. Os allemães encontram nos campos de Liege e de Namur uma resistencia com que não contam porque o genio tudesco só acredita no poder da força. Ao favor d'esta surpreza, os francezes realisam a sua mobilisação, os inglezes desembarcam no continente, a bandeira franceza fluctua — por algum

tempo — em Mulhouse. *Tout va bien.* A situação da Allemanha parece critica. O *Mundo* diz: — «Triste aventura!» Uma bandeira allemã é exposta em uma janella do ministerio da Guerra. O *Temps* regista com secura os alistamentos de voluntarios estrangeiros, e diz: *Nous avons trop de monde.* Paris fala em reabrir os theatros. Segunda fase. A *débacle* da França. Marcha dos allemães sobre Paris. Espanto do mundo inteiro. Terror. Os tudescos vam talvez dominar, escravisar o mundo sob a sua pata brutal. Rios de sangue. A Belgica destruida. Talvez metade da França destruida. Massacres, escombros, ruinas. Terceira fase. Levantamento geral dos povos da Europa, a Hollanda, a Dinamarca, a Noruega no norte, a Italia ao sul, a Hespanha e Portugal ao occidente. A America em pé. O latinismo em pé. Esmagamento da raça tudesca. Mundo novo. E pensar que assistimos a este espectaculo espantoso! Um cataclismo cosmico, o fim da terra, não nos encheria de tanto espanto. Oscar Blanc esteve no Consulado e pediu um passaporte para a Suissa. Claro como agua. Bandido!

30 DE AGOSTO

Ás duas horas da tarde o Thomaz appareceu-me com os olhos illuminados a annunciar-me que uma rapariga do telegrafo lhe dissera que os francezes conseguiram cortar o exercito allemão. Perguntei-lho trez vezes. Elle affirma que a rapariga não lhe mentiu. Oxalá! E' domingo. Está um dia lindo, azul, quente,

um pouco abafado como sempre. As populações fugitivas enchem as ruas. Por toda a parte se encontram ranchos de homens, mulheres e creanças das provincias invadidas e muitos belgas fugidos das suas villas e cidades devastadas pelos barbaros. Um homem, parado á beira de um passeio consulta uma planta de Paris. Muitas mulheres e creanças pedem esmola. Os Campos Eliseos têm a animação dos dias de paz. O terraço do Fouquet's está cheio de lindas mulheres que apesar dos tempos horrorosos se mostram nas mais frescas e deliciosas toilettes de verão. Um homem triste, abotoado em uma velha sobrecasaca, vem cantar junto do passeio uma canção patriotica. Um rapaz de quatorze annos, mettido n'um maillot sujo, faz acrobatismos sobre o asfalto. Toda a gente tem um *sou* na algibeira para lhes dar. Pobres! Sabe Deus d'onde virão! Mas ás cinco começam a apparecer os jornaes da tarde, o *Temps*, a *Press*, e por elles se sabe então que hoje, entre o meio dia e a meia hora, um aeroplano allemão pairou sobre Paris, atirou duas ou trez bombas que cahiram na rua dos Vinaigriers, ao mesmo tempo que numa bolsa lançava a primeira intimação dos barbaros para que Paris se rendesse. *L'armée allemande est aux portes de Paris. Vous n'avez qu'à vous rendre. Lieutenant Von Heidssen.* Não sei a impressão que causou este aviso lançado dos ares. Eu tive a impressão de um gesto theatral e ridiculo. O aeroplano manteve-se a dois mil metros. Logo depois — depois! — tomaram-se precauções. Transportaram-se aeroplanos para differentes pontos da barreira e projectores instalados em automoveis. Ás dez horas da noite, todas as

luzes se apagaram e sobre Paris cahiu uma escuridão espessa. O Thomaz apparece-me a correr. — Senhor! Senhor! Os allemães foram batidos! Trinta e cinco mil mortos! Dez mil prisioneiros! O exercito allemão foi cortado em dois. Um official do estado-maior que mora aqui ao lado, no numero trinta e nove, recebeu a communicação do ministerio da Guerra pelo telefone. Fico *haletant!* O Thomaz está radiante. Triunfa. Diz isto: São montes de cadaveres! Telefono immediatamente para o ministerio, mas não obtenho communicação. Na legação da Suissa não está ninguem. Do ministerio da Guerra não se entende uma palavra. O Thomaz desapparece e volta: — Um adido do Japão recebeu pela embaixada confirmação da noticia. Aguardo a communicação telefonica do Negreiros. E' meia noite e elle ainda não telefonou. Mau signal? O annuncio de uma victoria vinha mais depressa. A' uma hora a campainha toca. Precipito-me, applico o ouvido ao apparelho e antes que elle fale pergunto-lhe anciadamente: — São verdadeiras as noticias que correm? Num tom secco, elle diz — não! E dá-me o communicado da noite, o horrivel communicado official, que já aflige ler, tão absurdo é já o seu falso tom de confiança. O que deprehendo das suas intoleraveis obscuridades é que os allemães continuam a caminhar sobre Paris. Estavam hontem a cento e quarenta e trez kilometros, onde estarão amanhã? Chego um momento á janella e d'esse grande rumor e d'esse grande clarão que foi Paris não ha senão silencio e treva. E' pavoroso. Minha mulher esteve esta noite a fazer as suas malas. Se os allemães continuam na sua marcha sobre Paris, devemos contar

que o governo se transfira para outra parte e nós com elle. Eu não posso pensar em tornar effectiva neste momento a minha demissão, partindo. O que se pensaria de mim aqui no ministerio? Assim teremos de conhecer tantos dias de angustia quantos sejam precisos. A tragedia que aqui se está representando empolga-nos a todos de tal modo que não penso em Portugal, na sua miseravel situação e nos seus miseraveis homens. Todo eu estou aqui de corpo e alma. O governo não respondeu ainda ao meu ultimo telegramma. O Teixeira Gomes telegrafou-me cinicamente de Londres: «Não damos um passo sem ser de accordo com a Inglaterra, que conta absolutamente comnosco, mas deseja evitar involver Portugal na guerra. Pedi Edward Grey explicar immediatamente situação Quai d'Orsay. (a) Portuguese Minister London.» As colonias inglezas têm mais cathegoria, porque essas estão envolvidas na guerra. Assim a Republica consegue fazer uma politica ingleza mais vergonhosa do que a monarchia. Esta tarde, o adido desta Legação, Placido de Sousa, appareceu-me muito pallido a annunciar-me que se retirava de Paris, por causa de uma cunhada... etc. Cortei-lhe a palavra. Boa viagem! O Aguilar, que promettera voltar depois de ter levado a mulher a Biarritz, está na Granja. Que tropa!

31 DE AGOSTO

A atmosfera de Paris começa a asfixiar. O dia ainda se passa sem grande oppressão — o dia d'hoje esteve lindo — mas a noite é terrivel. Hoje como hontem, não

se accenderam os candieiros, mas até ás nove o movimento dos automoveis e dos tramways e as luzes dos cafés abertos, ainda deram a Paris o aspecto de estar vivo. Mas ás nove uma treva subita cahiu, pouco a pouco os ultimos carros passaram e passaram os ultimos transeuntes recolhendo apressadamente como sombras que fogem, e ás dez horas a immensa cidade dava a impressão de ter sido fulminada por um inexplicavel cataclismo. A partir d'essa hora como as horas parecem longas! Até á meia noite fez um luar da côr do aço. A avenida Kleber é constituida por duas altas muralhas de predios, pegados uns aos outros, sem intermitencia. Da minha janella vejo recortar-se em negro na claridade triste do ceu o perfil dos predios da frente, e não vejo mais nada. Eu moro num *entresol* e é tão sombrio olhar agora para cima, como olhar do fundo de um poço. Investigo o ceu, por onde passa e repassa o grande traço luminoso do projector do Trocadero. Brilham estrellas e o que seria hontem maravilhoso de plena belleza sideral é hoje aterrador. Que terriveis surpresas nos vam vir d'este lindo ceu? Hoje ás cinco horas da tarde um novo aeroplano allemão pairou sobre a cidade e deixou cahir duas bombas. Uma parece que não explodiu. A outra rebentou perto da estatua de Henrique IV. Selvagens! E foi para que se consumasse esta obra monstruosa que o génio do homem concebeu e realisou esse prodigio — a aza. Eis-nos aqui á sua mercê. Quem sonhou este horror novo? A noite passa-se em uma angustia. No meio d'este silencio de morte, afigura-se-nos a cada instante ouvir a formidavel detonação e o estridor dos predios a de-

sabar, como na horrivel noite de vinte e quatro em Antuerpia. O panico chegou. Toda a gente quer partir, fugir ao mesmo tempo. As gares que vam dar vasão a este exodo são assaltadas desde madrugada. O Alfredo Leal conseguiu por favor um bilhete de 3.ª classe. Disse-me adeus pelo telefone. O Alvaro d'Abreu escreve-me muito aflicto que quer partir amanhã com a familia, seis pessoas, e pede-me o ajude porque está sem dinheiro. Os bancos não lhe deram um *sou*. Pelas ruas, de dia, não se encontra senão gente com malas. Os foragidos da Belgica e das cidades do norte são ainda empurrados para mais longe, arrastando os filhos pela mão. Desventurados! O presidente do Conselho Municipal de Paris aconselha as mulheres a que se retirem com seus filhos, para a Bretanha, para o largo, para longe de Paris. A idéa de que Paris vae ser atacado entrou e foi já admittida em todos os espiritos. As informações officiaes não o dizem, mas os allemães não devem estar longe. Esta suspeita, esta certeza não provocam senão o panico nos medrosos. Paris, transfigurada pelo sacrificio, não é já a megera de 70 mas a bella, altiva, heroica mulher de Merció. Os allemães contavam com um alliado — a insurreição. Estou persuadido de que lhes falhou. Entretanto, os parisienses começam a soffrer as obsessões das cidades sitiadas. A noticia que correu hontem á tarde de uma grande victoria franceza continua a circular, accrescentada d'est'outra: o governo não a tornará publica senão no dia 4 de setembro, anniversario da Terceira Republica. A que se deveria esta victoria que o governo mantem em segredo? A. Turpin, o inventor de um novo explosivo

de que o exercito francez estaria fazendo uso e que teria effeitos fulminantes. O explosivo Turpin asfixia. E' tão forte o seu poder mortifero que, diz-se — mata pela simples acção dos seus gazes. Assim se explicaria o facto de serem encontrados mortos soldados ainda em acção de apontar a espingarda, um official allemão em Charleroi a fazer a barba, outro a enxugar-se com uma toalha. Entretanto, o facto averiguado é que em Paris se estão fazendo activos preparativos para a defeza. Hoje Millerand visitou o campo entrincheirado, de onde voltou — dizem os jornaes — *très satisfait*. O mesmo lhe succedeu o outro dia, quando visitou o quartel general de Joffre. Tambem, segundo os jornaes, voltou d'ali *très satisfait*. A julgar pelas informações officiais tudo corre maravilhosamente. O communicado official d'hoje dá a impressão de que os francezes estão combatendo para lá da Belgica, já em territorio allemão, mas o perigo deve estar muito proximo, porque Clemenceau, que vem criticando terrivelmente a direcção da guerra, calou hoje subitamente as suas baterias. Até á meia noite, minha mulher e eu, ajudados pelos nossos creados, fizemos as malas e estamos promptos para partir quando o governo quizer. A este respeito referiram-me hoje que já estava decidida a ida para Tours. O Presidente partiria primeiro em automovel e só depois da sua partida ella seria annunciada. O governo, o corpo diplomatico iriam depois. Rude provação vae ser imposta a este povo. Amanhã são os meus annos e os de minha mulher. A condessa de Carvalhido, que me perguntou esta noite pelo telefone se é conveniente sahir de Paris, vem almoçar comnosco e

vem tambem Mlle Bontemps. Não vae ser muito alegre, mas emfim *on causera*, e nestes momentos communicar, trocar ideas mesmo absurdas, emittir juizos, mesmo insensatos, allivia o coração. Recebidas cartas de Lisboa, do Vicente Ferreira e do Braancamp Freire. O Bernardino Machado está construindo a mais espantosa mentira que ainda comprometteu o destino de uma nação. O meu telegramma ao ministro não teve ainda resposta. Se não a tiver amanhã confirmarei formalmente o meu pedido de demissão, que fica feito pelo periodo que durar a guerra.

1 DE SETEMBRO

Hoje ás seis horas da tarde, outro aeroplano allemão pairou por cima de Paris e atirou cá para baixo quatro bombas, que foram cahir no bairro da Opera e na gare de Saint Lazare. Os telhados de uma casa começaram a arder e houve outros estragos. Minha mulher que estava nessa occasião na avenida Iena, appareceu-me na Legação a contar-me que tinha visto o aeroplano e ouvido tres detonações como de tiros de peça. Cheguei á janella. Muita gente na rua olhava para o ar. Uma elegante mulher que passava acolheu-se no portal da nossa casa, como se estivesse cahindo uma batega d'agua e esperasse que passasse a chuva. No entanto lia-se-lhe no rosto um grande susto. Como não quero ir ou mandar ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, porque não sei como acolherão um pedido de informações sobre as intencões do governo, fui a casa do ministro da Hollanda saber o que havia. O Chevalier de Stuers mandou um dos seus secreta-

rios ao Quai d'Orsay, mas a sua *démarche* foi acolhida com friesa. Bem fiz em não ir, ou mandar. O sr. William Martin não manifestou ao secretario da Hollanda que o governo pensasse por ora em retirar-se. No entanto, o Chevalier de Stuers, como eu e creio todo o corpo diplomatico, já fez as malas. O Banco de França, e todos os estabelecimentos bancarios, companhias de seguros, etc. procuram rapidamente salvar os seus fundos e depositos. A fuga de Paris continua em massa. O *Temps* no seu obstinado optimismo interpreta assim este facto: puro altruismo — os que partem não querem sobrecarregar os que ficam. Ai dos que ficam! Que dias lhes estão reservados! Pergunto ao Chevalier de Stuers se sabe onde estão os allemães. Elle diz-me que em Seulis, para cá de Chantilly, a uma distancia de tramway. Ouviu-o a um official francez. Se assim é devemos ouvir troar amanhã a artilharia, a não ser que o estado maior allemão entenda dar um dia, ou dois de repouso ás suas tropas. Já se fala na occupação de Versailles. Outra vez! Pobre França. O Chevalier de Stuers diz que os francezes não estavam preparados e accrescenta: — De resto, os francezes nunca estão preparados! Não estavam preparados para a guerra da Criméa, não o estavam para a campanha de Italia, não o estavam em 70, não o estão agora. Apesar desta affirmação conclue que a culpa é do regimen parlamentar e da Republica. Tem uma linda casa o Chevalier de Stuers, maravilhosos retratos da escola flamenga, moveis d'arte, bibelots. Tudo ahi fica, como de resto na minha casa fica o que é nosso. Na nossa fuga, porque o é, apenas levamos roupa, e não

toda, para não nos sobrecarregarmos com malas. Hoje mandei emmalar os livros e sinetes da Legação. A situação é, em toda a evidencia, angustiosa, mas o homem que neste momento abrisse os olhos depois de um longo somno e lêsse o *Temps* d'esta tarde, não teria a menor idéa do que se está passando. Os allemães estão ás portas de Paris, mas para esse jornal, simplesmente — *progrèssent.* Onde? Para onde? Não o diz. Para este jornal o desastre que está succedendo á França exprime-se por uma serie de combinações estrategicas, que elle indica vagamente darem-se ao norte, ao sul, a leste, a oeste. Dir-se-ia tratar-se de umas manobras. Comtudo, a verdade absoluta por mais cruel que seja, tem de dizer-se, talvez amanhã, certamente depois. Para que dissimulá-la até este ponto? Eu julgo da população de Paris pela minha porteira e pelos seus dois filhos, um rapaz e uma rapariga, já crescidos, mas ambos menores. A minha porteira, digamos Madame Guichard, que na fase mais feliz da guerra não exprimia senão sentimentos de piedade pelos mortos, por todos os mortos, abandonou a sua filosofia humanitaria e tornou-se combativa. Dir-se-ia que as primeiras victorias da França a deixavam indifferente. Agora vejo-a animada, quasi alegre. Hoje falei-lhe na possivel entrada dos allemães em Paris. Ella riu, gabou largamente os fortes da defeza da cidade. — Em Paris não se entra assim! Pareceu-me que a sua surpreza será muito grande se os allemães entrarem. A filha tem medo, um medo de rapariga que não sabe o que é a guerra. O filho, que não chegou ainda á idade do serviço militar, parece comprehendê-la, sem se aterrar. Esta familia dá uma im-

pressão de confiança moral no destino da sua terra. Mas eis aqui o telefone que toca e eis aqui a terrivel noticia. O exercito francez recuou para o sul e para o sudoeste, isto é para detraz de Paris. Quero saber mais alguma cousa, mas no telefone escutam-nos. Apenas creio deprehender do que me dizem sob uma forma muito reservada que o Presidente e o governo partirão amanhã, ou depois. Assim o possam fazer, porque já me ocorreu que o exercito allemão, como em 70, cerque outra vez Paris e tão rapidamente que ainda apanhem cá dentro o proprio governo — e outra vez Julio Favre. Ah! se assim fôsse que grave erro teriam praticado os governantes da França, prolongando a sua absurda mentira além de toda a medida, e como elle poderia mudar a face da guerra! A salvação da França está na mobilidade do seu governo e na resistencia. Que o seu governo não se deixe apanhar, que a França resista e o que deve ser o fim d'esta guerra virá, senão depressa, com certeza. Ao terminar esta pagina, ouço no silencio da rua o passo fatigado de um cavallo de fiacre. E' o primeiro ruido que ouço ha muitas horas e como é triste o dos passos d'este animal puchando o seu carro na rua deserta e na escuridão da cidade apagada! Quem leva elle nesse solitario vehiculo e como irá essa alma attribulada, a estas horas, através de Paris!

3 DE SETEMBRO (BORDEUS)

Uff! Era tempo. Desde o meio dia que batemos Bordeus em todos os sentidos, á procura de uma casa ou de um hotel que nos ceda um quarto a mim e a minha mulher. Só agora, nove da noite, conseguimos installar-nos no Hotel de Bayonne. Era tempo, porque morriamos de fadiga.

Hontem em Paris, como eu o previra, cahiu-me em casa, eram duas horas, a communicação da repartição do Protocolo, apressadamente impressa ao copiador, marcando-me para as dez e cincoenta da noite—a partida! Se não tenho tomado as minhas precauções e não tenho feito as malas, não sei como isto seria. Ainda assim, que levantar de feira! Durante o resto da tarde a campainha do telefone e a da porta retiniam constantemente e eu tive de receber os ultimos portuguezes retardatarios, assustados, aterrados, pedindo-me quasi de mãos postas que os tirasse de Paris. A mulher do Xavier de Carvalho veio da parte do marido, que foi á cama depois que as granadas dos aeroplanos allemães começaram a cahir sobre Paris, pedir-me com as lagrimas nos olhos que lhes desse meio a elles e aos filhos de sahirem d'aquelle inferno. Dei a todos o que era preciso. Os portuguezes que ficam não são muitos. A esses não faltará o consul, que nestas circunstancias se conduziu muito bem. Telefonei para a embaixada ingleza. A Inglaterra deixa o seu consul, até que os allemães entrem, se entrarem. Neste caso tem ordem de partir. Dei as mesmas ordens ao nosso consul. Qual é a nossa situação? O vice-consul de Reims telegrafa-me

— «Devo arvorar a bandeira? Neutros, ou belligerantes?» Não sei que responder, mas respondo — Não neutros! Estupida situação! A's seis horas da tarde, explosões, detonações. São dois novos aeroplanos allemães que despejam granadas sobre Paris. Corro á janella, desço á rua, porque da minha janella não se vê senão uma muita pequena parte do ceu. Da rua Villejust descubro um dos aeroplanos, que parece afastar-se, e um outro que paira sobre a Torre Eiffel. Toda a gente se tem reunido em magotes para lhes observar os movimentos e — este pormenor não o esquecerei nunca, — entre essa gente, porteiros, transeuntes, mulheres elegantes, cocheiros que se apeiaram, está uma *bonne* que empurra um carrinho de mão, branco como um berço de principe, e dentro do qual, sentado entre almofadas, um bébé cor de rosa agita desesperadamente na mãosita gorducha um guizo de marfim. Subito parte de todos os lados um vivo tiroteio. Dir-se-ia que atiram das janellas sobre o aeroplano que paira sobre a Torre Eiffel e se inclina um pouco, mostra, num raio de sol, um peito branco como o de um pombo que se virasse no ar. O dia está lindo. O ceu de uma pureza ideal. O tiroteio não cessa. Passam automoveis como bolides e um d'elles conduz uma metralhadora. Diz-se nos magotes de povo que um novo aeroplano foi attingido e deitado abaixo. Esta noticia vejo-a confirmada num jornal de Bordeus. Segundo o mesmo jornal cahiram granadas em Clichy. Uma mulher recebeu um estilhaço no peito. A partida foi marcada para as dez e cincoenta, mas ás oito e meia remetti os meus creados para a estação e segui-os eu mesmo em um

fiacre. Estava uma noite de Portugal. Um luar de prata inundava Paris. Descemos a avenida dos Campos Elyseos deserta e onde não brilhava uma luz, e essa descida pareceu-nos durar uma eternidade, tão triste e dolorosa foi, mas a praça da Concordia estava illuminada, bem como a rua Royale, para onde lançamos um derradeiro olhar como se não podessemos tornar a vê-la tão cedo. O cocheiro disse-nos então que aquella parte de Paris nunca extinguiu as suas luzes. Na gare do Caes d'Orsay o comboio que nos devia conduzir a Bordeus já estava formado e já muita gente o occupava. Dois compartimentos estavam cheios de pequenos chinas. Pouco a pouco chegou todo o corpo diplomatico e cada um se installou em compartimentos designados pelos nomes das nações. O embaixador da America veio falar-nos com o seu permanente sorriso e as unicas palavras de francez que continua a saber: — *Comment allez vous?* Fico um pouco surprehendido de o ver de chapeu alto, mas elle explica que, tendo a seu cargo os interesses allemães, não deixa Paris. Eis aqui o lindo velho Reinolds que é o embaixador de Inglaterra, o embaixador de Italia e Madame Tittoni, com a sua cabeça de bacchante, o da Turquia, o pobre Riffat Pachá, sempre compromettido e enfiado como quem tem vergonha de representar o seu paiz. Cruzam-se chinas e japonezes por todos os lados e no comboio falam-se todas as linguas. Os gregos vam junto do nosso compartimento e no mesmo corredor fala-se o hespanhol e o romaico. A' hora precisa, o comboio abalou sem ruido, e na gare deserta, onde não ficara um lenço a acenar, é como se levasse tudo o que resta

de Paris. Na gare d'Austerlitz cruzou-se comnosco o comboio que leva o Presidente e o governo e que desfila lentamente, deixando-nos ficar. Na gare, grupos de mulheres e creanças sentadas sobre malas e saccos esperam — dizem-nos — o primeiro comboio que ha de partir de manhã d'ahi a cinco horas. Vam chegando outros grupos, derreados, carregando as proprias malas e arrastando pela mão creanças tropegas. Duas extensas filas de creanças conduzidas por religiosas dirigem-se para debaixo de um hangar. Cada uma vae agarrada á sua trouxa de roupa. Aqui e ali ha gente a dormir de bruços sobre pilhas de bagagens. Um grupo de elegantes senhoras vem falar ao ministro da Bulgaria. Diz-me elle que são senhoras de fortuna. Devem esperar na gare, durante seis horas ainda, o comboio, no qual a muito custo arranjaram logares. Uma d'ellas distribue ás outras pedaços de um grande pão de munição. Mas o comboio deixa para traz estes horrores, entra na calma da natureza e no esplendor d'aquella noite ideal de verão. Todos se deixam adormecer, derreados. Procuro dormir tambem, mas o somno não vem. O comboio tem frequentes e inexplicaveis paragens no meio do campo. Um conductor explica-me que tomamos a linha de Chateaudun, para desembaraçar a linha directa Paris-Bordeus. Durante uma d'essas paragens, passa um comboio de mercadorias, cheio de gente de pé ou deitada em vagões de gado. Ao alvorecer cruzamos com um comboio cheio de soldados apinhados nos fourgons e levando na cauda duas peças de artilharia. Em Angoulême, já dia claro, todas as nações se precipitam sobre a gare, disputam no bufete cercado de

soldados um pedaço de pão com carne e uma garrafa d'agua. Quando ás onze e meia chegamos a Bordeus, faz um calor terrivel. O protocolo, segundo nos disseram na Prefeitura, tinha reservado almoço na gare e alojamentas em Arcachon a todo o corpo diplomatico. Como porem completamente se esqueceu de lho communicar, cada um procurou por seu lado installar-se. O governo tinha retido todos os hoteis. No automovel posto na gare á nossa disposição, passamos o dia de um lado para o outro em Bordeus á procura de um leito, tendo dispensado a inutil ajuda do nosso consul, velho invalido que, a uma pergunta minha sobre se não tinha relações em Bordeus que nos tirassem de apuros, me respondeu que conhecia uma botica. Os meus secretarios, como sempre, foram-me absolutamente inuteis. Arranjei-me com o Cisneiros que nos acompanhou durante este inolvidavel dia de fadiga. Muito tarde decidi partir para Arcachon, mas no commando militar aconselharam-me a que não o fizesse. As estradas, a partir das seis horas, estão fechadas por correntes de ferro. Arriscarmo-nos-iamos a ficar em *panne* pelo cáminho. A minha pobre mulher está *à bout*. Finalmente ás sete reclamo da Prefeitura que nos faça installar, e ás oito encontramos emfim, emfim! um quarto no Hotel de Bayonne, o mesmo onde ha vinte e dois annos me alojei, ao desembarcar nesta terra de França depois da minha fuga d'Africa. Ao entrarmos no hotel, passamos por cima de maletas e sobretudos atirados para o chão. Um grupo obstrue a entrada e nesse grupo estão Fernand David, o ministro certo de todos os ministerios, Poincaré e Madame Fernand David que

conta a minha mulher ter estado desde o meio dia, como nós, sem almoçar, á procura de um hotel. O restaurant do hotel regorgita. Distingo a uma meza o velho Ribot, e quando vou a tomar o ascensor, cruzo-me com Briand. Cumprimento-o, elle estende-me a mão num gesto que procura affirmar-se e que é o de um homem muito apprehensivo. Vou procurar dormir um longo somno. Entretanto, creio estar decidido no meu espirito ir a Portugal. Está ganha a grande distancia de Paris aqui. Lisboa fica-me já menos longe. O perigo passou. Bordeus não está por ora ao alcance dos aeroplanos allemães.

4 DE SETEMBRO

Anniversario da implantação da Terceira Republica. Era hoje, que, segundo corria em Paris, devia ser annunciada a grande victoria dos francezes. Ai d'elles! não o foi. Da propria republica, que está dando a sua grande prova, não se sabe que pensar. O que se comprehende por certas manifestações é que, a despeito do patriotismo dos francezes, muitos confundem as suas esperanças patrioticas com o seu espirito de partido. Fala-se muito, fala-se talvez de mais no general de Castelnau, cujas idéas reaccionarias são bem conhecidas, e em certos meios procura-se crear-lhe uma situação especial no espirito publico. Todos os jornaes lhe attribuem a frase heroica — *Continuons, Messieurs!* quando em meio de um combate lhe annunciaram a morte de seu filho. Esta tarde, no Café Cardinal, ouvi dizer a um sujeito que conversava com outros, em

uma mesa ao meu lado: — *Si jamais nous sommes vainqueurs nous le devrons au général de Castelnau.* Occorre-me agora a previsão que um dia ouvi á princeza Jeanne: — *Le vainqueur de la grande guerre sera le maître de la France.* O que não sei é que motivos tenha por ora a França para outorgar os louros da victoria ao general de Castelnau. Ignoro quaes sejam as opiniões politicas do general Pau, aquelle que perdeu um braço em 1870 e se propõe, segundo um dito que lhe attribuem, ir buscá-lo agora á Allemanha. Os radicaes dizem-no republicano timido, mas o seu nome é, com o de Castelnau, muito celebrado, não sei por que feitos. São estes mesmos os dois unicos generaes em quem se fala. Dos outros, e devem ser numerosos, não se sabe o nome sequer. Mas não! Um ha em que se fala muito, o general Percin, esse radical militante, adversario da lei dos trez annos e ácerca do qual correm verdadeiras lendas ignominiosas. Segundo uns, o general Percin, governador de Lille, teria entregue a cidade aos allemães, quasi sem combater. Segundo outros não teria soccorrido a tempo certas forças francezas. Segundo outros ainda os seus sentimentos humanitarios teriam feito que elle se opozesse ao emprego da tão falada polvora Turpin. Uns dizem que o general inglez French lhe deu um tiro; outros affirmam tê-lo visto passar pela gare do Norte, em Paris, preso entre dois gendarmes; outros ainda asseguram que elle está preso na prisão do Cherche-Midi, outros finalmente que o fuzilaram. O que é certo é que o general Percin não tem um publico benevolo, para o que talvez não concorra pouco o seu radicalismo, e quem faz

a opinião neste paiz não são os radicaes. Installei a Legação no Consulado de Portugal e ali passei a tarde, como em Paris. Durante o dia passaram pelo Cours d'Aquitaine varias companhias de territoriaes, em *tenue* de campanha. Os soldados levavam ramos de carvalho mettidos nos canos das espingardas e presos á mochilla, por correias de couro, grandes pães de munição. Eram homens de quarenta annos, ou mais, com o tipo rural. Hoje, diz-se, desembarcaram quatro mil zuavos, e com effeito, á tarde, alguns vi no Cours de l'Intendance. A' noite foi um inferno para conseguir um mau jantar no Café de Bordeaux, onde encontrámos o ministro do Brazil e sua mulher. Contaram-nos que no dia da nossa chegada eram dez horas da noite e não sabiam ainda onde ir dormir. Pernoitaram num hotel por favor. Telegrafei ao Ministerio pedindo autorisação para ir a Lisboa. Não creio que o governo ponha embaraço ao meu desejo, mas se o fizer, de todos os modos, vou. Um portuguez de nome Alfredo Giovetti, que vive ha longos annos em Bordeus e que possue, ao que parece, uma optima situação no commercio d'esta terra (o nosso consul, que aqui está desde 1911 não o conhecia!) offereceu-nos a sua casa para habitar. Fomos vê-la. E' um lindo palacete, com tudo o que é preciso para viver bem; mas o meu projecto de ir a Lisboa não me permitte deixar minha mulher só numa casa tão vasta e sem outros moradores.

5 DE SETEMBRO

Manhã passada na Legação a trabalhar. Quasi á porta, cruzei-me com um *landau* cheio de creanças e em que ia Mlle Bontemps. Corri para o carro, reconheci as creanças. A pobre senhora fugia de Paris trazendo os sobrinhos, que os paes que lá ficaram lhe deram a guardar. O pae é empregado do municipio, e não pode abandonar Paris. Fizeram parte da viagem no automovel do sr. Boussaud, parte em caminho de ferro. Vam metter-se num suburbio de Bordeus, até que passe a tempestade. As creanças, apezar d'estas provações, não têm mau aspecto e ella mesmo está mais animada do que quando a deixei em Paris. De resto, ninguem está desanimado e, ao contrario, as noticias d'hoje fizeram voltar a esperança aos corações. Os russos inflingiram uma derrota formidavel aos austriacos em Lemberg. A acreditar nos numerosos telegrammas que confirmam essa derrota, o poder militar da Austria foi liquidado. O exercito que lhe resta não tem valor militar e o caminho de Vienna está aberto. Pelo norte, os russos continuam a avançar sobre Berlim. Por outro lado, alimentam-se todas as esperanças de que Paris resista por muito tempo, graças ás suas fortificações. O que fazem os allemães? Segundo o ultimo, breve communicado official, teriam parado na sua investida sobre Paris e estariam mesmo fazendo uma diversão pelo lado da Argonne. O meu fiel Thomaz telegrafa-me hoje: — *Paris calme!* A imprensa parisiense começa a trasladar-se para Bordeus. Já hoje aqui se publicou o *Echo de Paris*. De resto o que ficou

de Paris está em Bordeus. O homem tipico por excellencia, de Paris, o principe Troubetzkoy passeiava esta manhã no Cours de l'Intendance os seus *favoris* grisalhos passados á escova que Paris ha quarenta annos conhece. Antes do jantar na praça da Comedia encontram-se o Senado e o Palais Bourbon, de jaquetão e chapeu de palha, entre o Café Cardinal e o Café de Bordeaux. Um soldado cumprimentou-me no terraço do Cardinal e como visse que eu não o reconhecia, embora retribuisse o seu cumprimento, acercou-se, disse o seu nome. Só então reconheci no seu uniforme, que lhe dava um aspecto de um galucho, o simpathico e elegante André de Saint Germain. Espanto meu, sorriso triste o seu. Trocamos duas palavras sobre a guerra. Está surprehendido, muito surprehendido com o que se passa. De resto toda a gente está surprehendida, mas — accrescentou — *on fait crédit au gouvernement*. De Saint Germain está no *train des équipages*. Desejo-lhe *bonne chance* e só então reparo que o horrendo uniforme não consegue esconder o homem fino e distincto que elle é. Mais tarde, o sr. Doumergue passou por nós e cumprimentou-nos com o seu bom sorriso meridional. A' noite jantamos no Hotel de Bayonne. O ministro da Suissa veio á nossa mesa contar-nos que tinha sido horrivelmente roubado. Contractou por mil e quinhentos francos por mez uma casa que custa mil e quinhentos francos por anno. Ao recolher, telegramma cifrado de Lisboa: «Governo julga vinda de v. ex.ª poderia ser mal interpretada causando-lhe por isso difficuldades. Além d'isso, apesar de v. ex.ª presumir não fazer falta ahi, receia que ausen-

cia do chefe da Legação neste momento possa trazer inconvenientes graves, se qualquer incidente importante se produzir, o que nas circumstancias actuaes é sempre para temer. Se porem v. ex.ª tem razões superiores de importancia que sobrelevem a estas considerações, fica autorisado a vir a Lisboa quando entender.» Provavelmente parto na segunda-feira.

6 DE SETEMBRO

Hoje, domingo, a feia cidade que é Bordeus regorgitava de gente — a que veio de Paris e de toda a França abrigar-se aqui, e a da terra, que se endomingou, passeiou todo o dia, orgulhosa talvez do seu grande papel historico. Por toda a parte se viam os largos calções vermelhos dos zuavos que continuam chegando, vindos certamente da Argelia, por mar. Hoje chegaram mais quatro mil. Emquanto estive na Legação desfilaram pelo Cours d'Aquitaine dezenas de automoveis sanitarios, conduzindo feridos. Que longas, dolorosas étapes não terão feito para chegar até aqui! Chegou o consul em Paris e alguns portuguezes, entre estes o Xavier de Carvalho que ha poucos dias me escrevia: «Eu cá por mim, succeda o que succeder, não arredo pé». A' noite no hotel recebi a visita de Hermano Neves, redactor da *Capital*, que me disse ser portador de um recado para mim do Mayer Garção. Este encarregara-o de me fazer saber que o Bernardino Machado exigira do ministro dos Negocios Estrangeiros Freire d'Andrade que lhe desse conhecimento de toda a correspondencia trocada entre mim e

este ultimo, a proposito da situação de Portugal perante a guerra. Disse-lhe não comprehender a sua communicação, embora não me fôsse difficil comprehender que Hermano Neves era um instrumento consciente ou inconsciente de mais uma mentira de Bernardino Machado. Então elle esclareceu: o ministerio estava dividido sobre o modo de collocar Portugal perante a guerra, havendo um grupo, de que faz parte o Freire d'Andrade, que é pela neutralidade, emquanto B. Machado affirma a necessidade de ir *para a frente!* — Quem lhe disse isso? — O Mayer Garção. — E o sr. está persuadido de que isso é assim? Metteu os pés pelas mãos, concluiu que era realmente absurdo e disse: — A não ser que se trate de uma nova mentira. Não insisti. Então perante a minha obstinada reserva, falou, falou até ás onze da noite, perguntando-me a cada passo se me incommodava. A situação era com effeito obscura. Elle chamou-lhe *misteriosa*. Ninguem em Lisboa comprehendia o que se estava passando. Contou o caso, que eu não conhecia, das instrucções á divisão naval portugueza fundeada á entrada do Tejo, para fazer respeitar os deveres da neutralidade. Estas instrucções, tanto em contradicção com o espirito das declarações do B. Machado na sessão de 7 de agosto, indignaram certos meios, creio que militares, e foram por isso revogadas, mas sabia-se que eram applicadas. Dizia-se em Lisboa que o ministro da Allemanha pedira ao B. Machado para supprimir os jornaes que atacavam o seu paiz. Não o informei de que por essa occasião talvez o Freire d'Andrade me telegrafava pedindo-me para recommendar ao Negreiros que não

empregasse *expressões offensivas* para os allemães nos seus telegrammas para o *Seculo*. A que abismos de depravação nos terá feito descer esse homem? Sabia-se em Lisboa da minha resolução de me demittir e sabia-se que eu iria ali. Disse-me que se eu tornasse publico o motivo da minha demissão desencadearia uma revolução em Lisboa, e pareceu encarar essa eventualidade com muita animação. Acalmei-o. Que já tinha feito bastantes revoluções e que o que nos era preciso agora era ordem, que nos faltava. A's onze despedi-o. Disse-lhe então que a imprensa tinha grande responsabilidade no que se estava passando, que os seus membros eram pouco accessiveis á corrupção, mas muito ás pressões pessoaes. Concordou e concordou que isto era assim por cobardia.

7 DE SETEMBRO

Hoje ás quatro da tarde visita a Delcassé. O ministro está instalado em um palacete da rua Bardineau, pertencente a um sr. Chamaseill, habitação de burguez abastado que se trata. A sala de espera do improvisado Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França é na casa de jantar, reluzente das pratas do sr. Chamaseill. Numa larga galeria guarnecida com confortaveis moveis reconheço Mollard, o antigo chefe do Protocolo e ha pouco ainda ministro da França no Luxemburgo, d'onde os allemães o despediram ao invadirem o grão-ducado. Os hussiers do Quai d'Orsay fazem o serviço. Delcassé é um homem baixo, de grossos bigodes grisalhos, grandes olhos de miope e um ar de distincção

discreta que não é o apanagio de muitos dos seus antecessores. Realisa o tipo do homem de Estado francez tal como o julgamos através das estampas. Logo que entro no seu gabinete, a campainha do telefone toca. Elle accode, um pouco embaraçado para pegar no apparelho porque tem um panaricio e traz um pollegar entrapado. O que lhe dizem ao telefone não o interessa, porque abandona bruscamente o auscultador e vem para mim, convida-me a sentar-me, senta-se elle mesmo em amavel disposição de me ouvir. Eu annuncio-lhe a minha partida para amanhã, por uns dias — *je l'espère*, accrescento, afim de o preparar para me ouvir o que lhe quero dizer. — Pedi autorisação ao meu governo para ir a Lisboa, afim de regular um assumpto, acerca do qual não temos estado inteiramente de accordo. Elle disse com um sorriso: — Politica! Eu atalhei: — Não! A politica interna do meu paiz interessa-me, mas não me apaixona. Trata-se de um assumpto mais largo e se é politica é politica nacional. Empenho-me em que o meu paiz adquira uma posição inteiramente nitida perante a guerra. V. ex.ª sabe quaes são a este respeito as opiniões do governo portuguez e quaes são os sentimentos do paiz. As nossas simpathias pela França... Elle interrompeu: — *Franco-anglaises*... — Sem duvida, *franco-anglaises*, mas se as nossas simpathias estão neste momento divididas pelos dois paizes, as simpathias francezas não são certamente as menores. Ha porem na nossa politica algumas imprecisões que eu estimaria poder fazer cessar. E accrescentei: — Se voltar breve a reoccupar o meu posto, é signal de que ellas cessaram. Delcassé teve um movi-

mento de evidente satisfação e disse-me: — Nesse caso fico fazendo todos os meus votos por que volte breve. E perguntou-me se minha mulher me acompanhava. — Não! Minha mulher fica. E accrescentei para que elle me comprehendesse bem: — Fica até que eu volte, ou até que tenha de ir juntar-se-me a Lisboa. Vivo aperto de mão. Se eu voltar, espero que a minha situação junto do governo francez será tão digna como a do meu paiz. Se não voltar, ter-lhe-hei deixado a impressão de que procurei, embora sem exito, dignificá-la, e mesmo neste caso elle alguma coisa ganhará, embora ai de mim muito pouco. Ha nisto um pouco de orgulho? Talvez, mas orgulho legitimo. Hoje esteve um dia de terrivel calor. As noticias officiaes dão a entender que a defeza de Paris já foi acommettida pelos barbaros. Appareceu o primeiro numero do *Temps* impresso em Bordeus. Durante o dia os *turcos* fizeram o pasmo dos bordelezes. A' noite, levantou-se um tufão e desabou sobre a cidade uma tremenda trovoada. A'manhã partida para Lisboa.

9 DE SETEMBRO (SAN SEBASTIAN)

Emquanto espero o expresso de Lisboa que deve partir logo á noite, venho dar uma volta por San Sebastian. Compro os jornaes, interrogo os creados dos cafés e os cocheiros. A Hespanha defende com enthusiasmo a idéa da neutralidade. Nada de guerra. O cocheiro que me passeia pela esplanada de la Concha diz-me do seu logar: — Nosotros!... neutrales! O chefe

republicano Alexandre Lerroux teve a má inspiração de communicar a um redactor da *Petite Gironde* o seu generoso pensamento de uma Hespanha belligerante, cooperando com os alliados na guerra ao feudalismo politico e militar. Custou-lhe cara a ousadia, porque foi hontem espancado em Irun e teve de se acolher novamente a França. Os jornaes jaimistas de San Sebastian tratam Lerroux como um malfeitor. Nelles leio pela primeira vez a noticia que corre de que um exercito russo de duzentos mil homens, transportado por Archangel, estaria entrando em França. Leio tambem que os allemães estariam esboçando um movimento de recuo, a leste de Paris. O cocheiro leva-me a Miramar, d'onde contemplo a bahia de San Sebastian. Do yacht do rei, a *Giralda*, parte um grande e luxuoso escaler, tripulado por elegantes marinheiros e no qual distingo um grupo de creanças. São os filhos de Affonso XIII que andam a passeio. O pae está em Madrid. A' porta da vivenda de Miramar, aprumam-se em uniformes bordados a oiro os funccionarios menores do palacio. Soldados de boina encarnada fazem a guarda. Sento-me á meza de um café e compro o supplemento do jornal *El Telegramma* que informa ser já um facto consumado o recuo, em forma de retirada, dos allemães.

10 DE SETEMBRO

Chegada a Lisboa. Muita gente na estação á minha espera, não sei porquê. Na viagem compro os jornaes de Lisboa e vejo confirmadas as noticias da retirada dos allemães, que estariam já largando prisioneiros

pelo caminho. Breve conversação com alguns amigos á porta do hotel. Todos se mostram inquietos sobre a situação do paiz e dizem não comprehender a posição de Portugal.

11 DE SETEMBRO

A's onze da manhã no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, entrevista com Freire d'Andrade. O ministro explica-me que desejara dar-me um conhecimento completo da situação e communicar-me um documento da maior importancia que a esclarecia, mas — accrescentou — não confiara na via postal. O que é esse documento? Segundo elle é uma nota do governo inglez dando-nos seguranças sobre as nossas colonias. Esse documento não o tinha ali no seu gabinete, mas ia mostrar-mo. Achei estranho que o documento em questão não estivesse onde devia justamente estar, mas não fiz a este respeito reparo algum e contentei-me com a sua promessa de mo mostrar. Deu-me no entanto a entender que estava em poder de Bernardino Machado, que lho pedira. Repetiu-me o que já me dissera na sua correspondencia official, isto é que a attitude do governo portuguez tinha sido concertada com o governo inglez. Objectei-lhe o que lhe venho dizendo ha um mez, isto é, que esse acordo não nos desobrigava de termos uma posição definida no conflicto e perguntei-lhe então se as declarações de Bernardino Machado feitas na sessão extraordinaria do Congresso não tinham sido communicadas aos ministros da Allemanha e da Austria. Respondeu: — Que tinha feito conhecer ao ministro da Allemanha que as declarações

de Bernardino Machado eram o resultado de compromissos a que o governo portuguez não podia faltar... e que o barão de Rosen, ministro da Allemanha, lhe contestara que *muito bem comprehendia a situação* (sic). Perguntei-lhe se não lhe tinha sido feita communicação escripta. Respondeu que não. Referiu-me este facto nos termos mais frouxos e vagos, no tom de um homem embaraçado e fatigado, o gesto molle, a voz sumida. Falou dos sacrificios que fizera assumindo aquellas responsabilidades. Disse: — Bem sei que vou passar por um fracalhão, por um *cagarola* (sic). Percebi que entre elle e Bernardino Machado não havia um perfeito accordo, mas a este respeito encheu de reticencias a sua conversação, a qual de resto me deu a impressão de um homem hesitante e fraco, do homem destinado a representar o papel historico de Sousa Coutinho. Por minha vez, expuz-lhe o meu juizo sobre a situação. Elle suppunha ser *meu desejo* (sic) que se enviasse uma expedição portugueza aos campos de batalha. Dissuadi-o. Disse-lhe o que era o meu desejo, isto é que o paiz tivesse uma situação clara, e falei-lhe na nota franceza ainda sem resposta. Respondeu que já se entendera com o ministro da França e que este ficara satisfeito. — Isso não esclarece a situação, disse-lhe eu. E' necessario definir por meio de instrumentos diplomaticos a posição do paiz e, para o ajudar a comprehender, disse-lhe que seria preciso ter communicado ou communicar aos ministros da Allemanha e da Austria, em officio, o texto official das declarações do presidente do Conselho. Elle hesitou, disse que ia pedir a Bernardino Machado um conselho de ministros

para tratar do assumpto e accrescentou que tambem se reservava para o submetter ao... ministro de Inglaterra. Entretanto me telefonaria, me procuraria no hotel. Não perdi tempo. Parti para casa do ministro de Inglaterra, a Buenos Ayres. Cumprimentos, impressões sobre a guerra. Subito, abordei o assumpto. A situação de Portugal, segundo elle, era excellente. Perguntou-me logo se eu conhecia todos os documentos da correspondencia official trocada entre o Foreign Office e o Governo Portuguez. Fazia evidentemente allusão aos documentos em que me falou Freire d'Andrade. Respondi-lhe affirmativamente, e accrescentei: — E' excellente que o accordo seja completo entre a Inglaterra e Portugal, mas esse accordo não o inhibe de ter uma posição mais definida perante a guerra. Qual é a sua posição? Titubeou, hesitou. Disse então que a Inglaterra não podia garantir Portugal contra um ataque da Allemanha por mar, se a sorte das armas fôsse adversa á marinha real ingleza. Sorri. — Espera então que o poder naval da Inglaterra corra o risco de ser destruido? — *J'espère bien que non!* respondeu elle sorrindo por sua vez. — Então? Qual é esse risco a que Portugal ficaria exposto? De novo hesitou, acabou por dizer: — Eu não faço senão executar as ordens do meu governo. Como elle me convidasse para almoçar amanhã na Legação, não insisti, esperando renovar então a conversação. A' tarde, o Camacho appareceu-me no hotel, com o coronel Silveira. Poucas palavras trocámos, porque eu estava com pressa. Disse-lhe que conhecia já as suas idéas, que elle repisou com erradas citações de um direito internacional aprendido á

pressa. Elle contou, com o ar importante que toma sempre que se refere aos segredos do Estado, que tomara conhecimento da correspondencia trocada entre mim e o Ministerio e que o Bernardino Machado era de opinião que nessa correspondencia eu tinha sido inteiramente correcto. Despedi-o um pouco bruscamente. A' noite, jantar em casa de Anselmo Braamcamp.

12 DE SETEMBRO

Almoço na Legação da Inglaterra. Depois do café, os secretarios retiraram-se e a conversação da vespera proseguiu. O ministro foi mais explicito. A Inglaterra estava inteiramente satisfeita com o governo portuguez e nunca a imprensa ingleza se referira a Portugal em termos mais lisongeiros. Portugal estava prestando á Inglaterra excellentes serviços. Estava, por exemplo, abastecendo Gibraltar. Que mais era preciso? A sua situação era bastante clara no mundo official — Não o é no publico, disse eu, e comtudo, accrescentei, era facil esclarecê-la para toda a gente. Bastava para isso que a Allemanha e a Austria tivessem conhecimento official, pelos seus respectivos ministros em Lisboa, das declarações de Bernardino Machado. Elle então rectificou que essas declarações não implicavam senão a idéa de um concurso a dar á Inglaterra — *le cas echéant.* — Mas, meu caro ministro, esse concurso, v. ex.ª mesmo acaba de o verificar, dá-o desde já Portugal ao seu paiz. Não me disse v. ex.ª que lhe estamos prestando excellentes serviços? Nestas condições, esses serviços têm um caracter de connivencia, quando

o deviam ter de cooperação. Accrescentei: — E' preciso que as cousas se passem dignamente, nem a Inglaterra o deve desejar de outro modo. Elle concordou e eu aproveitei o seu assentimento para dizer: Estou certo que o governo inglez não pretende reduzir o papel politico de Portugal nesta questão. Se acertei não o sei. O certo é que o Honorable Lancelot Carnegie não poude dissimular uma viva perturbação. Corou, agitou os olhos, a voz faltou-lhe, até que disse a custo — *Certainement... non!* Voltámos então a falar da communicação a fazer aos ministros da Allemanha e da Austria e elle objectou: — Não lhe parece que é um pouco tarde? Concordei que era tarde e procurando então interessá-lo numa solução, pedi-lhe uma idéa que substituisse a da communicação. Elle lembrou uma nova declaração. Eu applaudi, mas elle, já receioso de ter ido muito longe, lembrou que em todo o caso esperava que o governo não a fizesse sem se entender com o governo inglez. O Bernardino Machado pôz desgraçadamente as coisas neste pé: Portugal está de novo sem independencia politica. A Republica fez o gesto de o emancipar quebrando a cadeia das servidões brigantinas. O Bernardino Machado e os comparsas que a servem de novo a soldaram. Como em toda a longa historia das suas relações com a Inglaterra, Portugal está de novo aos pés dos inglezes. A minha convicção, fortificada pela conversação d'esta tarde com Lancelot Carnegie, é a de que a Inglaterra procura corrigir todas as veleidades portuguezas de entrar na colligação embora como seu alliado. A Inglaterra tem este feudo na Europa e quer conservá-lo. Outro

detalhe da minha conversação com Lancelot Carnegie: como o governo faça constar e seja corrente que as duas expedições á Africa, que partiram hontem do Tejo, tinham sido recommendadas pelo governo inglez, pedi a Carnegie confirmação d'este facto. Respondeu-me negativamente. Acerca da cooperação possivel de um corpo expedicionario na Europa, Carnegie não se pronunciou, sorriu, disse — *Vous n'avez pas beaucoup d'argent.* Da Legação de Inglaterra fui á Legação de França visitar o ministro, que me acolheu com larga simpathia. Está encantado com Portugal e com os sentimentos de carinho pelo seu paiz que verifica em toda a parte e em toda a gente. De resto, a sua fisionomia irradia contentamento. As noticias de França são cada vez melhores. Lê-me o ultimo telegramma que recebeu e que confirma a retirada dos allemães. Regimentos inteiros têm sido feitos prisioneiros nas florestas quasi sem resistencia. Depois do seu arrogante avanço sobre Paris, os allemães voltam para traz em derrota. A nossa alegria é grande, mas a nossa surpreza ainda é maior. A' noite jantar em casa de Vicente Ferreira, que reconhece a torpeza da situação nacional, pede meios de acção. Digo-lhe o que já verifiquei — que só os chefes politicos lhe podem dar remedio. O governo illudiu-os. Que os seus amigos o chamem á realidade e os obriguem a cumprir o seu dever. Elle olha para mim, appella para mim. Eu respondo-lhe: — Faça pressão nos seus. Eu não tenho força politica. Faria talvez uma desordem, mas não modificava a situação.

13 DE SETEMBRO

Domingo de Lisboa. Sol e calor de rachar. As noticias continuam dando o exercito allemão em retirada e já a cento e vinte kilometros alem de Paris. A' hora do almoço, no hotel, o Freire d'Andrade apparece. Não comprehendo bem o objectivo da sua visita e elle proprio não o define. Diz-se muito doente. Está nervoso, mais do que o parece, e accrescenta: — Não é depois que v. ex.ª está em Lisboa! Dir-se-ia que a minha presença em Lisboa é para elle uma causa de inquietação. Extravia-se em expressões desconjuntadas, quasi sem nexo e fala tão baixo que mal o ouço. O seu estado é na apparencia o de um homem afflicto. Repete que está muito nervoso, mais do que o parece. Os jornaes de hoje, segundo diz, atacam-no a proposito do caso Leotte do Rego, o official de marinha que vem fazendo na imprensa uma campanha contra as ambiguidades da situação politica e que, por se ter referido em termos desrespeitosos ao seu ministro, foi condemnado a cinco dias de detenção. Finalmente murmura «que não tem responsabilidade em certos erros praticados». Cada vez mais me dá a impressão de um ser extremamente pusilanime. A' tarde, em sua casa, João de Menezes dá-me algumas fotografias de cartas encontradas no Paço das Necessidades, depois da fuga do rei, uma de José d'Azevedo a D. Manuel, outra ao mesmo do conde de Tovar, ministro em Madrid, e uma carta original assignada Maria do Carmo, dirigida á rainha e que muito bem poderia ter sido escripta á

sombra dos arvoredos de Lesbos. Leio entre outras uma carta do conde de Sabugosa escripta á rainha no mais desmazelado estilo epistolar e lardeada de expressões de boleeiro. Nessa carta, o rei de Inglaterra, Eduardo VII é tratado pelo conde de Sabugosa por — «real socancra». Hei-de procurar no Vieira a significação d'este vocabulo, que ouço pela primeira vez. As cartas encontradas constituem volumosos embrulhos e pastas que o governo confiou ao exame de uma commissão parlamentar de que Menezes faz parte. Não creio que da collaboração d'essa commissão sáia obra de geito. Essa correspondencia, de um inestimavel valor historico, devia estar a esta hora lida e catalogada. Parece que só algumas cartas foram lidas e fotografadas. Centenares de outras são ainda desconhecidas e estão amarradas a esmo, taes como fôram encontradas nas gavetas dos moveis do Paço das Necessidades. Um dos mais volumosos massos de cartas, diz Menezes mostrando-mo, documentam a corrupção dos costumes da côrte portugueza. São em geral cartas de senhoras, dirigidas á rainha Amelia. Foi d'esse masso que elle destacou a carta que me deu, assignada Maria do Carmo. (M. de V. F.) Menezes prometteu-me as fotografias de algumas cartas do Alpoim ao rei. Parece que essas cartas são bem interessantes. A' noite jantar em casa de Thomaz Mascarenhas no Estoril.

14 DE SETEMBRO

Continuam chegando as extraordinarias noticias de França que dão o exercito allemão em plena retirada, mas a noticia do dia é a de um telegramma de Bordeus, referindo o caso do vapor francez *Lutetia*. O commandante d'este barco, que acaba de chegar a Bordeus, teria ali contado que, sendo perseguido no alto mar por cruzadores allemães, se refugiara em S. Vicente de Cabo Verde, d'onde o obrigaram a sahir em vinte e quatro horas, sellando-lhe os apparelhos da telegrafia sem fios. Esta noticia fez grande sensação e causou indignação nos meios que continuam inquietos sobre a attitude de Portugal; mas á noite o Freire d'Andrade, que me procurou no hotel, desmentiu-a. O barco francez, segundo informações telegrafadas pelo governador de Cabo Verde, teria ali estado não vinte e quatro horas, mas tres dias, recebendo carvão e agua. No decurso d'esta sua nova visita Freire d'Andrade informou-me que o director geral Gonçalves Teixeira tinha em seu poder os famosos documentos inglezes e que eu poderia, querendo, tomar amanhã conhecimento d'elles. Pedi a Freire d'Andrade me esclarecesse sobre o sentido das palavras que pronunciara hontem acerca da responsabilidade de erros, que disse não ser sua. Respondeu com a sua habitual flacidez e no seu habitual tom enigmatico — «que era muito disciplinado» insinuando assim que obedecia aos dictames de Bernardino Machado. Este no entanto faz correr que discorda do modo como o seu ministro dirige a politica externa. Durante o dia, no hotel, recebi muitas visitas e entre estas a de Hel-

der Ribeiro e Alvaro Pope. Este veio de proposito de Mafra, onde está, para me falar. Fiquei encantado de os ver, porque tenho por ambos muita simpathia. Expuz a ambos o meu ponto de vista sobre a situação. O Helder Ribeiro está muito preocupado. Diz que a administração está recahindo nas mãos dos monarchicos. O estado maior é monarchico. Não constitue este facto, diz elle, um perigo para a Republica, mas é a negação do seu espirito. O Pope, depois de me ouvir, resolve partir para a Figueira, a falar ao Affonso Costa. Lentamente mas com segurança começo a despertar estes espiritos embrulhados e entorpecidos. Entretanto vou-me deixando ficar em Lisboa, onde ainda sou preciso. A Freire d'Andrade annunciei ser indispensavel, para que eu reoccupasse o meu posto, que elle me habilitasse a fazer uma communicação clara ao governo francez. Disse-lhe mesmo os termos d'essa communicação. Elle annuiu logo. Esta tarde houve conselho de ministros, convocado por elle para apreciar a questão da attitude de Portugal, levantada na minha correspondencia official. Freire d'Andrade communicou-me que o conselho entendera que a attitude assumida era a melhor. Não insisti, porque espero ainda acontecimentos que obrigarão talvez o governo a modificá-la. Os meus esforços têm de ser pertinazes, mas discretos.

15 DE SETEMBRO

Os jornaes publicam hoje a seguinte nota officiosa sobre o conselho de ministros de hontem: «O conselho hontem reunido examinou a nossa situação in-

ternacional verificando que tanto dentro como fóra do paiz tem continuado a merecer assentimento geral a attitude de franca solidariedade com a nossa alliada Inglaterra, definida com toda a firmeza pelo governo, em 7 de agosto, na memoravel sessão do Congresso e em que, como lhes cumpre, o governo e o paiz persistem.» Este caso de duplicidade toma as proporções mais extravagantes. Hoje, no Paço de Belem, Bernardino Machado disse a um meu antigo chefe de gabinete, para que este mo contasse a mim, que tomara conhecimento da minha correspondencia com o ministro dos Negocios Estrangeiros, me dava inteira razão e estava inteiramente d'accordo commigo sobre o modo de comprehender a attitude de Portugal perante a guerra, queixando-se ao mesmo tempo da germanofilia de Freire d'Andrade. Esta declaração está em inteiro desaccordo com a nota officiosa transcripta atraz e cujo espirito é o de perfeita solidariedade ministerial. Que especie de monstro é este Bernardino Machado! A's trez da tarde estive no Ministerio, afim de conhecer os famosos documentos, mas ainda d'esta vez os falhei. Gonçalves Teixeira partiu inesperadamente para Santarem, por motivo da morte tambem inesperada de uma pessoa de familia e provavelmente levou as chaves da gaveta, ou do cofre em que tem encerrados os documentos. Não insisti porque não tenho pressa. Nova entrevista com Freire d'Andrade no seu gabinete. Começo a fartar-me de o ouvir. Que flacidez de linguagem, que desconnexão, que desalinho! Não exprime uma idéa completa. Balbucia, gagueja, divaga, extravia-se. Usa a cada passo expressões rasteiras, como

esta, que me põe os cabellos em pé: «... assim, assado, frito e cosido». Este ministro é um completo desastre. Redijo-lhe um telegramma para o Brederode, dando-lhe instrucções para desmentir as affirmações do commandante do *Lutetia*. Assim, o commandante do *Lutetia* não se lembre de as desmentir. Conta-me que o ministro de França o procurara e lhe perguntara se Portugal podia ceder algum armamento á França. Elle teria respondido que de boa vontade Portugal faria cessão á França de algumas espingardas, com a condição porém de irem tambem os homens para as manejar. Só as espingardas não as podia ceder. O paiz não o veria bem. A' sahida do Ministerio, conversei com o Mayer Garção, o qual está persuadido de que existe um profundo desaccordo entre B. Machado e Freire d'Andrade. Entretanto, affirma que o que se está passando não pode continuar e que se sente que vae dar-se seja o que fôr. Por elle sei que entre todas as Legações de Portugal é a de França a unica que informa o Ministerio sobre a guerra. O Alvaro Poppe partiu para a Figueira da Foz, a avistar-se com o Affonso Costa. Pinto de Lima avistou-se com Antonio José d'Almeida e falou-lhe da situação. Almeida reputa-a equivoca, mas diz não ter meio de se esclarecer. Pinto de Lima submetteu-lhe a hipothese de um ministerio nacional em que entrassem os chefes dos partidos. Almeida disse-lhe que depois dos aggravos trocados não lhe era licito occupar o governo com Affonso Costa, a não ser em caso de extremo perigo. Creio que Almeida disse: «...a não ser que os allemães entrassem por ahi». Se não o disse, devia tê-lo dito. Parece

que o *Paiz* publica um artigo aggressivo para mim, accusando-me de patrocinar a organisação do corpo expedicionario de não sei quantos mil homens. Segundo esse pasquim, o meu proposito poria em crise o ministro dos Negocios Estrangeiros. Disse-me hoje o Alvaro Poppe que entre os papeis do Paço das Necessidades, existe uma carta do juiz de instrucção Almeida Azevedo que daria a entender que Aquilino Ribeiro desempenhara em França no tempo da sua emigração o papel de agente secreto do governo portuguez. Tudo é possivel.

16 DE SETEMBRO

Hoje de manhã, Silva Graça procurou-me no hotel, para me explicar a razão da attitude do seu jornal o *Seculo*. — A attitude do *Seculo,* disse-me elle, resulta da convicção em que estou de que as duas expedições portuguezas á Africa têm por objectivo bater os allemães. — Accrescentou que assim fôra asseverado por Bernardino Machado ao seu collaborador Vieira Correia. Perguntei mais tarde ao Freire d'Andrade, por desejo expresso de Silva Graça, se era exacto que as duas expedições tivessem aquelle objectivo. Freire d'Andrade respondeu-me negativamente e accrescentou que dispondo os inglezes de forças numerosas na Africa do Sul (trinta mil boers pelo menos no Transwaal) seria ridiculo que Portugal se propozesse enviar tropas á Africa para bater os allemães. — Nesse caso, perguntei surprehendido, qual é o objectivo das expedições? Freire d'Andrade respondeu: — Têm: o de evitar os

desmandos dos pretos; o de repellir os allemães se elles pretenderem invadir os territorios portuguezes; cooperar com os inglezes, se estes o desejarem. — D'esta resposta conclue-se que as expedições não têm objectivo algum e que, como desde logo presumi, foram unicamente organisadas para entreter o espirito publico. Esta farçada custa, dizem, seis mil contos. A' tarde, no Ministerio, tomei finalmente conhecimento do famoso documento inglez em que Freire d'Andrade me fala desde que cheguei a Lisboa. Eu tinha deprehendido das palavras misteriosas de Freire d'Andrade que por esse documento a Inglaterra assegurava a Portugal a manutenção do *statu quo* colonial, na previsão de futuras remodelações do mappa d'Africa, e outras pessoas que tambem tiveram conhecimento d'elle, pelas indiscreções do B. Machado, tambem o traduziram assim. Era ao conhecimento d'esse documento que eu attribuia a attitude satisfeita dos chefes dos partidos. Fôra talvez ao conhecê-lo que Brito Camacho, segundo a carta que para Paris me dirigiu Vicente Ferreira, dissera ter tido «o dia mais feliz da sua vida». Não tenho idéa de um *bluff* assim. O documento, que tem a data de... de agosto e está redigido em inglez não é senão uma communicação do ministro inglez em Lisboa, informando o governo portuguez, em nome do seu, de que a Inglaterra defenderia o littoral e as colonias portuguezas no caso de estas serem atacadas pelos allemães. Mais nada. Sobre o futuro das colonias portuguezas não ha uma palavra. Um outro documento, e esse mais significativo, me foi mostrado pelo ministro na mesma occasião. E' uma carta redi-

gida em francez e dirigida pelo ministro de Inglaterra a Freire d'Andrade, em data de que não pude tomar nota, mas que é de principios de agosto, na qual o ministro insta com Freire d'Andrade para que Portugal não se declare neutral. Não me foi mostrado qualquer documento anterior a esta carta, mas presumo que elle deve existir, ou senão um documento, uma conversação. Da leitura da carta e dos seus termos instantes deprehender-se-ia que o governo portuguez manifestou ao governo inglez, ao dar-se a guerra, o seu desejo de permanecer neutral. Por essa carta verifica-se entretanto de um modo claro que neste lance o paiz não obteve sequer junto da Inglaterra a vantagem de ter tomado a iniciativa de lhe offerecer o seu concurso. A sua situação de não-neutro é uma indicação ingleza, o que quer dizer que os votos da opinião publica, tão generosa e enthusiasticamente expressos, foram completamente illudidos. Tomei conhecimento dos dois documentos, sem quaesquer commentarios. Freire d'Andrade voltou a falar na communicação aos ministros da Allemanha e da Austria, cuja falta é porventura o maior erro da chancelaria portugueza, e concordando que a devia ter feito, disse textualmente: — *Não me lembrei de a fazer*. Na sua presença tomei nota a lapis d'esta frase. Insisti pelo despacho autorisando-me a communicar ao ministro dos Negocios Estrangeiros de França as declarações de Bernardino Machado feitas na sessão de 7 de agosto e a communicar-lhe igualmente que d'ellas foi dado conhecimento aos ministros da Allemanha e da Austria em Lisboa. Prometteu-me submetter-me amanhã o rascunho d'esse documento, e

antes que eu me retirasse, monologou como é seu costume, do mesmo modo desconnexo, sobre a sua situação no Ministerio. Insinuou que tinha querido retirar-se, mas que se havia appellado para o seu patriotismo e, arregalando muito os olhos, queixou-se de que o accusavam de ser «*um creado da Inglaterra*» (sic). O papel que o Bernardino Machado está desempenhando junto d'este homem é tudo o que ha de abominavel. Foi talvez elle que appellou para o seu patriotismo, afim de que continuasse no governo. No entanto communica-me por todas as vias e diz a quem o quer ouvir que Freire d'Andrade o atraiçoou. Silva Graça disse-me esta manhã: — O Bernardino disse-me, para que v. o soubesse, que está perfeitamente d'accordo comsigo nesta questão. — Esta noite, Bernardino Machado falando pelo telefone para a Figueira da Foz com Affonso Costa, disse-lhe que Freire d'Andrade o estava *atraiçoando vilmente*. Alvaro Poppe, que chegou da Figueira, assim mo referiu. Não ha situação mais infame. Bernardino Machado está impaciente por que eu volte para França. O *Mundo* d'hoje publica uma nota que é evidentemente d'elle, na qual se diz que tendo eu sido chamado a Lisboa, afim de «receber instrucções do ministro» partia «*immediatamente*» para Bordeus. De dia B. Machado telefonou para o Paço da Ajuda perguntando se eu já tinha pedido audiencia ao Presidente da Republica. Foi-lhe respondido que eu seria amanhã recebido. Então Bernardino Machado perguntou ainda se eu não poderia ser recebido hoje mesmo, pois *sabia* que eu tinha a maior urgencia em partir. Assim pretende este abominavel impostor fazer-me saber que me

estou demorando demais em Lisboa. Já me demorei o bastante e nada mais me resta a fazer. O trabalho de o desmascarar não me tomou mais do que alguns dias. O resto é com quem cá fica.

17 DE SETEMBRO

Hoje almoço na Legação de França. Além do ministro e de Madame Daeschner, do secretario de Montille e de Madame de Montille, tambem estava o Freire d'Andrade. Falou-se muito de Paris e da guerra. As noticias vindas hoje de França não accusam um novo recuo dos allemães. Um telegramma de Paris diz que chegou ali preso um general allemão, com o seu estado maior. Em poder do general allemão teria sido encontrada a sua nomeação de governador de Paris, assignada pelo kaiser, mas o ministro de França não obteve confirmação d'este caso. O Freire d'Andrade trouxe-me no seu automovel até ao Ministerio e ali, durante um quarto de hora, tivemos uma nova conversação. Tornou-me a dizer que muito energicamente renovara a sua demissão, mas que varias pressões foram exercidas sobre elle para que não abandonasse o seu logar, tendo sido invocado o seu patriotismo. Ainda no ultimo conselho de ministros lhe foram feitas essas invocações, sendo B. Machado um dos que mais vivamente o convidou a conservar-se no seu logar. A revelação d'este caso causou-me uma tal indignação, que não pude contê-la e disse a Freire d'Andrade que o procedimento de Bernardino Machado excedia tudo o que era conhecido em materia de torpeza. Sempre no

mesmo tom de voz sumida, Andrade disse-me saber que Machado procurava fazer d'elle o seu bode expiatorio, mas o conhecimento d'este facto não parece perturbar a serenidade da alma d'este justo, que se qualifica a si proprio de *pobre diabo*. Ás quatro horas fui recebido pelo Presidente da Republica, no palacio de Belem. Manuel d'Arriaga engordou, mas parece inchado, como que embalsamado. Como está, segundo me disseram, a concertar os dentes, fala com difficuldade mas, como sempre, fala muito. Começou por me perguntar, logo de entrada, qual a razão da *frialdade* da França, do seu Presidente e dos seus ministros para com Portugal. Como não comprehendesse o que elle queria dizer, perguntei-lhe que razões concretas tinha para se queixar da França e dos seus homens. Perguntei-lhe se não estava contente com o ministro da França. Queixou-se então de que o Presidente Poincaré nunca se lhe dirigira, que os navios de guerra francezes passavam ao largo de Portugal e nunca lhe enviavam uma mensagem e que o ministro de França não era «carinhoso». Poz em contraste esta «frialdade» com a amabilidade dos inglezes e até a do imperador da Allemanha, «esse despota e esse louco». Comprehendi então que alguns actos cortezes de soberanos o haviam desvanecido de tal maneira que toda a omissão, ou reserva affectavam o seu amor proprio de novo chefe de Estado. Pobre Manuel d'Arriaga! Pobre advogado obscuro, arrancado ao seu escriptorio sem clientes e ao seu lar modesto, e levantado por um facto inesperado e prodigioso á vertigem de uma alta magistratura! Como elle está mudado! Como parece ter

perdido a liberdade de movimentos e como parece mover-se por um machinismo de articulações. Quando ha trez annos me chamou a Lisboa para me entregar o poder, ainda era o homem que eu conheci no tempo da monarchia, democrata theorico, amando a democracia, mas detestando o povo, arranchando com a nobreza para dizer mal do que nesse tempo ainda se chamava a plebe, em «conflicto com os seus amigos», que lhe diziam, como elle me contou uma vez: «O' Manuel! Como podes tu andar mettido com essa canalha!», em conflicto com a propria familia, com a mulher e com os filhos que nunca comprehenderam o seu republicanismo. O Arriaga d'hoje procura realisar o tipo do chefe de Estado e como elle é ridiculo o pobre homem mettido no artificio da sua nova situação! A sua falsa gravidade, a sua procurada compostura, a sua reserva que o aperta como umas botas novas — em que estado o pozeram ao excellente Arriaga! Ouço-o em silencio sem o interromper nunca. Elle fala, fala. Faz todos os votos por que os allemães sejam esmagados. O triunfo do imperialismo germanico seria um desastre para nós. A Hespanha vinha inevitavelmente por ahi dentro. O seu rosto torna-se sombrio. Divaga, no estilo das *Harmonias Sociaes,* sobre a situação da Europa. Fala então de Portugal e como foi sempre seu costume, desde que o conheço, nega o paiz, julga-o sem cultura, sem educação, sem civismo, sem ideal, morto, condemnado! Eu objecto que o paiz dá mostras de uma grande vitalidade. Elle passa adiante, diz que os dirigentes não têm patriotismo. Pergunto-lhe então qual a sua opinião sobre a situação de Por-

tugal perante o conflicto europeu. Hesita um momento antes de responder. Depois, a correr, diz: — Não é muito clara... mas emfim... passa!... Depois accrescentou: — Que se ha-de fazer? Sou o chefe de um estado sem exercito, sem marinha, sem dinheiro, sem nada... Manuel 1.º, senhor da canna verde! — E levantou-se para me despedir como fazem os chefes de estado, estendeu-me a mão gorda, correspondeu ao meu cumprimento com uma reverencia muito grave, e não sei por que absurda equivalencia, senão de personalidade de situação, ao despedir-me d'elle talvez pela ultima vez, vi nelle e na sua gordura flacida D. João VI reconduzido através de um seculo até esta democracia que renova a politica e a diplomacia da Regencia. Volto a Lisboa no electrico e pelo caminho, Junqueira e Aterro fóra, venho vendo, revendo esta velha cidade — em que quasi nasci. E' curioso! Parece que a vejo pela primeira vez ha muitos annos. Tenho presente a lembrança das ultimas leituras que fiz em Paris do Jacome Ratton e do Du Chatelet e talvez por isso parece-me que a Lisboa de hoje está tal qual elles a viram no seculo XVIII, em toda a sua sordidez. Em Belem lembro-me da velha gravura do Bertolozzí que está no meu escriptorio de Paris, e parece-me que se encontra tudo no mesmo estado em que o deixou D. João VI e a côrte ao embarcarem para o Brazil, no meio dos seus frades, dos seus boleeiros e do seu povo infeliz que lhes beijava as mãos. Ha apenas algumas arvores a mais. A praia é a mesma com o seu chão de barro que um dia de chuva transforma em lameiro. Em frente, as montanhas da Outra Banda são tão escalvadas como

outr'ora. Como então, um sujo casario encobre o convento dos Jeronimos. Pela Junqueira fóra ha alguns predios novos olhando para o Tejo, mas aqui e ali surgem casebres que devem ser d'esse tempo. No Aterro, calcado de pedregulhos que faíscam ao sol, formiga uma população suja e de pés nús. Um amontoado de telheiros, barracas, tendas, é um mercado, que exhala um pestilento cheiro a peixe pôdre. A partir de Santos começa a Lisboa reconstruida pelo Marquez de Pombal e eu tenho a impressão de uma cidade em que não se mexeu desde então, com os seus casarões quadrados ou rectangulares, cobertos de telha musgosa, as suas janellas alinhadas com aggressivas padieiras de granito e as suas portas d'onde sae um bafo de saguão. Carroças puxadas por magros cavallos enchem o ar com o estrepito das suas rodas de ferro. Uma população mal vestida, os homens com a barba por fazer, as mulheres despenteadas, anda nas ruas de um lado para o outro a fazer não se sabe o quê. As varinas descalças trotam pelos passeios levando á cabeça as suas canastras onde nada numa agua suja um peixe que cheira mal. Pela rua do Arsenal passam filas d'essas vendedeiras, e por onde passam fica um rasto nauseabundo. Na rua do Ouro, os ourives estão ás portas de mãos cruzadas nas costas, vendo quem passa. A' porta de um estanco um individuo ajanotado olha para as botas. Os transeuntes parecem não ter destino e estarem só occupados em se observarem uns aos outros. Esta população não tem interesses que a distraiam e só parece viver para a vida exterior — a carruagem que passa, a mulher que passa, o politico que passa. As

lojas estão vasias. No Rocio, ha homens collados ás paredes dos duros predios pombalinos, de perna traçada e bengala em riste. No meio d'este quadro antigo, o que ha de verdadeiramente moderno são os carros electricos envernizados, fazendo ouvir no ar fino as suas vibrantes campainhadas. Garotos esfarrapados pulam de um lado para outro, offerecendo jornaes monarchicos — a *Restauração*, o *Thalassa*, a *Nação*. Um d'elles propõe-me o ultimo numero apprehendido da *Nação*; outro um outro numero do mesmo jornal que tambem foi apprehendido e que publica um artigo do Cunha e Costa. E' o regimen dissolvente de Bernardino Machado em todo o seu esplendor. Eu sinto-me humilhado, vexado, e pela primeira vez em minha vida considero com allivio, quasi com alegria a idéa de que vou partir. Está decidido que seja no domingo que vem, e esse domingo tarda-me. Parto com a idéa de voltar, ser ainda util talvez ao meu paiz, mas d'esta vez parto com pressa de o deixar, de por algum tempo o esquecer. Aqui falta tudo — autoridade, disciplina, ordem, policia. Uma só palavra convém ao que vejo: anarchia — anarchia mansa, lenta, dissolvendo tudo, apodrecendo tudo. Esta noite foi-me contado que na vespera da minha chegada, ás onze da noite, em casa de Bernardino Machado, o Macieira insistiu pelo telefone em falar com este. Macieira, mal soube que eu dera a minha demissão, não largava o Machado a pedir-lhe o logar de ministro de Portugal em Paris.

18 DE SETEMBRO

Devo partir depois d'amanhã domingo e só lamento não o poder fazer amanhã mesmo. *O Seculo* d'hoje publicou um artigo que está sendo muito falado. E' um ataque ao governo, convidando o Bernardino Machado... a fazer outro. Diz-se que o artigo é do Bernardino Machado, ou inspirado por elle. A' tarde, no Ministerio, perguntei a Freire d'Andrade o que isto significava. Freire d'Andrade respondeu-me que ia reunir os seus collegas para esclarecer a situação, tudo isto, como sempre, muito mollemente. Nos corredores do Ministerio encontrei o Brito Camacho. Disse-lhe que a responsabilidade do que se está passando é dos chefes dos partidos, que não cumprem o seu dever. Ainda tentou justificar a politica do governo, mas percebi que elle já andava á toa, inquieto, procurando um portal onde abrigar-se. A' noite, no meu quarto do hotel, discutia-se o artigo do *Seculo,* quando appareceu a *Capital,* com uma nova surpreza que me consternou e prostrou. Bernardino Machado não põe limites á torpeza. Depois de ter andado a diffamar o seu proprio governo, eis aqui com o que elle se sae: «*Nota officiosa* — O sr. ministro da Inglaterra procurou hontem em sua casa o sr. presidente do Ministerio expressamente para lhe significar da parte de sir Edward Grey a completa satisfação do governo inglez pela obra de politica externa que tem feito na actual conjunctura o governo presidido pelo sr. dr. Bernardino Machado, congratulando-se ao mesmo tempo com sua ex.ª pela força que a essa politica de inteira solida-

riedade do nosso paiz com a Inglaterra está dando patrioticamente o appoio geral da opinião publica portugueza.» Assim Bernardino Machado, que antehontem me communicava por intermedio de Silva Graça o seu absoluto desaccordo com a politica de Freire d'Andrade, reforça-a hoje com a opinião de Edward Crey. Com um homem d'estes, não sei onde este paiz irá parar. Esta noite, Celestino Steffanina espancou Homem Christo Filho no Chiado. Este cavalheiro de industria continua residindo no Avenida Palace e faz-se conduzir num automovel seu. E' subsidiado por um filho do conde de Lucena. Bernardino Machado tolera-o magnanimamente. Recebida a visita de Antonio Maria da Silva e do capitão-tenente Annibal de Sousa Dias. Sousa Dias mostra um grande desgosto pela situação do paiz. Descrê dos chefes. Parece appelar para mim. Diz: «Falta-nos um homem!» Depois de escripta esta pagina, passo uma nova vista d'olhos pela *Capital* de hoje e na sua segunda pagina encontro esta noticia: «O sr. presidente do Ministerio esteve hoje na Legação ingleza, conferenciando com o sr. Carnegie.» Assim, não seria o ministro da Inglaterra que teria ido a casa de Machado, mas este que teria ido a casa d'aquelle. Assim, a nota de hoje a que me refiro atraz seria o resultado de uma simples combinação accordada entre Lancelot Carnegie e Bernardino Machado. E' pavoroso!

19 DE SETEMBRO

Emfim! Partida amanhã. Levo a alma cheia de desconsolo. Só me conforta a idéa de que vou encontrar es-

perando-me em Bordeus, no seu mau quarto d'hotel, a minha querida Maria, unica consolação, premio unico da minha vida. Estive ainda uma vez no Ministerio. A' noite, no meu quarto, o Vicente Ferreira, o José Queiroz. Emquanto arranjava a minha mala, ouvi uma discussão em um quarto contiguo ao meu. Um homem dizia a uma mulher: — Se não fôsses quem és dava-te uma carga de *porrada!* Este hotel é o mais caro e o mais bem frequentado de Lisboa. Tudo são motivos de desconsolação.

21 DE SETEMBRO (BORDEUS)

O Sud Express que me conduziu de Lisboa a Hendaye não trouxe outro passageiro alem de mim. Dormi um excellente somno e ás dez e meia da manhã, d'hoje apeava-me em Hendaye. Como tinha algumas horas a esperar antes da partida do comboio de Bordeus, fui a pé até Hendaye Ville fazer um telegramma a minha mulher e sempre a pé segui até Hendaye Plage. Apezar de estarmos no Meio Dia, reconheço que estamos bem em França. Pela estrada que conduz a Hendaye Plage, ia adiante de mim, trotando sob uma sombrinha escarlate, uma mulher tão elegante como as que encontramos no Bois de Boulogne, e mais longe, á beira do caminho, sentada sobre a relva e olhando para o mar ao longe, uma outra mulher tão elegante como aquella, parecia estar ali para tornar a paisagem bem franceza. Na cidade e na estrada cruzei-me com numerosos militares, feridos convalescentes, uns já quasi restabelecidos, outros trazendo ainda o braço ao peito.

Na cidade, conversei com alguns, no terraço de um café onde me sentei. Estavam acabando o seu tempo de convalescença, afim de voltar para a guerra. — Ah! a sorte d'estes não é invejavel! exclamou a dona do café. Ser ferido! escapar e voltar! — Um d'esses soldados, com todo o aspecto de um pobre diabo que escapou de boa, disse para uma velhota que passava: — *Eh! la mère! cette-fois-ci on est sauvé!* Este parecia estar persuadido de que não voltava, mas certamente voltará por que a sua ferida não é grave. Um grande zuavo, de largas pantalonas, sahiu do café. — Então como vae isso hoje? perguntaram-lhe. — Vae melhor! Vae melhor! Uma bala dera-lhe a volta ao braço e só hontem lha extrairam. Tem um aspecto herculeo e a tez bronzeada de um arabe. De Hendaye a Bordeus, num trem omnibus, o trajecto pareceu-me infindavel. Em todas as estações, o comboio tomou feridos restabelecidos e que voltam para a fileira. Na gare de Midi, um povoléo numeroso espera os comboios do norte que trazem os feridos das ultimas batalhas. Ha gente na estação e fóra anciosa, abrindo alas. O serviço é todo feito por soldados da territorial. De uma das carruagens descem com muita difficuldade um homem deitado e passam-no para uma maca. O homem traz na cabeça um bonet de official. Dizem-me ser um medico militar. Em outra carruagem, outro ferido deitado no soalho, entre cobertores, espera em silencio que o tirem para fóra. Venho encontrar minha mulher installada na casa que o sr. Giovetti nos offereceu e para onde ella, farta do hotel, se transportou na minha ausencia. Foi uma bem agradavel surpreza.

22 DE SETEMBRO

Lindo dia, mas frio. Depois dos suffocantes calores de Lisboa esta temperatura repousa. Os hospitaes de Bordeus estão cheios de feridos, mas o moral de todos é excellente. A noticia que aqui e no mundo inteiro provoca uma indignação geral é a do bombardeamento e destruição da cathedral de Reims, essa preciosa reliquia da architectura gothica, esse precioso sacrario da historia da França. Os allemães praticaram esse acto de vandalismo sem nenhuma justificação estrategica. O principe de Monaco telegrafou ao Presidente da Republica: «L'acte criminel accompli à Reims par l'ennemi sauvage de la France est une provocation au monde entier; il caracterise une armée, une nation et un règne. J'en suis aussi consterné que le meilleur des Français.»

24 DE SETEMBRO

Trez cruzadores inglezes foram mettidos no fundo por submarinos allemães, ao largo do Escalda. Num *meeting* em Liverpool, o ministro da Marinha Churchil disse: «Se a esquadra allemã não sahir da sua toca iremos nós ao seu encontro, como um bull-dog vae ao encontro dos ratos.» E a um redactor do *Giornale de Italia* disse: «Queremos que esta guerra tenha como consequencia a remodelação da carta geografica da Europa, segundo os principios immutaveis das nacionalidades e das raças. Queremos que as fronteiras arbitrarias sejam substituidas por fronteiras naturaes e logicas.» Os francezes

continuam passando por alternativas de esperança e desesperança, conforme as noticias que lhes chegam do theatro da guerra. A retirada allemã fez nascer o enthusiasmo, mas as ultimas informações dizendo que os allemães se entrincheiram, resistem, não parecem dispostos a recuar mais, fizeram-no cahir outra vez. Os francezes são assim. O conde de Mun recommenda nos jornaes — *endurance morale*. Os francezes procuram tonificar-se no exemplo dos inglezes. A Belgica continua sendo arrasada. Termonde, segundo as noticias d'hoje, é um montão de ruinas. O tempo em Bordeus continua lindo. Hoje não se podia transitar pelas ruas principaes, tanta era a gente. O terraço do Café de Bordeaux regorgita. As Allées de Tourny são o rendez-vous de Paris exilado. A' tarde encontram-se ali as fisionomias parisienses mais notorias. Giovetti e Madame Giovetti visitaram-nos hoje *na sua casa* e convidaram-nos a passar dois dias no seu château de Saint Emilion. Lá vamos depois d'amanhã. Hoje na Legação li um artigo da *Capital* da ultima segunda feira, no qual se fala em termos obscuros e enigmaticos do perigo de *escamotear* a opinião publica.

25 DE SETEMBRO

Hoje fui procurado em casa por Xavier de Carvalho, que veio agradecer-me o concurso que prestei a elle e á familia, fornecendo-lhes recursos para se repatriarem. O certo porem é que nem elle nem a familia

sahiram ainda de Bordeus. Fiz-lhe ver que a quantia que lhes abonei se referia ás despezas de viagem até Portugal e que se tornaria reparado, no nosso Ministerio dos Negocios Estrangeiros, que depois de a terem recebido se deixassem ficar em Bordeus. Respondeu-me que a mulher e os filhos iam partir. Quanto a elle parece que fica. Queixa-se de que a guerra lhe trouxe um prejuizo de quinze francos por dia. Deu-me conhecimento de uma referencia que fizera á minha recente viagem a Portugal, na sua correspondencia para o *Jornal de Noticias* do Porto. Foi publicada no numero de 15 de setembro d'esse jornal, e é d'este theor:

«Deve ter partido hoje para Lisboa com pouca demora o illustre ministro de Portugal em Paris, o sr. João Chagas — a quem os portuguezes residentes na capital francesa estão devedores de tantos serviços e que nunca poderão ser esquecidos. A sua esposa fica em Bordeus.

A Legação de Portugal está agora em Bordeus, 99 cours d'Aquitaine, onde tambem se encontra o Consulado.

Não sabemos o que o sr. João Chagas vae fazer a Lisboa. Mas temos a firme e absoluta certeza de que vae animado por um alto dever patriotico.

E' de crer que exporá ao nosso governo a situação actual, fazendo ver a necessidade d'uma resolução definitiva n'este sangrento conflito em que estão em jogo os interesses vitaes das nações latinas.

Melhor do que ninguem, o nosso ministro em Paris, que tem tido aqui largas conferencias com os princi-

paes homens de estado da França, poderá informar os novos dirigentes — e com dados e com factos decisivos.

De novo affirmamos que não sabemos o que o sr. João Chagas vae tratar em Lisboa.

Mas temos a convicção profunda e absoluta que parte de Bordeus para cumprir uma grande missão, tendo apenas em vista a honra do nome portuguez e o futuro da nossa patria.

Finalmente, ao despedir-se de mim, disse esperar que eu não conservasse lembrança dos mal entendidos que tinha havido entre nós e reconheceu «que no seu procedimento houvera muita injustiça para comigo». A' tarde esteve na Legação um negociante portuguez, de nome Luiz Barbosa, que acaba de percorrer uma parte da França a tratar dos seus negocios, os quaes, diz elle, vam muito mal. Está inquieto pela situação de Portugal, que diz não comprehender. No decurso da sua viagem teve occasião de referir a amigos seus, francezes, as simpathias de Portugal pela causa da França. Um d'elles disse-lhe: — No entanto nenhum soldado portuguez pisa o solo francez. Elle respondeu que o nosso concurso não tinha ainda sido sollicitado e que quando o fôsse estavamos promptos a dá-lo. Comtudo, insiste em que a situação não é clara, e promette quando voltar a Portugal tornar publicas as suas impressões. Um numero do *Seculo* de 21 que me veio hoje parar ás mãos publica o relato de uma conferencia de Leote do Rego em Lisboa. Este official de marinha fez as criticas mais severas á politica do governo

portuguez e disse esperar que ainda se emende o mal que se está fazendo á dignidade nacional e ao prestigio da Republica. Fiz entregar hoje no Ministerio dos Negocios Estrangeiros d'este paiz a resposta do governo portuguez á communicação do estado de guerra, que lhe foi feita pelo governo francez, em agosto ultimo. Foi este o objectivo principal da minha viagem a Portugal. A resposta do governo portuguez acompanha o texto official das declarações feitas por Bernardino Machado nas Camaras, affirma as simpathias do governo e da nação portugueza pela Triplice Entente e accrescenta que das declarações de Bernardino Machado foi dado conhecimento aos ministros da Allemanha e da Austria em Lisboa. Este conhecimento foi dado verbalmente e em termos taes que fizeram dizer ao ministro da Allemanha que «muito bem comprehendia a situação de Portugal» mas é inutil notar que esta circumstancia foi omittida no documento em questão, que eu redigi sob a fórma de officio a Delcassé. Espero que Delcassé accuse a recepção d'este documento e só depois lhe pedirei uma audiencia. As noticias da guerra dizem que a batalha continua em toda a linha, sem resultados decisivos, mas o Negreiros affirma-me que ellas são melhores do que o dão a entender os communicados officiaes, muito cautelosos em não excitar o publico com um optimismo que o indisporia para receber as más noticias que possam sobrevir. O serviço de comboios pela linha de Orleans começa a fazer-se com mais celeridade. Muita gente vae a Paris e o *Temps*, que publicou alguns numeros em Bordeus, transferiu-se de novo para a sua séde da rua dos Ita-

lianos. Em meio da multidão que transita pelas ruas de Bordeus, vêem-se muitos soldados e officiaes. Alguns trazem um braço ao peito. A população mostra a maior calma. Em certos pontos da cidade, o seu aspecto é mesmo festivo. Na rue de Sainte Catherine ha sempre grande ajuntamento em frente de uma vitrina onde estão expostos dois capacetes prussianos — um de infanteria e outro de uhlano, em duro coiro sem verniz, orlado e chapeado de cobre. São de muito pequenas dimensões e dir-se-ia servirem a cabeças de creanças. Os jornaes já começam a dar as linhas do plano da liquidação europeia. Uma alta personalidade da chancellaria russa teria já exposto o programma que a Russia hade submetter aos alliados: Creação de dois reinos: a Hungria e a Bohemia; annexação da Transilvania á Romenia; annexação da Bosnia e da Croacia á Servia; annexação da Herzegovina ao Montenegro; annexação da Dalmacia meridional á Servia e ao Montenegro. O governo russo não se opporia a que a Italia recuperasse Trieste e a Dalmacia septentrional. Os territorios allemães da Austria entrariam nos futuros dominios da Hungria e da Bohemia.

27 DE SETEMBRO (CHÂTEAU DES TOURS)

O Château des Tours fica situado num desvio da estrada de Paris e no caminho de Saint-Emilion, entre esta localidade e Libourne. Foi para aqui que viemos hontem, de automovel, através d'esta região vinhateira celebre em todo o mundo e cultivada como uma quinta

de luxo. O dia esteve maravilhoso, o ceu azul, o ar tepido, como o de hoje e o de amanhã por certo, pois o tempo parece fixo. Em muitas vinhas já se fez a vindima, precipitadamente, tendo-se colhido a uva em parte verde. O povo conta com um desastre, diz que o vinho se vàe trocar este anno por pão secco. Noutras vinhas, onde o cacho amadurece, vae começar amanhã. O Château des Tours é uma construcção do seculo XVII, ladeada por quatro torres de pedra ameiada mas que soffreu, com o andar do tempo e o capricho dos proprietarios, algumas modificações infelizes. Uma linda alameda conduz até á entrada do seu pateo. Pontes de pedra recobertas de hera substituem sobre o largo fôsso que o circumda as pontes levadiças que teve talvez outr'ora. Cerca-o uma frondosa vegetação, alamos, castanheiros, cedros. Diante da sua fachada, voltada ao nascente, abre-se uma vasta clareira de parque, toda recoberta de um tapete de relva e fechada á direita e á esquerda por uma muralha d'arvores. O sr. Giovetti poz á nossa disposição um vasto aposento de cujas janellas a nossa vista justamente repousa nesse espectaculo luxuoso. Hoje fomos de passeio até Saint-Emilion, visitámos a igreja monolithica, onde os Girondinos se refugiaram no tempo da Revolução, e o ermitage, onde se conserva e se mostra a cova em que viveu Santo Emilião. Na villa conversámos com alguns habitantes, quasi só mulheres. Duas d'ellas receberam hontem noticias dos seus que estão na guerra — Boas noticias? — Felizmente boas! Nenhum foi ainda ferido. Havia vinte dias que não sabiam d'elles. O seu falar é resignado. Nenhuma se queixa. Todas parecem

acceitar o seu sacrificio como uma provação necessaria. Uma parece muito contente. O seu filho está na guerra, mas não se bate. — Está na *boucherie!* diz ella. Quer dizer que está no serviço das carnes. Dois soldados passam. Interrogam-nos. — Então quando partem? Elles tranquillisam os seus interlocutores. — Soceguem que a vez ha-de chegar a todos, *allez!* Este domingo nesta aldeia do Meio-dia não nos fala porém de guerra e ao contrario só de paz. Dir-se-ia que a unica preoccupação d'esta gente é a vindima. As mulheres conversam ás portas tranquillamente. Uma creatura de indefinivel condição social mostra-me a igreja, chama escrupulosamente a nossa attenção para as suas curiosidades, a abside, que diz ser do seculo XII, e numa das paredes da nave uns velhos paineis apagados, cuja historia conta com interesse. Só no claustro, que está sendo concertado, se lamenta da falta de operarios para continuar a obra. No regresso a casa, passamos por Montagne e na grande praça assistimos ao desfilar de uma companhia de infanteria que vae para a guerra. São uns duzentos homens. Levam quasi todos nos canos das espingardas pequenas bandeiras ou flôres do campo, e desfilam silenciosos no meio da praça deserta. Na rectaguarda da companhia, um dos homens cae, como que cedendo ao peso da sua impedimenta. Outros levantam-no. Faz-se um tropel tumultuoso e ouço uma mulhersinha dizer ao pé do nosso automovel que parou: — Lá vam mais aquelles para o matadouro! A' noite, o castello, com os seus candieiros de petroleo illuminando as suas grandes salas, é triste, mas uma grande fadiga nos prostra a todos e deitamo-nos cedo.

28 DE SETEMBRO (BORDEUS)

Eis-me de volta. Hoje ás oito da manhã já estavamos ao pé da vinha a ver vindimar. O sr. Giovetti mandou colher uns cachos de uvas que a sua mulher e a minha declararam deliciosas. Eu achei-as acidas. O dia, como o de hontem, lindo. No regresso a Bordeus, parámos um instante em Libourne, admirámos o seu ar de abastança, o aceio das suas ruas, o seu Hotel de Ville novo em folha e eu comparei o aspecto d'esta pequena villa com o das nossas villas portuguezas vetustas, decrepitas, sujas. Na barreira de Bordeus, sobre a estrada de Paris, pediram-nos os nossos salvo-conductos, e o sr. Giovetti, que conhece toda a gente nesta região, saudou familiarmente o empregado, perguntou-lhe se havia noticias de andarem por ali espiões. O empregado contou que alguns tinham sido assignalados e que se sabia usarem do estratagema de se fardarem de soldados francezes para melhor circularem em automovel. Como não se pediam salvo-conductos aos soldados, não havia meio de deter esses automoveis, que disse elle passavam assim impunemente por onde queriam. No Chapon Fin, onde almoçamos, muita gente do corpo diplomatico. Em uma mesa, o ministro da Romenia, em outra dois secretarios de Inglaterra, em outra o conde e a condessa de Jimenes de Molina e dois adidos de Hespanha, em outra um secretario da Servia. O corpo diplomatico gosta de comer bem e o Chapon Fin tem a reputação de ser o melhor restaurante de Bordeus, que por outro lado gosa da fama de ter a melhor cosinha de França. A situação militar

não se modificou. O exercito francez mantem as posições que conquistou e que os allemães procuram romper ao centro, com uma violencia *inouie,* diz o communicado d'hoje. A esperança mantem-se. Em Paris reappareceram os aeroplanos allemães. Hontem um *taube* pairou sobre o nosso bairro e lançou quatro bombas. Uma caiu em Auteuil sobre o campo de corridas, uma outra caiu na avenida do Trocadero, duas outras cairam na rua de la Pompe e outra na rua Vineuse. Passava aqui um velho com uma rapariga. A bomba matou o velho, que se soube mais tarde ser um notario, e decepou as pernas á rapariga. O embaixador de Hespanha e mais tarde um secretario da embaixada dos Estados-Unidos fôram ver os estragos. Para quê? A Hespanha não se mexe e a America cada vez defende mais ferozmente o principio da neutralidade! Os jornaes publicam cartas da guerra. Só agora leio que Maubeuge se rendeu. A cathedral de Reims não foi completamente destruida, mas soffreu grandes estragos. As populações do norte por onde os allemães passaram na sua marcha sobre Paris soffreram terrivelmente. Se é verdade o que os jornaes contam não sei de guerra em que o homem tenha desencadeiado paixões mais ferozes. Luneville foi occupada durante vinte e um dias pelos allemães, que a trataram, como têm tratado todas as cidades que occupam: pilhando, incendiando, assassinando. O seu pequeno museu foi posto a saque. Uma contribuição de guerra foi lançada, de 600000 francos em oiro e 50000 em prata. O maire, o sub-perfeito e o deputado da circumscripção andaram a pedir de porta em porta para

pagar a contribuição, uns davam dez francos, outros vinte, outros mais, conforme o que tinham. Soissons foi devastada. Em Senlis, antes de fuzilarem um certo numero de individuos, vendaram-lhes os olhos e mudaram-nos varias vezes de sitio, fazendo de cada vez, por meio de vozes de commando, o simulacro de os fuzilarem. Esta agonia durou alguns quartos de hora. De Reims uma rapariga escreveu á mãe: «Toda a população está refugiada nas caves, cheias de palha. Ali temos passado os dias e as noites. Numa d'essas caves estão mais de cento e cincoenta pessoas, que dão a impressão do que devem ter sido as catacumbas dos primeiros christãos.» Quanto ao fim da guerra, uma profetisa diz que ella acabará em 17 de outubro, isto é, dentro de quinze dias, mas um professor da Academia de Munich, que parece estar melhor informado, diz a um amigo que o transmitte ao *Figaro:* «Foi o partido militar, unico senhor da Allemanha, que quiz a guerra. Ora a idéa do mal que hoje pode causar torna-o insensivel ao receio do mal que pode vir a soffrer. Pode estar certo de que esse partido não se reconhecerá vencido e que preferirá arruinar o paiz a acceitar uma paz que o anniquilaria completamente». E o professor conclue dizendo: «Emquanto o exercito do kaiser não fôr completamente esmagado não se deve esperar que as hostilidades cessem, mesmo parcialmente.» Entretanto as nações que não entraram ainda nesta guerra esperam, indecisas, novos resultados. A unica que parece querer entrar no caminho de uma aventura mortal, que seria o seu suicidio, é a Turquia. Da Italia escreve-se todos os dias que está mobilisando,

mas parece que fortes correntes politicas favoraveis á Triplice Alliança põem embargos á unica attitude que convem aos interesses d'esta nação. O artigo *Neutralidades que matam,* attribuido a Romanones e publicado no principio da guerra no *Diario Universal* de Madrid, tem cada vez maior opportunidade. Não é possivel permanecer neutro perante os nossos proprios destinos e são os destinos da maioria das nações da Europa que neste momento se estão jogando. Quando chegar o dia da liquidação, os estados que não o tiverem comprehendido e que por cobardia, egoismo, ou commodidade se tiverem mantido neutros, encontrar-se-hão em uma bem difficil situação e é preciso não esquecer que quando essa liquidação se fizer, os exercitos da colligação devem estar todos reunidos no mesmo campo de batalha, isto é, promptos a dirigirem-se em massa aonde fôr preciso. Uma parte da Europa dictará leis á outra. As nações belligerantes já se preparam mesmo para crear essa situação. Os jornaes d'esta manhã inserem um telegramma de New-York segundo o qual o *New-York Herald* diz saber de fonte segura que as nações da Triple Entente decidiram não admittir na Conferencia da Paz, que porá termo á guerra, senão os estados belligerantes. Esta noticia, a confirmar-se, seria um convite ás nações para que se pronunciem emquanto é tempo, e do mesmo modo uma advertencia sobre a situação que lhes está reservada no futuro.

29 DE SETEMBRO

Compère Morel, o deputado socialista do Gand, foi ver o que resta de Senlis e veio de lá aterrado e desilludido, desfeito o seu sonho de fraternidade. Assim, exclama elle desoladamente, é esta a obra da social democracia! «Ah! meus amigos! Ha coisas que é duro confessar, ha erros que custa a reconhecer!» Um dos effeitos d'esta guerra sob tantos pontos de vista fecunda em resultados sociaes, será o de reduzir o homem ao sentimento da realidade. Muitas chimeras vam desfazer-se e uma d'ellas é a que os socialistas acalentavam de uma federação de principios vencendo o poder das oligarchias, destruindo as fronteiras e lançando fraternalmente os homens nos braços uns dos outros. A guerra de conquista, emprehendida pela Allemanha, sem que os seus milhões de sociaes democratas fizessem ouvir aquella voz de protesto e de concordia que os socialistas francezes esperavam, foi um golpe nessa illusão. O culto da chimera lançara a sociedade franceza na anarchia. O sentimento das realidades vae succeder-lhe e vae talvez promover a ordem, primeiro nos espiritos e por fim na sociedade. O ministro da Servia procurou-me hoje. O exercito servio carece de munições para a sua artilharia. Pode o governo portuguez ceder-lhas? Prometti telegrafar para Lisboa, mas logo lhe disse que as munições que tinhamos não eram muitas e precisavamos d'ellas, para o caso de a Inglaterra nos pedir o nosso concurso. Elle disse: —*Je sais! je sais!* Pobre homem! Sabe mais do que eu. Hoje recebeu-se uma carta do consul de

Portugal na Argelia perguntando qual a posição de Portugal perante a guerra. Pediu informações ao Ministerio que não lhe respondeu, vae ha um mez. — *Pourriez-vous,* diz-me elle, *avoir l'extrême obligeance de me documenter afin que je ne reste pas dans la singulière situation d'un consul qui ne peut renseigner sur les decisions prises par le pays qu'il represente!*

30 DE SETEMBRO

Até agora, o ministro dos Negocios Estrangeiros Delcassé não accusou recepção da minha nota de 24. Ao fazê-la procurei traduzir as declarações de B. Machado, feitas na sessão extraordinaria do Parlamento, mas depois de verificar a imprecisão dos seus termos, preferi remettê-la no texto original e official, sem a traduzir. O que Delcassé pensa da minha communicação não sei. No entanto é bem significativo que uma tão calorosa affirmação de solidariedade e simpathia não tenha ainda obtido resposta. A' tarde, nas Allées de Tourny encontramos Mademoiselle Bontemps, com os seus trez sobrinhos, todos refugiados para as bandas de Canderan, na estrada de Medoc. Toma-se chá, conversa-se, emquanto a multidão dos bordeleses e parisienses passa e repassa. Fala-se de Paris, onde tudo continua fechado. — Excepto as igrejas, *qui regorgent de monde* diz a Bontemps, e accrescenta com um enthusiasmo de catholica militante: *Il parait qu'il y a un eveil étonnant de la foi chrétienne.* Se esse despertar da fé christã é um facto não sei. O que é um facto é que os catholicos procuram por todos os meios apro-

veitar a crise que a França está atravessando para fazer renascer o sentimento religioso. Os jornaes catholicos e mesmo aquelles que não são ostensivamente orgãos religiosos celebram o espirito de sacrificio dos seminaristas e dos padres soldados. O conde de Mun davalhes ha dias num dos seus artigos do *Echo de Paris* um logar á parte na historia da guerra. As irmãs de caridade estão em plena gloria. E' evidente em toda a grande imprensa o proposito de fazer uma lenda de heroismo em volta dos generaes Pau e de Castelnau, que já perdem trez filhos na guerra. Estes officiaes são catholicos militantes. Os jornaes referem em telegrammas de Lisboa que o cruzador inglez *Argonaut*, tendo a bordo o contra-almirante inglez que commanda a divisão dos cruzadores inglezes *de lá région* (sic) foi especialmente encarregado de cumprimentar o governo portuguez, para o que fundeou no Tejo, sendo-lhe feita calorosa recepção. Assim o Bernardino Machado reforça a sua torpe politica com o applauso inglez — caso unico na nossa historia! Ai dos que pensarem que essa politica não é a melhor. Para esses a animosidade ingleza. Beresford nunca se isentou da responsabilidade no assassinio cobarde de Gomes Freire de Andrade, aquelle que no meio da torpeza do seu tempo ousou dizer que as nações que confiam de outras o cuidado da sua defeza abdicam da sua dignidade. (*) Não é facil no nosso tempo d'hoje enforcar os inimigos da Inglaterra, mas esta grande nação continua a

(*) *Ensaio sobre a organização do Exercito Portuguez..*

exercer em Portugal a sua antiga influencia. A visita do ministro inglez em Lisboa a Bernardino Machado, a vinda do *Argonaut* ao Tejo são a resposta ingleza áquelles, não muito numerosos, que não applaudem a politica do governo portuguez. O governo inglez, como me foi dito em Lisboa pelo seu ministro, acha-a perfeita e assim o significa a Portugal pelos seus unicos meios de expressão que são os seus navios de guerra. Bernardino Machado, Freire d'Andrade são agentes da Inglaterra. Assim a historia continua, sem interrupção...

1 DE OUTUBRO

As noticias da guerra não trazem modificação sensivel á situação anterior. Parece no entanto que, embora lentamente, os francezes fazem recuar os allemães. Hoje cruzamo-nos em uma rua com o antigo sultão de Marrocos Abdul Aziz — o sanguinario Abdul Aziz. Parece que se civilisou. Na Allées de Tourny, á tarde, conversamos um momento com Riffat Pachá, que passeiava sósinho arvorando como sempre o seu monoculo. Está installado no Hotel de Bordeaux e diz estar excellentemente. De resto este Riffat Pachá é um optimista. Embaixador da Turquia em Paris, os innumeros transes por que o seu paiz tem passado não parecem attingi-lo. Vi-o quando a guerra dos Balkans começou e a Turquia infeliz parecia desapparecer da Europa; vi-o depois, por occasião do inesperado *retour de fortune* das armas turcas e da reconquista de Andrinopla e o seu semblante risonho e cortez era o mesmo. No fim da estação passada, abriu pela primeira

vez os seus salões de resto exiguos da rua Villejust. Veio a guerra e logo a attitude do governo do seu paiz lhe trouxe, ou deve ter trazido bem maus bocados. O *Temps* referia-se a elle de um modo desprimoroso, a Turquia era julgada com severidade e ameaçada. Veio comnosco para Bordeus e em Angouleme, de madrugada, encontrei-o junto do bufete a disputar uma pilha de sandwichs a um bando de diplomatas esfomeados. Depois de uma *acalmie* da opinião franceza volta a Turquia a ser discutida com maus modos pela imprensa franceza, mas elle a todas as vicissitudes parece resistir galhardamente. E' um *habitué* das tardes das Allées de Tourny. A Turquia desapparecerá, mas Riffat Pachá, creio, ficará seu embaixador em Paris.

2 DE OUTUBRO

Finalmente eis aqui a resposta de Delcassé á minha communicação de 24 de setembro. *J'ai vivement apreciê*, diz-me o ministro, *le haut intérêt de cette communication*. Assim foi-me preciso um mez de luctas para conseguir este simples mas necessario resultado. Irei ámanhã ou depois conversar com Delcassé sobre este assumpto. Ao pedido do ministro da Servia, Freire d'Andrade responde em telegramma: «Impossivel ceder munições Servia, podendo v. ex.ª responder que necessitamos estar prevenidos para todas as eventualidades. Confidencialissimo: A França pediu-nos artilharia sendo provavel que seja attendido o pedido. O ministro de França nada pediu para a Servia, mas tem insistido pela remessa de artilharia e artilheiros

nossos, para cooperar na guerra, sendo este o unico assumpto debatido, pois o ministro da Guerra entende que devemos mandar uma divisão militar completa e não só artilharia.» D'esta confusa communicação o que deprehendo é que a idéa do envio de uma expedição militar começa a fazer carreira. Se vier a tornar-se um facto não faltará em Portugal quem o attribua á minha iniciativa. De tarde estive em casa do ministro da Servia a quem dei communicação da resposta do governo. O sr. Vesnitch estava no jardim da residencia que occupa, só, sentado num banco, sob uma grande arvore, lendo um livro. Falámos da guerra, do que ella poderá durar, dos seus resultados. O sr. Vesnitch está convencido de que a Allemanha socialista acabará por se revoltar contra o seu imperador e o seu imperialismo. Elle conhece a Allemanha. Ali foi educado. E' doutor pela Universidade de Munich. Um facto — a suppressão do jornal socialista *Worwaerts* — é significativo do estado dos espiritos. Mostrei a minha surpreza pelas qualidades de energia guerreira do seu paiz. Disse-me que a Servia tem sido de longa data *entrainée* para a guerra. Dos soffrimentos que a Austria lhe tem infligido fala como de um pesadelo. Diz da guerra: *C'est une guerre de libération!* Allude á tragedia de Belgrado, e parece attribuir á Austria e á sua influencia a impressão desfavoravel que ella causou no mundo inteiro. Diz: «Houve um momento em que eu pensei que não voltavamos a ter um logar entre as nações!» E accrescentou: — *Vous avez connu une situation pareille.* Apesar de não haver paridade entre os dois factos, não insisti. A proposito da questão das munições

pedidas pela Servia a Portugal, disse presumir que não nos seria facil cedê-las, por nos faltarem a nós mesmos, e mostrou-se muito surprehendido quando lhe affirmei que o antigo regimen completamente descurara o problema da defeza nacional. Estava persuadido do contrario e accrescentou, não sei porquê: — *Je suis très heureux de vous l'entendre dire!* O marquez de Valtierra, o novo embaixador de Hespanha, que veio subitamente substituir o marquez de Villa Urrutia, demittido não se sabe ainda porquê, fez a um redactor do *Temps* algumas declarações infelizes, que poderia ter omittido, sobre a neutralidade hespanhola. E' especialmente infeliz esta frase: «A Hespanha nem está disposta, nem preparada para se involver em uma guerra europeia, nem poderia razoavelmente fazê-lo por motivos meramente sentimentaes.» Não sei que effeito estas palavras tenham produzido em França, mas não deve ser maravilhoso. Ellas são entretanto uma *douche* fria sobre as simpathias da França pela Hespanha, um pouco exageradamente affirmadas pelos ultimos governos da Republica.

3 DE OUTUBRO

Hoje, ás duas e meia, entrevista com Delcassé. Confirmei a minha communicação do dia 7, desculpei-me, pretextando doença, de não a ter levado eu proprio, falei da minha estada em Lisboa, onde, disse, pessoalmente verifiquei a unanimidade das simpathias publicas para com a Triple Entente; e afim de entrar no assumpto sobre o qual desejava ouvi-lo, alludi discre-

tamente ao pedido feito pelo ministro da França em Lisboa de material de artilharia. Elle confirmou-o. Disse que a França dispunha de tres mil peças de artilharia, mas, accrescentou — *il y a de blessées* (queria dizer deterioradas) que é preciso enviar aos arsenaes... O que me intrigou no telegramma de Freire d'Andrade foi o este communicar-me que o governo francez pedira as peças e... os artilheiros. Tambem discretamente alludi a este facto, que elle egualmente confirmou emendando para — *serventes*. Foi então que lhe disse que esse concurso implicava uma participação na guerra, e que neste caso os serventes eram insufficientes. Accrescentei saber que este assumpto estava sendo debatido no meu paiz e mesmo no seio do governo, e claramente pedi-lhe me dissesse a sua opinião a tal respeito. Elle exclamou num tom de franca expansão: — A contribuição de Portugal na guerra?! Quer a minha opinião? A minha opinião pessoal é que seria excellente. E accrescentou: *On n'est jamais de trop.* Eu pensei comigo — *À la bonne heure!* Mas logo o sr. Delcassé objectou: — Somos porém alliados da Inglaterra e eu desejo conduzir-me lealmente com ella. Eu disse: — E' necessario que a Allemanha defina a sua situação em Portugal. A presença do ministro allemão ali é uma causa de inquietação publica. Convem accentuar a attitude do paiz junto dos alliados. A Inglaterra enviou a Lisboa ha dias um navio de guerra. — O *Argonaut*, disse elle... — Justamente, o *Argonaut*, que ali foi cumprimentar o governo. A França ainda não traduziu por uma forma publica as suas sympathias pela nação que represento, v. ex.ª não o ignora.

— Sei... sei, disse elle. — E' talvez o momento de o fazer, prosegui. O sr. Delcassé interrompeu:—Os portuguezes festejam depois d'ámanhã o anniversario da Republica...—V. ex.ª é muito amavel em se lembrar d'esse facto... A occasião seria excellente de enviar a Lisboa um navio de guerra francez com ordem de cumprimentar o governo da Republica.—Elle não hesitou um momento: — Está dito. Irá um navio de guerra depois d'amanhã a Lisboa... Fiquei muito surprehendido de que tudo isto — a resolução de mandar a Lisboa o navio de guerra e a propria escolha do navio se fizesse no seu espirito em tão curto espaço de tempo. Disse: — *C'est étonnant, monsieur le ministre, comme vous manœuvrez avec votre flotte!* Elle sorriu, disse: — *N'oubliez pas que j'ai été ministre de la Marine!* mas estou convencido de que a idéa de mandar o navio a Lisboa e a sua escolha eram coisas já decididas. Accrescentou: — Vou telegrafar ao nosso ministro em Lisboa e dar ordem ao navio para que parta. Perguntei-lhe pelo filho que foi ferido e feito prisioneiro pelos allemães. Não sabe onde elle pára. Ainda conversámos sobre este assumpto um momento. Elle teve um suspiro fundo, exclamou: — Emfim, não é occasião de pensar nisto. E despedimo-nos. A impressão que me ficou foi esta: A Inglaterra, de concerto com os homens nefastos que a estão servindo em Portugal, despojou-nos de toda a independencia politica. O ministro dos Negocios Estrangeiros de França reputa irregular e indelicado tratar com Portugal, sem ser por intermedio da Inglaterra. A ida do navio de guerra francez a Lisboa vae infelizmente sanccionar esta si-

tuação, que a intelligencia dos portuguezes não lhes permitte comprehender no seu verdadeiro significado. O que elles vam concluir d'estas duas demonstrações — a do *Argonaut* e a do navio francez, é que a situação é excellente. O que ha nella de absurdo e de equivoco não o vêem — pelo menos por ora. O José Carneiro escreve-me de Tanger: «Escreveu o Camacho na *Lucta* que nenhum ministro portuguez se vira ainda em difficuldades para explicar a situação do nosso paiz no presente conflicto. E' uma coisa que só se comprehende sendo, como é, escripta na Bica do Duarte Bello, ao Calhariz, rodeado de merceeiros e medicos idiotas — tão idiotas que imaginam ser a intellectualidade do paiz. Pois já aqui neste buraco de Tanger, sem ser ministro, me vi verde para explicar ao proprio encarregado de negocios da Inglaterra, que mo perguntou e me dizia não comprehender estados parciaes de guerra. Assim elle chamava, com mais espirito do que instrucções do seu governo, segundo vejo — a nossa dubia situação.» ...«Perdemos, diz-me elle ainda, uma occasião unica de reassumir um papel, ainda que pequeno, imdependente na politica do mundo. E isso não tem perdão de Deus. Todos esses chefes politicos hão de acabar numa barraca de feira, com o Bernardino Machado á frente, de cabelleira de estopa.» Eu ainda tenho esperança. A minha conferencia com Delcassé suggeriu-me uma nova carta a Freire d'Andrade. Vou escrevê-la, e vou ainda escrever a outros. As communicações agora são mais faceis. As cartas levam dois dias a Lisboa. Mais um esforço, quem sabe? Entretanto se elles forem perdidos, resta-me o supremo desafogo

de fazer justiça. Tenho a historia na mão, como um gladio, prompto a cahir. A posse d'este instrumento de justiça dá-me o goso de uma fortuna. Se a sorte do paiz tem de ser má, o destino dos que o perderem está nas minhas mãos. Pelas ruas de Bordeus, muitas mulheres de lucto. Um tempo de rosas. O sr. Giovetti escreve-me do seu *château:* «*Nos vendanges se poursuivent avec un temps merveilleusement à souhait.*» Foram dirigidos pedidos ao governo para que ordene preces publicas. O governo decidiu em conselho de ministros responder aos peticionarios que o Estado, conforme as leis, é estranho ás praticas do culto. Arre!

4 DE OUTUBRO

A situação deve ser extremamente favoravel, porquanto o Presidente da Republica, acompanhado do presidente do Conselho e do ministro da Guerra, partiram hoje ao meio dia, em automovel, de Bordeus para o theatro da guerra. O sr. Poincaré vae primeiramente ao quartel general, *avant de rendre visite aux armées et de leur porter ses felicitations,* diz uma nota official. Vindo trazer-me estas noticias, o Negreiros e o jornalista Hermano Neves, que sahiam do quartel general em Bordeus, dizem-me presumir que se está nas vesperas de uma grande victoria. No quartel general disseram-lhes: — É preciso não ser demasiado optimista... d'onde elles concluiram que as ultimas noticias são optimas. O communicado official assignala os lentos mas constantes progressos do exercito francez, cuja ala esquerda tomou a offensiva. As cartas encon-

tradas em poder dos soldados e officiaes allemães dizem para a Allemanha: — A guerra é terrivel! e falam com terror dos estragos da artilharia franceza. A *Bataille Syndicaliste* diz ter recebido noticias da Allemanha que lhe permittem ter novas esperanças sobre a acção futura dos socialistas allemães. Segundo esse jornal, o partido socialista allemão ou as suas principaes figuras, Karl Liebknecht, Ledebour, Bloch, Rosa Luxembourg, estariam em profundo desacordo com a direcção do partido. O que vae ser o dia d'amanhã na Allemanha não é possivel conjecturá-lo. «Estão as massas profundas do povo allemão em vesperas de comprehender?» pergunta o *Petit Parisien*. E quando tiverem comprehendido, qual será a sua attitude? Manter-se-hão inertes e respeitosas perante o poder que as enganou? Esta questão é fundamental, pois pode fazer mudar a face das coisas, talvez a face do mundo. Até aqui a França, sem distincção de partidos, tem marchado como um só homem numa guerra que odeia mas que a Allemanha militarista tornou necessaria. Se uma outra Allemanha, que até agora não fez ouvir a sua voz, a levantar amanhã para pronunciar a palavra de revolta, que os socialistas francezes não cessam de reclamar, o que irá passar-se? O fim da guerra deve ser o anniquilamento para todo o sempre do poderio allemão. A Inglaterra é a garantia de que ella não acabará senão por esse preço. Até onde levarão as nações alliadas esse pensamento de anniquilamento? Ao *finis Germania?* Quem sabe? Talvez então uma França nova se levante, ainda ensanguentada, de armas fumegantes na mão, talvez então uma nova Allemanha surja dos escombros

do seu orgulho vencido e duas nações inesperadas, duas sociedades de fase nova e inhumana confundam as suas vozes em um mesmo grito de revolta supremo contra todos os poderes que dominam o homem e o escravisam até á morte.

5 DE OUTUBRO

Quarto anniversario da Republica Portugueza. Esses senhores da Legação vêm a nossa casa cumprimentar-me. Vem tambem e consul e a mulher, casal de velhos grotescos, o Xavier de Carvalho que se fez preceder de um ramo de flores, o jornalista Hermano Neves, o Almada Negreiros. Minha mulher improvisa um chá. Mlle. Bontemps e as sobrinhas ficam para jantar. Trazem-me jornaes de Lisboa, o *Seculo* e a *Capital*, que annunciam com espalhafato a organisação e a partida proxima de uma expedição portugueza. O *Seculo* dá já a constituição da primeira divisão a marchar, composta de quatro grupos de tres baterias de artilharia cada um, tendo cada bateria quatro peças. Os quatro grupos serão commandados por outros tantos majores. Serão ao todo quarenta e oito peças com cerca de dois mil soldados. «Depois d'isto, accrescenta o *Seculo*, é provavel que siga mais material de artilharia, porque parece ser d'este que as tropas alliadas mais necessitam (sic)». Tambem diz pensar-se em reunir á expedição um contingente naval. Os correspondentes dos jornaes do Porto *(Jornal de Noticias)* informam que no ministerio da Guerra e em diversos estabelecimentos fabris militares se trabalha de dia e de noite. A Lisboa chegam numerosas muares adquiridas nos arredores

pela commissão de remonta. Um jornal vae mais longe, annuncia a mobilisação para breves dias e dá curso ao boato de que o ministro da Allemanha em Lisboa já pediu os seus passaportes. O que quer isto dizer? Ou que nova mentira é esta? De Lisboa não recebo qualquer informação official que confirme esses factos. Um official de marinha, o engenheiro naval Aniceto Horta, recemchegado de Inglaterra, declara a um redactor da *Capital:* «Parece-me que Portugal não devia deixar subsistir duvidas sobre a sua attitude. Alliado da Inglaterra nada teria a perder, coadjuvando-a no continente da Europa com um corpo de exercito. Isto dar-nos-hia o direito de falar no fim, quando soar a hora de se definirem compensações.» E a *Capital* accrescenta: «Quer dizer, mais uma opinião autorisada a pronunciar-se contra o que, de qualquer modo, se assemelhe á neutralidade, por que suspiram os excessivamente timidos...» Este jornal é considerado como orgão do governo e fala uma linguagem que parece attingir a propria politica do governo... Que abominavel intriga! As noticias da guerra em França não são tão favoraveis como hontem. Em certos pontos os francezes cederam terreno, mas da Russia chega a noticia de que os allemães foram derrotados batendo em retirada sobre a Prussia Oriental. Vozes autorisadas dizem que a guerra vae durar. Antuerpia está sendo fortemente investida pelos allemães.

6 DE OUTUBRO

Morreu hoje em Bordeus o conde Alberto de Mun — o ultimo legitimista, o ultimo defensor da monarchia do direito divino. Os jornaes republicanos prestam-lhe a homenagem que nunca se regateia aos adversarios que têm a complacencia de morrer. O meu velho amigo Paul Ginisty foi a Reims, assistir de longe á batalha, e conta como as vindimas se iam fazendo no meio do fragor do combate e emquanto os soldados se batiam. O ministro informa-me de Lisboa que o cruzador francez foi ali recebido com enthusiasmo. A guarnição do barco francez assistiu a uma parada militar. Cem mil pessoas acclamaram a França. A cavallaria allemã appareceu entre Tourcoing e Lille, precedendo, segundo parece, importantes forças allemãs.

7 DE OUTUBRO

Pouco antes de morrer, o conde de Mun disse a um dos seus familiares: *Il faut avoir la foi entaillée dans le cœur pour résister au regime des communiqués officiels.* O de hoje, por exemplo, não é mais animador do que os anteriores. Foi ganha e segundo se deprehende de relações ulteriores, victoriosamente, a batalha do Marne. Para os communicados officiaes, essa grande victoria, que libertou Paris e talvez a França, foi um simples avanço do exercito francez. Passaram-se quinze dias e só agora se começa a saber o que na realidade foi. O dramaturgo Hauptmann dirigiu a Romain Rolland uma carta de resposta que não permitte

ter mais duvidas sobre o estado de deformação do cebro allemão. O doutor Toulouse sustenta que o caso da Allemanha é um caso de demencia collectiva — caso de megalomania, produzindo-se na sociedade como tantas vezes se produz nas familias pelo contagio de um. Num discurso pronunciado ha dias em Londres, Lloyd George, referindo-se ao imperador, pronunciou sem rodeios a palavra — loucura. Na colleção dos artigos que compõem o meu livro *As minhas razões,* está um em que affirmo que Guilherme II é um caso de loucura caracterisado e tanto mais perigoso quanto se desencadeia sem contrôle na direcção dos negocios de uma nação. Lembro-me que este artigo me valeu alguns sorrisos finorios de concidadãos. — Boutade! Paradoxo! Não faltou talvez quem dissesse — doido é elle! Ninguem é profeta na sua terra. Eu nunca o pude ser na minha. Talvez depois de eu morrer me liguem algum credito. Em Lisboa houve manifestações consideraveis á França e á Belgica. O *Seculo* diz que o ministro da Belgica soluçou. A figura, segundo elle «imponente» do Magalhães Lima, arranjou meio de apparecer ao lado dos dois ministros, nas janellas das Legações. Depois da manifestação, que segundo todos os jornaes attingiu o delirio, cada um recolheu aos seus lares, bem persuadido de que Portugal havia dado aos alliados o seu concurso na grande guerra. Somos assim!

8 DE OUTUBRO

O sr. de Rancourt, vice-consul, veio hoje buscar-me para irmos vêr os prisioneiros allemães. Tinham-lhe

dito que devia chegar um comboio com elles á gare do Midi e para ali partimos, ás quatro da tarde. Na gare informaram-nos de que um comboio de feridos era esperado ás seis. Ficamos para ver passar o comboio de feridos. A gare está transformada em uma ambulancia. Em uma grande sala estão dispostas mezas de operações para deitar os feridos, a quem é preciso renovar os pensos. Em outra accumulam-se em altas prateleiras artigos de material sanitario. De resto, a plataforma da gare está atravancada de volumosas bagagens da Cruz Vermelha. Junto de uma parede alinham-se seis fauteuils de verga aos quaes foram adoptados ganchos de ferro, que permitte, passando-lhes dois varaes, transportá-los como macas. Nos depositos da lampisteria funcionam as cosinhas onde se preparam os alimentos que hão-de ser fornecidos aos feridos que se esperam. Passam e repassam as senhoras da Cruz Vermelha, com os seus bonnets e os seus longos aventaes brancos. Têm todas um porte muito distincto e algumas são bem formosas. Pergunto ao sr. de Rancourt se as conhece. Segundo me diz, todas ellas são senhoras da melhor sociedade de Bordeus, e refere em que consiste o seu generoso concurso. Cada uma d'essas senhoras se consagra á tarefa de cuidar dos feridos, no que cada uma emprega, em regra, doze horas consecutivas. Os feridos chegam num estado indescriptivel, immundos por terem estado muitos dias sem se lavarem, cobertos de lama e de sangue. Essas senhoras começam por os lavar. Elle, com os seus olhos, viu-as, ajoelhadas, lavando os pés negros de alguns. As roupas apodrecem-lhes nos seus pobres corpos. Ellas ras-

gam-lhas em tiras, despem-nos até os pôrem nús, fazem-lhe os pensos e deitam-nos nos leitos. Estas senhoras affrontam todos os horrores — o do soffrimento, o da immundicie, o do contagio. Ellas passam, repassam, espartilhadas como rainhas sob o grande roupão branco que as involve do pescoço aos pés e no seu porte não ha a menor affectação. Dir-se-hia ao vê-las circular na gare que essas lindas creaturas nunca fizeram outra coisa. Dir-se hia que são profissionais, e que estão cumprindo a sua obrigação até chegar a hora de deixar o serviço e irem para casa. Mas eis aqui o comboio — um comboio enorme que chega, cheio de feridos, uns em carruagens de 2.ª e 3.ª os que podem vir sentados, geralmente os menos graves, feridos na cabeça e nos braços, outros em vagões de carga, deitados em macas. Uma alluvião de vagonetes cheios de taboleiros com tijelas de caldo, grossas sandwichs e pedaços de pão accorre para elles e aqui começam as damas da Cruz Vermelha a sua faina. De dentro das carruagens os braços estendem-se e ellas a todos dão o conforto dos seus cuidados, multiplicam-se para accudir a todos, indo a todo o comprimento do comboio, dando a um uma tijella de caldo, a outro uma chavena de café, a outro uma talhada de pão. Oh! as nobres creaturas e como ellas destroem no meu espirito a lenda da caridade catholica distribuida por mulheres de olhos baixos, vestidas de negro e com um escapulario na mão. Oh! as boas irmãs de caridade, com os seus lindos olhos, as suas lindas mãos e os seus pequeninos pés bem calçados em botinas feitas para trilhar os formosos trilhos da vida tão compensadora que não é pre-

cisa outra depois d'ella para valêr a pena vivê-la! Depois da sua longa viagem — estes já trazem vinte e quatro horas e ainda vam para Dax, Bayonne, Hendaya — os soldados põem-se a pé nos seus compartimentos, mas em alguns a fadiga, o soffrimento prostra-os. Num compartimento um artilheiro ferido na mão direita, toda envolvida num volumoso penso que se colore de uma larga mancha vermelha de sangue, deixa pender a cabeça a um canto da carruagem. Um zuavo tem a fronte enrolada em panos que sangram e parece trazer um turbante vermelho. Em um fourgon da frente vêm cinco allemães feridos e todos deitados em macas. Um d'elles, um tipo de camponio, de barbicha loira, conseguiu sentar-se na sua maca e faz signaes com as mãos pedindo o quer que seja. Um soldado francez que vem com elles no fourgon e lhes serve de enfermeiro fala a um que parece estar mais gravemente ferido. Diz-me que quasi todos conhecem o francez e que dois habitaram em França, onde foram empregados do commercio. As damas da Cruz Vermelha trazem-lhes o caldo, o café, as sandwichs e eu pasmo d'esta absurda contradicção do homem dos nossos dias que consiste em ser ao mesmo tempo tão exterminador e tão generoso, tão cruel e tão caritativo. Entretanto chega outro comboio, este vindo do sudoeste, com passageiros, homens, mulheres, creanças. Passam vagonetes com malas e sacos, trocam-se cumprimentos e apertos de mão. Um homem ajoujado com embrulhos e que acaba de desembarcar dá um longo beijo na face de uma mulher, toda vestida de côr de rosa, que o espera. No restaurante da gare ha mezas

postas e sobre estas flores. Uma familia desdobra os guardanapos. Um creado accorre com uma terrina fumegante. A vida é assim — não pára!

9 DE OUTUBRO

De Portugal chegam as noticias mais inauditas! A expedição vae partir. Quando? Dentro em uns dias, já. E' pelo menos o que os jornaes annunciam, com segurança. Ao lê-los dir-se-hia que passa pelo paiz um grande vento de bravura, e o certo é que — excellente paiz! — a perspectiva da participação de Portugal na guerra parece enthusiasmar. Os jornaes francezes celebram Portugal. *A France de Bordeaux et du Sud-Ouest* glorifica a patria de Camões. O *Temps* diz mesmo que o ministro da Allemanha pediu ou vae pedir os seus passaportes. Hoje á tarde, o Negreiros veio contar-me que um jornal de Bordeus recebera um telegramma, que a censura não deixou publicar, annunciando — que Portugal declarara a guerra á Allemanha. Entretanto, o que é que se passa realmente em Lisboa? A commissão promotora de uma manifestação em honra da França e da Belgica procurou o ministro dos Negocios Estrangeiros e aqui está o que diz o *Seculo*:

Deu-se então esta coisa estranha e inconcebivel: o sr. ministro dos Estrangeiros, que parece ter-se esquecido dos sentimentos manifestados pelo parlamento portuguez e que parece não querer comprehender a situação em que nos encontramos neste momento, em que estamos organisando já um corpo expedicionario

para partir para a guerra, mostrou não concordar com a manifestação de hoje.

Em palavras sibilinas, reservando os nomes, mas nem por isso deixando de ser absolutamente inconvenientes na boca de um ministro da Republica Portugueza, foi dizendo que havia uma nação que não merecia manifestações de simpatia do povo portuguez, pois d'ella haviamos recebido aggravos no passado e que, pelo contrario, se não deveria, de forma alguma, hostilisar uma outra, da qual não tinhamos recebido nunca nenhuma affronta.

O sr. ministro dos Estrangeiros, que parece ser em Portugal o agente encarregado de espalhar as noticias tendenciosas da Allemanha, fez depois varias considerações sobre os resultados provaveis da campanha, inclinando-se pela hipotese de a França vir a ser anniquilada pela Allemanha, embora, pelo concurso da Inglaterra e da Russia, possa vir ainda a salvar um tanto a sua situação, que considera muito compromettida.

O sr. Freire d'Andrade, *que á hora de entrar o nosso jornal na machina é ainda ministro dos Estrangeiros,* permittiu-se algumas referencias ao facto de a Inglaterra ter manifestado, junto do governo portuguez, a sua satisfação pela attitude de Portugal, o que aquelle senhor considera apenas um attestado de bom comportamento, que elle, como ministro dos Estrangeiros, nunca desejaria nem sollicitaria.

Só nos resta aguardar agora a attitude do governo em face d'estes factos.

A ser assim teriamos que a politica de Freire d'An-

drade obedeceria, como a dos reaccionarios do mundo inteiro, neste momento, a sentimentos francofobos. E' um facto que a guerra actual, ameaçando destruir os dois grandes baluartes do direito divino que são as casas dos Hohenzollern e dos Habsburgo e promovendo em toda a Europa o definitivo triunfo das idéas democraticas, collocou irresistivelmente de um lado toda a sociedade moderna e do outro todos os espiritos que vêem com angustia extinguirem-se as idéas do passado. Só em França o patriotismo dos francezes conseguiu dominar estes fanatismos. A Hespanha retrograda, ultramontana, fanatica, vê na victoria da França a consolidação da Republica e dos seus horrores, e em Portugal não ha monarchico mascarado ou desmascarado que não faça votos pelo triunfo da Allemanha. O tipo do reaccionario mascarado é o Alpoim, que no *Primeiro de Janeiro* faz a mais despejada propaganda allemã, a coberto de falsos sentimentos democraticos e francofilos. Apesar da sua inexplicavel adhesão á Republica e do modo servil por que a serve não ha razão para acreditar que Freire d'Andrade, antigo monarchico e antigo franquista, não odeie bem no fundo do coração um estado de coisas que talvez só a sua dependencia, ou outros motivos subalternos que desconheço, o levaram a acceitar. Mas é bem certo que elle tenha enunciado á commissão que o procurou as opiniões que o *Seculo* se refere? Em que situação ficaria este singular ministro dos Negocios Estrangeiros e o proprio governo? E que faz Bernardino Machado? Lisboa com a visita dos dois navios de guerra despertou. Não sei, depois do que leio nos jornaes, como o

governo possa ainda illudir as esperanças e os votos da opinião. Alguns jornaes dizem que a Inglaterra pedira emfim o concurso de Portugal, mas nem este facto, nem a noticia da organisação da expedição foram ainda confirmados officialmente. Quanto a mim o que levará o governo a tomar resoluções é o facto de o governo francez lhe ter pedido a sua artilharia. Seja como fôr, estou absolutamente na ignorancia do que se passa, como o estão, creio, todos os representantes diplomaticos de Portugal. Penso todos os dias com verdadeira angustia na situação em que se encontra em Berlim esse pobre Sidonio Paes, assim como penso no nosso amigo Alves da Veiga, encurralado em Bruxellas. Justamente as noticias da Belgica são as peiores. Antuerpia, ultimo reducto d'essa infeliz nação, está sendo investida. O rei já partiu não se sabe para onde. O corpo diplomatico foi transferido para Ostende. Dois fortes já foram occupados pelos allemães. As noticias do norte são estacionarias. Comprehende-se que os allemães se agarrem desesperadamente ás terras francezas e que os tenazes esforços dos francezes e inglezes sejam lentos e laboriosos. Parece que não são só os francezes que têm o habito litterario de redigir *diarios*, porquanto alguns *carnets de route* têm sido apanhados a officiaes e mesmo a soldados allemães prisioneiros, ou mortos e feridos. Alguns d'esses *diarios* confirmam a idéa que se está fazendo dos allemães, de que são um povo de barbaros, que a civilisação cobriu com apanagios exteriores, mas que ficou sendo de barbaros. As mais atrozes crueldades, incendios, pilhagens, fusillamentos de habitantes indefezos, homens, mulheres

e creanças são annotados no *diario* de um official saxão como meros incidentes da guerra. «Em Leppès, diz elle, foram mortos duzentos habitantes, entre os quaes devia haver innocentes». E accrescenta: «De futuro deve-se fazer um inquerito e averiguar da culpabilidade d'esta gente antes de a fusillar». Dos horrores da guerra escreve um official francez: *C'est à devenir fou.*

10 DE OUTUBRO

Antuerpia está sendo bombardeada, está talvez já occupada pelos allemães. Ainda em junho passado lá estivemos na linda cidade do Escalda. Foi no domingo de Paschoa, e estava um dia lindo. O comboio que me levou de Bruxellas ia cheio de gente e ao chegar eu pasmei diante da gare monumental e luxuosa. Reinava uma animação de dia de festa e Antuerpia parecia uma grande cidade. Almoçamos num restaurante magnifico e durante o almoço uma orchestra de senhoras fez ouvir excellente musica. Visitámos o precioso museu e na cathedral contemplámos os dois sumptuosos Rubens que fazem a admiração do mundo inteiro. Passámos uma longa hora na velha casa dos Plantin-Moretus e fomos acabar a tarde no Jardim Zoologico, regorgitante de gente vinda de toda a Belgica. Fazia calor. As mulheres vestiam de branco. As creanças corriam de um lado para o outro. Em volta de um coreto aglomerava-se uma multidão attenta. De vez em quando ouvia-se o rugido dos leões nas ménageries. Justamente leio num telegramma que os leões

foram mortos a tiro afim de evitar que se escapassem das jaulas demolidas pelo bombardeamento. Pelo bombardeamento! Assim no nosso tempo de civilisação e de cultura, homens pretendidamente civilisados e cultos destroem cidades, cathedraes, museus, bibliothecas, obras d'arte, o fructo accumulado de seculos de trabalho e de saber. Quem são estes homens? Evidentemente barbaros. D'ahi a minha fé cada vez mais profunda de que elles serão anniquilados, não por um povo, ou dois ou três, mas por todo o mundo moderno horrorisado. Já nos campos de batalha os hindus de Calcuttá e de Madrasta se batem ao lado dos negros da Serra Leoa. Dentro em pouco toda a civilisação e os seus contingentes de homens de todas as côres espalhados por toda a parte se encontrarão reunidos para exterminar o perigo teutonico.

Os jornaes inserem este telegramma de Madrid: «Os jornaes hespanhoes publicam descripções calorosas das manifestações francofilas que se têm dado em Portugal, particularmente em Lisboa e no Porto. Certos orgãos da capital, insistindo sobre o caracter vibrante d'estas demonstrações, lamentam não encontrar o mesmo enthusiasmo no povo hespanhol e fazem votos por que a Peninsula Iberica tome uma resolução definitiva em favor dos exercitos alliados.» Esta tarde, numa velha livraria, a dona da casa disse-me: *Pour nous, dans le Midi, la guerre a fait marcher les affaires.* O tempo conserva-se de rosas e está assim ha um mez. Ceu azul, atmosfera limpida. O sr. Giovetti convida-nos a ir passar o dia d'amanhã ao Château des Tours e a celebrar o fim das vindimas.

13 DE OUTUBRO

Dois dias no Château des Tours, com um tempo ideal. A' volta, em caminho de ferro, chuviscos. Levamos o sr. Giovetti e Madame Giovetti a almoçar ao Chapon Fin, que estava cheio de notabilidades parisienses. Madame Giovetti esteve durante todo o tempo do almoço a admirar Cecilia Sorel, que pompeava a uma meza do centro da sala, movendo para todos os lados a sua cabeça loura enriquecida por um trícorne de velludo. O sr. Giovetti é um dos melhores conhecedores de vinhos de Bordeus. Dei-lhe um Haut Brion de 1908 que elle pareceu apreciar muito. A's onze da noite em casa, inesperado toque de campainha. E' o Montalvão que vem anunciar-me que o consul morreu de repente. Lá fui ao consulado e lá o vi, pobre homem, já rigido, já com os queixos amarrados, no leito em que a morte o surprehendeu. Não tinha um aspecto mais cadaverico que de costume. Ao lado do corpo morto, a mulher chorava, clamava que elle era muito bom e contava como aquella desgraça succedera. Já estavam recolhidos, não lhes tendo ficado ninguem em casa como sempre. Antes de se deitar elle fizera uma paciencia, quando subito se levantou levando angustiadamente a mão ao peito e pedindo-lhe que lhe accudisse. Ella fez-lhe uma fomentação de alcool camforado e elle pareceu melhorar. Deitara-se, quando de novo sentiu outra afflicção. Ella ainda lhe accudiu, mas elle deixou cahir uma lagrima, deixou pender a cabeça, e morreu. A pobre creatura foi-se á janella, desatou aos gritos. Eram oito da noite. Os visinhos

accudiram. Mandei chamar o vice-consul Julio de Rancourt para proceder ás formalidades necessarias e tomar conta da gerencia. As noticias da guerra são menos boas, como se diz agora. Antuerpia foi tomada pelos allemães mas o rei, o governo e o exercito belga conseguiram pôr-se a salvo, levando este a sua artilharia e material de campanha. A séde do governo belga passou a ser o Havre. Pobre paiz!

14 DE OUTUBRO

Peço para Lisboa autorisação para fazer o enterro do consul, que morreu na penuria. Ganhava no entanto quinze mil francos annuaes. Dizem que era muito bemfazejo. Não creio que este facto explique o estado de miseria em que deixou a mulher. Passámos o dia a ver casas, pois os Giovetti sentem que começa a fazer frio no Château des Tours e querem recolher a Bordeus. Uma boa espiga. Pedem-nos preços doidos. Os jornaes de França continuam a reproduzir trechos de artigos de jornaes portuguezes de simpatia pelos alliados.

15 DE OUTUBRO

Recebido hoje este telegramma: «Governo inglez pediu o auxilio militar de Portugal, afim de cooperar com os alliados. O governo accedeu ficando a resolução definitiva dependente do Parlamento. A mobilisação de uma ou duas divisões começará brevemente, talvez ámanhã. *(a)* Ministro dos Negocios Estrangeiros.» Emfim! Emfim!

16 DE OUTUBRO

Enterro do consul. O maire, um representante do prefeito, um grupo de consules, que dão melhor idéa dos seus paizes do que o nosso dava do seu. Longa cerimonia religiosa. A viuva quiz uma missa. Deram-lha cantada. Emquanto se diz a missa, meia duzia de meninos de côro brincam, ou brigam, acompanhando os differentes passos do rito. Um d'elles acompanha o canto dos padres. A cerimonia está incluida no orçamento que me foi submettido pela Agencia Funeraria — setecentos francos, enterro de 4.ª classe, muito *convenable,* mas tudo é regulado por aquelle preço, o numero dos sacerdotes, o das vellas de cera que ardem em volta do feretro, o numero dos *hussiers* que encaminham o publico, o das cadeiras em que este se senta e ajoelha e que custam 4 francos. No cemiterio, um sacerdote asperge pela ultima vez o feretro e este gesto é mettido na conta. Seguimos a pé o carro funerario sob um ceu que se tornou ha dias pardacento e ameaçando chuva, e pelo caminho vou perguntando ao vice-consul o que apura do inventario ao consulado. Tudo, segundo elle me diz, está na mais completa desordem. As noticias da guerra são melhores, segundo se affirma, mas eu não sei dizer porque o são. Os francezes avançam, mas muito lentamente, *en rampant.* Os allemães procuraram envolver-lhes a ala esquerda, mas sem exito. A frente do exercito francez estende-se agora até ao mar. Conversei esta tarde com um secretario da Grecia que me disse ter recebido noticias directas de Berlim por um adido naval grego que ali está. O secre-

tario da Grecia não é optimista. Da sua linguagem dir-se-ia mesmo concluir-se que as suas simpathias não se inclinam para o lado da França. Segundo as informações que lhe são fornecidas, o exercito russo tem sido batido em toda a linha e os allemães estariam a trinta kilometros de Varsovia. Os servios não conseguiram as vantagens que têm apregoado, tendo o seu esforço consistido apenas em defender o territorio. Antuerpia foi tomada em sete horas. Em Berlim a confiança é absoluta. A cidade conserva a animação dos grandes dias da paz, os theatros estão abertos, os restaurantes regorgitam de gente. No Unter den Linden, alinham-se cento e cincoenta canhões tomados aos russos. Os francezes — diz elle — ufanam-se de algumas bandeiras tomadas ao inimigo, mas não falam das vinte e cinco bandeiras suas que cahiram já em poder dos allemães. Os jornaes chegados de Portugal confirmam o pedido de concurso militar feito pela Inglaterra e as resoluções do governo, que para melhor facilitar a tarefa do Presidente da Republica deu a sua demissão, sendo-lhe confirmada a confiança dos chefes politicos, os quaes entendem que Bernardino Machado e os seus collaboradores são o governo que mais convem ao paiz neste grave momento. Na realidade, egoismo e cobardia. Os chefes politicos acceitam sempre um governo de que elles não façam parte quando as circunstancias são difficeis. O sr. Giovetti está encantado com a attitude de Portugal. O vice-consul diz: — *Je suis fier d'être vice-consul de Portugal.* — Caso singular — a censura franceza não permitte a publicação nos jornaes de noticias relativas á cooperação de Portugal.

Proponho-me perguntar a razão d'este facto ao sr. Delcassé.

17 DE OUTUBRO

O communicado official é muito laconico. A situação mantem-se. Qual em realidade? Os allemães não avançam e os francezes em compensação fazem pequenos progressos. Um submarino allemão metteu a pique um cruzador inglez. Chegam noticias detalhadas sobre a tomada de Antuerpia e um jornal illustrado publica uma fotografia representando um dos seus caes no momento do exodo dos habitantes. E' terrivel. Quasi toda a população fugiu ora para Inglaterra, ora para a Hollanda, que já não tem que lhes dar de comer. Estes pobres belgas estão conhecendo os horrores da fome. A *Petite Gironde* faz referencia a um artigo da *Frankfurter Zeitung* de ameaça a Portugal: *La Frankfurter Zeitung annonce à la République Portugaise que si elle ose envoyer une expédition en Françe, elle versera bientôt des larmes de sang.* A participação de Portugal na guerra foi o assumpto do dia. Pela manhã fui procurado por um redactor do *Temps* que me referiu ter ido ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros procurar confirmação d'aquelle facto e que ali lhe disseram nada poderem communicar-lhe a tal respeito sem se accordarem comigo. Essa seria a razão da censura. Respondi-lhe que era official e publica a noticia da participação de Portugal na guerra e que toda a imprensa de Lisboa se occupava d'esse assumpto. Perguntei telegraficamente ao governo se a communicação

que me fez deve ser transmittida ao Ministerio dos Estrangeiros de França. Aguardo a sua resposta. O Freire d'Andrade tem uma tal preoccupação de administrar com parcimonia que se priva por este motivo de fazer as communicações mais importantes. Pedi-lhe autorisação para fazer o enterro do consul, visto a viuva d'este não dispôr de recursos alguns, facto bastante estranho, mas real. Respondeu-me que só autorisava o pagamento do enterro com a condição de a viuva deixar os parcos moveis que tem em poder do Estado. Um horror. De Lisboa escrevem-me em data de 14: «E' consolador ver como a grande maioria dos officiaes, apesar da campanha dissolvente de alguns alpoims, recebeu com firmeza a ordem de mobilisação. Pelas informações que tenho, a divisão vae perfeita como organisação. Calculo bem a sua enternecida satisfação e orgulho.» Descubro hoje na capa da *Illustration* um annuncio assim redigido: *Tous les amputés doivent adopter la nouvelle jambe artificielle Natura, souple, légère, silencieuse, imperceptible sous les vêtements. La seule qui permet une marche facile, assurée, normale. Brochure franco, illustrée, etc.* — *Les affaires sont les affaires.*

18 DE OUTUBRO

Os allemães bombardearam Arras e destruiram o Hôtel de Ville, um dos mais bellos padrões da arte flamenga. A cidade está em parte em ruinas. Pergunta-se o que fariam estes barbaros a Paris, se chegassem até lá e Paris lhes resistisse. Estamos evidentemente em

presença de uma raça incompativel com a civilisação e contra a qual toda a civilisação deveria colligar-se. As noticias d'hoje dizem que os francezes retomaram Armentières, na fronteira belga, e que os russos repelliram os allemães na sua marcha sobre Varsovia, para aquém do Vistula. O Thomaz escreve-me de Paris que todos os dias os *Taubes* vem voar sobre a cidade e atirar bombas. Algumas, diz elle, tem cahido no Sena. Paris — accrescenta — está triste. Todos os hoteis e muitas casas particulares estão transformadas em hospitaes. Ha feridos por toda a parte. A censura continua a exercer-se sobre as noticias de Portugal. O artigo do redactor do *Temps* que me procurou foi apagado das columnas do jornal e o seu logar appareceu em branco. O tempo está brumoso. Começou o frio.

19 DE OUTUBRO

Hoje em Notre Dame de Bordeaux, exequias do rei da Romenia. O corpo diplomatico compareceu em grande parte, todos os embaixadores, com exepção dos da America e Hespanha, que estão em Paris e todos os representantes dos Estados da Europa. Alguns vestiam o uniforme, mas quasi todos estavam em trajo civil. Na parte reservada ao publico muita gente admirava esses personagens ainda não vistos em Bordeus. De Portugal dizem que no sul d'Angola os allemães fuzilaram um sargento e quatro soldados portuguezes. Em Lisboa houve uma rixa entre reservistas e marujos allemães, que ficaram estendidos a caminho de bordo. Morreu o marquez de San Giuliano, talvez como o

papa, victima da guerra. Diz-se que a politica italiana não mudará por isso. Na Inglaterra considera-se a seria hipothese de um desembarque allemão. «Com uma esquadra intacta e com espirito de iniciativa pode-se conseguir muito», escreve o *Times* e accrescenta que a marinha allemã esperaria provavelmente fazer passar os seus transportes com duzentos e cincoenta mil homens ou mais, protegidos por submarinos e minas fluctuantes, emquanto a sua esquadra désse batalha á esquadra ingleza. O sacrificio de cincoenta mil homens durante a travessia não era coisa que fizesse hesitar os allemães, sempre promptos a sacrificar os seus soldados. O *Times* conclue: «Não é estrategia. E' uma simples aventura, mas os allemães são capazes de a tentar.» O Château des Tours, com as suas vastas salas frias e desertas de castello historico, começa a tornar-se inhabitavel. E' tempo de restituir ao sr. Giovetti a sua casa de Bordeus. Arranjámos uma casinha modesta mas confortavel na rua Judaïque e para lá nos mudamos amanhã.

20 DE OUTUBRO

A nossa nova casa da rua Judaïque traz-nos algumas decepções, mas na guerra como na guerra.

21 DE OUTUBRO

Nova tentativa monarchica em Portugal. Um telegramma do ministro informa que o movimento se manifestara em Mafra, na Escola Pratica, e parece que em Bragança sob a direcção de um coronel reformado. Em

Mafra, a quasi totalidade dos soldados manteve-se fiel e os outros foram perseguidos, na direcção do norte, diz o telegramma, dispersos, ou presos. Como sempre succede a informação do ministro é deficiente, não me habilitando a transmittir seja o que fôr de preciso ao ministro francez, ou á imprensa. A incapacidade litteraria dos portuguezes mais uma vez se revela nestes documentos. Penso que esta nova e estupida tentativa deve levantar no paiz pela sua inopportunidade um movimento de indignação. Era este o bom momento para liquidar de vez as esperanças monarchicas. O *Seculo* diz que Affonso Costa manifestara ao Presidente da Republica que os problemas da politica interna e externa de Portugal reclamam um governo constituido de todas as forças politicas do paiz e presidido... por Bernardino Machado, e no dia seguinte áquelle em que dá esta informação accrescenta que, segundo é voz geral, o ministerio que está não durará muito tempo. O que me parece é que se procura alijar o Freire d'Andrade, no que não ha senão vantagens. O que é grave é que pode vir outro peor. Hoje deve ter-se realisado a sessão do Parlamento em que o governo poz a questão da participação de Portugal na guerra. Aguardo que as resoluções das Camaras cheguem ao meu conhecimento para as communicar a Delcassé. As do governo, embora autorisado para isso, não as communico. Nem ellas merecem confiança a Delcassé, nem a mim. Os jornaes de Lisboa publicam já a nota minuciosa da composição da divisão militar que hade vir a França, os nomes e os retratos dos officiaes que hão de commandar. Ao ter conhecimento d'ella, o sr.

Giovetti ficou enthusiasmado. Aqui está um portuguez que ainda ha pouco mal se lembrava de que o era e que se tornou num cidadão apaixonado. Politicamente era conservador e monarchico. Via a Republica atravez do regicidio e os republicanos com maus olhos. Alguns dias de convivencia comigo e o seu patriotismo levantou uma labareda como uma fogueira que não se tinha apagado completamente e que eu soprei. Se as suas convicções conservadoras e monarchicas se dissiparam ao calor das minhas opiniões radicaes e republicanas não o sei. O certo é que hoje disse-me um pouco enleado: — «Desde que o conheço a Republica interessa-me.» Sabe por mim e só por mim, porque ha muitos annos não lê jornaes portuguezes, que está no poder um ministerio conservador e isso inquieta-o, chama aos nossos ministros, a quem de resto não conhece — *vieilles badernes*, faz votos para que o Freire d'Andrade se vá embora, porque eu lhe disse que era um antigo franquista, suspeito de idéas pouco simpathicas aos alliados. Agora que voltou de Tours vae todas as tardes á Legação e pede-me licença para lá voltar habitualmente. Quer conversar com portuguezes, saber coisas de Portugal. Contei-lhe o caso da tentativa monarchica de hontem. Ficou indignado. Partiram para Londres três officiaes do estado maior portuguez que vam conferenciar com o estado maior inglez.

22 DE OUTUBRO

O ministro confirma que a nova tentativa monarchica fracassou. Alguns jornalistas procuram-me. Estão

muito intrigados com o facto de semilhante movimento se produzir nesta occasião e perguntam-me se não ha qualquer relação entre a tentativa monarchica e a anunciada sessão do Parlamento em que deve apreciar-se o concurso de Portugal na guerra. Pensam elles que os monarchicos portuguezes pretenderiam assim exercer pressão no animo do Congresso. O certo é que os aventureiros que tentaram esta nova aventura em Portugal não conseguiram d'esta vez conquistar mesmo as simpathias dos monarchicos francezes. O *Nouvelliste* de Bordeus, tão hospitaleiro para os nossos realistas, não diz palavra sobre o assumpto e o jornal republicano *La France de Bordeaux et du Sud-ouest* pergunta por conta de quem trabalham os monarchicos portuguezes. Outros jornaes inserem esta nota: *La Légation de Portugal à Bordeaux est informée par le Gouvernement Portugais que la tentative de soulèvement qui s'est produite dans la muit du 20 au 21 octobre sur differentes parties du territoire a, comme les précédentes entreprises, completement echouée.* Não sei o que está pensando neste momento o governo inglez da tentativa dos monarchicos portuguezes, sobrevindo justamente na ocasião em que elle pede o concurso de Portugal na guerra, mas não é logico que esteja pensando com simpathia especial nesses aventureiros e na sua aventura. Eu por mim penso que ella foi util. Mas porque... porque é que nós, republicanos ou monarchicos, portuguezes, em summa, não praticamos senão actos estupidos?

23 DE OUTUBRO

Esta tarde encontrei subindo a pé a rua Judaïque, que eu descia, o Millerand, ministro da Guerra. A rua Judaïque faz lembrar a rua de Cedofeita, no Porto. E' bem uma rua de grande cidade de provincia, muito comprida, e estreita, abrindo-se aqui e alem para dar logar a um pequeno square triste ou a uma praça mediocre, e trepando ás corcovas até aos cimos aristocraticos do Cauderan, com os seus passeios escassos e um casario irregular e feio. A não ser quando penetra no coração da cidade, a rua Judaïque é de pouco movimento. O Millerand ia só, de sobretudo e chapeu de côco, mãos nas algibeiras olhando em frente, mas evidentemente distraido pelos seus pensamentos, e quem diria vendo-o passar por aquella rua solitaria, a pé, só, ignorado, que ia ali o ministro da Guerra da França de 1914? Passei por elle. Não me viu. Ia a pensar na guerra e, a julgar pelo seu passo tranquillo e pelo seu semblante repousado, tudo deve correr bem. Não importa! Não é num homem com esse aspecto, encontrado a essa hora, numa rua deserta de uma quieta cidade de provincia, que a nossa imaginação julga ver o dirigente supremo dos destinos militares de uma nação em guerra. Mas a democracia é assim e não ha aspecto que mais a nobilite. Chegaram jornaes de Portugal narrando os successos de ante-hontem, pontes destruidas, communicações telegraficas e telefonicas destruidas, e até um combate entre monarchicos e republicanos, tiroteio, mortos, feridos, ao pé de Mafra. O Bernardino Machado tinha ido a Paredes de Coura

assistir a um enterro. O comboio que o trazia a Lisboa descarrilou, sem consequencias já se vê, nem outra coisa era de esperar de um accidente de caminho de ferro, honrado com a presença do illustre homem d'Estado. A defeza da Republica em Mafra, como em toda a parte onde pretenderam pô-la em perigo os seus pertinazes mas estupidos adversarios, esteve, como sempre, a cargo dos republicanos. Só com a defeza dos poderes publicos a Republica já teria ido á véla. O governo demorou-se a fazer justiça. Mais uma vez foi Lisboa que a fez. Todas as redações dos jornaes monarchicos foram destruidas e num jornal leio este pormenor: como a porta da redação do *Dia* resistisse foi um bombeiro, com um machado, quem a abriu. A policia solidarisou se com esta intervenção reparadora, fechando os olhos. A multidão applaudiu a policia. Não sei se mais uma vez os autores d'estes actos vam ser alcunhados de malfeitores. São cidadãos que, á falta de governos justiceiros, fazem justiça por suas mãos. São benemeritos. *O Seculo* declara o governo incompetente e aconselha a formação de um ministerio nacional. As noticias da guerra, hoje, não são famosas. O communicado official diz: «Se as tropas allemãs tiveram que ceder em alguns pontos, avançaram noutros.» O frio começa a apertar. Pobres soldados!

24 DE OUTUBRO

De Portugal não vieram noticias. Depois do seu breve telegramma informando confusamente sobre a tentativa monarchica, o Ministerio emmudeceu. Estamos reduzidos a esperar pelos jornaes. Tão pouco sei o que

se está passando sobre a expedição. O ministro não diz palavra. Acabo de adquirir num livreiro uma brochura impressa em Londres, no *Foreign Office*, por Harrison and Sons — *imprimeurs ordinaires de Sa Majesté*, e contendo a correspondencia do governo inglez relativa á guerra. Os nossos tristes ministros dos Estrangeiros deviam aprender nessas brochuras a desempenhar as suas funcções. A partir do momento em que o governo inglez tem conhecimento do *ultimatum* austriaco á Servia, nunca mais o ministro dos Negocios Estrangeiros Edward Grey deixa de informar os representantes da Inglaterra junto das nações interessadas, já das intenções do governo, já das conversações que tem com os diplomatas acreditados em Londres, não de um modo rapido e succinto, mas minucioso. O governo portuguez accordou com a Inglaterra em lhe dar o concurso militar de Portugal, é isto um facto da maior importancia na historia do paiz, e o ministro de Portugal em França, isto é no paiz em que este concurso se deve tornar effectivo, ignora em que circumstancias esse concurso foi pedido e é dado. Sei por um vago telegramma que a minha impaciencia arrancou ao ministro, que a França pediu a Portugal a cedencia de uma parte da sua artilharia de campanha, mas não sei mais nada. Annunciou-se que o Parlamento reuniria na quarta feira passada para apreciar as declarações do governo sobre o concurso militar de Portugal. O Parlamento não reuniu e o ministro completamente se absteve de me communicar quando se reunirá. Ministro de Portugal nada sei do que se passa em Portugal. Submetto algumas vezes um certo numero de assum-

ptos de pequeno interesse, mas que reclamam solução, ao Ministerio dos Estrangeiros. Não os resolve. Insisto. Não responde. Os ministros ignoram tudo das suas funcções, assignam de cruz os documentos mais disparatados. No Ministerio parece não haver um unico funccionario competente. A correspondencia redigida em francez é uma lastima. E isto não parece ter remedio. Se o ministro que está é máo, o que vier ámanhã pode ser peor. Quando esta tremenda guerra acabará ninguem o pode saber. Mas a minha resolução está assente. Logo que ella acabe, ponho ponto nas minhas funcções. Representar no estrangeiro um paiz assim dirigido não é tarefa que se acceite, nem por patriotismo.

25 DE OUTUBRO

Corre que os allemães tomaram Dunkerque. O communicado official diz que elles passaram o Yser, entre Nieuport e Dixmude. Parece que o plano allemão é neste momento o de occupar todo o littoral que vae de Antuerpia e Ostende até Calais, ou talvez Boulogne, inquietando assim a Inglaterra. Os jornaes de Londres falam numa possivel sahida da esquadra allemã que está no Baltico. O Vasconcellos telegrafa-me de Madrid espavoridamente que o rei de Hespanha convidou D. Manuel para padrinho do infante que acaba de nascer (o sexto) e accrescenta: «E' indispensavel que embaixador de França em Madrid receba já instrucções para communicar a este governo que a embaixada de França não assistirá á cerimonia por deferencia para com a Republica Portugueza agravada por esse acto.»

Transmitti o telegramma a Freire d'Andrade e accrescentei: «Ignoro qual seja a opinião de V. Ex.ª sobre o assumpto nem nelle interviria sem receber as suas ordens. A minha opinião é que não nos podemos julgar agravados pelo acto do rei de Hespanha, o qual, por muito pouco amigavel que seja, tem um caracter estrictamente privado. A demonstração que o ministro de Portugal em Madrid espera do governo francez não se daria em caso algum e muito mal nos ficaria se a solicitassemos sequer. Entendo que não só não a devemos pedir, como o ministro de Portugal em Madrid deve assistir ao baptisado do infante.»

26 DE OUTUBRO

Não se confirma por ora a noticia da tomada de Dunkerque. Hoje passou por Bordeus a caminho da Suissa um filho de Affonso Costa, portador de uma carta d'este. «Talvez eu por ahi lhe appareça um d'estes dias, diz-me Affonso Costa. Julgo opportuna a occasião de olhar para o futuro e conversar acerca d'elle com quem possa contribuir utilmente para elle.» O filho de Affonso Costa contou-me que quando foi do ultimo anniversario da Republica, o pae se viu grego para demover Bernardino Machado do proposito em que este estava de fazer amnistiar Paiva Couceiro. Segundo referem os jornais de Lisboa, este frustrado cabecilha tinha-se acercado de Portugal e estava em Fuentes d'Onoro, quando da nova intentona de ha dias.

Hoje conferencia com Delcassé, no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Pretexto a censura imposta á

publicação de noticias de Portugal. Na realidade, desejo de apalpar o terreno e conhecer as impressões de Delcassé sobre o que se está passando em Portugal. Delcassé, como os seus antecessores que tenho conhecido, fala pouco, tão pouco que é mais pelo que não dizem que chegamos a entendê-los. Reconheço nelle um evidente empenho em ser amavel, mas ao mesmo tempo uma reserva maior do que a habitual sobre o assumpto que tratamos e não me custa muito a interpretá-la. Delcassé está perfeitamente informado do que se passa em Lisboa e não confia nas resoluções do governo. Não defende a censura, procura mesmo dar-me a entender que é estranho á sua acção, mas insiste — oh! de um modo extremamente insinuante! — em que o parlamento portuguez vae breve reunir — não é verdade? — para apreciar a situação em que então seria o bom momento — não é verdade? — para tornar definitivamente publica a attitude de Portugal. Faço então um reconhecimento mais profundo. Digo: «O governo portuguez communicou-me que tendo o governo inglez pedido o concurso militar de Portugal nas circumstancias actuaes, elle decidira dar-lho, devendo porem, conforme a lettra da constituição, submetter a sua decisão á sancção parlamentar». E accrescentei logo: «Mais tarde o governo portuguez autorisou-me a fazer communicação d'este facto a V. Ex.ª. D'essa missão me desempenho gostosamente. Se V. Ex.ª assim o desejar far-lhe-hei communicação escripta». Delcassé, que me escutava com um semblante amavel por detraz do qual eu via sempre as suas desconfianças e prevenções sobre o governo portuguez, respondeu com solicitude: «Se V. Ex.ª

me quizer fazer essa communicação recebê-la-hei com muito gosto, mas não é preciso. Tomei d'ella já a devida nota.» Mas sem o deixar respirar, procurando arrancar-lhe uma observação, uma objecção, uma reticencia por meio das quaes elle me mostrasse mais claramente o seu sentimento a nosso respeito, accrescentei ainda: «Devo ajuntar, afim de informar completamente V. Ex.ª, que os chefes dos partidos que compõem o Parlamento, o qual é unicamente constituido de elementos republicanos, fizeram já declarações de completo appoio á decisão do governo, de modo que nenhuma duvida subsiste sobre as resoluções parlamentares quanto ao concurso militar de Portugal. Esta situação traduz de resto o sentimento publico, que já foi muito justamente definido nesta fórmula: *Pour la France, avec l'Angleterre.* Esta expressão teve o dom de quebrar a sua amavel reserva, porque ao ouvi-la, sorriu encantado e estendeu-me a mão num gesto rápido de simpathia e reconhecimento; mas os meus esforços foram vãos. Não lhe arranquei uma palavra. Não insisti portanto, dando-lhe tacitamente a entender que com elle concordava em aguardar a decisão parlamentar; e mudando rapidamente de assumpto falei-lhe então do caso do baptisado do infante de Hespanha. Elle mostrou surpreza, mas como tem o habito de estar *sur ses gardes,* immediatamente conteve o movimento que a minha informação lhe provocou e perguntou-me se o rei de Hespanha e o de Portugal não eram parentes. Chamei a sua attenção para o acto pouco amigavel e a proposito revelei-lhe num tom confidencial que os documentos encontrados nos Palacios Reaes de Portugal

depois da queda da monarchia mostravam que o rei Manuel e os seus ministros haviam procurado fazer um pacto com a Hespanha, para uma intervenção d'esta em Portugal, no caso de um movimento republicano e que este pensamento fôra francamente applaudido por Affonso XIII. — Mas não chegou a realisar-se o accordo, interrompeu. — A Republica veio antes, disse eu. O meu pensamento ao tocar neste assumpto é o de fazer penetrar o espirito do ministro na intimidade da nossa vida nacional e interessá-lo nella, se isso fôr possivel. Quando lhe falei no caso do baptisado do infante tive em vista prepará-lo para uma nova conversação a esse respeito, se ella se tornar necessaria. A diplomacia dos pequenos povos faz-se laboriosamente. Infelizmente nós não temos diplomacia porque absolutamente lhe falta direcção. O meu esforço é isolado. A *Lucta* publica esta nota: «E' prematuro tudo quanto por ahi se tem dito quanto á data da reunião do Congresso. Ainda não está fixado o dia em que essa reunião hade ter logar, sendo todavia certo que ella não se effectua no dia que já foi marcado pela excessiva pressa dos reporters. Tambem não deve ligar-se inteira fé ao que por ahi se tem dito quanto ao envio de tropas, pois que a este respeito não ha ainda uma resolução definitivamente assente.» Delcassé tem razão.

27 DE OUTUBRO

Os allemães pretendem a todo o transe passar no norte, até Dunkerque, mas os seus esforços estão sendo vãos. A mais forte resistencia é opposta pelo exercito

belga, extraordinario exercito, nunca batido, cento e cincoenta, cento e oitenta mil homens de que parece que não morre nenhum. Um portuguez que ha muitos annos vive em França e fala a nossa lingua como um estrangeiro, procurou-me hoje em casa para me contar que em S. Jean de Luz, onde se encontra, os refugiados portuguezes Paiva Couceiro e consortes fazem larga propaganda germanofila e têm entendimentos com uma agencia allemã estabelecida em S. Sebastian. Um d'esses individuos disse a Camillo Froes (assim se chama o portuguez que me procurou) que o que os seus amigos estavam fazendo era *uma porcaria*. O commissario de policia de S. Jean de Luz dirigiu um relatorio ao ministro do Interior Malvy sobre os manejos dos portuguezes que ali estão. Camillo Froes espera que eu chame para o facto a attenção do ministro dos Negocios Estrangeiros de França. Excellente Camillo Froes. Lá lhe abri os olhos e lhe disse que os monarchicos portuguezes gosam em França de uma hospitalidade sem limites. Quem os hospeda são os monarchicos francezes e estes têm mais influencia em França do que os proprios republicanos.

28 DE OUTUBRO

Feroz resistencia aos allemães nas margens do Yser, e são os belgas, ainda os belgas, que durante cinco dias lhes vêm fazendo frente, com uma energia leonina. Um official superior belga disse a um jornalista: «Depois das provações por que elles passaram eram natural que o seu espirito estivesse abatido e eu proprio

o receei. Só quem assistiu ao bombardeamento de Antuerpia pode fazer uma ideia dos seus terriveis effeitos. Nunca se viu um espectaculo assim. Os enormes projecteis da artilharia de sitio dos allemães atravessavam tudo o que encontravam: o cimento, as mais robustas muralhas de pedra, tudo desabava como castellos de cartas. As bombas incendiarias estendiam a destruição a superficies inimaginaveis: os fortes eram verdadeiros infernos. Assim perguntavamos a nós proprios, inquietos, como iriam portar-se no futuro os homens que soffreram a inclemencia de um tal furacão.» Como elles se portaram acaba de o dizer o presidente do Conselho e ministro da Guerra belga, De Broqueville, numa commovente declaração feita a um redactor do *Matin* e que é, num resumo admiravel, toda a historia da epopeia belga.

«Nous avions la certitude que notre territoire serait violé. Il y a deux ans, au moment où je déposais la nouvelle loi militaire, nous avons été avisés par un chef d'Etat des plus avertis, que le miracle de 1870 ne se reproduirait pas.

Les nouvelles lois, vous le savez, ont toujours des adversaires. La nôtre en rencontra d'assez puissants, si bien que pour vaincre ces attaques je dus réunir un comité secret. Je l'instruisis de la confidence de la tête couronnée. Les attaques fléchirent. Notre loi fut votée. Nous étions donc sur nos gardes.

Dès les premiers nuages diplomatiques, nous nous mîmes en action. Je ne vous en donne pas d'autre preuve que celle-ci:

Le 1.er août, nous avions mobilisé. L'Allemagne voulait passer; nous allions arrêter l'Allemagne à Liège.

Liège n'était pas exactement une place forte; différents forts indépendants en défendaient les accès. Nous y envoyâmes de suite 20.000 hommes. L'Allemagne envoya trois corps d'armée, les trois plus beaux de son empire, ceux du Brandebourg, du Hanovre, de Poméranie.

Quand le roi apprit cette nouvelle, il dit simplement: «Attaqués par ces gens-lá, nous aurons chaud!»

Nous eûmes chaud! Les Allemands aussi! Ils subirent, durant ces journées, leur premier désastre. Ils avouèrent eux-mêmes 48.700 tués. Leurs troupes en furent si démoralisées qu'on dut les mettre à l'arrière.

Je ne vous parle pas des autres batailles de Louvain, de Haelen, d'Aerschot, où partout nous avons attaqué et partout gagné du terrain. Nous nous retirions stratégiquement devant le nombre, mais toujours après lui avoir porté de terribles balafres au visage.

Trois semaines nous avons retenu les barbares, du 3 au 25 août.

J'arrive à Anvers. Ce que l'on ignore, c'est qu'une partie de la position fortifiée n'était pas achevée. Cela commandait à l'armée belge de se retirer sur Anvers, afin de boucher avec ses poitrines ce que nous n'avions pas eu le temps de faire avec du béton et de l'acier. Pour accomplir son œuvre, l'armée entra dans la place sous le bombardement après en avoir assuré la défense; pour accomplir une plus grande œuvre encore, elle en sortit tout entière à la dernière limite.

Il avait toujours été entendu par tous les peuples qu'Anvers étant le réduit national, sa chute devait entraîner celle du gouvernement et de la nation. Anvers resta aux mains de l'agresseur comme une veste vide. Le corps s'était dégagé, il filait vers l'ouest.

Le général commandant les forces anglaises en Belgique, regardant cette retraite, s'écria: «Nous ferons tuer jusqu'au dernier de nos hommes pour couvrir une telle armée.»

Gardien du flanc gauche des alliés, nous devions gagner l'Yser, nous y installer, y tenir. Nous avons gagné l'Yser.

On nous avait dit: «—Tenez vingt-quatre heures!»

L'ennemi nous battait de ses obus! Nous tenons les vingt-quatre heures.

«—Tenez vingt-quatre heures encore!» nous demande-t-on.

Plus nombreuse, l'artillerie allemande nous inondait; nous tenons quarante-huit heures.

La troisième journée commençait. Um accident de voie ne permettait toujours pas au secours d'arriver.

Fatiguée de tenir, l'armée belge sortit de ses tranchées et fonça.

Elle fonça le quatrième jour; et le cinquième, quand arrivèrent les alliés, ils ne la trouvèrent plus sur la rive qu'elle devait garder, mais en avant de l'eau, à la tête du pont, leur ouvrant la brèche de la masse allemande.

Notre roi a décoré de l'ordre de Léopold le 7e régiment de ligne qui, sur sa demande, a tenu contre un ennemi dix fois supérieur.

Mais toute l'armée combattant seule, gagnant chaque fois du terrain, ne se reposant jamais, toute l'armée a éte haute, fière, héroïque.»

O Almada Negreiros diz estar informado de que D. Manuel e a mulher estiveram em Zamora no dia 21, partindo de automovel para Verin onde se hospedaram no Hotel Salgado e seguindo d'ali para Orense. Não sei como obteve esta informação. O Teixeira Gomes annuncia-me a chegada breve a Bordeus de um official da commissão que foi a Londres e que vem aqui tratar «certos detalhes necessarios para a futura expedição». A futura expedição, quando os alliados se batem como desesperados para arrojar os allemães para além da fronteira, quando os indios, os canadianos, os arabes, vindos dos confins do mundo já entraram em combate e estão derramando o seu sangue! A futura expedição, quando diriamos que o maior esforço está sendo feito hoje e que amanhã já estará tudo consummado! Que nova *fumisterie* é esta? Emfim aguardemos o bravo portuguez. O que eu não sei é o que elle vem fazer a um paiz onde o governo não está ainda convencido de que o concurso de Portugal seja um facto. Vamos entrando pelo outomno. E' já quasi o inverno. Chuvas.

29 DE OUTUBRO

O Presidente da Republica sahiu hontem de Bordeus, por oito ou dez dias. Diz-se que vae visitar os soldados. Mademoiselle Bontemps que regressou a Paris escreve-nos d'ali que os que sahiram são muito mal

vistos ao voltarem e são tratados de medrosos. Paris está tristissimo. As lojas fechadas e não ha carros. O Thomaz por seu lado escreve-me que ali corre haver cento e vinte mil prisioneiros francezes e receiar-se que os allemães se apoderem de toda a costa do norte até Boulogne. Os jornais discutem a possibilidade do governo se transferir de novo para Paris. Não creio que se pratique por ora acto tão impolitico. De Portugal não chegam jornais, nem noticias. Pergunto para Lisboa se é certo terem os allemães invadido a Angola.

30 DE OUTUBRO

Grande dia. Esta manhã sou surprehendido pela visita dos tres officiais portuguezes que constituem a commissão que foi a Londres entender-se com o ministerio da Guerra, sobre as condições materiais da participação de Portugal na guerra. São tres capitães de Estado Maior, Ivens Ferraz, Freiria e Martins. Trazem uma carta de apresentação do adido militar francez em Inglaterra para o ministro da Guerra. Nessa carta o adido accrescenta: «Lord Kitchner interessa-se novamente pelo assumpto que leva a Bordeus os tres officiaes portuguezes». Informo-me junto d'estes do objectivo da sua missão a França e elles começam por me referir o que se passou em Londres com o ministro da Guerra Lord Kitchner, com quem têm tratado. Tendo este verificado segundo as informações dos tres officiais portuguezes que á artilharia portugueza faltava o municiamento necessario para se manter em campanha, logo lhes observou que o concurso militar de Por-

tugal não podia ser discutido sem que esse municiamento fôsse assegurado. Uma convenção estava sendo debatida entre Lord Kitchner e a commissão militar para o effeito da participação de uma divisão auxiliar portugueza cooperando com o exercito inglez na guerra actual. Suspendeu-se este debate e os tres officiais, d'accordo com Lord Kitchner, resolveram vir a França pedir o concurso do governo francez para o fornecimento das munições de artilharia. A idea d'este concurso foi levantada na presença do adido militar francez, que mostrou duvidas sobre a possibilidade do governo francez o dar, o que fez que os tres officiais partissem sob a impressão de que a sua missão em França ia mallograr-se e d'este modo mallograr-se a expedição. Informaram-me mesmo, o que eu desconhecia, que a reunião do Parlamento portuguez estava dependente do que se passasse em Bordeus, pois o Parlamento não podia decidir que se desse o concurso militar de Portugal á Inglaterra sem estarem previamente assegurados todos os meios para levar a cabo a expedição. Appareceram-me neste estado de espirito, bastante inquietos, o que me foi agradavel verificar, pois logo comprehendi o seu vivo interesse em que o emprehendimento militar de Portugal se tornasse uma realidade. Bravos rapazes! Não os larguei mais. Ao meio dia levei-os a almoçar ao Café de Bordeaux e ás duas horas, deixando-os no Hotel des Quatre Sœurs onde se hospedaram, parti para o Ministerio dos Negocios Estrangeiros e sem previo aviso pedi uma entrevista ao ministro. O sr. Delcassé recebeu-me logo e sem perda de tempo me tranquillisou. Já tinha recebido commu-

nicação de Londres e já tinha mesmo respondido. O caso do municiamento da divisão portugueza era um assumpto liquidado. — « *Vos canons auront de quoi manger.* » Annunciei-lhe por deferencia que ia d'ali ao Ministerio da Guerra apresentar os meus officiais ao sr. Millerand e parti como uma flecha para o ministerio, rua Vital Carles. O ministro não estava mas um dos seus ajudantes ficou de me avisar da hora em que elle receberia os officiais portuguezes. Corri a estes ao Hotel. — Fardem-se! Num minuto os puz ao corrente da situação. Ficaram tão commovidos — bravos rapazes! que só ao cabo de um momento um d'elles, o capitão Ivens Ferraz pôde dizer: — Grande dia! O tempo de se fardarem e de eu dar um pulo á Legação, onde encontrei o aviso de que Millerand nos recebia ás cinco e meia da tarde e a esta nova os meus tres herois, mettidos nos seus uniformes, na cabeça o moderno bonnet bulgaro adoptado pelo exercito portuguez, faziam a sua entrada sensacional no Ministerio da Guerra, no meio de continencias e barretadas. Apresentação a Millerand, arrastar de cadeiras. Millerand: — Je vous écoute! Falou o capitão Freiria, tipo do official portuguez de arma scientifica, baixo, atarracado, forte, pescoço curto, nariz grosso, oculos. Mau francez, mas o vocabulario sufficiente para que tudo se fôsse esclarecendo com crescente e visivel satisfação por parte de Millerand. De vez em quando eu dava uma ajuda. Finalmente, chegou-se a isto: Portugal fornecia aos alliados, em virtude dos seus accordos com a Inglaterra, uma divisão auxiliar de um numero aproximado de vinte mil homens, que seria mantida com este effectivo durante

todo o decurso da guerra. A divisão compor-se-hia de duas brigadas de infantaria, prefazendo doze mil homens, doze baterias de artilharia, com quarenta e oito peças e mais quarenta e oito peças sem guarnições, material Canet, do mais recente modelo, vinte e quatro metralhadoras, numero que pode ser elevado a quarenta e oito, um regimento de cavallaria, uma companhia de sapadores, uma secção de telegrafistas, tudo com reserva de material em larga escala, serviços de saude perfeitamente organisados, ambulancias, cem medicos. Eu proprio ao ouvi-lo estava surprehendido de que Portugal disposesse de tais meios de guerra. Quando o capitão Freiria accrescentou que alem d'estes meios, a divisão podia trazer uma bateria de obuses de cento e cincoenta e cinco milimetros Canet, de grande poder, cahi das nuvens e o ministro da Guerra parece que participava da minha surpreza, porque não occultou a sua satisfação. Informou-se melhor, precisou certos detalhes, e quanto á questão do municiamento das peças (os meus herois reclamavam o fornecimento de mil obuses por dia) declarou que o governo francez se encarregava de o fazer. — De resto, accrescentou com uma ponta de commoção, nada lhes hade faltar. Batem-se pela mesma causa. Serão tratados como irmãos. — Entretanto desejou que os meus officiais se avistassem antes de partir com o director geral da artilharia, o general Mangin. D'ali mesmo lhe telefonou e pelo telefone ficou combinada uma entrevista com o general para d'ahi a uma hora. Tudo corria á maravilha. Levantei-me, os meus bravos imitaram-me e então Millerand, estendendo-me a mão, dis-

se-nos a grande satisfação que sentia em ver Portugal ao lado dos Alliados. Sahimos no meio da curiosidade e — sentiamo-lo — da simpathia de officiais, soldados e paisanos intrigados á vista d'aquelle uniforme que não conheciam e que muitos suppozeram inglez. Continencias, barretadas, policias perfilados, e o automovel em que eu transportei durante o dia os tres officiais portuguezes abalou com vehemencia pela rua Vital Carles para a Legação. Ahi, telegrammas para Londres, telegrammas para Lisboa. Regosijo. Os tres officiais pareciam suspensos da sua surpreza de tudo lhes correr tão bem e tão depressa. Lord Kitchner tinha-lhes pedido um telegramma breve, britannico — *Tudo arranjado* — se as coisas se arranjassem. Foi expedido o telegramma e já lusco fusco, debaixo d'agua, porque todo o dia esteve de chuva, abalamos no automovel para o Cours Pasteur, onde está installado na Faculdade de Lettras o general Mangin. Através de um labirintho e guiados por um reservista fomos encontrar o general Mangin, num estreito gabinete, sentado a uma secretaria e acolitado por um sujeito como elle á paisana que durante toda a entrevista interveio na conversação. Apresentações, cadeiras. O general Mangin é o tipo convencional do general tal como os interpretam os actores maus, e com esse aspecto a que os francezes chamam *bourru* e nós *cara de poucos amigos*. Não sabia que Portugal estava disposto a dar o seu concurso militar, o que de resto não pareceu interessá-lo muito. A sua especialidade é a artilharia e durante uma boa meia hora foi só de artilharia que se falou — *douilles, fusées,* etc. O capitão Freiria parecia estar num exa-

me. O general falava no tom de voz bronchitico dos velhos soldados que sentiram o cheiro da polvora, o que não sei se é o seu caso, e no tom de commando. O capitão Freiria respondia. De vez em quando dizia — *Mon général,* lembrando-se de que eu lhe recommendara que o não tratasse por *Monsieur*. O general ignorava que os cartuchos das peças de setenta e cinco do nosso exercito eram differentes dos cartuchos francezes, comquanto a fabricação fôsse da mesma origem, e levou um certo tempo a fazer-lhe comprehender que os cartuchos francezes não cabiam nas peças portuguezas e vice-versa. Finalmente, arrumado este assumpto passou-se ás munições para os obuses de cento e cincoenta e cinco e o general mostrou-se apprehensivo. A fabrica trabalhava toda para o exercito francez. A fabricação dos obuses de cento e cincoenta e cinco reclamava um *outillage* especial. Não era coisa que se fizesse de um dia para o outro, que diabo! Nem isso era necessario, redarguiram os nossos. De resto, a nossa reserva de munições de artilharia era ainda assim importante. Dispunhamos de sessenta e quatro mil obuses, sem falar de que as fabricas de Lisboa, que fabricam um milhão de cartuchos de espingarda por dia, produziam cem obuses por dia para as peças de setenta e cinco. Deixamos o general um pouco moido da sabatina e cá fóra, no labirintho do immenso casarão, procurando a sahida, o capitão Freiria declarou-se descontente, mas os seus camaradas saltaram-lhe em cima. Eu propuz que ficassem um dia ainda, para que o assumpto do fornecimento dos obuses se precisasse melhor, embora concordando que não havia novos pretextos para

obrigar o governo a renovar os seus compromissos formaes d'esse mesmo dia, e o capitão Freiria acabou por acquiescer em que com effeito o general Mangin era um caso secundario. Para que tudo ficasse bem *mis au point,* comprometti-me no entanto a voltar a ver Millerand. Eram oito horas. Os quatro concordámos que se preenchera gloriosamente o dia e retomando o automovel levei os meus tres companheiros a trocar pelos seus fatos á paisana os seus uniformes que attrahiam sobre elles incommodas attenções e, finalmente, outra vez ao Café de Bordeaux — a jantar. Quando os deixei, ás onze da noite, tinham-se completado doze horas de glorioso esforço.

31 DE OUTUBRO

Fui esta manhã deixar na gare do Midi, d'onde seguiu para Londres, via Paris, a commissão militar portugueza. As noticias da guerra são hoje excellentes. Os allemães soffreram uma sangria terrivel nas margens do Yser, ribeira humilde e ignorada hontem, celebre e gloriosa hoje. Um jornal inglez — a *Pall Mall Gazette* diz: «Os homens que resistiram a esta tormenta são credores dos maiores elogios. Mas a honra inteira do feito cabe ao glorioso exercito belga. A volta ao combate do rei Alberto e dos seus soldados, que não só não foram batidos, mas estão cheios de ardor combativo, é um dos mais maravilhosos exemplos de exaltação moral de toda a historia das guerras.» E' curioso observar que as homenagens mais eloquentes ao heroismo belga têm o timbre britannico. Na fronteira russa, os allemães não estão sendo mais felizes do que

na da Belgica. As noticias de Petrogrado celebram as ultimas victorias dos exercitos russos. O caso do dia porém é a subita entrada em scena da Turquia, que acaba de romper as hostilidades contra a Russia, no Mar Negro, fazendo bombardear Odessa e outros fortes pelos dois antigos cruzadores allemães *Goeben* e *Breslau*. As noticias d'esta noite dizem que a esquadra russa do Mar Negro partiu em busca d'estes dois barcos. Affirma-se que esta é a obra de Enver Bey, a quem o kaiser subiu á cabeça. O *Figaro* annuncia que D. Manuel recommendou expressamente aos seus amigos de Portugal que não inquietassem o governo portuguez nestas circumstancias. O patriota! No entanto, affirmam-me que elle e a princeza sua mulher se encontravam cerca da fronteira na occasião do ultimo levantamento. Será a duplicidade uma caracteristica do nosso modo de ser?

1 DE NOVEMBRO

Domingo. Chuva. O governo pede-me por telegramma para sollicitar do governo francez autorisação urgente para se effectuar a compra de projectores installados em carruagens automoveis, a uma casa de Paris. E' a expedição que marcha. Longa carta a Affonso Costa sobre os perigos de um governo fraco na conjunctura presente. A copia fica junta ao *dossier* da guerra. Parece que os allemães se propõem ameaçar seriamente os inglezes. O correspondente de um jornal hollandez em Maestricht diz ter visto passar, em direcção a Antuerpia, submarinos desmontados e transportados em caminho de ferro. Para Antuerpia e Bru-

xellas começam seguindo os zeppelins. Um submarino allemão metteu no fundo outro cruzador inglez, que os telegrammas de Londres dizem não ter valor estrategico. Entretanto o arranco dos barbaros para Dunkerque foi momentaneamente detido. Madame Giovetti, que veio tomar chá comnosco, contou-nos que se tinha verificado um dia d'estes que o chauffeur do ministro da Guerra era allemão. Continuam a ser confiscados em toda a França os bens dos allemães. Os jornaes aconselham a que se não beba mais champagne Mumm que se verificou tambem ser allemão.

2 DE NOVEMBRO

Um jornal russo acaba de dar publicidade á ultima proclamação do kaiser. E' dirigida aos polacos e diz assim:

«Polonais, vous vous souvenez sans doute qu'une nuit les cloches du saint monastère de Siatogorsky se mirent à sonner d'elles-mêmes et que tous les gens pieux comprirent alors que ce miracle signalait un grand événement. Cet événement, c'était la décision que j'avais prise de faire la guerre à la Russie, de rendre à la Pologne sa religion et de l'annexer au pays de grande civilisation, à l'Allemagne. J'ai fait un songe merveilleux; la Vierge m'est apparue et m'a ordonné de sauver son saint couvent qui était en péril. Elle me regarda avec des yeux pleins de larmes, et j'entrepris aussitôt d'exécuter son ordre divin. Apprenez cela, Polonais, et accueillez mes soldats comme des frères

et des sauveurs. Sachez, Polonais, que ceux qui seront avec moi seront largement récompensés, et que ceux qui seront contre moi périront. Avec moi marchent Dieu et la Sainte Vierge: elle a tiré l'épée de la Germanie pour secourir la Pologne.»

Aqui está o que eu escrevi sobre este homem em 1906. Vem a pag. 183 das *Minhas razões:* «Perdão! Vou dizer francamente a minha opinião sobre o imperador da Allemanha. Este homem na minha opinião é um doido, não no sentido familiar que costumamos attribuir a esta palavra e que nos faz dizer: «Fulano é um doido», mas no seu significado pathologico de doido alienado, doido vesanico, doido de manicomio, porque só um doido pode ter como elle, em tão alto grao, a obsessão de matar. Verdadeiramente a sua loucura é a loucura homicida. Sempre que este homem considera a humanidade e o mundo — *il voit rouge.* Era elle quem recentemente pronunciava num brinde estas palavras que fariam pôr immediatamente de observação um outro menos ao abrigo do que elle dos juizos da clinica mental: «Bebo pela polvora secca e pelas espadas aguçadas» e eis aqui que pronuncia estas palavras mais, no momento de debater-se a tão inquietadora questão de Marrocos: «Queira Deus que não rebente a guerra. No entanto se assim succeder, o exercito e a marinha cumprirão o seu dever como em 1871». Admittamos que isto possa succeder e que a guerra pode rebentar. Não é uma razão para a prometter quasi. Guilherme II compraz-se em prometter-nos a guerra; as suas palavras são já uma mensagem

ao exercito e á marinha. Na vespera de uma primeira batalha não falaria outra linguagem. Dir-se-hia que este homem busca todos os pretextos para pronunciar a palavra guerra. Essa guerra, que é a obsessão do seu espirito, não a poude elle ainda realisar. Assim, no dia em que lhe foi simplesmente permittido enviar os seus soldados em expedição contra alguns chinezes de rabicho, o seu coração transbordou: «Ide, disse elle, ide e devastai.» Taes manifestações seriam de natureza a assignalar a insofismavel loucura d'este soberano, se a humanidade já tivesse chegado á idade da razão e fôsse capaz de reconhecer que um monarca doido não é outra coisa mais do que um homem doido. A humanidade equivoca-se a este respeito, como a respeito de tantas outras coisas, e o que num pobre diabo é para ella loucura, num grande da terra é — grandeza. Pobre humanidade e duplamente pobre, porque está assim á mercê dos mais perigosos doidos, que são aquelles a quem não é licito vestir uma camisa de forças.»

Fomos hoje de visita, minha mulher e eu, a um hospital de feridos — convalescentes, situado em Martignac, na ridente região de Graves, que dá o nome ao famoso vinho. A casa chama-se *La solitude* e está situada no meio de terras de vinha fechada por um denso arvoredo. Quem nos leva até lá no seu automovel é a sogra do sr. de Rancourt, que consagra os seus patrioticos cuidados aos convalescentes. Assim ao vê-la chegar, elles acolhem-na como a um velho conhecimento e ella vae inquirindo de cada um e dando um charuto a cada um. Pobres homens! São todos, diz-nos ella, feridos graves que se salvaram e estão ali recupe-

rando forças. Para quê? Para regressar definitivamente á vida? Pobres d'elles — não! Para voltarem aos campos de batalha e quem sabe? para cahirem então de vez. Foram restituidos á vida, renascem, voltam as côres rosadas ás suas faces, os seus olhos que viram os pavores da guerra readquirem a serena limpidez contemplando aquelle canto feliz da França, aonde ella não chega. Alguns, dizem-me, engordam. Pobres! Engordam para morrer. N'uma enfermaria as senhoras que nos acompanham param a falar com um soldado que traz a cabeça envolvida num capacete rigido de tela, para lhe proteger um ferimento de bala em via de sarar. Elle tira o capacete, mostra o rasgão já fechado que a bala lhe fez e, no kepi, o buraco por onde passou. Não tem o ar heroico ou orgulhoso. E' casado, tem filhos e a sua casa ao pé de Nantes. Está simplesmente resignado. Diz: *Il le faut. Il le faut.* Prometto mandar a estes pobres homens os jornaes que me inundam a casa. Minha mulher e as criadas continuam a fazer meia para os nossos soldados que vierem — quando vierem!

3 DE NOVEMBRO

De Lisboa, o ministro insiste pelas autorisações urgentes para a compra em França de projectores montados em automoveis. Affonso Costa escreve-me estimar *de todo o coração* que eu reconheça a necessidade de nos avistarmos para tratarmos do futuro do paiz. E' curioso que tendo eu estado ha pouco em Lisboa, onde Affonso Costa se encontrava tambem, elle não aproveitasse o facil ensejo de se avistar comigo. Parece

que o futuro do paiz só começou verdadeiramente a preocupá-lo, depois do meu regresso de Portugal. Terriveis e inexplicaveis homens estes! Os allemães batem-se como feras na fronteira da Belgica, e lentamente recuam, mas quão lentamente. Chegou o novo consul, um atarantado que apenas tem sobre o fallecido a vantagem de ser mais novo.

4 DE NOVEMBRO

A Turquia entrou definitivamente em scena e bombardeou Sebastopol. Riffat Pachá, que estava em Biarritz, a gosar d'estes ricos dias outonaes, acordou emfim do seu bello sonho. Adeus França! Lá pediu hoje os seus passaportes e hoje mesmo partiu para a Italia. Madame Riffat Pachá, que é russa, não voltará a ver tão cedo as suas lindas salas da rua Villejust. Os Pelles Vermelhas vam entrar em acção — curiosa guerra! Os indios das seis nações da reserva de Brantford, diz a *Pall Mall*, formarão uma companhia de cento e vinte homens no segundo contingente canadiano. Decididamente, os portuguezes estão-se demorando e arriscam-se a chegar tarde. A Universidade de Bonn, o grande centro da cultura germanica, conferiu a Krupp o titulo honorifico de doutor, pela construcção do morteiro de «quatrocentos e cincoenta.» O *doutor Krupp* é um achado! E' toda a Allemanha. Outro brutamontes da mesma raça, um certo conselheiro Witting, antigo burgomestre de Posen e presidente da *National Banc* fez a um correspondente do *Sun* de New-York um quadro tremendo do que vae ser a guerra, annun-

ciou-lhe que Londres será atacada, e formulou este vaticinio que estou certo será inteiramente confirmado: «Se succumbirmos, o mundo lembrar-se-ha por muito tempo da nossa derrota.» Wells, o fantasista escriptor inglez, esse diz: —«Se os allemães entrassem em Inglaterra, seriam linchados.» Estou persuadido de que esta guerra nos reserva successos que não entraram nas previsões das mais atrozes imaginações. Os zeppelins blindados estão em via de preparação. De Portugal pedem-me para obter novas autorisações urgentes para o transporte, em um navio francez, de quatro mil pistolas adquiridas na America. Enviam-me do Porto alguns numeros da *Montanha,* nos quaes se faz o processo de Bernardino Machado e se reclama resolutamente outro governo. Não sei o que pensar da situação politica, pois, por outro lado, parece que os chefes dos partidos insistem em não assumir as responsabilidades do presente momento. Liquida-se o caso da ultima sublevação num ridiculo que não é irreparavel, porque nada no nosso paiz o é. Todos os desastres, em Portugal, têm concerto. O presumido chefe civil do movimento, um certo Pacheco Soares, bacharel em direito, interrogado na policia, mostrou estar profundamente preoccupado com o seu destino, perguntando a cada passo se o fuzilariam; e naturalmente para fazer jús á piedade da Republica, que não mette medo a ninguem, declarou ter ficado persuadido de que a restauração da monarchia em Portugal é coisa impossivel e aconselhou o governo a que não désse novas amnistias.

5 DE NOVEMBRO.

Hoje de tarde, entrevista com o sr. Delcassé para tratar das autorisações pedidas pelo Governo Portuguez. Acolhimento simpathico. Facilidades. Como esteja inteirado de que a divisão deve trazer noventa e seis peças de setenta e cinco, quarenta e oito das quaes sem guarnições, pediu-me communicasse ao governo que seria muito agradavel ao seu governo que lhe fôssem cedidas trinta e seis peças, antes da partida da expedição. Continua a accentuar-se o optimismo publico acerca da guerra e já mesmo corre a informação de que o exercito allemão esboça um movimento de retirada sobre Bruxellas. Da fronteira russa as noticias são boas. Os russos já invadiram a Turquia levando adiante d'elles as primeiras forças turcas. Oxalá continue assim. Averigua-se que, sem ter attingido qualquer resultado definitivo, os allemães têm soffrido perdas enormes. Um jornal calcula-as em duzentos mil homens por mez. Agora corre que o kronprinz morreu e que o general Von Kluck foi assassinado pelos seus proprios officiaes. O que é certo é que se sente uma *détente* na oppressão dos primeiros dias. Do mar é que raro vem noticias favoraveis. Dois couraçados e dois torpedeiros allemães tentaram um raid audacioso no mar do Norte, chegando quasi á vista da costa ingleza. Na Academia de Medicina de Paris foi lida uma carta de um medico francez que assistiu á destruição de Gerbeviller, onde os allemães incendiaram casa por casa, a petroleo. Conta o medico que na noite de 24 de agosto e emquanto o incendio devorava a sua terra e a sua casa, um official allemão, ainda novo

e falando perfeitamente o francez, se approximara d'elle e juntando as mãos num gesto de misericordia, lhe disséra: — *Votre pauvre pays!* e depois ao ouvido do medico: — *Çà, c'est du vandalisme!* Esta carta é um dos documentos mais sinceros que attestam as brutalidades allemãs:

«Nancy, 24 octobre 1914.

Monsieur et très distingué confrère:

J'apprends par les journaux que l'Académie de Médecine se dispose à répliquer au manifeste des Intellectuels allemands, et je me permets de vous apporter un tout petit document relatif à cette question.

Médecin-principal de l'armée, en retraite depuis dix-sept ans, j'avais un pied-à-terre de famille à Gerbéviller, où j'étais aussi président du sous-comité de la Société Française de Secours aux Blessés Militaires Nous avions préparé, avec le concours de Mme. la marquise de Lambertye, une ambulance idéale dans le vaste château de Gerbéviller, dont le donjon était surmonté d'un drapeau de la Croix-Rouge visible à de très grandes distances.

Dans le bombardement long et féroce de cette bourgade inoffensive, c'est ce château qui a été tout d'abord anéanti par les obus incendiaires. A la nuit tombante, après la sauvage tuerie d'une trentaine d'hommes, femmes et enfants, la capture de nombreux otages, les barbares ont procédé à l'incendie méthodique au pétrole, rue par rue, de toutes les maisons, et c'est à ce sujet que je vous livre un souvenir.

Pendant cette soirée du 24 août, alors que, ma douleur dominant encore ma rage, je regardais flamber ma maison, pensant à tous les précieux souvenirs de famille que les flammes consumaient, un officier allemand, jeune, correct, parlant bien français, s'approche de moi et, joignant les deux mains dans un geste de pitié compatissante, me dit par deux fois : «Votre pauvre pays !» puis, se penchant à mon oreille : «Ça, c'est du vandalisme !»

Voilà ce que j'ai entendu de la bouche d'un officier allemand. Il serait peut-être bon de savoir ce que penseraient de cet aveu les Intellectuels Behring, Ehrlich, Fischer, Roentgen e autres civilisés.

Veuillez agréer, Monsieur le secrétaire, l'hommage du profond respect de votre très honoré et humble confrère

(Signé) *Docteur Labrevoit.*

33 rue Saint-Lambert, Nancy.»

Outro documento excepcionalmente interessante são as confidencias de um soldado allemão, que desertou para a Hollanda, onde um correspondente do *Daily Express* na Haya o entrevistou :

«EN VOILÀ ASSEZ !

Commencent à dire les soldats allemands

Londres, 4 novembre. *(Du correspondant particulier du Matin.)* — Le correspondant spécial du *Daily Express* à La Haye télégraphie à la date du 3 :

La Hollande est remplie de déserteurs allemands. J'ai eu l'occasion de causer aujourd'hui avec l'un d'eux qui s'est battu en Galicie, à Liège et à Maubeuge. On lui a donné un congé de quelques jours en raison de son mauvais état de santé et il est arrivé ici complètement dégoûté de ses compatriotes. Il déclare que son congé est expiré, qu'à toute minute il peut être rappelé, mais qu'il n'a aucunement l'intention de retourner à l'armée.

— Quand j'entends raconter ce que mes compatriotes ont fait en Belgique et en France, m'a-t-il dit, je suis honteux d'être Allemand. Je ne puis vous dire combien ils me dégoûtent tous, depuis l'empereur jusqu'au dernier des balayeurs de rues de Berlin. En Allemagne, on a dit aux soldats que les Belges, les Français et les Russes avaient commis les pires cruautés et on nous dépeignit les soldats allemands comme de petits saints, victimes innocentes de la trahison des alliés. Mais, en Hollande, j'ai entendu une autre chanson, et celle-là appuyée par tant de preuves que cela m'a ouvert lex yeux. On peut bien me rappeler, jamais je ne retournerai. Et d'abord, pourquoi nous battons-nous? Personne ne le sait. Mais la vérité commence à apparaître au plus stupide des soldats allemands.

Ah! si nous, les Allemands, avions remporté une victoire rapide; si, par exemple, nous avions pris Paris ou Pétrograd, nos soldats n'auraient pas posé de questions. Mais, aujourd'hui, chez nous, on se demande à propos de quoi toute cette guerre. Nous sentons ce que la guerre nous coûte, mais nous ne voyons aucun bé-

néfice et chaque jour qui s'écoule sans une victoire enfonce un nouveau clou dans le cercueil de l'impérialisme allemand.

Je viens du front et je sais ce qu'on y pense. Les hommes en ont assez de se battre et les femmes en ont assez de pleurer. La semaine dernière, j'ai passé deux jours à Cologne et j'y ai vu arriver 80.000 blessés. C'étaient presque tous des Allemands. Il y a des choses qui font réfléchir même un Allemand. Où en sommes-nous aujourd'hui? Nous sommes en guerre sans raisons avec des gens qui ne nous ont fait aucun mal et nous n'avons remporté aucune victoire, alors qu'on nous avait promis une promenade militaire á travers l'Europe.

L'hiver est là; notre exportation est ruinée pour cinquante ans; les impôts vont augmenter, et le pauvre, cet hiver, n'aura ni pain, ni charbon, et résultat final, les Allemands se sont fait haïr du monde entier, et tout Allemand pendant des siècles sera assimilé aux criminels de Louvain et de Reims.

Voilà notre position après trois mois de combat et tout cela, tout le monde chez nous commence à le comprendre. Vous verrez bientôt que d'un bout à l'autre de l'Allemagne la population entière criera aux oreilles de l'empereur: En voilà assez!»

6 DE NOVEMBRO

Um correspondente do jornal hollandez *De Tijd*, que poude assistir do lado dos allemães a alguns dos violentos combates que se travaram no Yser, faz um quadro terrivel do que viu. «Não, diz elle, isto não é uma guerra, é uma carniceria, praticada por loucos. Milhares de feridos fogem arrastando-se dos campos de batalha ou são empilhados em vehiculos de toda a especie. Pelas terras jazem milhares de cadaveres, que não são enterrados, porque não ha tempo nem gente disponivel que os enterre. A artilharia e as viaturas passam sobre estes corpos como sobre esterco. Não se faz idéa do numero pavoroso das victimas d'estes combates sinistros.» O correspondente hollandez escreve de Ostende: «Aqui e nas communas proximas está tudo cheio de feridos, curados á pressa e que mal podem mexer-se. Todos os hospitaes e todos os edificios estão cheios a deitar por fóra. Para os feridos que continuam a chegar já não ha logares. O que fazem então é arrumarem-se como podem, por sobre as cadeiras dos cafés, onde, á falta de outra coisa, procuram acalmar as suas dôres com cerveja ou café.» Entretanto, o quartel general allemão não cessa de ordenar — Para a frente! Para a frente! A Calais! A Calais! Os officiaes empurram os soldados para a frente em filas cerradas; os soldados cruzam as baionetas e avançam para as trincheiras dos inglezes que os esperam com uma calma fleugmatica e os tratam como cães. Quando os corpos dos allemães já formam verdadeiras barricadas, novos soldados são empurrados para a frente,

para que passem adiante dos camaradas que cahiram. A Calais! A Calais! O correspondente hollandez consegue refugiar-se numa herdade já em ruinas, e d'ali observa vagamente, através de um postigo, uma parte da terrivel batalha. «Os campos em volta estão juncados de mortos e feridos; a duzentos metros de distancia distingo uma trincheira allemã que foi desocupada, mas onde ainda ha mortos e feridos. De vez em quando vejo mover-se um homem que procura levantar a cabeça, mas logo a deixa pender. Columnas allemãs avançam debaixo do tiro dos canhões, varridas pela fuzilaria. Grupos dispersos de soldados vam ficando pelo caminho; uns cahem e ahi ficam, outros abalam a correr, fugindo á morte.» Numa ambulancia, uma enfermeira pallida, chorosa, toda a tremer, diz-lhe: «Nunca imaginei o que tenho visto nestes ultimos dias. E' terrivel.» A leitura d'estes documentos, que têm um caracter de terrivel sinceridade, dá a impressão de que começa agora para a Allemanha o seu calvario. As arremettidas ferozes contra Calais mallograram-se até hoje. As noticias d'esta tarde falam de um grande esforço seu sobre Roulers. Dir-se-ia que andam aos bordos e ás marradas, estonteados pelo desespero. A leitura dos *carnets de poche* e da correspondencia apanhada no campo de batalha, ou encontrada em poder dos prisioneiros de guerra, mostram que se está produzindo uma evolução no espirito dos allemães, que a realidade começa a apparecer-lhes sob a forma de surpreza dolorosa e que o seu orgulho, alimentado pela ficção da sua omnipotencia, soffre os primeiros golpes.

O *Temps* resume assim o que se encontrou em alguns dos *carnets de poche :*

«Oh ! comme on désire la paix et la tranquillité ! Comme on se contenterait de peu ! Mes camarades sont maintenant au bout de leurs peines, soit qu'ils aient le bonheur d'être légèrement blessés, soit qu'ils soient morts.»

Un autre écrit :

«Ah ! nous aurions continué à vivre si volontiers ! Ce jeu cruel est le pire que j'aie jamais connu.»

Dans tous les carnets, les hommes signalent le chiffre effroyable des pertes subies, surtout pour le 18^{e} corps.

Pour terminer ce résumé nous citerons les impressions d'un officier de réserve du 237^{e} régiment d'infanterie, fait prisonnier le 26 octobre.

Embarqué à Paderbon, le 11 octobre, il combat le 19 octobre devant Beythem et reste, toute la journée, sous le feu de l'artillerie.

Le lendemain 20, un avion français survole les positions allemandes qui sont aussitôt canonnées. La compagnie du lieutenant enlève Passchendaele qu'occupent les Belges et les Anglais. Mais l'artillerie les déloge et le 21 est «un jour de pertes inoubliables pour moi».

La compagnie est en tête d'avant-garde ; elle se trouve bientôt sous un feu d'infanterie et se réfugie dans les tranchées creusées par les Anglais. Les projectiles pleuvent pendant quatre heures, et les troupes britanniques ayant reçu des renforts en artillerie lourde, la fuite devient sauvage. L'officier parvient à rassembler une cinquantaine d'hommes et regagne pénible-

ment Moorsleede; de 230 hommes sa compagnie se trouve réduite à une centaine et voici la fin de cette aventure:

Le 23, jour horrible, un capitaine prend le commandement du premier bataillon; le lieutenant dont nous notons les impressions est placé à la tête de la 4e compagnie. On attaque Saint-Julien, mais bientôt les Allemands sont couverts de projectiles: «L'ennemi sait observer excellemment.»

Poursuivis de place en place, dans les abris successifs qu'ils rencontrent, murs de maisons ou tranchées, ils sont pris en flanc par des feux d'infanterie. C'est l'affolement.

«Tout le monde se croit perdu et se met à prier.»

Le 24, les hommes du bataillon sont dispersés et le carnet se termine par cette phrase:

«Les maisons dans lesquelles nous nous sommes réfugiés sont de nouveau bombardées. Qu'allons-nous devenir?»

Hoje, esplendido dia outonal. Pela manhã, no azul puro, dois aeroplanos. No jardim da nossa casa, as nossas creadas da Beira, de nariz no ar, regalaram-se de os ver voar. — O' Isabel, toma cuidado! olha que são allemães! — Isso sim! meu senhor! E' grato ouvir falar a nossa doce lingua nestas terras estrangeiras. Linda manhã. De tarde na Legação entrevista a um redactor da *Stampa* de Vienna. Carta de Lisboa: «E' absolutamente falso que officiaes portuguezes tenham passado a fronteira, fugindo aos deveres da guerra. Apenas no Ministerio da Guerra têm apparecido al-

guns, poucos pedidos de demissão e tambem alguns requerimentos de reforma pela junta de saude, que tem procedido severamente. Nos primeiros lançou o ministro o despacho seguinte: «Para ser apreciado opportunamente». Isto é, depois da guerra.

7 DE NOVEMBRO

A esquadra allemã do Pacifico metteu a pique alguns navios de guerra inglezes mas os japonezes tomaram Tsing-Tao e os seus navios seguem para o Pacifico.

9 DE NOVEMBRO

Um jornal de Bordeus refere a conversação que teve um dos seus collaboradores, num comboio em viagem, com um soldado ferido, que regressava da frente. A ferida não era grave — uma bala de metralhadora na polpa da perna — e o soldado deu á lingua. Como a censura lhe deixou passar a tagarelice é que eu não sei. O certo é que pela primeira vez e pela bocca d'esse soldado, se soube o que foi a retirada do exercito francez, por occasião do avanço dos allemães sobre Paris.

«Après, dame! ce fut la retraite, et quelle retraite!... On marchait la nuit, le jour, tout le temps, au hasard, devant soi. Des soldats se rencontraient qui n'étaient même pas du même corps; toutes les armes se coudoyaient, se mêlaient, cavaliers à pied, sans chevaux, artilleurs égarés, fantassins à cheval. Pendant cinq jours, je marchais sans retrouver mon régiment...»

De Portugal não ha noticias. Parece que se continua aguardando o regresso da commissão que foi a Londres para reunir o Parlamento.

10 DE NOVEMBRO

O novo lord-maire de Londres tomou posse e por esse motivo houve um banquete no Guidhall. Dizem os jornaes francezes que o presidente Asquith terminou d'este modo o seu discurso:

«Cette guerre sera longue. Mais cela n'a rien qui doive affaiblir nos esperances ou abattre notre resolution. Nous ne remettrons pas l'epée au fourreau tant que la Belgique n'aura pas recouvré tout ce qu'elle a sacrifié, tant que la France n'aura pas obtenu l'assurance definitive de sa sécurité, tant que les droits des petites nations n'auront pas été garantis d'une manière définitive et tant que la domination militaire de la Prusse n'aura pas été entièrement et definitivement détruite.»

Não sei até que ponto os direitos das pequenas nações constituem nesta guerra a preoccupação da Inglaterra. Os inglezes têm uma tal reputação de egoismo que precisam para a desfazer operar prodigios de generosidade. No entanto estou convencido de que nunca a causa das pequenas nações deu batalha que tanto pese nos seus destinos. Assim esta guerra, por muito que procurem desnaturar-lhe o sentido os ferozes reaccionarios do mundo inteiro, é uma guerra em prol do

direito e todos sabemos que estes principios só correm risco quando não são appoiados pela força, o que é o caso das pequenas e fracas nacionalidades. A Belgica e o seu heroismo tornaram d'ora avante inviolavel o direito das nacionalidades pequenas. Não é possivel presumir que os seus heroicos sacrificios sejam perdidos, não digo já para ella, mas para as nacionalidades que como ella não fundam o seu direito á existencia na sua força militar. Nos campos de batalha em que a Belgica fez correr o sangue generoso dos seus filhos, decide-se da sorte da Hollanda, da Dinamarca, de Portugal. Victoriosa a causa dos pequenos povos, não mais — esperêmo-lo — as grandes nações tentarão absorver, ou anniquilar os pequenos povos; e se alguma procurasse fazê-lo não mais as outras assistiriam de braços cruzados a taes attentados. Não mais veremos a Polonia esmagada, o Schleswig decepado da Dinamarca, ou a Servia privada da sua independencia. Nós por nossa vez poderemos conhecer uma era de tranquillidade. Esta guerra terminará por um accordo tão solemne entre as nações, que Portugal pode esperar que a Hespanha não seja mais a seu lado uma causa permanente de inquietação. Não! Tanto sangue não se derramará em vão! Seria o mais absurdo dos illogismos, que, disparado o ultimo tiro nesta guerra sem precedentes, recomeçassem as mesmas luctas e os mesmos massacres pelas mesmas causas. Depois d'esta guerra, todo o gesto guerreiro será immediatamente suspenso. O objectivo dos alliados, segundo um publicista francez, não é o de, como o dos allemães, destruir cidades ou monumentos, mas arrasar Essen; e seria logico que,

destruida esta fabrica de morticinio, outras entrassem immediatamente após em laboração para fabricar novos instrumentos de morte? Não! Os grandes exercitos, os grandes armamentos guerreiros vam por muito tempo desaparecer da face da Europa como a propria idéa da guerra. Uma paz duradoura virá reparar os estragos do tremendo conflicto a que estamos assistindo. As grandes nações entregar-se-hão á tarefa da sua reconstituição e as nações pequenas, como nós, tornadas inviolaveis pelos principios de um direito novo fundado no maior sacrificio humano que porventura se conhece, lançar-se-hão corajosamente e alegremente ao trabalho. Por isso esta guerra nos interessa profundamente, e é um erro dizer que só nos interessa pelas allianças politicas. Nesta guerra joga-se o destino das pequenas nacionalidades e, entre as da Europa, Portugal é a que mais soffreria se os planos ferozes de dominação allemã podessem prevalecer, porque é a que mais possue. Com a Inglaterra temos de commum um longo *statu quo* e um amigavel condominio. Para a Allemanha eramos simplesmente — a presa. Todos conhecem esses planos de dominação. A Allemanha é um caso monstruoso de megalomania collectiva. Ella suppre da sua raça metade da Europa. A julgar por exemplo pelo major Hermann Von Pfister, professor da Alta Escola Technica de Darmstadt um terço da França pelo menos seria allemã: a Borgonha, a Champagne, a Lorena, o Languedoc, a Provença e, em geral, todo o valle do Rhodano e da Saone; e o sonho de uma Allemanha maior *(la plus grande Allemagne)* não é o apanagio de uma associação de patriotas fana-

ticos, os pangermanistas, mas na realidade o sonho de todo o allemão. Numa brochura publicada em 1895 em Berlim e que se intitula *A Pangermania e a Europa Central em 1950* estudam-se as bases do novo imperio germanico. Esse imperio seria constituido de dois grandes grupos territoriais — um, politico, ou confederação germanica, comprehenderia o imperio allemão, o Luxemburgo, a Hollanda, a Belgica, a Suissa allemã e a Austria-Hungria; o outro seria um immenso Zolleverein. Alem da confederação germanica abarcaria as provincias balticas, o reino da Polonia, a Romenia e a Servia. «Os allemães, diz essa brochura, não constituirão certamente a unica população do novo imperio allemão assim organisado; mas só elles governarão, só elles exercerão direitos politicos, servirão na marinha e no exercito. Só elles terão o direito de possuir a terra. Os allemães terão assim, como na idade media, o sentimento de serem um povo de senhores.» E accrescenta o autor da brochura: «No entanto consentirão que os estrangeiros que vivam sob o seu dominio se entreguem á execução de trabalhos inferiores.» Em outra brochura anonima publicada em Berlim em 1900 *(A Allemanha no principio do seculo XX)* fala-se de tirar á França e á Russia largas tiras de territorio «para com ellas fazer degráos, diante das nossas fronteiras de leste e de oeste.» E o autor d'essa brochura accrescenta: «Estipular-se-hia que esses territorios seriam evacuados pela população.» Submettida a Europa á hegemonia allemã, os allemães tratariam de estender a sua dominação ao resto da terra. Assim o aventava a revista *Die Zukunft (O Futuro)* de 7 de

setembro de 1901 e accrescentava: «A raça branca, sob a dominação dos Germanos, deve chegar á dominação real e definitiva do mundo. Nem a historia se entende de outro modo.» Este sonho desconforme de dominação passava com effeito os mares e já se estendia ás terras da America até aqui poupadas pelas vistas ambiciosas da Europa. Em 1892 a revista *Neue Kurs,* num artigo intitulado *O germanismo no estrangeiro, instrumento da politica do Imperio,* mostrava os allemães fundando no Brazil um estado no estado, reclamava o auxilio do imperio para levar a cabo esta obra, relativamente facil «porquanto, escrevia o autor do artigo, as instituições do Brazil são tão instaveis que um ligeiro impulso bastaria para fundar nessas terras uma provincia ultramarina, um Reichsland sob o protectorado allemão.» (*)

11 DE NOVEMBRO

Recebido este telegramma de Freire d'Andrade: «Com respeito a remessa de artilharia ficou assente em conselho de ministros que partiriam proximo domingo quarenta e oito peças de setenta e cinco e duas baterias a cavallo, organisando-se seguidamente a divisão que *deveria* marchar, logo que *estivesse* devidamente preparada.» Que *deveria*... logo que *estivesse!*... Entretanto e sem previa declaração de guerra,

(*) *L'Allemagne qu'on nous cache* — Jeanne & Frederic Regamey, Paris.

Portugal fornece material de guerra a uma das nações belligerantes. E' isto coisa digna de povo digno? Entretanto Affonso Costa affirma em reuniões politicas que é absolutamente preciso manter o governo. Não ha duvida! E' um governo que nos honra.

12 DE NOVEMBRO

Jantar em casa de Giovetti. Os communicados officiais dizem que a situação se mantem favoravel. De resto os communicados parecem-se tanto uns com os outros, que não é facil deprehender da sua redacção coisa que se entenda. Ha cerca de quatro mezes que ouvimos falar no centro, na ala direita e na esquerda, como se fôssem não expressões concretas correspondendo ás posições de um exercito que se bate, mas formulas abstractas de theoria militar. Quasi todos os dias, lemos que os alliados *progressent*. Uma vez ou outra *ils se replient*. Quando os combates não são furiosos como no Yser, o communicado diz: *Rien de nouveau à signaler*. A batalha do Marne não nos foi contada em termos mais expressivos. Na realidade só se soube o que foi passados dias pelos jornaes inglezes. Os jornaes publicam a descripção do famoso canhão de quatrocentos e vinte, apanhado aos allemães. E' um monstro. E' o Mamouth. E' conduzido por uma locomotiva e só transita em rails, o que constitue a sua fraqueza, porquanto, diz-se agora, cortadas as pontes e os viaductos, como lhe é impossivel pelo seu enorme peso passar sobre pontes provisorias, fica encalhado. Ahi têm os francezes uma preciosa acquisição. Assim a aproveitem.

13 DE NOVEMBRO

Correm noticias pessimistas. Os allemães reoccuparam Dixmude e repassaram o Yser, mas accrescenta-se á bocca pequena que teriam forçado o centro do exercito francez e estariam ameaçando novamente Paris. Chegam jornaes de Portugal, que vêm muito irregularmente. Continuam a ser presos e a ser soltos os conspiradores da ultima conspiração e continuam emquanto presos a receber as suas familias e pessoas das suas relações. Os jornaes dão noticia das horas em que estes senhores recebem. O José d'Azevedo manifestou-se, como sempre que é preso, por meio de uma carta ao *Primeiro de Janeiro* e ao seu querido amigo Joaquim Pacheco, o qual por sua vez o condecora com o titulo de «illustre e presado amigo». Moreira d'Almeida pae e filho foram presos, mas o filho já foi solto e o pae está para o ser. Entretanto, os jornaes monarchicos empastellados annunciam galhardamente a sua reapparição. Um pagode!

14 DE NOVEMBRO

Não se confirmam as noticias pessimistas. No norte começa a cahir neve. Em Bordeus, chuva e humidade. Um dos jornalistas que neste momento percorrem o norte da França faz uma descripção do estado de ruina em que se encontram Nieuport, Dixmude, Roulers, Ypres, Armentières, Arras e pergunta: «Lille escapará? Escaparão Bruges, Gand, Bruxellas? «Batemo-nos, diz-lhe um official, para que semelhante coisa não torne a dar-se durante a vida dos nossos filhos. Batemo-nos

pela humanidade.» A Inglaterra dispõe-se a decretar o serviço militar obrigatorio.

16 DE NOVEMBRO

Apezar dos seus pertinazes esforços, apezar das suas hecatombes de homens, os allemães não conseguiram ainda romper as linhas que defendem a passagem do Yser e abrir caminho para Calais. Entretanto os russos começam invadindo a Prussia Oriental, avisinham-se de Thorn, de Breslau, e ameaçam Cracovia. Apezar d'esta situação o espirito publico em França começa a enervar-se com a chamada guerra de trincheiras e alguns velhos generaes reclamam uma offensiva que liberte o territorio francez da presença dos allemães. O Thomaz, que se habituou a mandar-me de Paris uns boletins, diz-me ser ali corrente que para levar a cabo esta obra seria necessario sacrificar duzentos mil francezes. Não creio que o estado maior francez se resigne a este holocausto. A inferioridade dos francezes junto dos allemães reside muito mais na divergencia do espirito dos dois povos, do que na desproporção dos recursos materiaes. Os allemães têm o espirito semi-barbaro e guerreiro, são um povo orgulhoso e brutal, portanto sem nenhum respeito pela vida dos seus quando d'ella dependa o seu poder ou o seu engrandecimento. Os francezes representam a civilisação na sua forma mais espiritual e amavel. E' o povo que ainda se lembra com saudade da guerra *en dentelles*. O seu tipo de bravura é Cyrano e o seu grande feito Rocroy. E' um povo de espadachins. O doutrinarismo dos seculos desoito e desenove, as idéas de igualdade

e fraternidade tornaram-no humanitarista. E' forçoso bater-se. Bate-se, mas cada soldado que a França perde é chorado como uma pessoa de familia. Como levar um povo com este entendimento, estas tradições, esta educação, esta moral a imolar duzentos mil dos seus filhos em troca d'uma vantagem militar, seja ella uma mais rapida libertação do territorio? Para o fazer methodicamente, em virtude de um plano estrategico concebido por um estado maior em campanha, é preciso ter o cerebro de um japonez, ou de um teutão, muito proximo ainda das suas origens barbaras e no qual é facil o regresso á barbarie. Continuam a correr os boatos mais estravagantes sobre a espionagem allemã em França. Em Bordeus diz-se que os communicados officiaes francezes são conhecidos no mesmo dia pelo estado maior allemão, graças, segundo os mesmos boatos, a um posto de telegrafia sem fios dissimulado nesta cidade. Em Paris affirma-se que um empregado superior da Companhia do Norte informava os allemães todas as vezes que o general Joffre pedia reforços. A respeito de espiões o que ha de exacto é ter sido condemnado á morte pelo conselho de guerra de Chalons-sur-Marne um pastor da aldeia de Puisieulx, a dez kilometros de Reims, que, de combinação com os allemães, fazia mudar de logar o seu rebanho de cabras sempre que as baterias francezes se deslocavam. Fez-se um inquerito, e como no rebanho houvesse quatro cabras brancas verificou-se que tinham sido dadas ao pastor francez pelos allemães, quando estes passaram pela communa. Semelhante estratagema de guerra não occorreria ao entendimento de homens civilisados. O pastor confessou.

17 DE NOVEMBRO

Cracovia começou a ser bombardeada. Se o avanço russo proseguir, embora á custa de inauditos sacrificios humanos (e neste ponto de vista os allemães encontram nos russos adversarios de uma força igual), virá talvez o dia em que a primeira palavra decisiva d'esta estupenda guerra seja dita pela Russia. De resto basta olhar para uma carta da Europa, para comprehender até que ponto esta previsão pode ser exacta. Os russos têm tres rios a transpôr — o Vistula, o Oder e o Elbe, regiões difficeis, defezas perfeitas, mas estão a tresentos kilometros de Berlim. Para os francezes Berlim está no fim do mundo. Chegarão elles ali algum dia? Continuo a não o crer e continuo a crer que esta guerra acabará de um modo imprevisto. O anniquilamento do imperio germanico é um facto de taes proporções que custa a crer que elle se consuma em toda a sua extensão.

O governo de Lisboa continua sendo muito combatido pelo *Seculo* e pelos elementos democraticos do *Mundo*; mas Brito Camacho, Antonio José d'Almeida, e por uma singular contradicção Affonso Costa, entendem que elle deve conservar-se. Affonso Costa é por certo bastante sagaz para comprehender que um governo nacional é impossivel, porque não ha patriotismo que faça calar os odios que separam estes homens funestos, e um governo exclusivamente seu mais os irritaria. Procura para si uma situação de commodidade. Dos outros dois, Brito Camacho, creatura sombria e tão impotente como rancorosa, não tem no

meio da crise actual, no meio da guerra, no meio de todas as calamidades, internas e externas, outra preoccupação que não seja a da sua precaria situação politica. O que elle vê para depois da guerra são as eleições e o que vê entretanto é a machina eleitoral a montar, os *seus* governadores civis, os *seus* administradores de concelho, que vae arrancando e ainda espera arrancar do Bernardino Machado a troco da sua solidariedade. Com o Affonso Costa é a perspectiva de uma nova derrota eleitoral, o fim do seu partido sem representação no Parlamento, o fim d'elle mesmo, Brito Camacho, incapaz de tudo, mesmo de dar vida ao seu jornal que todos os dias agonisa. Miserrima situação! O Antonio José d'Almeida faz alarde de desinteressado patriotismo, diz ser preciso que todas as luctas cessem, pede juizo, reclama contra um estado de coisas que elle proprio ajudou a crear; mas pelas mesmas razões que inspiram o Brito Camacho, entende que o governo se deve conservar. Assim a situação politica portugueza, no quarto anno da Republica, é a mais difficil que possa imaginar-se. Encontra-se no poder um governo sem tradições republicanas, que todos consideram máo, que muitos combatem, mas que não ha maneira de substituir. Os partidos são ficções peores que as do tempo da monarchia, porque estas fundavam-se nalguma coisa, no favor do rei, na corrupção eleitoral, e aquellas em nada. A propria maioria parlamentar de Affonso Costa sahe das Constituintes, eleitas como o são sempre as assembleias revolucionarias. Ignora-se se os partidos da Republica têm algum fundamento na vontade publica. Não são já ficções. São aggregados fortuitos de

individuos que se dizem constituidos em partidos e como taes se investiram de uma falsa autoridade que lhes é reconhecida pelo Chefe do Estado, o que lhes permitte fazer e desfazer governos e darem a impressão de que dirigem o paiz, quando na realidade são fautores permanentes de anarchia.

18 DE NOVEMBRO

O Brito Camacho, que desde agosto vem mastigando em secco a idéa da participação de Portugal na guerra actual, assumiu uma attitude de quasi hostilidade contra esse emprehendimento. Opina que o Parlamento não deve reunir já, mas em dois de dezembro, e quanto ao concurso militar de Portugal diz que elle se dará, — *se a Inglaterra o reclamar*. Emfim, um novo horror. Entretanto, no Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França põem mil embaraços aos pedidos de autorisação do Governo Portuguez para a sahida de material para o nosso exercito, e que significa isto senão que a França não tem confiança na promettida solidariedade de Portugal? As noticias da guerra não assignalam vantagens para os allemães. Continua a guerra de trincheiras e no norte continuam as investidas germanicas contra a linha dos alliados, que resiste. Uma d'ellas deu logar a uma carga de caçadores francezes a cavallo. Vem isto contado n'um jornal de Bordeus, por um dos actores d'essa façanha, official ou soldado, de uma maneira tão expressiva que não sei de pagina litteraria a mais bella que iguale essa descripção. Li-a esta noite no Café de Bordeus, onde jantei e prometti a mim proprio ligá-la a este diario:

«D'Albert...

Neuf heures du matin. Nous nous acheminons longeant la route de Becordel. Nous traversons un petit bois. Dans un fossé nous apercevons un homme étendu sur le ventre, dans une position si naturelle qu'il paraît endormi. On s'approche, c'est un uhlan tué la veille. On le retourne et nous constatons qu'il a reçu une balle dans la tête. Un peu de sang, déjà coagulé, sortait par le nez. Nous poursuivons notre chevauchée.

Tout le régiment est calme et on brûle de se mesurer avec les dragons de la garde impériale.

À quelques kilomètres de la Basselle, on s'arrête un instant. Le colonel et ses officiers semblent se consulter: «Laissez-nous faire un feu avant de charger, mon colonel...» dit le capitaine du 3.e escadron.

— Non, répond le colonel, l'ordre est formel!

Et mettant le sabre à la main, il s'écrie:

— Allons, mes enfants!

Le colonel se tourne vers nous, en nous embrassant du regard et, debout sur ses étriers, le sabre haut, avec un geste qui aurait peut être paru banal sur le champ de manœuvre, mais qui était sublime à ce moment, commande d'une voix éclatante:

— Escadrons, garde à vous, pour charger, sabre main... au trop... au galop, marche!

Les trompettes sonnent la charge et tous les officiers répètent les commandements.

L'entrain des hommes est admirable. Il y a de l'émotion dans tous les cœurs mais une émotion haute et généreuse.

Nous partons. Nos excéllents e légers petits chevaux bondissent de sillon en sillon. Le cheval aussi bien que le cavalier s'anime et se grise à la guerre.

Rapidement la distance disparait et, à travers le nuage de poussière qui nous enveloppe, nous apercevons la ligne ennemie.

C'est une grande masse paraissant immobile, qui vient à nous cependant, mais qui vient au pas, comme certaine de sa force, au devant de notre torrent.

Nous rassemblons et nous enlevons vivement nos chevaux. Tous, les étriers chaussés jusqu'au talon, l'éperon au flanc, le sabre et une poignée de crins dans la main gauche, la carabine dans la main droite, nous approchons! nous approchons! Un grand cri se fait entendre:

— Chargez! Chargez!

Qui le pousse ce cri? Tout le monde. Il sort à la fois de toutes les poitrines et des hourras frénétiques l'accompagnent. On entend le bruit sec de mille carabines déchargées en même temps. Les carabines sont alors remisées et les sabres sont pris solidement tenus dans la main droite, la pointe en avant. Et nous entrons en bolides dans la muraille vivante qui nous fait face.

Des cris térribles, incompréhensibles, se font entendre et alors commence la folie de la tuerie et les hurlements des blessés.

A mon tour, je fais brèche, je pénètre dans le tas, sabrant de tous côtés, emporté par le tourbillon au milieu de mes camarades, qui avec une belle vaillance couchent, comme la faulx le blé mûr, les dragons de

la garde qui tombent, laissant leurs montures sans cavaliers, bondissant de tous côtés et achevant de semer la panique parmi les cavaliers ennemis.

Comme une trombe, nous atteignons le point extrême de la ligne allemande, les dragons de la garde se sont repliés devant nous, ceux qui ont pu, les autres sont couchés, blessés ou morts, ou emportés inertes sur leurs chevaux sans direction.

«Un crépitement se fait entendre. C'est l'ennemi qui nous mitraille, c'est l'artillerie allemande qui entre en ligne. Aussitôt, rompant notre front d'attaque, nous nous mettons en ordre dispersé, et au même instant nous entendons la réplique de nos pièces, pendant que sur nos flancs s'avance l'infanterie, avec un si bel entrain, que l'artillerie allemande se voyant menacée, craignant d'être prise, se replie dans la direction de Guillemont.

Depuis ce jour, Albert n'a plus eu à souffrir du bombardement allemand, et quand nos soldats passent à la Basselle, ils disent encore pleins d'enthousiasme: «C'est là, que nous avons démoli les dragons de la garde impériale.»

19 DE NOVEMBRO

Hoje correu que Lille tinha sido tomada pelos francezes e que os russos tinham soffrido uma grave derrota. Os allemães bombardearam o porto de Libano. O Xavier de Carvalho escreve de Paris que ouviu chasquear no Café Napolitano do promettido e nunca dado concurso de Portugal.

21 DE NOVEMBRO

Frio intenso. Hontem o thermometro esteve a dois gráos. Pela rua de Sainte Catherine abaixo gelava-se. O communicado, nem bom nem mau. Os francezes não tomaram Lille, mas os allemães persistem em querer tomar Calais. Na Russia é que as coisas não têm corrido bem. Os allemães retomaram a offensiva e ameaçam outra vez a linha de Varsóvia. Disseram-me hoje a este respeito que em uma communicação ao Governo Francez, o general Joffre se queixa da mediocre acção do exercito russo, lembrando que os alliados em França têm a haver-se com cincoenta corpos de exercito emquanto que o exercito russo não tem a oppor-se-lhe senão quinze. Mas a noticia mais curiosa que hoje me deram foi esta: em Marselha, nos animatografos, dão-se vivas a Albert 1.er Roi de France. No fim de contas não seria muito extraordinario. Os francezes estão mortos por um rei. Em Portugal parece ter-se levantado um novo pé de vento de loucura. A reunião do Parlamento está marcada para depois d'ámanhã, segunda-feira 23, mas segundo leio no *Seculo,* Brito Camacho e os unionistas abstêm-se de comparecer, enviando não se sabe bem o quê — parece que um protesto — contra quê? Parece que contra a decisão de se tomar parte na guerra. Em volta do Governo estão assim os evolucionistas e os democraticos. O *Seculo* diz que nunca houve governo peor, mas accrescenta que é preciso conservá-lo. Hoje partiram de Lisboa cincoenta e sete peças de artilheria, com destino ao exercito francez. Cedidas? Dadas? Não o

sei. Entretanto ainda não consegui que o Governo francez autorisasse a entrega de tres projectores montados em automoveis que o nosso Ministerio da Guerra adquiriu numa casa de Paris e de que diz precisar urgentemente. O Ministerio aqui mostra-se muito interessado, mas a coisa não tem andamento, vae quasi um mez. O que significa isto? Não sei. Entretanto o Freire d'Andrade telegrafa-me hoje que a mobilisação já não é geral, mas parcial. A minha opinião é que o Governo de Lisboa continua a querer illudir a questão da expedição á Europa. O Bernardino Machado não diz uma unica palavra clara. Vamos a vêr se a diz na segunda-feira. Está escripto o artigo para o *Seculo* sobre os allemães. Se descobrem que é meu, cahem-me em cima todos os germanofilos de Portugal — pagos e não pagos pela Allemanha. No *Primeiro de Janeiro* o Alpoim declara-se em fallencia. Que estupendo caso e que sociedade que o comporta!

22 DE NOVEMBRO

O professor Reisse, da Universidade de Lausanne, que visitou os campos de batalha servios, conta os horrores que viu na *Gazeta de Lausanne*. Se semilhante depoimento é exacto, e não ha razão para o pôr em duvida, o que pensar da humanidade d'hoje? Palavras sublimes, actos abominaveis, mas que actos! Lendo estas narrativas crueis não se acredita que os povos no estado selvagem sejam mais selvagens que os europeus. Aqui está o que conta o professor de

Lausanne, entre outros horrores, como fusilamentos de creanças de dois e tres annos e de velhos de oitenta:

«Le feu a aussi servi à torturer les victimes de la *strafexpedition* autrichienne. A Preniavor il y a eu un engagement entre un peloton de cavalerie serbe et des troupes autrichiennes. Un cavalier serbe est grièvement blessé et un habitant du village le recueille charitablement et le couche dans son lit. Cependant les Serbes se retirent et les Autrichiens entrent dans le village. Le bourgeois de Preniavor s'enfuit, pensant que l'ennemi se chargerait des soins à donner aux blessés. Après le départ de la troupe autrichienne, il trouve sous le lit le parquet brûlé par le feu et le corps du blessé entièrement rôti. Les Autrichiens avaient allumé le feu sous le lit pour le brûler! J'ai constaté personnellement que le plancher sous le lit était brûlé sur une surface de deux mètres.

On avait amené à Lechnitza un groupe d'otages agés de huit à quatre-vingt-deux ans. Il y en avait cent neuf. Tout près de la gare de l'endroit les soldats creusent une fosse de vingt mètres de long, trois mètres de large et de deux mètres de profondeur. Ils placent devant cette tombe le groupe de cent neuf personnes, les lient ensemble avec des cordes (aux coudes) et entourent le tout avec un fil de fer. Puis un peloton d'infanterie prend position sur le talus du chemin de fer et décharge une salve sur les paysans. Tout le groupe dégringole dans la fosse et les soldats la remplissent de terre sans avoir vérifié si tous les fusillés étaient morts. Il est certain que bon nombre de victi

mes n'ont pas été atteints mortellement, que même quelques-unes n'ont pas été atteintes du tout, mais qu'elles ont été entraînées dans la fosse par les autres. Je ne crois pas me tromper en estimant qu'ainsi au moins cinquante pour cents de ces pauvres gens furent enterrés vivants.

Pendant cette opération on avait amené un autre groupe de quarante otages. Ceux-ci ont dû assister au massacre de leurs concitoyens et on les a forcés de crier, pendant qu'on tuait les autres: «Vive l'Autriche-Hongrie! Vive l'empereur François-Joseph!» J'ai fait ouvrir cette tombe...»

23 DE NOVEMBRO

Chega de Berlim o novo segundo secretario Lopes Tavares. Interrogo-o avidamente. Se teve difficuldades na viagem. Nenhumas. Passou por Stuttgart, entrou por Berne. O passaporte da Legação abriu-lhe o caminho. E em Berlim? Sabe o Sidonio Paes o que se passa? Mal. Telegrammas do Ministerio raros. Em principios de agosto recebeu-se um no qual Freire d'Andrade indicava que Portugal se manteria muito provavelmente estranho á guerra; mas em meiados de setembro veio outro informando que talvez fôsse levado a entrar nella. Em agosto, Sidonio levou á chancellaria imperial a communicação das declarações de Bernardino Machado no Parlamento. O ministro foi bem recebido e no Ministerio disseram-lhe que perfeitamente comprehendiam a attitude de Portugal. Foi esta, segundo me disse Freire d'Andrade em Lis-

boa, a resposta que o Barão de Rosen deu á sua communicação verbal. Mais tarde porém, os jornaes allemães começaram a referir-se a Portugal em termos hostis e Sidonio Paes, sempre sem noticias do paiz, entrou em grande inquietação. De Portugal só lhe ia a *Lucta*, cuja attitude contraditoria elle procurava interpretar. Estava magro, definhado. Já não se atrevia a ir ao Ministerio. Entretanto todas as disposições tinham sido tomadas para uma possivel retirada. O archivo estava empacotado. Lopes Tavares diz que por falta de communicações, a chancellaria imperial ignorava o que se estava passando em Portugal. Não o creio. Comtudo accrescenta que um secretario da Legação allemã em Lisboa fôra chamado a Berlim para informar. Perguntei-lhe se receiava pelo nosso ministro. Não se mostrou tranquillisado e contou-me o caso do encarregado dos negocios do Japão que, indo á chancellaria buscar a contestação á nota comminatoria do seu governo, recebeu como resposta que fôsse buscá-la ao water-closet. Os allemães são assim. De Berlim diz que tudo se passa como se não houvesse guerra, mas accrescenta que não reina o optimismo dos primeiros dias. Traz-me recados do Sidonio e o pedido instante de um telegramma meu dizendo-lhe o que se passa, em cifra que combinaram e transmittido pela Legação de Berne. Pobre Sidonio Paes! Mais feliz é o Alves da Veiga que não sei por que meios acaba de chegar ao Havre. O Ministerio dos Estrangeiros responde emfim ao meu pedido de autorisação para que tres projectores montados em automoveis sejam exportados para Portugal e aqui está

como responde: *Nenhuma encommenda de projectores foi feita por Portugal.* Pergunto a Freire d'Andrade o que é isto. Freire d'Andrade responde-me que o vae perguntar ao Ministerio da Guerra. Um pavor! Até á noite não chegou communicação de Lisboa sobre o que se passou na sessão extraordinaria de hoje do Parlamento.

24 DE NOVEMBRO

Nada de noticias de Lisboa sobre a reunião do Parlamento. O ministro não tem pressa em nos dizer o que se passou, mas B. telegrafa-me: — *Compliments,* o que quer dizer, segundo a sua cifra: — *Beligerancia declarada.* Telegrafo no entanto ao ministro e pergunto-lhe se com effeito reuniu o Parlamento. Extraordinarios ministros! Noticias da Polonia Russa dizem que depois da sua segunda avançada sobre Varsovia, os allemães são de novo repellidos. A imprensa franceza diz esperar que os Balkans intervenham a favor dos alliados.

25 DE NOVEMBRO

Mau tempo. Grippe. Casa. Grogs. Diz-se que os allemães se propõem dar nova investida sobre Paris. Em Paris mesmo, segundo o Thomaz, já correu que elles estavam outra vez em Compiègne. Os jornaes reclamam contra os individuos que espalham estas noticias. Chamam-lhe malfeitores. Finalmente os jornaes de Bordeus da tarde trazem-nos noticias do que se passou em Lisboa. Foi pouco e foi ainda vago. O Governo foi autorisado pelo Parlamento a fazer intervir Portugal

militarmente no conflicto actual, «*quando o julgar necessario*». Esta noticia foi acolhida sem enthusiasmo. A proposito, ha mesmo um jornal, *La France de Bordeaux,* que fala em equivoco, e diz esperar que a reunião do Parlamento o faça cessar. E' esta a terceira vez que a imprensa franceza annuncia o concurso de Portugal. Ou elle se torna brevemente um facto ou isto cahe num ridiculo intoleravel. Noticias do Ministerio sobre este assumpto, nenhumas. Hoje em Bordeus dois hespanhoes esfaquearam dois refugiados belgas aos gritos de abaixo a França! abaixo a Belgica!

26 DE NOVEMBRO

Chegou o *Seculo* de 24, com o relato do que se passou nas Camaras. Não houve desaccordo, mas um accordo frio. Ninguem diria que nessa occasião o paiz declarava a guerra. As bandeiras portugueza e ingleza appareceram entrelaçadas nas galerias, que deram vivas, mas o *compte-rendu* do *Seculo* dá a impressão de que o Parlamento estava repetindo com menos enthusiasmo a sessão de 7 de agosto. A proposta de lei diz assim: «E' o poder executivo autorisado a intervir militarmente na actual lucta armada internacional, quando e como julgue necessario aos nossos altos interesses e deveres de nação livre e alliada da Inglaterra, tomando para esse fim as providencias extraordinarias que as circumstancias do momento reclamem.» A ambiguidade permanece. Dir-se-hia que esta proposta de lei foi redigida de modo a tornar aleatoria a intervenção de Portugal na guerra. Sobre o modo de intervir, o

Governo fica com as mãos inteiramente livres. A proposta é precedida de uma declaração em que encontro estas palavras: «Durante annos successivos, lidando com ardor pela conquista das liberdades civicas, fizemos amoravelmente a campanha generosa da attracção de todos os portuguezes em volta da bandeira sagrada do resurgimento nacional.» Arrepiam-se-me os cabellos

27 DE NOVEMBRO

Afim de provocar uma affirmação mais precisa do que a que foi feita no Parlamento sobre as intenções do Governo, perguntei a Freire d'Andrade quaes eram ellas e se me autorisava a communicá-las ao ministro dos Negocios Estrangeiros de França. Freire d'Andrade telegrafou-me hoje d'este modo: «Segundo a intenção do Governo a divisão partirá quando estiver preparada para seguir para França, d'accordo com o Governo inglez. Pode V. Ex.ª, se o julgar conveniente, communicar isto, assim como a resolução do Parlamento e o decreto de mobilisação, ao Governo Francez.» Respondi: «Não me enviando V. Ex.ª instrucções expressas para transmittir esta communicação ao ministro dos Negocios Estrangeiros de França e concedendo-me a honra de submetter ao meu julgamento a opportunidade de o fazer, aguardarei para esse effeito que a situação internacional do paiz se esclareça pelo rompimento das relações do Governo Portuguez com a chancellaria imperial allemã, quando elle vier a dar-se.» Arre! Lord Kitchener annunciou na Camara das Communas que a derrota soffrida pelos allemães na Polonia

Russa é a maior que ainda tem sido inflingida ao exercito allemão em campanha. Falando a este respeito com o meu novo secretario, disse-me este que em Berlim os espiritos estão tão mudados, que já se considera como possivel a entrada dos russos na capital da Allemanha. Se a guerra tomar este aspecto, continuo na convicção em que sempre estive de que os allemães falarão de paz. Os arrogantes derrotados reagem mal. Os allemães falarão talvez de paz, mas por que preço lha concederão os Alliados, ou mais precisamente a Inglaterra? E' possivel então que a Allemanha guerreira se arrepanhe, se levante de novo para as ultimas resistencias, mas será ella acompanhada? Não se encontrará subitamente privada do concurso nacional? A quatro mezes do principio da guerra, verifica-se que não ha enthusiasmo guerreiro, nem pelo lado de uns, nem pelo lado de outros. O que ha é horror, um horror que dir-se-hia ser um sentimento novo na humanidade. E' ver partir os soldados. O seu aspecto está longe de ser marcial. Os seus semblantes exprimem a convicção do sacrificio necessario mas doloroso que vam fazer. E quem os vê passar, acclama-os, como noutros tempos — nos tempos em que os homens tinham outra moral — se acclamavam os soldados que iam para a guerra? Olha-se para elles compungidamente. Eu não ouço dizer senão: — *Pauvres petits soldats!* os soldados feridos que voltam das trincheiras da frente trazem pavores nos olhos. O meu barbeiro de Paris é alsaciano. Está de volta com uma perna inutilisada. O irmão talvez perca um braço. Escreve-me elle: «Ah! Monsieur le Ministre! La guerre est une

chose horrible!» Por entre tudo isto, presinto que vae romper um mundo novo. Esta guerra é talvez a idade d'oiro que se annuncia num clarão de sangue.

28 DE NOVEMBRO

Os jornaes de Paris fazem referencias a intrigas allemãs para espalhar a discordia entre francezes e inglezes. O *Times* referia-se á errada presumpção de que na fronteira do norte eram os inglezes que supportavam o maior choque e que os francezes se limitavam a vê-los baterem-se. Esta presumpção seria a de alguns inglezes e parece ter tomado corpo, porquanto o *Temps* d'hontem referia-se ao mesmo assumpto. Qual dos dois alliados supporta o maior choque não sei. O certo é que os francezes calam os seus exitos, se os têm tido. A resistencia nas margens do Yser, que tem sido um dos maiores desastres do exercito allemão, é attribuida aos belgas e aos inglezes. Dir-se-hia ao ler os jornaes que os francezes se limitam a manter-se nos seus entrincheiramentos, aonde vam visitá-los os jornalistas de Paris e d'onde voltam com cabazadas de anecdotas heroicas, mas simples anecdotas. Para mais, tres aviadores foram ha dias bombardear o deposito de zeppelins de Friedrichshafen, façanha que os jornaes celebram e que o Governo Francez premiou com a Legião d'Honra, e os tres aviadores são inglezes. A tradição da aviação que a França reivindica com orgulho para si mandava que estes tres homens fôssem francezes. Não sei se o amor proprio dos francezes soffre com estes factos. O certo é que a imprensa começa a

publicar a narrativa do que se passou em França, na primeira fase da guerra. Assim hontem veio a publico a historia da defeza de Paris, sob a marcha fulminante do exercito allemão. Parece que o general Manoury teve um grande papel na batalha do Ourcq, mas o publico não ficou comprehendendo melhor o que se passou. Hoje, em casa de Madame Giovetti um tenente de caçadores a cavallo disse — que o que se passou foi providencial. Ignora-se portanto ainda quaes foram as causas reaes que fizeram retroceder o exercito allemão. A retirada dos francezes, essa, ia assumindo as proporções de um desastre. Os soldados, fatigados, ficavam pelo caminho e eram feitos prisioneiros pelos allemães. Felizmente, ouvi dizer ao official de caçadores: — *Les troupes ont gardé les formations,* de sorte que foi possivel reuni-las. Chegam curiosas noticias de Copenhague. Um correspondente do *Daily Mail* nessa capital attribue estas declarações a um deputado do Reichstag:

«Non! ce n'est pas être patriote que de refuser de regarder la vérité en face, et la vérité est que nos chances de victoire sont très faibles.

Il n'en est pas moins vrai que si la guerre continue quelques années et que nous perdions, l'Allemagne sera complètement ruinée pour un demi-siècle au moins. Cela est absolument certain. Nous n'aurons pas seulement à payer les milliards que la guerre nous aura coûtés directement ou indirectement, mas il nous faudra encore donner des compensations aux alliés, et en particulier à la Belgique, pour toutes leurs pertes.

Je ne m'imagine pas que l'ennemi puisse tirer beaucoup de nous, pour la simple raison que si nous sommes battus après une guerre de deux ou trois ans, nous ne serons pas en situation de payer des indemnités.

Après une pareille guerre, l'Empire allemand fera banqueroute et l'Allemagne ne sera même pas en état de payer sa propre dette. La ruine sera si profonde qu'il faudra, j'en suis certain, un siècle pour que les blessures se cicatrisent. Aussi, mon opinion est que, malgré les chances que nous pouvons avoir, nous devons essayer de faire une paix acceptable aussitôt que possible et avant que notre situation ne soit telle que nous ne puissions plus avoir la moindre influence sur ses conditions.

Bien que nombre de citoyens allemands clair-voyants soient de mon opinion, ce n'est pas, j'ai le regret de le dire, celle du parti au pouvoir. Le kaiser a dit que si l'Allemagne était vaincue et si elle ne pouvait pas continuer à être un état militaire comme jusqu'à présent, lui et ses fils chercheraient la mort sur le champ de bataille.

Personnellement, je ne considérerais pas comme un malheur pour l'Allemagne un désarmement limité, si d'autres états désarmaient également. A mon avis, il ne serait pas impossible d'obtenir une paix acceptable pour l'Allemagne, si nous étions disposés à désarmer au point de ne plus constituer un danger pour les autres états.

Naturellement, j'aurais souhaité que nous puissions être vainqueurs et dicter les conditions de paix, mais

à l'heure actuelle, nos risques me paraissent si grands que je préférerais une paix de ce genre.

Il ne s'écoulera pas beaucoup de temps avant que ce que je dis maintenant d'une façon privée, soit dit tout haut et publiquement en Allemagne. Pour le moment, l'armée tient encore le pouvoir; elle le gardera peut-être encore quelques mois; mais si alors la situation est la même qu'aujourd'hui ou peut-être pire, le parti militaire n'osera pas considérer comme une trahison de parler de paix.

Mais plus la guerre durera, plus nous devrons payer cher la paix.»

Não sei se este deputado existe, mas diz coisas que muito bem podem succeder. Creio ter escrito neste diario que quanto maior fôr o esforço allemão, peor será o fim da Allemanha. Os austriacos, segundo um correspondente do *Times* em Copenhague, não pensariam de modo muito diverso. Aqui está o que diz um viajante chegado de Vienna:

«La situation à Vienne est très mauvaise. Le nombre des sans-travail augmente d'une façon colossale. Tout le monde demande la paix et cela le plus rapidement possible.

Cent cinquante à deux cent mille réfugiés de Bukovine, de Galicie et en particulier de Cracovie répandent la panique dans tout le nord de l'Autriche. Les Autrichiens disent qu'ils n'ont jamais voulu dominer le monde et qu'ils n'ont que le désir de vivre en paix, et de garder ce qui est à eux.

L'ultimatum à la Serbie a été rédigé en Allemagne et l'Autriche n'a adopté le plan allemand que sur l'assurance, donnée par le chancelier impérial allemand, que les demandes de l'Autriche lui seraient accordées sans guerre.

L'Autriche ne voulait que faire cesser l'agitation serbe dans les districts autrichiens. Maintenant elle désire la paix et, s'il lui faut céder la Galicie, qu'elle voit déjà bien perdue, au nouveau royaume de Pologne et plusieurs districts à la Serbie, elle le ferait, à la condition que l'Europe garantît l'intégrité du reste de l'Empire.

Des Autrichiens haut placés déclarent que si l'Autriche n'obtient pas la paix bientôt, ce sera la dissolution de l'Empire et la chute de la monarchie: la Transylvanie ira à la Roumanie; la Hongrie formera un royaume à part. L'autriche du sud sera divisée entre la Serbie et les nouveaux Etats slaves; l'Italie prendra Trieste et le Trentin; et les provinces allemandes, y compris la Bohême, entreront dans la confédération germanique. Car l'Empire allemand a l'intention de demander ces provinces autrichiennes en compensation de celles qu'il devra abandonner en Prusse orientale: la Posnanie et une partie de la Silésie et de l'Alsace-Lorraine.

On ne se fait aucune illusion en Autriche. Le traité d'alliance avec l'Allemagne n'empêcherait aucunement cette dernière de prendre sa part des dépouilles, puisque le chancelier impérial considère les traités comme des chiffons de papier.

Le parti polonais à Vienne, qui a une grande in-

fluence dans le gouvernement, demande que Cracovie soit évacuée avant d'être bombardée, de façon à épargner la ville.

L'état-major général autrichien n'est pas opposé, dit-on, à ce que cette décision soit prise; il craint que la forteresse ne puisse être défendue plus de deux ou trois semaines; après quoi; 100.000 soldats autrichiens dep lus seraient faits prisonniers. L'état-major autrichien fait ressortir qu'à l'heure actuelle Cracovie n'a pour l'Autriche aucune importance stratégique; mais l'état-major allemand s'oppose vigoureusement à l'evacuation, parce que la défense de la forteresse est de la plus grande importance pour les opérations allemandes. Toutefois, il n'est pas improbable que le parti polonais dans le gouvernement réussisse à faire triompher son point de vue, aussitôt que l'armée autrichienne sera à l'abri, derrière les Carpathes.»

Nestas informações diz-se pela primeira vez, creio eu, que o ultimatum á Servia foi forjado na Allemanha. Sempre o acreditei e creio tambem tê-lo dito neste diario. De resto, eis aqui como me exprimi a este respeito em successivos officios ao Ministerio. Em 28 de julho: «A posição da Allemanha neste conflicto continua sendo enigmatica. Com effeito o governo d'esse paiz, apezar das intenções conciliadoras manifestadas pelos seus agentes diplomaticos junto dos governos de Inglaterra, França e Russia, não praticou acto algum decisivo e significativo da sua vontade de evitar o conflicto e esse acto não seria outro senão uma intervenção immediata e energica junto do governo de Vienna, in-

tervenção que não se produziu. Esta circumstancia e ainda as *démarches* dos embaixadores allemães junto dos governos francez, inglez e russo, concordantes com a remessa do ultimatum austriaco á Servia, deixam pairar uma suspeita sobre o papel que o governo allemão vem desempenhando nesta conjunctura, sendo muitos espiritos levados a crer que o mesmo governo não pode logicamente ter sido surprehendido pelos acontecimentos e, neste caso, que até certo ponto os teria preparado.» Em 30 de julho: «A attitude da Allemanha continua a ser aquella que assignalei a V. Ex.ª, no meu anterior officio, isto é, ambigua.» Em 3 de agosto: «A attitude do Governo Imperial no meio das sollicitações das potencias mediadoras não deixa logar a duvidas sobre as suas intenções. A Allemanha quiz a guerra que vae ensanguentar a Europa.» Em 5 de agosto: «As razões invocadas pelo governo allemão para declarar a guerra á França, no documento lido no Ministerio dos Negocios Estrangeiros pelo barão de Schoen, confirmam o seu proposito de a provocar a todo o transe, e, debaixo d'este ponto de vista, creio ser um documento unico na historia diplomatica das nações.» Resta esperar que a historia se faça e que a abominavel machinação allemã venha á luz.

30 DE NOVEMBRO

Um redactor do *Temps* esteve hoje a esclarecer-me sobre o que foi a batalha do Marne. Não a fiquei comprehendendo melhor, e elle então disse-me: — *Ce fut un miracle.* O redactor do *Temps* é um pessimista.

Não duvida do resultado final da lucta, mas tem em grande conta o poder dos allemães e diz que a guerra acabará quando todos os adversarios estiverem gastos, fazendo-se uma paz que não modifique sensivelmente a situação. Não acredita no esmagamento da Allemanha e está persuadido de que emquanto houver povos fortes que queiram expandir-se haverá guerras. Perguntei-lhe por que razão não tentam os francezes uma forte offensiva, embora tendo para esse fim de fazer sacrificios. Respondeu-me que os francezes não têm a mentalidade dos allemães. Com isso concordei. Está absolutamente certo de que será impossivel aos allemães uma nova investida sobre Paris. Os francezes estão fortemente entrincheirados e os allemães nos seus entrincheiramentos não fazem movimento algum de que elles não sejam immediatamente advertidos pelos aeroplanos. Porque não regressa então o governo a Paris? Razões politicas. O governo receia que a sua presença em Paris provoque attaques dos aeroplanos e zeppelins, o que inquietaria os parisienses, que é preciso conservar calmos. Vinha para me entrrevistar. Furtei-me a falar de Portugal e falamos da França. Que lhe poderia dizer de Portugal? Não voltei a receber noticias de Lisbôa. Está succedendo o que sempre succedeu quando os ministerios estão em crise ou cahem. Durante dias, os diplomatas portuguezes andam ás aranhas. Hoje, porém, chegaram alguns jornaes e nelles vejo assinalado este facto inconcebivel: como alguns d'elles dessem curso ao boato de que o ministro da Allemanha ia abandonar Portugal, a Legação enviou a todos uma nota *desmentindo-o*. Não sei o que nos

espera mais. O Alves da Veiga foi chamado a Lisboa. mas o *Mundo,* carrancudo, já pergunta: — «O que vem fazer a Lisboa o sr. Alves da Veiga?» Telegrafei para o Havre. Veiga não me respondeu. Pobre Veiga! Se já partiu para Portugal, foi buscar a maior decepção da sua vida.

1 DE DEZEMBRO

A imprensa de Paris dirige novos appellos aos neutros. O antigo ministro e senador Steeg escreve:

«Nous ne sollicitons assurément le concours de personne. Unis à nos fidèles alliés, nous mènerons à bout la rude tâche assumée. Mais si les autres veulent voir cesser plus tôt le mal dont ils souffrent au même titre que nous; si les autres qui, comme nous, sont les ennemis de la guerre veulent juguler le fléau pour s'assurer définitivement contre lui, qu'ils sortent de l'expectative et se mettent vite en bataille pour mener avec nous le bon combat.»

Pichon, o antigo ministro dos Negocios Estrangeiros, hoje collaborador do *Petit Journal*, é de opinião que se approxima o momento dos actos decisivos e que os alliados devem empregar o seu maximo de força. Elles ainda não deram tudo. E o sr. Pichon appella para o Japão:

«Le Japon a sa place marquée parmi les pays qui luttent pour leur liberté et pour celle de tous les peuples opprimés. Il a brillamment servi leur cause. Il re-

présente une puissance militaire de premier ordre. Il vient de donner en Chine une nouvelle preuve de la supériorité de ses armes. Il est officiellement l'allié de l'Angleterre; il a des conventions avec la France et la Russie; il est en guerre avec l'Allemagne. Que cette situation se traduise par autre chose qu'une intervention sur les côtes chinoises. Qu'on discute et qu'on arrête avec lui les conditions de son concours dans les batailles européennes. Il y pèsera d'un poids considérable, mais il ne faut pas perdre de temps.»

Publicou-se o *Livro Amarello*. A machinação allemã apparece a toda a luz. A Allemanha evidentemente não desconhecia o ultimatum da Austria á Servia. Até que ponto collaborou nelle é o que saberemos mais tarde. Frustrou todas as tentativas de conciliação, embora dizendo ser seu proposito trabalhar para a paz. Uma mentira persistente e mal urdida desde que estalou o primeiro trovão até que a guerra premeditada, provocada, desejada, lhe veio pôr termo. O *Livro Amarello* vem até certo ponto rehabilitar a diplomacia, ou pelo menos a diplomacia franceza, tantas vezes accusada de não servir para nada. Os officios do embaixador de França em Berlim, Julio Cambon, revelam uma grande actividade e um grande zelo. Está sendo muito discutido na imprensa aquelle em que Julio Cambon communica ao Governo Francez uma conversação que o imperador da Allemanha tivera com o rei dos belgas, em presença do chefe do estado maior de Moltke, nos principios de novembro de 1913. O rei Alberto estava convencido como toda a gente de que Guilherme II era um

pacifista, ou pelo menos um pacificador. Encontrou-o d'essa vez completamente mudado, considerando a guerra com a França como inevitavel. Nessa conversação, o general de Moltke manifestou-se da mesma opinião. Julio Cambon aconselha o Governo Francez a *tenir la poudre sèche*. Hoje, estiveram na Legação dois commerciantes portuguezes que vieram a França ver se faziam negocio, aproveitando as circumstancias actuaes. Falaram do nosso paiz e da nossa politica. A orientação politica na questão da guerra trá-los desolados. Não a comprehendem, como de resto, dizem, ninguem em Portugal. Um d'elles, um certo Alvaro Mendes, que eu conheci por occasião da minha campanha eleitoral no Ribatejo, antigo republicano, queixa-se de que a Republica está repetindo os costumes politicos e os vicios da monarchia.

2 DE DEZEMBRO

Um redactor da *France de Bordeaux* veio hoje pedir-me uma entrevista, mas, como sempre succede com estes jornalistas, fui eu que o entrevistei.

Pedi-lhe informações sobre a côr politica dos jornaes de Bordeus, para o levar a falar de politica. Disse-me que uns são moderados, outros reaccionarios. O seu é republicano radical, está d'isso convencido, mesmo de tradições socialistas, mas é obrigado a fazer concessões ao seu publico de Bordeus e da Gironde, extremamente moderado, conservador, quando não reaccionario. Mostrei simulada surpreza de que tão grande fôsse o numero dos moderados, dos conservadores e

dos reaccionarios em França. Elle concordou que esse numero é muito grande e que a igreja é uma potencia neste paiz. Por fim sahiu-se com esta: — «De resto, os francezes não se apegam a formas de governo, e eu não affirmo que não acceitassem uma mudança de regimen se amanhã por exemplo lhe annunciassem... Albert Premier.» Parece que a idéa de um rei Alberto está fazendo carreira em França. Longa carta de Affonso Costa.

3 DE DEZEMBRO

Vieram annunciar-me que o governo conta regressar a Paris na proxima semana, com o corpo diplomatico.

4 DE DEZEMBRO

Os allemães voltam a tomar a offensiva na Russia. No Ministerio dos Estrangeiros não havia hoje conhecimento de um proximo regresso a Paris. No entanto, o conselheiro da Hollanda, a quem encontrei no Cours de l'Intendance, affirma que elle se fará na quinta feira da proxima semana. Os jornaes publicam uma carta do general de Castelnau invocando santa Joana d'Arc. *A Humanité* noticia que o Presidente da Republica se fez representar nas exequias de Pio X e que recebeu a notificação do advento do novo papa. Uma dama dizia-me hoje: — *Oh! la fin de cette guerre va nous faire voir bien de choses. Nous assistons au reveil de la conscience catholique de la France!*

O retrato do rei Alberto da Belgica e a fotografia da familia real belga estão em todas as vitrines. Isto

vae bonito. Parece que partiu uma terceira expedição para Angola. Um jornal de Bordeus dá esta noticia sob o titulo ironico — *A contribuição de Portugal.*

5 DE DEZEMBRO

Longa palestra com um capitão de cavallaria em casa de Madame Giovetti. Como continúa a affirmar-se que o governo regressa a Paris para a semana, desejei conhecer a sua opinião sobre esta resolução e se não a achava prematura, se não receava uma nova investida dos allemães sobre a capital. Formalmente tranquilisou-me. O exercito francez está entrincheirado de tal modo, que Paris está perfeitamente ao abrigo de um novo ataque. Descreveu-me o terreno, nas margens do Marne, o sistema de entrincheiramentos, as defezas de toda a ordem. Não! Os allemães não passarão. Oxalá. Entretanto, o ministerio ainda não avisou o corpo diplomatico da resolução que lhe attribuem. Chegou um jornal de Lisboa, dando conta do que se passou na primeira sessão da Camara. O Bernardino Machado pediu esta coisa enorme — um voto de sentimento pela morte das victimas do massacre de Cuangar, em Angola, o qual massacre foi obra dos allemães, que continuam a ter o seu ministro em Lisboa. A Camara approvou o voto de sentimento. E' perfeito. Finalmente, os jornaes de Paris annunciam que o governo allemão apresentou ao governo portuguez as suas desculpas pelo massacre do Cuangar. O governo portuguez já lhas acceitou? E' provavel. Provavel e admiravel. Sinto não estar em Lisboa para ver, só para ver de perto estes factos.

6 DE DEZEMBRO

Chega de Lisboa este telegramma: «Governo, apresentou demissão que Senhor Presidente acceitou». Uff!

7 DE DEZEMBRO

O governo está regressando a Paris e levando para ali todos os serviços. O *Jornal Official* já não se imprime em Bordeus. Os jornaes dizem que o sr. Delcassé volta para Paris na quarta feira, isto é depois d'ámanhã, mas até agora o corpo diplomatico não recebeu communicação official d'estes factos. No Ministério não se dão informações precisas. E' curioso!

8 DE DEZEMBRO

Intrigado, fui hoje procurar o ministro da Suissa, decano, para saber se o governo lhe fez alguma communicação sobre o regresso a Paris. Nenhuma communicação. E' curioso! O sr. Lardy não compreende e diz saber que alguns embaixadores estão furiosos. Parece que um dos mais indispostos com a situação é o embaixador de Inglaterra. No entanto partem, já estão partindo, bem como os ministros! Elle Lardy parte depois d'amanhã, pois nada fica em Bordeus, a não ser o ministerio da Guerra. Parece que o sr. Millerand não quer voltar a Paris, pelo menos por ora, e que o caso do regresso a Paris divide o governo. O Sr. Delcassé seria da opinião do Sr. Millerand, o que não o impede de partir amanhã, levando comsigo todos os serviços. O sr. Lardy diz não com-

prehender nada do que se está passando. Quanto a um regresso dos allemães sobre Paris está persuadido de que já não é possivel. Os allemães falharam o seu plano. O que o inquieta é a situação interna da França. A reacção clerical é immensa. Fiquei um pouco surpreendido de que elle desse por tal, mas parece que toda a gente dá por ella, tão evidente é. O governo, accrescentou, andou muito bem em tornar a guerra anonima. Sem isso, já certos nomes andariam na boca de toda a gente. Lembrei-lhe que apezar d'este cuidado do governo, se procurou crear em volta do nome do general de Castelnau uma certa aureola. A reacção clerical e monarchica dispõe de grandes meios. Quasi toda a grande imprensa está nas suas mãos e até os jornaes illustrados. A *Illustration* é um d'elles. O *Excelsior* pertence a uma congregação. O sr. Lardy receia que o fim da guerra traga um conflicto *entre la noire et la rouge*, isto é entre o mundo monarchico e clerical e os socialistas; e que, no meio d'estes, os republicanos sejam impotentes para dominar a situação. Este conflicto tambem me parece possivel. Falamos do rei Alberto e elle confirmou a minha observação de que ha quem lance as suas vistas sobre o soberano belga para rei de França; mas o sr. Lardy não crê que Alberto I caia nessa. — *Il a trop de bon sens pour embarquer dans cette galère?* O certo é que — singular fenomeno! — a guerra está marcando em França um movimento de recúo no dominio politico. Quem o pensaria? Escrevi a G. d'O: — «Minha mulher e as suas duas creadas estão fazendo meias de lã para os soldados portuguezes. Já lhe disse que o que falta em Portugal não

é lá, mas vergonha, mas ella continua a trabalhar, diz que para os belgas.» Da crise portugueza, como sempre, não ha noticias.

9 DE DEZEMBRO

O Governo francez abalou. Fui esta tarde ao Ministerio dos Estrangeiros. Fechado. Numa casa ao lado, um *huissier* que martelava num caixote disse-me que não estava ninguem. Fui d'ali á embaixada de Inglaterra, onde se trabalhava activamente na mudança para Paris. O conselheiro da embaixada, que me falou, concorda que esta maneira de partir *est un peu singulière*, mas a embaixada parte. Nenhum aviso no entanto lhes foi communicado. O ministro da Romenia, a quem encontrei no caminho, parte hoje. Esse informa-me que os empregados dos ministerios receberam instruções para não se despedirem de vez dos seus *appartements*. Curioso caso! Nós partimos depois d'amanhã visto que nada ha aqui que fazer. Outra vez Paris. Oxalá seja de vez. Na Polonia russa as coisas parece que se complicam. Os allemães teriam tomado Lodz. Em França algumas vantagens. As novas arremettidas dos allemães contra o Yser, infructuosas. Os francezes têm tomado algumas trincheiras. Sussurra-se, não sei com que fundamento, que no fim do anno não haverá allemães em França. Oxalá!

12 DE DEZEMBRO

Ah! Esta chegada a Paris, nesta manhã tão escura que apezar de serem oito horas ainda parecia noite! Tinham-nos dito que a cidade retomava o seu aspecto

habitual. Qual! Ao sahir da estação fomos, minha mulher e eu, tomar café ao Café de la Paix, que abria as portas. Emquanto lavava as mãos, informei-me junto da mulher que me estendia a toalha. E Paris, reanimado? Qual! Pouca gente! Pelo caminho até casa, Campos Eliseos acima, o deserto. Automoveis, fiacres, raros. O Splendid Hotel, o Carlton, o Astoria, o Magestic transformados em hospitaes. Em casa, o Thomaz dá-me largas informações. Em Paris corre que aquillo em Bordeus foi uma orgia pegada, jantaradas, sahidas ruidosas de restaurantes altas horas. Sussurra-se o nome de uma senhora altamente collocada e que teria ido a esses jantares. Suspeito que estes rumores são a obra dos que estão tramando contra a Republica, e não seriam estas as occultas razões que levaram o governo a transferir-se para Paris? A este respeito já ouvi mesmo outra versão. O governo teria accorrido, receoso de um golpe d'Estado á frente do qual estaria o general Gallieni, governador de Paris. Seja como fôr, o regresso do governo a Paris, nas condições em que se effectivou, permanece um misterio. Durante o dia não sahi, a installar-me de novo. Nesta casa, pergunta-se a cada passo se será de vez. O Thomaz torce o nariz. Está pessimista. As noticias de França não alteram a situação. Os allemães continuam agarrados ao territorio e afinal a curta distancia de Paris, pois permanecem perto de Soissons. Não avançaram, mas não recuaram. D'onde vêm noticias favoraveis é da Inglaterra e da Servia. Este pequeno paiz, com o seu pequeno exercito fatigado por duas guerras e muitas vezes sem munições, pois ha pouco ainda no-las pedia

a nós, poz em debandada o exercito austriaco, fez-lhe quatorze mil prisioneiros, tantos que já não sabe onde os metter, e apoderou-se de um enorme *butin* de guerra. A frota ingleza metteu a pique no Atlantico, perto das costas da Argentina, quatro navios de guerra allemães. E' meia noite, o telefone ao meu lado retine. O Negreiros communica-me que está constituido o ministerio — um ministerio affonsista, diz elle. Valha-nos Deus! O presidente do Conselho é o Azevedo Coutinho, um official da armada que eu conheci nos tempos da propaganda republicana e que ia muito por casa do Alfredo Leal. Era ultimamente presidente da Camara. Não creio ser a personalidade nova que esperamos. O A. Soares é feito ministro dos Negocios Estrangeiros. Era ultimamente procurador da Republica. E' um rapaz muito fino, bem educado e de boas maneiras. Foi naturalmente isso que o indigitou para a pasta dos Estrangeiros. O ponto fraco do ministerio é porem o Alexandre Braga, ministro do Interior. Numa sociedade anarchisada, a pasta do Interior reclama uma grande autoridade social. O Alexandre Braga é um irregular, cheio de vicios, velho jogador, velho *noceur*, de pessimas companhias. O que vae ser a ordem publica em Portugal, mantida sob a autoridade d'este homem, nem eu o sei!

13 DE DEZEMBRO

Domingo. Ceu nublado. Chuva. Almocei na Taverne Royale, com pouca gente, e á tarde dei uma volta pelos boulevards. Muita gente ao longo dos passeios, passando diante dos terraços dos cafés que foram restabe-

lecidos, mas gente d'aquella que não sahiu de Paris, — essa multidão lenta, molle, arrastada, de braço dado e levando creanças pela mão que é a multidão de Paris aos domingos. Aqui e ali soldados de todas as armas, pelo braço de mulheres, que parecem manifestar por elles uma ternura especial. A industria dos bilhetes postaes desenvolveu-se de um modo consideravel. Por toda a parte, nos tapumes das casas vedadas, ou em construção, ha installações de vendedores de postaes de actualidade. Os que chamam de preferencia a attenção do publico são os postaes satiricos em que o kaiser e os allemães são criticados. A figura do kaiser apparece sob todas as formas — de besta do Apocalipse, de touro, de serpente, de porco, sobretudo de porco, que para os francezes é o animal desprezivel. Essas obras não differem sensivelmente das obras grosseiras que apparecem no nosso paiz e não abonam o espirito francez. O postal tipico é o postal fotografico em que um soldado ferido, que é representado por um bello e jocundo rapaz, revira os olhos para uma dama da Croix Rouge, que o soccorre e que parece uma *cocotte*. Mas o que me attrae a attenção são as vitrines dos confeiteiros onde se exhibem caixas e cestos de bonbons de chocolate, nos quaes leio com surpreza este distico — *Pour nos soldats*. O quê! Os soldados d'hoje comem bonbons de chocolate! O que diria Napoleão? Talvez isso explique porque os francezes avançam tão pouco na região das trincheiras. Ha porém melhor. Na vitrine dos escriptorios do *Daily Mail* estão expostas umas caixas tambem destinadas aos soldados e contendo não só alguns objectos uteis, taes como um ca-

chimbo e um pacote de tabaco, uma vella de stearina, um salpicão, etc., mas igualmente um jogo de dados, um baralho de cartas, um romance de Abel Hermant e — ó espanto! — um rolo de papel para *water-closet*. Taes cuidados despertam no meu espirito graves inquietações.

15 DE DEZEMBRO

Os servios retomaram Belgrado e expulsaram definitivamente os austriacos de sua casa. Decididamente os pequenos povos tomaram a peito dar uma lição aos grandes. O novo governo portuguez apresentou-se no Parlamento. No Senado teve uma minoria de um voto. A sua declaração produziu optimo effeito, pela clareza. O *Temps* diz algumas palavras em nossa homenagem, mas é cedo para respirar. O Brito Camacho declarou que se estivesse na sua mão fazer que o governo cahisse já o faria. Não ha nenhum acto de coragem facil que este patriota não pratique. No fundo, um impotente enraivecido.

16 DE DEZEMBRO

Telegramma ao Ministerio pedindo a retirada immediata de Brederode. Arre! Aturei este alienado um anno. Creio que bati um *record*. Começa a dizer-se que os francezes vam tomar a offensiva. Em Paris, corre que o general Joffre requisitou vinte mil camas.— Como sabe você isso, Thomaz? E o Thomaz: — Pode V. Ex. ficar certo em como é verdade. O Thomaz anda ao facto de tudo.

17 DE DEZEMBRO

Lucta para occupar o logar do Brederode. O Montalvão diz que isso faria a sua felicidade. O Moraes Carvalho tambem. O peor é que não fazia a minha. O Brederode rabeia. Protesta contra a minha resolução de o dispensar do serviço, diz que pratiquei uma arbitrariedade. Lá lhe mandei a ordem de seguir para Lisboa. Arre! Maître Levy vem contar-me que este figurão tem uma testilha com o proprietario de uma casa mobilada em que habitou e d'onde sahiu, sem pagar a ultima renda e quebrando coisas. O proprietario ameaça queixar-se ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Não me faltava mais nada.

18 DE DEZEMBRO

Carta de Silva Graça: «A sua collaboração na obra de demolição que foi preciso emprehender contra o ministerio B. Machado foi preciosa. Desejo consigná-lo aqui. Foi V. o primeiro que me abriu os olhos.» Assim eu podesse abrir os olhos aos tantos cegos que ha no nosso paiz. Quando me lembro do que podia ali fazer e falo nisso, minha mulher desvia a conversação, porque tem um medo terrivel de me ver novamente mettido naquella assadeira.

19 DE DEZEMBRO

Appareceu-me hoje Mario Allen, chegado de Lisboa e que vem tratar, segundo diz, assumptos relativos á compra de material de guerra. Este Mario Allen já no

tempo da monarchia intervinha nestes negocios. Foi elle o intermediario do governo de que fazia parte Pimentel Pinto para a compra das primeiras baterias de setenta e cinco, que nos foram de França, e esse negocio deu-lhe alguns contos de réis, com os quaes durante algum tempo fez figura de rico em Lisboa. Quando veio a Republica, o ministro da Guerra Barreto fez uma encommenda de trinta e cinco mil cartuchos para peças de montanha e de campanha ao Creusot, sendo eu ministro em Paris. Mario Allen appareceu-me aqui tão ostensivamente mettido nesse negocio que tive de correr com elle e protestar junto do Ministerio dos Negocios Estrangeiros contra a intervenção de semelhantes agentes em negocios do Estado. Os interessados no assumpto nunca mo perdoaram, porquanto fizeram espalhar que o negocio fôra meu e que eu ganhara nelle quarenta e cinco contos. Esta calumnia andou na bocca de toda a gente durante algum tempo em Lisboa, e foi aproveitada pela fina flôr dos meus inimigos. Para se fazer a encommenda creio que se aproveitou a occasião em que eu estava de licença em Lisboa, em julho de 1911. Recemchegado de Lisboa, Mario Allen traz as ultimas noticias relativas ao novo ministerio, que não parece ser-lhe simpatico. O Alexandre Braga está sendo achincalhado pelos pasquins da Republica. Era de prever. O *Intransigente* annuncia a «adega Alexandre Braga» e medidas do governo — «a litro». A gente de Lisboa tem a satira facil. Ao governo chamam-lhe «Os miseraveis» de Victor Hugo (allusão ao presidente Victor Hugo de Azevedo Coutinho). Diz Mario Allen que o governo não dura, não pode durar.

Porque menos que um outro? Dir-se-hia que a Republica se recusa a aceitar governos republicanos. Tambem me appareceu hoje o Moraes Carvalho, consul, que se demora sempre que vem e como parece empenhado em me ser agradavel, dá abundantes informações sobre assumptos que suppõe me devem interessar. Hoje disse-me: — «A Republica fez muito mal em não acabar com os directores geraes...» (referindo-se aos do Ministerio dos Negocios Estrangeiros) e contou-me que o Espirito Santo Lima, director dos Negocios Politicos, tem sido o protector do secretario Pedro Tovar, com o pensamento de se reservar o patronato do pae d'este, conde de Tovar, *quando a monarchia fôr restaurada*. Estava em Lisboa quando a Republica foi implantada e assistiu ao espectaculo inolvidavel do acto de posse de B. Machado no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, a que eu igualmente assisti. Diz elle que o joven Tovar ficou nos corredores do Ministerio emquanto o pessoal era apresentado ao ministro. Esse pessoal, lembra-me bem, apresentou-se de jaquetão e botas amarellas. Os seus semblantes exprimiam sentimentos que elles não procuravam sequer dissimular: humilhação, despeito, odio. Um dos funccionarios presentes, o secretario Monteverde, passava-se pouco depois para a fronteira hespanhola. O director Montufar Barreiros quiz dar o exemplo de uma alta dignidade e não esteve com meias medidas. Foi insolente. Interrompendo bruscamente o B. Machado, que parecia não ver o que se passava em volta d'elle e distribuia sorrisos e cumprimentos, disse com sobranceria: — «Pourvu que ça dure!» O B. Machado batia-lhe

no hombro, assegurava-lhe que haviam de ser todos bons amigos. Sahi do Ministerio horrorisado. Alguns navios de guerra allemães fizeram um raid no mar do Norte bombardeando tres cidades e causando quinhentas victimas, a maior parte das quaes mulheres e creanças. A imprensa ingleza diz que foi um massacre. Os allemães estão apostados em levantar contra elles o mundo inteiro, praticando actos, no ponto de vista da guerra, perfeitamente inuteis.

20 DE DEZEMBRO

Domingo. Os jornaes chamam-lhe *la journée du drapeau belge*, porque durante este dia, em toda a França, se venderam pequeninas bandeiras belgas, em favor dos refugiados belgas. Esteve um dia nevoento e triste, mas parece que houve grande animação nos boulevards e esteve muita gente no Bois de Boulogne. A' tarde appareceu-me Oscar Blanc. Este diabo, meio portuguez, meio allemão, não sahiu de Paris. Não receia os allemães. Podera! Em que se occupa? Continúa com a sua loja de quadros da rua Taitbout. Quadros! Pois ha quem compre quadros, neste momento? Elle affirma que ha, mas os quadros só por si não explicam que elle se nutra em Paris nestes tempos difficeis e conta então que tambem tem feito outros negocios. Quaes? Diz que comprou uma partida de feijão encarnado no Porto e em Inglaterra não sei quantos mil jerceys. Emfim, *on se debrouille*. Que serviços elle está prestando aos allemães, não sei. Pela primeira vez depois que desempenho as minhas funcções neste paiz, appareceu-me

um secretario ao domingo. E' preciso que haja para isso uma razão muito forte, e ha: o Montalvão quer ser 1.º secretario em Paris. Faz zelo. Este Montalvão é a intelligencia mais cornea que tenho conhecido. Contou-me este caso interessante: quando o Freire d'Andrade foi nomeado ministro dos Negocios Estrangeiros, o 1.º secretario em Londres Pedro Tovar communicou pessoalmente a noticia ao Foreign Office. No Foreign Office, diz Montalvão, que estava então na Legação de Londres, houve por esse motivo grande satisfação. Podera! Depois de Montalvão esteve o vice-consul Domingues, que é empregado no escriptorio da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e ficou em Paris emquanto o governo esteve em Bordeus. O Domingues, que conhece gente da finança, diz que esta é de opinião que repellidos os allemães do territorio, se fará a paz. O Parlamento francez reune depois d'amanhã. Por esse motivo corre que os *taubes* nos visitarão, mas o Thomaz, que sabe tudo, affirma que os aeroplanos francezes estão de atalaia.

21 DE DEZEMBRO

Recebida a visita de Sant'Anna Lança Cordeiro, secretario da Legação de Portugal na Belgica, d'onde voltou ha pouco. Esteve em Bruxellas durante os primeiros mezes da occupação allemã. Debalde procurei extrahir d'elle uma impressão pessoal. Não ma deu. Os allemães não tocaram por ora em Bruxellas, mas conduzem-se com arrogancia. Recusam-se a pagar as passagens nos tramways e nos passeios não cedem o

logar a ninguem. Bruxellas está morta. O regresso de Alves da Veiga, bem como o seu e o do seu collega Cordeiro segundo secretario, fez-se por Aix-la-Chapelle, Maestricht, Flessingue, Dieppe e levou seis dias. Os allemães recusaram-lhes os salvo conductos para sahirem em automoveis. E é tudo. Telegrafo ao Alves da Veiga para que venha jantar comnosco no dia do Natal. E' possivel que dê mais. Hoje jantei com o Levy no Pousset. Estava cheio de gente. Muitos militares e muitas mulheres. Acaba de dar-se um acontecimento historico: a Inglaterra proclamou o seu protectorado sobre o Egipto. Os russos estão-se fazendo bater na Polonia. Leio num jornal italiano que por esse motivo um d'estes dias Berlim embandeirou. Em França ha surpreza e decepção. Os jornaes de Paris cessaram de falar no *rouleau russe*.

22 DE DEZEMBRO

Hoje reunião da Camara e do Senado e declaração ministerial. Muito saudada a Inglaterra, a Belgica, o Japão, a Sérvia, mas nota-se que os jornaes não incluem no mesmo enthusiasmo a Russia.

23 DE DEZEMBRO

Novos esforços! Longa carta ao novo ministro dos Negocios Estrangeiros, A. Soares. Nella escrevo o que segue: «De Roma annuncia-me o Eusebio Leão esperar-se para breve a participação da Italia na guerra, mas elle mesmo concorda que essa esperança não é

por ora fundada. A nosso respeito escreve-me elle o que segue, que não creio ser matéria reservada, posto lha transmitta reservadamente. E' curioso que estas palavras sejam as de um amigo politico de Brito Camacho: — «O conflicto actual é decisivo para nós; a nossa coparticipação na guerra garante e assegura o nosso futuro. Entendo mesmo que a guerra no momento actual foi um precioso dom que o velho Deus do kaiser enviou a Portugal.» Eu sempre tive este ponto de vista e deve saber quanto me tenho esforçado por o fazer prevalecer ahi. Ha um aspecto, porém, d'esta questão que sobre todos me apaixona e que é a situação de alta superioridade moral em que a nossa participação na guerra nos colloca ao lado da retrograda e reaccionaria Hespanha. Este paiz interpoz-se entre nós e a Europa e mal nos deixa ver. O movimento generoso e corajoso da nossa entrada numa guerra de defeza europeia, emquanto a Hespanha se encolhe numa neutralidade egoista e duvidosa, fará ver á Europa o que ella não viu ainda, isto é, que ao lado d'essa nação, uma outra existe differente e melhor. Pela primeira vez sahiremos da lenda apagada da nossa historia e fundaremos uma personalidade, emquanto a Hespanha verá subverter-se a sua. E assim tiraremos á face do mundo a mais brilhante desforra do que ella nos fez. Quando a victoria vier, á custa do mais tremendo sacrificio humano que se conhece, a civilisação hade dar o balanço dos esforços que a serviram, a Hespanha ficará sendo o ultimo paiz da Europa, e do lado de cá da negra peninsula haverá um clarão, que seremos nós. E a nossa autonomia será um facto nunca

mais contestado e nunca mais a Hespanha ousará voltar olhos cubiçosos para nós. A nossa participação na guerra é um novo Aljubarrota, em que a Hespanha não entra senão com a sua sombra, mas em que ficará outra vez vencida — de vez!»

24 DE DEZEMBRO

Vespera do Natal. Frio. O thermometro da nossa janella marca zero.

25 DE DEZEMBRO

O cocheiro da condessa de Carvalhido fez-se *chauffeur* e appareceu a dar-nos as boas festas. Aproveitamos o seu taxi para uma volta ao Bois todo coberto de geada, envolto em nevoeiro e preparado para a guerra, com as suas vedações de arame farpado, os seus fossos, os seus tapumes, os seus cavallos da Frisa, e as suas arvores derrubadas com os galhos seccos, erriçados e apontados para fóra. Disseram-nos depois que estas precauções foram tomadas para evitar que de surpreza os allemães introduzissem em Paris automoveis blindados. Cruzam-se durante o nosso passeio algumas carruagens e automoveis de luxo; e bastante gente, apezar do intenso frio, passeiava a pé. A' noite tivemos o Alves da Veiga, retour de Bruxellas, e o filho a jantar. Veiga vem optimo, nada resentido dos tres mezes passados em Bruxellas e sob a occupação, nem da tormentosa viagem que fez para regressar a França. E' um homem calmo, ao qual nada parece surprehender. Assistiu á entrada dos allemães em Bruxellas, mas

durante o tempo que lá esteve nunca tratou com elles. Sempre que teve de o fazer, mandou os seus secretarios. A impressão mais viva que teve foi a da passagem, noite e dia, pelas ruas de Bruxellas, durante oito consecutivos dias, do exercito allemão. Adormecia-se, diz elle, ao ruido dos seus pesados passos. Acordava-se ouvindo-os marchar, ininterruptamente. Não era um exercito: era uma vaga rolando. Veiga pensava ouvindo noite e dia esse ruido que não parava nunca: — Pobre França! A occupação fez-se sem desordem. Os soldados installaram-se nos quarteis, o estado maior e os serviços do exercito nos ministerios! Von Kluck occupou o Ministerio dos Estrangeiros, d'onde, accrescenta elle, foi levado para a Allemanha, em camions, todo o mobiliario. A Cruz Vermelha installou-se no Palacio Real. A cidade foi immediatamente posta em estado de defeza. No Palacio da Justiça installou-se uma bateria e fizeram-se parapeitos de saccos de areia. Postaram-se peças de artilheria e metralhadoras em todas as alturas. Até o monumento do Centenario foi assim guarnecido. A occupação não tem praticado violencias, porque por seu lado a população não tem dado pretextos para isso, mas é feroz. Nenhum jornal estrangeiro entra em Bruxellas, a não ser a *Gazeta de Colonia* e um jornal de Rotterdam, escripto em hollandez. Todo o trafico clandestino de jornaes é punido e a sua leitura feita em publico causa de prisão. No entanto, alguns jornaes inglezes, especialmente o *Times*, têm ali entrado á custa de extraordinarios riscos, trazidos por verdadeiros contrabandistas d'esta nova especie de contrabando, que tudo sacrificam pelo ganho. Por um

numero do *Times*, houve um grupo de individuos que pagou duzentos e cincoenta francos. Elle Veiga pagou alguns por seis francos o exemplar e, como é muito distrahido, succedeu-lhe indo num tramway tirar um numero da algibeira para ler. Mas o conductor accorreu, disse-lhe em voz baixa: — Cuidado! e elle apressou-se a fazer desapparecer o jornal. Durante o tempo que esteve em Bruxellas foi algumas vezes á gare do Norte e confirma que os allemães transportam em vagons os cadaveres dos seus soldados, emmolhados e atados como espargos, para os incinerar mais longe. Das ruinas que viu atravessando a Belgica em direcção a Maestricht fala com compuncção. Diz que está impressionadissimo. Dos belgas fala com admiração. Segundo elle, os homens hoje mais populares da Belgica são o rei, o general Lehman, o defensor de Liège, e o burgomestre Max, actualmente prisioneiro dos allemães. O rei, diz elle, é outro. Era um homem de poucas palavras, concentrado e macambuzio. Está eloquente, expansivo, quasi jovial. Podera! Se não conserva o reino e o throno, fica-lhe a gloria. Se tiver a fortuna de os conservar a ambos, espera-o o mais feliz destino da terra. Falou-se da França e das suas infelizes operações na Belgica, da sua desastrosa retirada sobre Paris. Os belgas têm confiança, esperam, diz A. da Veiga, mas resmungam *que les français ne sont jamais prêts*. Estavam persuadidos de que o exercito francez, em grande força, se opporia á passagem dos allemães em frente de Namur, do que de resto todos estavamos persuadidos. A passagem facil dos allemães depois de Liège foi para elles uma grande decepção. A este res-

peito começa-se a fazer alguma luz. Parece que os francezes oppozeram forças insignificantes aos allemães na Belgica. Onde estava o grosso do seu exercito? Na Alsacia, entretido a tomar e a perder Mulhouse? Ainda hoje não se sabe. E hoje o que faz que não sae das suas trincheiras? Tão pouco se sabe. O que se sabe é que a França não cessa, por intermedio da sua imprensa, de dirigir appellos aos neutros. Hoje, o *Temps* dirige uma vehemente exhortação aos japonezes, para que continuem na Europa a sua feliz acção militar contra os allemães. O mais curioso porém é que faz estes appellos affirmando sempre a sua certeza na victoria final, victoria «de que a França terá sido o principal fautor». *Cette victoire finale, dès à present, ne fait plus de doute pour personne: nous en aurons été le principal artisan...* etc. Não sei como a Inglaterra e a Russia apreciarão estas demonstrações de respeito pelos seus esforços. Assim, nem mesmo as grandes calamidades abatem o orgulho das grandes nações. Depois do jantar, ao café, no meu escriptorio, ouviu-se um grande estampido. Logo perguntamos se seriam outra vez os *taubes*. Parece que foi apenas um pneumatico de automovel que rebentou.

26 DE DEZEMBRO

Que Natal! dois milhões e quinhentos mil cahiram já nos campos de batalha da Europa. O filho do Alves da Veiga, que está no quinto anno da Faculdade e presta serviços no hospital Tenon, onde têm tido occasião de tratar feridos da guerra, conta horrores. Um

rapaz ainda novo morreu ali do tetano um dia d'estes. Fôra operado no campo de batalha (cortaram-lhe a perna direita pelo terço inferior) sem auxilio de clóroformio. Os feridos eram muitos, não havia tempo para cloroformisar. Supportou a cruel operação com uma coragem extraordinaria. Morreu dizendo: — *Adieu France!* Outros trazem dos campos de batalha taes pavores nos olhos que se dizem sem coragem de voltar. Um d'elles disse ao dr. Alberto Veiga: — *Je préfère me tuer à retourner à une pareille boucherie!* O governo belga encarregou uma commissão official de fazer um inquerito sobre as violações do direito das gentes e das leis da guerra, praticadas pelos allemães no territorio da Belgica. Essa commissão acaba de entregar o seu setimo relatorio que, quando fôr conhecido, estou certo levantará no mundo inteiro um novo movimento de indignação. Os crimes dos allemães hão de constituir depois da guerra o mais formidavel libello que ainda se formulou contra uma nação. Entretanto estão-na isolando cada vez mais da civilisação e cada vez mais excitando a sua animosidade. As simpathias que a Allemanha ainda poude reunir no principio da guerra, estavam-se perdendo. A nação onde ella as contava em maior numero era a America. A America está-se voltando para os alliados. Sem as vacillações do seu Presidente, já se teria talvez voltado completamente. Na Italia, accentua-se o movimento intervencionista. Os Balkans agitam-se e não é em favor da Austria. Esse facto pode ser o signal de um levantamento geral da civilisação contra esse povo de barbaros? Uma nova, grande, estupenda violencia. Os

allemães confiam tudo da força bruta e ainda não se exgotaram todos os recursos da sua brutalidade. Que amanhã se lembrem de, como em Antuerpia, despejar granadas sobre Londres, ou Paris, e talvez isso baste. Os povos neutros começam a envergonhar-se da sua neutralidade. Na propria Hespanha e no seu Parlamento, um deputado disse parafraseando a expressão de Romanones: — «Ha neutralidades que maculam». Algumas creanças mortas em Paris ou em Londres, um museu, um templo destruidos porão talvez em movimento toda a civilisação. Que amanhã o Louvre receba uma bomba e talvez a America se levante. Justamente, os allemães parece quererem fazer entrar em scena os zeppelins. Na madrugada d'hontem um d'esses monstros bombardeou Nancy. Estragos consideraveis, gente morta. Em Portugal, Brito Camacho sustenta no seu jornal a doutrina de que a situação que convém ao paiz perante a guerra é a de alliado da Inglaterra prestando-lhe serviços, sem comtudo hostilisar a Allemanha, que fecha os olhos. A expressão *fechar os olhos* é d'elle. Vem na *Lucta* chegada hoje a Paris. Como um homem d'estes passa por ser intelligente é que não sei, porque nem isso é.

27 DE DEZEMBRO

O antigo ministro dos Negocios Estrangeiros Pichon no *Petit Journal,* e Clemenceau no *Homme Enchainé* insistem por que a diplomacia franceza promova a participação do Japão na guerra europeia. Hanotaux diz que é cedo, Clemenceau objecta-lhe que é preciso que ella não venha *trop tard!* O *Gaulois* preconisa a no-

meação de um embaixador francez junto do papa, como acaba de o fazer a Inglaterra — *provisoriamente*. Dia frio, chuvoso, ventoso. Almoço no Hotel de Iena, com a condessa de Carvalhido. O hotel, onde estão os feridos inglezes, cheira a acido fenico.

28 DE DEZEMBRO

Em Portugal, o Brito Camacho desaba com estrondo.

29 DE DEZEMBRO

A situação em Portugal, vista d'aqui, parece-se immenso com a dos ultimos tempos da monarchia. O Camacho e o Almeida dizem que a Republica está perdida e exclamam: — Cumpram-se os fados! O Presidente da Republica, como outr'ora o rei, já é ameaçado e insultado. O Machado dos Santos, no seu pasquim, cobre-o de motejos e chama-lhe a sombra do Cardeal-rei. O *Paiz*, manifestamente comprado pelos allemães, publica cartas de Homem Christo e distribue todas as tardes uma cabazada de ultrages. A *Nação*, renascida depois do ultimo empastelamento, esfrega as mãos de contente. Ao favor d'esta situação, os monarchicos voltam a conspirar, preparam-se para as ultimas, e o que ellas serão não sabemos. A sua ultima tentativa foi mais seria do que tudo quanto fizemos para installar a Republica. Tem-se a impressão de que a Republica está por um fio. O facto que devia consolidá-la para todo o sempre, a nossa participação na guerra, está sendo um desastre, que pode precipitá-la

a ella e á nação num abismo de vergonha. Começamos mal o anno de 1915. Eu começo o quarto anno da fase mais angustiosa da minha existencia.

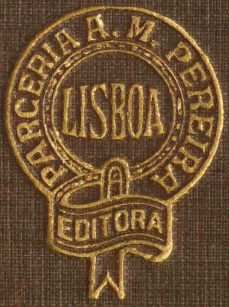
30 DE DEZEMBRO

Esta noite tenho trabalhado, e já vae longa a minha vigilia, no meio de um silencio absoluto. No campo não o ha maior, porque ha os ruidos proprios do campo — o ramalhar das arvores, o canto das cigarras, o latir dos cães. Aqui nada, nenhum ruido, mas nenhum, e é Paris, isto é, o maior rumor do mundo.

31 DE DEZEMBRO

Fecho o meu diario d'este anno de 1914 com o coração cheio de sobresaltos. Tudo em volta de mim é incerteza, o destino dos outros e o meu proprio. Pouco antes da meia noite o Antonio traz-nos numa grande salva o *plum pudding* que fabricou em nossa honra, e com elle uma garrafa de champagne. Desrolha-se o champagne e minha mulher vem a correr, antes que os ponteiros dos nossos relogios cheguem á meia noite, dar-me o beijo da esperança. Oxalá! Oxalá!

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA — 44, 46 E 48
LISBOA



UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
10001985764